



Lora Leigh

O Lobo de Elizabeth
(Elizabeth's Wolf)

Castas 03 – Lobos 01



Ela o trouxe da morte e o fez reviver. Dash pensava sobre si mesmo que era somente um soldado, uma máquina de lutar e nada más. Elizabeth o fez dar-se conta de que era um homem.

O perigo rodeia a mulher que sua alma há marcado como sua companheira, morte e sangue e traição que vão mais além de seus piores pesadelos. Mas ele a protegerá e a reclamará como sua.

O criaram para matar, lhe treinaram para fazê-lo eficientemente, e somente um homem limitado a ela em coração e alma, teria a força necessária para salvar a Elizabeth e a sua possessão mais querida.

Ele é um lobo solitário. Um homem somente. Sem nenhuma manada, nenhuma família, nada para chamar de seu, até que uma só carta, inocente despertou ao lobo de Elizabeth.

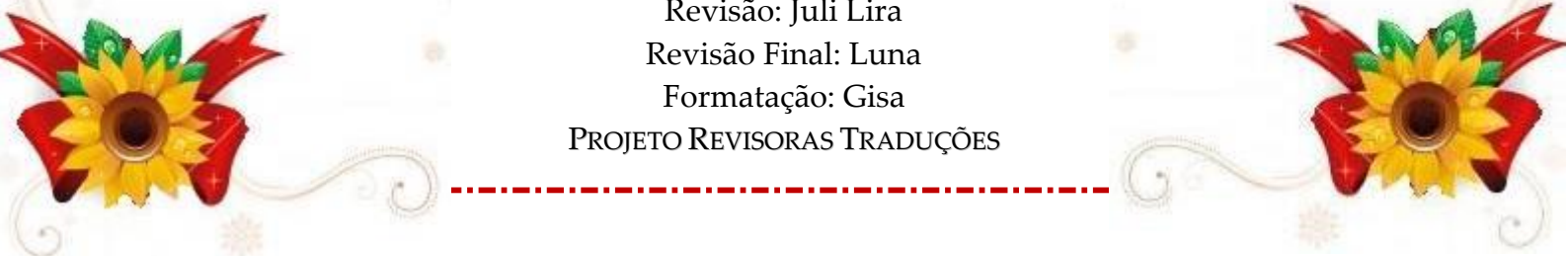
Disponibilização/Tradução: Yuna, Gisa, Mare e Rosie

Revisão: Juli Lira

Revisão Final: Luna

Formatação: Gisa

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES





NOTA:

Os acontecimentos narrados no presente livro, não estão cronologicamente em relação com o livro anterior “Aiden’s Charity”, estão mais próximos ao tempo aos livros das castas felinas, especialmente a “Beijos Ardentes”, a história de Sherra y Kane, pelo que apresentam acontecimentos que são anteriores ao tempo dos crescidos em qualquer livro das castas do lobo traduzido ou publicado até o fechamento.

Prólogo

A carta chegou em um momento em sua vida em que a batalha dentro de sua alma teria podido inclinar-se de qualquer maneira.

A guerra contra terrorismo ainda seguia, anos depois de que tinha começado, e em áreas escolhidas do Oriente Médio era um inferno. As forças especiais às quais Dash foi atribuído haviam estado ali durante um ano; trabalhando juntos, sendo parte de cada uma das outras vidas, dependendo uns dos outros. Até o dia que seu veículo foi atacado por um míssil bem certo. Tinha matado aos outros sete homens. Dash tinha ficado valorizando-se apenas à vida quando tinha chegado o resgate.

Quando, ele não estava inclusive seguro do que o tinha mantido vivo. Estava cansado. Cansado de lutar, cansado de ocultar-se, assim como estava francamente cansado de estar sozinho. Tinha estado mais próximo a esses sete soldados do que o tinha estado jamais a qualquer pessoa, e agora não estavam, deixando uma consciência dentro dele da terra baldia solitária que sua vida se fez. Semanas mais adiante, com seus olhos enfaixados e suas feridas cobertas, ele estava em um estupor medicinal, apenas se aferrando à vida. Uma parte de sua alma uivou de fúria; essa parte agitada, ardente que nunca parecia estar imóvel afligida na luta continuada para sobreviver. Por que ele estava vivo quando os outros tinham morrido? Isto estava pensando então quando seu oficial chefe veio.

-Tens um admirador, filho-. Algo dentro, uma parte primária, instintiva de sua consciência então se acalmou. Empurrou para trás a dor, as lembranças de sangue e morte, e ficou alerta. O esperou.

Não tinha nenhum admirador, nenhum amigo ou família. E ele tinha perdido sua unidade. Estava malditamente cansado de ocultar-se e de lutar, e que não o deixassem descansar. E agora, a parte de si que ele que tinha lutado sempre de negar estava acordada de novo. Ele sabia por instinto que sua batalha maior tinha ainda que chegar.

-É uma menina agradável chamada Cassie Colder. Deixe-me ler isto pra você. Responderei-lhe eu até que esteja o bastante bem para fazê-lo você mesmo. Mas tenho a sensação de que esta menina se zangaria realmente se não lhe responder cedo ou tarde...

Eu gostei de seu nome quando o professor nos deu a lista. Dash Sinclair. Tem um som muito agradável agora que o penso. Mamãe disse que é um nome muito valente, muito bonito, e ela aposta que também você gosta. Pensei que soava como o nome de um papai. Aposto que tem um montão de filhas e aposto que estão muito orgulhosas de seu nome. Não tenho um papai, mas sim se tivesse um, queria um nome como esse para meu papai.

Ele tinha criado seu próprio nome. Faz muito tempo. Longe muito longe. Criou um nome que rogou que ocultasse seu passado. Então lutou para mudar também. Mas ele não tinha montões de filhas e ele não era um papai. As palavras que seu comandante leu se filtraram em seu cérebro e um sentimento de urgência começou a enchê-lo.

Minha Mamãe, seu nome é Lizbeth. E ela tem o cabelo marrom como eu. E olhos azuis bonitos. Mas meus olhos são azuis também. Tenho uma Mamãe realmente bonita, Dash. Ela me faz as bolachas, e inclusive me diz que é razoável falar com a fada que vive em minha casa comigo. Minha Mamãe é realmente agradável. Minha Mamãe diz que é um homem muito valente. Que está lutando para nos manter seguros. Desejaria que estivesse aqui conosco Dash, por que minha Mamãe está às vezes muito cansada.

Inclusive com a dor, apenas consciente, um sentimento de alarme emergiu através dele. Ele poderia sentir medo nessa simples oração. Uma súplica de amparo. E ele combateu por viver. Ele tinha que viver. Ele tinha que salvar a Cassie e sua mamãe. Ele viu Cassie, pequena e delicada, choramingando com medo. Mas em cores brilhantes, vivos, ele viu sua mãe, desesperada, assustada, posta diante de sua filha como uma loba protetora, grunhindo com fúria. Por que via isso? Por que se formava essa imagem?

Outras vezes, ele estava atormentado pela vista da mãe que o olhava, seus olhos estavam fechados pela metade com paixão sonolenta, seu corpo nu, magro e formoso debaixo do seu maior.

Era pouco o que Cassie lhe escrevia, mas com cada linha sobre sua mãe, com cada descrição, com cada frase referente a sua Mamãe que se ocupava dela, a necessidade de Dash cresceu. Com ela seu sentido de possessividade, sua fome, seu conhecimento inato de que de algum jeito, de algum jeito, Elizabeth e Cassie pertenciam a ele, começou a consolidar-se em seu interior.

Sim. Dash reconhecia que era um bom nome para um papai. Para o papai de Cassie. Mas era também um bom nome para um companheiro. Para o companheiro de Elizabeth. E o inato instinto animal levantou de novo sua cabeça. Seus sentidos se fizeram mais agudos enquanto que ele combateu então contra a névoa da dor e da medicação. Sombras torcidas de violência e manchas sangrentas escuras de morte começaram a emergir e a unir-se ao redor de Cassie e de sua mamãe. Eram suas, e estavam em perigo. Ele devia viver.

Minha Mamãe diz que deve ser um homem muito bom. Os homens bons não pegam às meninas? Fazem-no?

Tão inocentemente expresso, contudo com uma grande abundância de significado. Ele se esticou dentro da agonia escura que o enchia, combatendo com as capas de dor para recuperar o sentido, para curar-se. Para viver. Cassie e sua Mamãe o necessitavam.

Minha Mamãe diz que não pode realmente existir fadas, mas está bem se pensar que existem. A causa é que nada não existe se não acredita nele. E se acredita nele, depois é tão verdadeiro como sol. Acredito em ti, Dash...

Por que lhe pareceu ouvir um grito? Estavam dentro de sua cabeça, as lágrimas de uma mulher e os soluços amortecidos. Mas eram as palavras da menina que seu comandante lhe tinha lido pelas quais lutou. Uma batalha que temia freqüentemente que perderia.

Minha Mamãe diz que os Leprechauns devem ser de verdade. Esse ouro no extremo do arco íris soa realmente agradável. Prometo-lhe isso, Dash. Conheço uma verdadeira fada. O disse ao Mami e ela sorriu e disse que poderia lhe dar bolachas e leite se o desejava. Tive que lhe dizer que as fadas não comem bolachas e leite. Realmente gostam das barras de caramelo...

A fada conseguiria cedo ou tarde compartilhar a barra de caramelo com Cassie. Mas ainda assim, Dash ouviu os soluços amortecidos de uma mulher.

* * * * *

As cartas da menina se converteram em uma tábua de salvação durante os largos meses, amargos de recuperação. Deram-lhe algo para aferrar-se. Ele não tinha ninguém. Ele era um homem só no mundo e ele tinha pensado que esta era a maneira em que o desejava, até que as cartas de uma menina tocaram sua alma.

Estavam temperadas com pimenta freqüentemente com diversão, com exibições de afeto a uma mãe que amava muito aparentemente a sua filha. E a filha o regou com uma grande quantidade amor para sua mãe.

Minha mamãe está às vezes triste. Ela se sente sozinha em nossa casa e olhe fixamente pela janela e mira às escondidas através de meus olhos e acredito que vejo suas lágrimas. Acredito que ela necessita um papai também, verdade?

Os soldados que tinham acompanhado o comandante esse dia ficaram a falar. Mas o comandante Thomas os fez calar rapidamente e continuou lendo. Dash seguia estando consciente agora, mas débil e tinha um caminho largo pela frente dele. Mas combateu. Combateu quando o animal que era, devido aos medos e às lágrimas de uma mulher e de uma menina.

Desejava te enviar um presente faiscante pelo Natal. Mas Mamãe disse que quase não tínhamos dinheiro este ano. Possivelmente pelo seu aniversário, ela disse, se me disser quando é. Escrevi a Papai Noel. Disse-lhe exatamente o que desejava, somente aposto que suas outras filhas pensaram já nisso também. Desejava uma bicicleta, mas Papai Noel disse a Mamãe que não pode fazê-lo este ano. O disse a ele. Este ano, Papai Noel saberá que sou o bastante grande para uma bicicleta. Tenho sete anos. Sete anos de idade é uma boa idade para uma bicicleta, acredito.

Ela se envolveu ao redor de seu coração, com seu ingenio e humor infantil e seu crença em tudo de bom no mundo. Ele queria que ela tivesse essa maldita bicicleta. Ele queria que ela soubesse que as boas meninas que ocupavam a Papai Noel não tinham seu valor. Ele queria que ela soubesse que ele viria até ela. Lhe enviaria a bicicleta. Ela estaria tão cômoda quando ele chegasse. Não estaria tão assustada...

Embora ela fosse uma casamenteira. Thomas finalmente começou a lhe ler as cartas sem a presença dos outros homens que o visitavam. E Dash finalmente conseguiu falar, finalmente o suficiente quando para lhe enviar uma carta em troca. Era curta. Ele se cansava facilmente, mas ele queria que a menina soubesse o que suas cartas significavam para ele.

Consegui minha bicicleta, Dash. Mamãe realmente esteve surpreendida. No dia de Natal era seguro que Papai Noel tinha chegado ainda. Minha bicicleta não estava debaixo da árvore. Então a campanha tocou, e quando Mamãe atendeu à porta, estava minha bicicleta vermelha brilhante. Tinha meu nome nela.

Era só para mim e era totalmente nova. E tinha um capacete. E tenho pequenas luvas. E tenho almofadas para os cotovelos. E tenho almofadas para os joelhos. E havia inclusive um presente para minha Mamãe de Papai Noel. Pode acreditá-lo, Dash? Foi o melhor Natal. Papai Noel incluso se lembrou de minha Mamãe.

É obvio que Papai Noel se lembrou. Dash tinha sorrido e tinha agradecido asperamente ao comandante por atender seu pedido. O largo casaco manteria a mãe quente até que seus braços pudessem fazer o trabalho. Cassie havia dito que sua mamãe freqüentemente tinha frio...

* * * * *

Então as cartas pararam. Um mês antes que saísse do hospital, com sua vista curada, suas pernas funcionando de novo, sua ferida nas costas e com força na parte superior, tinham parado. De repente, ele tinha pedido ao comandante Thomas que o comprovasse por ele. Que descobrisse o que tinha acontecido à menina brilhante, alegre que seu mamãe tinha educado para lhe dar amor tão livremente.

Comandante Thomas, lamento lhe informar que a pequena Cassidy Colder e sua mãe, Elizabeth, morreram em um fogo que alcançou seu estendendo-se de apartamentos faz várias semanas. Os corpos eram irrecuperáveis, mas não há dúvida de que elas junto com vários outros, ficaram apanhados no fogo. Havia um certo problema associado à menina e à mãe, rumores que ouvi falar de um contrato por suas vidas. Deixe-me, por favor, saber se deseja obter mais informação...

O fax tinha chegado do investigador particular que ele tinha contratado. O comandante Thomas o tinha comprovado imediatamente. Os vizinhos tinham ouvido os gritos, tinham visto o estendendo-se de apartamentos estalar e as chamas que o alcançavam em questão de minutos. Dash sentiu seu mundo esmiuçar-se. Foi a menina quem o tinha salvo, quem lhe tinha dado a vontade necessária para viver.

Durante dias ele sentou silencioso, olhando fixamente melancolicamente o teto. Por que ele tinha estado tanto tempo sozinho. Tinha despertado cada dia sabendo que não tinha a ninguém. Tinha ido dormir cada noite com uma sensação de perda. Entretanto, quando estava perto da morte, Deus havia lhe trazido a uns anos. Para somente eliminá-los de novo. Era um golpe terrível para a alma que ele pensava que se murchou faz muitos anos. Ele sabia somente de sangue e de morte. Nunca tinha conhecido a inocência até Cassie e sua Mamãe, Lizbeth. Os garranchos imaturos, infantis do nome permaneciam em sua mente. Elizabeth. Sua Elizabeth.

Em trinta anos de vida, Dash nunca tinha sentido a nenhuma pessoa como essencial em sua vida. Tinha crescido sabendo que sua sobrevivência dependia de não ter a ninguém, sabendo que ele era diferente, sabendo que era imperativo que ocultasse essas diferenças. Ele tinha aberto caminho a sua maneira na vida, tinha feito a si mesmo literalmente cuidando-se o melhor possível até que foi o bastante velho para unir-se ao exército.

Ele tinha feito do serviço seu lar. Os homens com os quais ele combatia, embora não perto dele, tinham-lhe dado uma base para obrar reciprocamente, para afiar seu intelecto, para aprender quando mandar. Durante doze anos ele tinha feito apenas isso. Ser conduzido. Uniu-se a filas, unindo-se às Forças Especiais e provando suas capacidades ali. Ele tinha pensado que não necessitava nada mais.

Dash agora se deu conta de quão equivocado tinha estado.

As mortes de Elizabeth e de Cassie tinham aberto uma ferida em sua alma que ele não poderia explicar. Ele nunca havia tocado à mulher, nunca tinha sustentado à filha. Ela não era sua

companheira, não era sua filha, mas seu coração lhe gritava algo diferente. Sua alma gritou pela perda e um certo instinto, um certo conhecimento inato, rechaçou permitir que negasse o enlace que existia entre ele, a mãe e a menina.

-Dash, tem que superar isto-. O Comandante Thomas se sentou ao lado de sua cama no hospital, seus olhos verdes eram sombrios, intensos-. Estas coisas acontecem, filho. Não as pode explicar ou lhes encontrar algum sentido. Pelo menos tem uma parte delas para lembrar.

Dash acalmou o uivo que desejava sair de seus lábios. Ele não tinha nada. Um montão de frágeis cartas não era o bastante. Nada era o bastante.

Seus dedos se crisparam no lençol enquanto que ele olhava fixamente para cima o teto branco embotado silenciosamente. Pensavam que ele se afundou na depressão. Perdeu sua vontade de lutar. Nada podia estar mais ainda da verdade. Ele tinha uma batalha que lutar antes que pudesse ceder à necessidade profunda de sua alma de descansar. A vingança. Mantinha o sangue bombeando em suas veias, mantinha seu coração pulsando em seu peito. Ofereceu ao seu comandante um largo, pensativo olhar.

-Desejo saber o que aconteceu.

O Comandante Thomas suspirou com fadiga, sacudindo sua cabeça.

-O que importa, Dash? Elas se foram.

A fúria quase devorou a Dash. Importava. Importava porque ele se proposto exigir sua própria forma de justiça.

-Desejo sabê-lo. Entre em contato com o investigador. Desejo a informação antes que me dêem alta.

Ele tinha seus próprios planos. O investigador poderia proporcionar a base que necessitava, depois Dash acabaria o trabalho.

-Você pode fazê-lo? -O Comandante Thomas se inclinou para trás contra sua cadeira, olhando-o com um cenho.

-Atribuir-lhe-ão uma nova unidade...

-Deram-me a opção de deixar o serviço-. Era tudo o que ele poderia fazer para reprimir o grunhido-. Não voltarei ao dever, comandante. Tive o bastante.

A surpresa brilhou nos olhos do comandante, e Dash sabia por que. Ele tinha estado no serviço desde que tinha dezoito anos. Ele não tomou nem uma vez um descanso. Ele tinha dado os doze primeiros anos ao exército e depois às unidades das Forças Especiais. Ele era um dos melhores, um líder natural e um combatente selvagem. Mas ele tinha o bastante. A unidade com a qual ele tinha lutado durante um ano já não existia. Foram à menina e à mãe as que o tinham afastado da morte. Ele necessitava justiça. Ele necessitava uma maneira de equilibrar a balança e então precisava encontrar a parte da qual se ocultou durante a maior parte de sua vida.

O comandante suspirou com fadiga antes de cabecear.

-Chamar-te-ei esta noite. Terá o que necessita.

Ele ficou em pé, baixando o olhar fixamente por volta de Dash durante compridos momentos, silenciosos.

-O vigilantismo é um crime. Sabes, não, Dash? -Perguntou-lhe cautelosamente.

Dash sorriu. Um descobrimento lento de seus dentes que ele sabia que o comandante reconheceria. Dash era um dos melhores por uma razão. Ele sabia o que fazia. E ele sabia perfeitamente o que fazer.

-Primeiro têm que te agarrar -ele disse brandamente.

Enquanto esperava a informação, trabalhou em terminar sua recuperação. Ele ainda estava débil. Trabalhou seu corpo e sua mente constantemente, assegurando-se de que estava em

condições ótimas. Quando as notícias chegaram a Dash sobre a localização que tinha eleito, ele embalou sua esteira e se preparou para ir-se.

* * * * *

Vários dias antes que chegasse sua alta, sua força fora renovada e sua mente estava concentrada em voltar para os Estados Unidos armado com bastante informação para começar uma lenta e constante caça, chegou uma carta desconhecida. Ele conhecia o nome não o sobrenome. Seu coração parou quando ele leu a carta dentro do singelo envelope.

Sei que deve ter montões de outras filhas para amar. Mamãe diz que deve estar casado e com filhos e que não nos necessita. Mas eu te necessito Dash. Nos ajude, por favor, a mim e a minha Mamãe antes que os maus nos agarrem outra vez. Era Cassidy Colder, mas Mamãe diz que agora meu nome é Cassie Walker. Walker está bem suponha. Este é o pescoço do pulôver do Bo Bo. Você saberá que sou eu. Mamãe diz que pensará que a explosão nos matou. Feriu a Mamãe, mas estamos bem. Ajude-nos, por favor, Dash.

Tinha sido rabiscada precipitadamente e lhe enviou uma sensação de terror por debaixo de sua coluna vertebral. Dentro estavam o medalhão que lhe tinha enviado por seu oitavo aniversário, e uma foto dela e sua mãe dentro. A mãe parecia cansada. Os grandes olhos azuis olhavam fixamente com assustado conhecimento à câmara fotográfica enquanto que sorria à menina encantadoramente.

O pequeno pescoço do pulôver vermelho tinha sido envolto ao redor do pescoço de um pequeno urso Teddy que ele tinha pedido que ao comandante Thomas que comprasse para ela. Bo Bo, tinha-o chamado ela. Ele poderia cheirá-la nele. Pó e inocência de bebê. Mas havia outro aroma, Elizabeth, e fez que seus hormônios gritassem. Sedutoramente feminino puro. Escuro, doce, como uma chuva do verão.

Seus olhos então se centraram na foto, a raiva sacudia seu corpo ante o pensamento de que qualquer pessoa se atrevesse a machucar a qualquer uma delas. Eram suas. E ninguém se atrevia a tocar a algo ou a qualquer pessoa que pertencesse a Dash Sinclair. Antes que ele pudesse pará-lo, um grunhido de ameaça pura se repetiu em seu peito, um grunhido de anúncio, uma promessa de vingança. E a caça ia começar. Ele iria a busca do inimigo mais adiante. Mas primeiro... primeiro ele devia encontrar à família que tinha reclamado na escuridão da dor. A companheira que necessitava calor, a menina que necessitava amparo. Ele as encontraria primeiro. Se com o passar do caminho, alguns dos inimigos morriam, não seria muito mau. Haveria alguns menos para matar mais tarde.

CAPÍTULO 1

Seis meses depois

Ele era uma casta do lobo. Dash Sinclair tinha sabido o que era antes que as notícias estalassem ao redor do mundo seis meses antes. Por sorte, em Dash, a genética se mitigou e era somente identificável a nível genético, em vez de físico. Essa era a razão pela qual tinha sido marcado para morrer a uma tenra idade. Mas essa era também a razão pela qual ele tinha sobrevivido depois de sua fuga dos laboratórios.

Ele se tinha unido ao exército aos dezoito anos, tinha lutado e matado e tinha feito o melhor para ocultar-se bem debaixo dos narizes de vários dos homens que tinham financiado sua criação. Ele sabia quem eram. Tinha-os visto nos laboratórios quando ele era só um menino, lembrava suas caras claramente. Dash nunca se esquecia da cara de um inimigo.

Durante anos ele tinha sido crédulo, forte, e informado de suas forças de uma maneira que o protegeu de incorrer em equívocos. Nunca disse a nenhuma pessoa o que era. Nunca se deu a oportunidade de confiar em amigos. Infernos, ele nunca tinha feito amigos. Ele estava áspero ou perigoso no melhor dos dias, e totalmente a qualquer outra hora. A maioria das pessoas sabia afastar-se bem longe dele.

Agora, ele estava de humor para ver sangue. Ainda parado, inalou os aromas da pequena e saqueada habitação, sentindo a maré de raiva cair sobre ele. Durante os últimos seis meses tinha investigado a Elizabeth e a Cassidy Colder até que ele sabia inclusive a maioria dos detalhes minuciosos referentes às duas.

Ele tinha feito contatos enquanto recuperava forças. Entrou em contato com eles, e reclamou cada favor que podia pedir. Cassidy era uma menina que vivia com um tempo válido. Uma menina com um preço sobre sua cabeça e uma mãe que lutava para salvá-la. Os extremos aos que Elizabeth Colder tinha chegado para salvar a sua filha faziam que seu ventre se apertasse de medo. Uma mulher tão pequena deveria ser protegida, abraçada, igual à menina deveria sê-lo, não se movendo com medo pela vida dessa menina.

Ele poderia agora cheirar o terror da menina, suas lágrimas infantis, assim como ele detectou a raiva de sua mãe e o terror. Ele grunhiu silenciosamente ante os aromas, inspirando-os dentro, permitindo que aprovisionassem de combustível sua raiva. Os homens que as perseguiam pagariam. Cedo ou tarde.

Ele tomou uma jaqueta infantil, levou-a a seu nariz e inalou profundamente. A inocência e o aroma do talco de bebê se aferravam a ela. Mas o fato de que estivesse aqui e não envolta ao redor de seu pequeno corpo enviou um calafrio serpenteando por sua coluna vertebral. Fazia um maldito frio fora dali. A pequena se congelaria rapidamente em um tempo assim. Não é que a jaqueta fizesse muito, já que tinha sido rasgada pela metade. Ele tomou um suéter depois e fez o mesmo. Ahh, ali havia um aroma pelo que um homem morreria feliz de conhecer. A fêmea, fria e limpa, uma insinuação de talco de bebê, mas cheia do aroma delicado e feminino. Seu.

Ele olhou fixamente ao redor da habitação. Ele não estava muito longe delas e obviamente elas seguiam estando a vários passos a frente dos homens que as perseguiam. Grunhiu brandamente. Encontraria à mulher e a menina primeiro. Era muito frio, muito brutal ir de caça do inimigo sem assegurar-se de que o que era mais importante estivesse primeiro seguro.

A munheca da menina estava quebrada, foram-se deixando em desordem a habitação. As roupas estavam destroçadas, os livros rasgados pela metade. Ele sabia que sorriu ante o aroma do inimigo agora e a alguém frio como ele, inalou-o dentro, memorizando-o, assegurando-se de que nunca se esqueceria dele. Cassidy e sua mãe deviam ter retornado depois da destruição de seu lar temporário. Uma pequena cesta de roupas estava junto à porta, esquecida, mas ileso. O tanque. Fazer a pegada tinha salvado suas vidas.

Ele deixou cair a roupa. Não seria necessária depois que ele as encontrasse de todos os modos. Ele tinha tudo que elas requereriam embalado no SUV. Assegurou-se de que uma vez que ele encontrasse Elizabeth e Cassie que elas não desejassem nada. Ele cuidava do que considerava dele e tudo dentro dele gritou pela posse da Elizabeth e sua menina.

Ele girou sobre seus talões e se moveu silenciosamente através da habitação, informado das animálias ocultas escondidas dentro dela. Ele os tinha cheirado imediatamente ao entrar na habitação. Seus lábios torceram em um sorriso frio. Tratava-se dos aficionados. Haveria pouco desafio em matá-los quando se apresentasse a necessidade.

O aroma da fúria e do medo de Elizabeth não ia mais da porta, desta maneira ele sabia que ela não levou tempo para investigar a destruição. Ela era preparada. Ele a tinha estado perseguindo durante meses e somente na última semana tinha conseguido estar o bastante perto, assim que ele sabia que o final estava perto. Ela não seria fácil de apanhar. Depois de que ele a encontrasse, nunca teriam esperanças de capturá-la. Mas primeiro, tinha que encontrá-la.

Ele deixou o apartamento, movendo-se cuidadosamente ao longo dos sujos becos, seguindo seu aroma para baixo pelas escadas, então ao porão. Ali, uma janela pequena tinha sido aberta levantada. Ele se esticou para cima e tirou um pedaço feito farrapos de flanela. A mulher. Ela se tinha cortado ao fugir. O sangue manchava o tecido suave, usado. Mas ela tinha sido inteligente. O bastante inteligente como para saber que lhes estariam vigiando na entrada dianteira. Durante os últimos dois anos ela tinha crescido em força e instinto, aprendendo a afiar as capacidades que necessitava para permanecer em movimento. Ele detectou isso, detectou sua capacidade de utilizar sua inteligência onde ela carecia de força física.

Enquanto que ele estava parado ali olhando fixamente o tecido e seus dedos se moviam sobre as manchas escuras que a manchavam, ele sentiu outra presença começar a turvar o ar que fluía dentro através da porta aberta.

Dash estava calmo, sua cabeça se virou para a porta parcialmente aberta quando o novo aroma começou a mesclar-se com o da água do amaciante do tecido, detergente e envelhecido. Era insidioso. O aroma da corrupção, intenso e furioso. Soprando através do ar fresco do porão, recavando em seus sentidos, enchendo-o de necessidade de sangue. O inimigo estava vagabundeando, agora espreitando-o, movendo-se absurdamente da cobertura a investigar o interesse de Dash. Dash olhou para frente à confrontação.

Ele acalmou o grunhido admoestador que se levantou por instinto em seu peito. O aroma do frio aço se moveu mais perto, as pisadas de passos cautelosos. Havia somente um. Ele era crédulo, mas cheio de fúria, e mais débil. Dash sorriu. O homem que se movia para ele não era nada mais que um peão. Não representava nenhuma ameaça. Era uma arma empregada e pouco mais.

Dispensável. Era uma boa coisa porque ele não o deixaria seguir vivo. Silenciosamente, Dash esperou. Ele não teve que esperar muito tempo. A porta se abriu lentamente, revelando a inclinação, o corpo tenso do inimigo. Ele era um homem adulto. Ele, um gamma, tentava jogar ao alfa com um animal que ele não tinha nenhuma idéia de que existisse. Dash permitiu que seus lábios se curvassem em um sorriso de antecipação, sabendo que o outro homem não o veria como a ameaça mortal que era.

-Bisbilhotando, estranho? -O outro homem grunhiu enquanto fechou cuidadosamente a porta e apontou sua arma ao peito de Dash-. Ponha suas mãos para cima onde possa vê-las, e não se mova ou é um homem morto.

Dash levantou seus braços e suas mãos atrás de seu pescoço, os dedos de uma mão se fecharam ao redor do punho da grande faca encoberta em seu envoltório entre os ossos do ombro. Oh, sim. Agora poderia jogar.

-Só estou comprovando algumas coisas—. Dash estreitou seus olhos, informado do ângulo do tambor da arma, direto ao coração.

Um silenciador tinha sido unido à arma. Ele era um bastardo cauteloso; Dash lhe deu crédito por isso. Mas somente por isso. Se não, ele seria pouco menos que idiota. Ele deveria haver-se dado conta de que Dash era a ameaça e lhe haver matado imediatamente.

Se ele pudesse. Em lugar disso, ele desejava jogar. A Dash gostava de jogar. E ele tinha a certeza de que venceria sobre seu oponente. Era o instinto da besta. Ele poderia detectar os traçados de debilidade dele. O excesso de confiança brilhou nos olhos do inimigo enquanto a necessidade de dor perfumou o ar ao redor dele.

-Quem é? -Olhos como contas estreitas. Cabelo marrom grosso, oleoso caiu para frente, emoldurando uma testa menos que inteligente.

-Ninguém importante-. Dash deu de ombros permitindo que seus lábios se encrespassem com brincadeira insultante. Ele rechaçou oferecer respeito a uma criatura que carecia tanto de moralidade que mataria a uma criança.

-Quem é você?

Dash olhou ao outro homem de perto, a mudança do corpo gorducho debaixo da mal adaptada, embora custosa, jaqueta que ele usava, a maneira confiada com a qual ele sustentava sua arma. Utilizavam ao outro homem para matar e o utilizavam para fazê-lo da maneira mais lenta. Ele não esperava fazer frente a um homem com as capacidades de Dash. Era quase muito fácil, Dash suspirou. Era uma vergonha; ele teria gozado de uma luta.

-Está sendo muito curioso, cara-. O acento de ressaca do indivíduo arranhou nos nervos de Dash. O descaramento casual de sua atitude era razão suficiente como para lhe matar.

-Não o bastante curioso possivelmente-. Dash contemplou o olhar fixo do outro homem cuidadosamente enquanto que ele permitiu que seu sorriso com ar satisfeito se aprofundasse-. Ela conseguiu escapar longe de ti outra vez, verdade? Elizabeth é mais esperta que você, cara. Agora retrocede, antes que tenha que disparar.

O desafio foi feito. Dash se assegurou de que a brincadeira insultante em sua voz fora entendida claramente. Não haveria luta aqui, nenhum conflito. O sangue do inimigo seria derramado, ponto.

A cor da fúria encheu as bochechas do outro homem, seus olhos marrons brilharam com a necessidade de violência enquanto caminhou mais perto. Ele desejaria estar mais perto, pensou Dash, desejava estar seguro de que a bala matasse em vez de mutilar. Para ver a dor e o medo que ele esperava ver derramar-se nos olhos de Dash enquanto que o sangue se transbordava em seu peito.

-Ela será um banquete saboroso para o resto de nós quando dermos a essa menina ao chefe-, ele disse com desprezo-. Você também a quer, meninote? Isso está mau. És um homem morto.

O outro homem pensou que ele estava bastante perto. Seu dedo apertou no gatilho. A faca se deslizou do envoltório de couro com um sussurro quando Dash fez girar seu braço, sua munheca se retorceu na segunda passada, arrastando a lâmina através da carne branda do pescoço do inimigo. Os olhos do outro homem se exageraram pela surpresa incluso quando sua jugular se rompeu debaixo da folha.

-Não, tio. Você está morto-. Ele permitiu que um grunhido animal surgisse livre, desfrutando com o aroma do sangue, a mordida do triunfo.

Dash se deslizou para o lado quando o apertão refletiu do músculo pressionou os dedos do homem no gatilho, enviando uma bala assobiando inofensiva além dele enquanto o sangue bombeava em um arco largo, vivo, salpicando através da manga da jaqueta de couro feita por encomenda de Dash.

O corpo caiu pesadamente, os olhos cegos o olhavam fixamente com assombro macabro enquanto a maré carmesim de sangue se derramava sobre o chão de cimento alargando-se debaixo de sua cabeça.

Não havia remorsos no coração de Dash pela morte. Alguns animais eram só raivosos na alma, e este era um deles. Não poderia haver pesar por eliminar do mundo da miséria que traziam.

Casual, ele arrastou a lâmina da faca sobre o ombro do homem morto, limpando-a rapidamente antes de revistar o corpo para saber se existia qualquer informação que ele pudesse utilizar. Havia um número de telefone na parte posterior de um cartão de visita em branco enrugado. Nenhum nome. Dash remeteu o cartão no bolso interno de sua jaqueta. Dinheiro. Ele o deixou cair sobre o corpo. Uma mensagem para seu chefe, umas chaves e uma foto da menina e de sua mãe. Isto, Dash ficou também.

Segundos depois, assegurando-se de que o homem não levava nada que pudesse conduzir de novo a Elizabeth, Dash ficou em pé, restituindo a faca e usando uma toalha desprezada em uma das máquinas para limpar a manga de sua jaqueta. Ele a lançou sobre a cara do homem morto antes de andar a pernadas à porta.

Ele manipulou a fechadura antes de fechá-la atrás dele, assegurando-se de que não poderia ser aberta facilmente. Estendendo-se dos apartamentos ressonou a risada de famílias, de crianças. Ele não desejava lhe dar a oportunidade a um menino para entrar dentro e ver a sangrenta cena, ou que uma pessoa inocente carregasse com a culpa pela morte. Não é que ele pensasse que houvesse ali muitos que sentissem a perda do homem que ele tinha matado.

Dash se moveu de novo para frente entrando na tarde glacialmente fria de dezembro. Como se ele não tivesse nada melhor a fazer caminhou ao redor do edifício, foi pelo beco traseiro, esperando encontrar mais informação ali. Elizabeth e Cassie tinham saído pela janela que conduzia a este beco. Ele duvidava que encontrasse muito, mas devia comprová-lo para estar seguro. O ser cauteloso tinha conseguido que chegasse longe; não ia agora a relaxar-se.

Ele não viu o sedam azul marinho que ela conduzia, por sorte. Pelo menos estavam no calor do veículo em vez do frio penetrante do ar gelado do inverno. Ajoelhou-se diante da janela aberta do porão, examinando a neve deslocada debaixo dela. Os passos eram apenas visíveis agora pois conduziam a um montão de rastros de pneumáticos alguns pés acima. Não, não estavam muito longe na frente dele se as pistas na neve eram boa indicação. E se não estivesse confundido os bastardos que as perseguiam, menos o que ele acabava de matar, ainda vigiavam o edifício. Seu pescoço se arrepiou no momento em que caminhou longe da porta dianteira.

Dash olhava ao redor cuidadosamente enquanto que se levantou a sua altura completa e começou a comprovar as marcas de pneumáticos com o passar do largo beco. delas se deduzia que se foram às pressas. Comprovou os rastros que ele estava bastante seguro que pertenciam ao sedam e se dirigiu ao coração da cidade. Ele suspirou profundamente enquanto que olhava fixamente a neve do céu crepuscular golpear suas bochechas e testa, e o aroma do ar lhe indicou que uma tempestade de neve estava a ponto de iniciar-se.

Não poderiam mover-se durante muito mais tempo esta noite. Ele devia as encontrar logo. Mantendo seus passos despreocupados se moveu de novo à frente do edifício e a seu próprio

veículo. Quatro por quatro SUV que tinha sido trocado posteriormente na estrada pelo militar Hummer que ele tinha adquirido em um depósito local da reserva. Faria brevemente o trabalho em condições de caminho péssimas e movendo-se quando nenhum outro veículo se atreveria a tentar recolher à mulher que ele tinha demandado inclusive antes de ver nunca sua cara, Dash sabia que ele necessitaria essa vantagem. Era também um veículo que o inimigo desconhecia. Essa vantagem seria importante nos dias vindouros.

Ele olhou o espelho retrovisor cuidadosamente enquanto conduziu fora do estacionamento e tirava seu telefone móvel da capa em seu quadril. 911 era uma chamada rápida. Escrito e ao ponto. Um corpo morto, nada mais. Todo o momento, ele manteve ao taurus branco em sua visão periférica. Se claro, um interesse definido do único ocupante de dentro, mas nenhuma tentativa de segui-lo. Estavam seguros de que a menina e sua mãe se mostrariam logo. Não tinham nenhuma idéia de que a mulher era mais esperta que uma unidade inteira de idiotas. Ele sacudiu sua cabeça e girou na direção que o conduziria aonde ele detectou que Elizabeth tinha ido. Sua caça estava quase a ponto de finalizar. Portanto, ele poderia começar a jogar a sério.

* * * * *

Elizabeth tinha frio e fome, nela lutavam desesperadamente a raiva e o terror estendendo-se através de suas veias, bombeando fortemente e irregularmente através de seu coração. A neve caía tão forte que a tinha forçado a entrar no restaurante quase abandonado para esperar a que terminasse. Ali ela alimentou Cassie, olhando à menina comer embora seus olhos azuis ligeiros ainda estavam dilatados do choque.

Pobre pequena Cassie, ela pensou. Sua vida tinha sido uma série de agitações e não sabia quando ia terminar em qualquer momento de repente. Ela inclusive não tinha gritado quando caminharam na destruição de que tinha sido seu lar e tinha visto uma vez aos homens enviados para matá-la. Ela era mais que consciente de que fazer isso poderia significar o fim de suas vidas. Os gritos involuntários de Cassie tinham alertado a seus inimigos mais de uma vez, e a menina o tinha sabido. Era uma carga terrível para que uma menina a tivesse que levar.

Ela tinha somente oito anos. Era brilhante e bonita. Muito bonita para viver da maneira em que a forçavam a fazê-lo. Ela era muito pequena. Perdia peso e o sono, igual quando Elizabeth mesmo o fazia. A este passo, a tensão da fuga as mataria antes que pudessem fazê-lo os inimigos de Dane.

Dane. Ela acalmou a maldição que a raiva alimentou a seus lábios. Ele tinha sido pai de Cassie. Não era um bom homem, mas Elizabeth não tinha acreditado que ele fora essencialmente um mau homem. Não até que ele tinha posto a vida de sua filha em perigo em uma tentativa de salvar sua própria pele. Ao bastardo incluso não lhe tinha importado o que o fazia à menina. Tudo o que lhe importava era salvar a ele mesmo. Ficou doente ao pensar no negócio que ele tinha feito com o homem ao qual tinha estado roubando. Como ele tinha traído facilmente a Cassie, esperando escapar a seu próprio castigo.

-Dash possivelmente virá esta noite-, a menina resmungou brandamente para si, apenas o bastante ruidosamente para que Elizabeth ouvisse as palavras.

-Você acha? -Ela não falava com ela, Elizabeth sabia. Quando o choque e a tensão eram grandes, Cassie se voltava para seu interior, dentro de si mesma.

Ela falava com a fada que ela jurava que as seguia. Uma pequena forma brilhante, minúscula que lhe sussurrava tranqüilidade, que lhe assegurava que seu Dash Sinclair era um bom nome para um papai. E que Dash as salvaria. Deus, ela desejou gritar de raiva pelos que tinham

reduzido a sua menina a acreditar nesses contos de fadas para sobreviver às crueldades mentais e emocionais que lhe eram infligidas.

Cassie estava tão segura de que o soldado ao qual ela tinha estado escrevendo as resgataria a ambas e que todos viveriam felizes para sempre depois. Ela não sabia como explicar a sua filha que os homens, não importa quanto fossem fortes ou a raça a que pertencessem, não desejariam de maneira nenhuma a confusão que elas lhes trariam.

Não é que o soldado não tivesse feito a vida de sua filha mais brilhante durante um tempo; a bicicleta que lhe tinha dado somente alguns curtos meses para desfrutar e uma pequena boneca que Elizabeth tinha visto destroçada entre os fragmentos desse maldito apartamento. E ela sabia que ele tinha estado atrás dos presentes e da comida que tinha vindo.

Ela tinha apreciado o gesto, mas tinha sido só outra carga. Outra pessoa pela qual preocupar-se. Ela se perguntava se ele inclusive se teria dado conta de que as cartas de Cassie tinham parado de lhe chegar. E se inclusive lhe teria importado. Ele não sabia, não tinha feito nada para investir nelas, e estava a um mundo de distância. Se ele se incomodasse em comprová-lo, acreditaria que elas tinham morrido nessa explosão do apartamento o inverno passado. Maldição. Tinha estado perto. Quase tinham morrido. Os bastardos que as perseguiam não podiam inclusive realizar um assassinato decente corretamente.

E agora, aqui sua filha estava, com outro sonho exausto destroçando sua alma porque ela tinha acreditado tão profundamente que Dash Sinclair estaria ali. Que ele as buscaria desesperadamente. Que não teriam que fugir mais.

Cassie tinha estado esperando-o durante uma semana, a esperança cintilava em seus olhos cada vez que ela via um homem alto, de cabelo escuro. Diariamente, a menina estudava a imprecisa, e desfocada fotografia que lhe tinha enviado, aterrorizada de que se ela não reconhecia ao soldado mesmo, então ele podia ser que passasse ao seu lado sem saber quem eram. A foto tinha sido tirada diante de um helicóptero com outros seis homens. Dash estava na parte posterior, poeirento, vestido com roupa do exército e seus rasgos velados. Ela não o reconheceria se ia até ela.

-Come, Cassie -Elizabeth sussurrou, alcançando através da cabana para jogar para trás os cachos escuros enredados de sua filha de sua cara branca-. Conseguiremos um quarto para passar a noite e veremos se podemos conseguir um certo descanso-. Se não dormia Cassie logo estaria doente.

Elizabeth se estremeceu ante o pensamento de tentar encontrar ajuda médica para ela.

O motel parecia razoável. Algumas horas do sono não fariam nenhum dano. Não havia maneira de que algo ou qualquer pessoa que se movesse nessa tempestade de neve lá fora. Ninguém excetuando ao idiota que entrava no estacionamento com um Hummer militar.

Elizabeth olhou como a figura escura e grande saiu do veículo antes de andar a pernas rapidamente à porta do restaurante. Ele caminhou dentro, maior que a vida, parecendo mais forte que uma montanha, seus olhos foram imediatamente a ela e Cassie. Por um momento, o medo a sacudiu antes que ela o empurrasse longe.

Não. Os homens que a perseguiam não eram assim perigosos, assim duros. Se fossem, ela teria sido torrada faz dois anos. Ele era alto, um dos homens mais altos que ela tinha visto jamais. Vestido com calças jeans, botas e uma camisa do algodão. O cabelo negro grosso cresceu despenteado e comprido, caindo sobre o pescoço de sua camisa. Os olhos marrons intensos, quase da cor do âmbar, examinaram o restaurante lentamente antes de se voltar para ela.

A eletricidade então chispou no ar, como se correntes invisíveis os conectassem, forçando-a a reconhecê-lo a um nível primitivo. Não é que ela não aceitasse o aviso de todos os modos. Ele era

energia, força, e tão incrivelmente masculino que sua respiração se entupiu ante sua só vista. Ela olhou seus olhos brilharam com... Não, não podia ser posse.

Ela deveria ter enlouquecido. A privação e a falta de sono a tinham esgotado tanto que ela via somente o que sabia que desejava ver. Não era possível que um estranho pudesse olhá-la com uma sensação de posse, fome e determinação até o ponto que ela pensasse que via um raio de esperança em seu olhar fixo antes que ele a afastasse. Pela primeira vez em anos Elizabeth sentia a seus hormônios voltar para a vida. Esse olhar era quase físico. Uma carícia. Uma declaração de intenções.

Ela piscou e sacudiu sua cabeça ante a alucinação. Não. Ele era só um homem grande, bonito, e ela estava desesperada. Desesperada por encontrar ajuda. Por saber que sua filha estava protegida. E ele era o bastante grande para parecer capaz de proteger a ambas. Mas ela sabia agora que ninguém poderia as proteger. Tinha-o comprovado com força e repetidamente.

Ela baixou sua cabeça, olhando Cassie de novo enquanto que a menina mordiscou uma das batatas fritas de seu prato. Ela somente tinha dado umas poucas dentadas ao hambúrguer, sobretudo porque Elizabeth a tinha forçado a isso.

-Tem que comer, coração -ela sussurrou brandamente, lutando por lhe ocultar as lágrimas-. Agora pode fazê-lo. Prometo-lhe isso.

-Estou cansada, Mamãe-. Cassie agora arrastou uma batata frita através do molho de tomate, mas não a comeu. Ela jogava simplesmente com ela, e somente jogava no melhor dos casos.

-Come, Cassie. E beba seu leite-. Ela empurrou o copo mais perto da menina, seu coração que se rompeu quando Cassie levantou sua cabeça, olhando-a fixamente com os olhos tristes, cheios de horror. Elizabeth teve que lutar por conter seu grito de ultraje. Nenhuma criança deveria olhar fixamente jamais com tais olhos exaustos.

-Dash virá esta noite, Mamãe-. Os olhos cheios de dor olharam fixamente atrás, tão tristes que Elizabeth desejou morrer em vez de continuar lhes fazendo frente.

-Carinho... -Como poderia ela dizer-lhe Quando poderia ela lhe explicar que não havia maneira de que Dash Sinclair pudesse inclusive saber que estavam vivas, deixou somente isso de novo, seus assassinos estavam somente a horas atrás delas.

O último ataque não era o pior acontecimento passado em seus largos meses de fuga, mas sim era um dos mais duros. Os homens as tinham estado esperando. Se Elizabeth não tivesse entupido a porta do porão atrás delas e encontrado a janela tão rapidamente, depois teriam estado mortas. Enquanto que o faziam, uma bala tinha passado ao lado de sua coxa, e então ela se cortou na cintura na janela dentada. Estava débil e ela mesma tinha fome. Mas estava assustada de que se gastasse mais em alimento no restaurante então esta noite não houvesse nada para alimentar a Cassie mais adiante.

Um movimento do homem que fazia uma pausa na porta lhe fez levantar a cabeça, uma sensação de pânico a afligiu repentinamente enquanto que seus olhos marrons frios olharam os seus. Sua cara selvagem parecia esculpida em pedra. Tinha o aspecto perfeito para um guerreiro. Ou possivelmente um assassino. Teriam podido os inimigos contratá-lo cansados de tentar fazer o trabalho eles mesmos de Dane? Com os retalhos desse pensamento, ele começou a mover-se para elas. Ele não parecia caminhar; deslizava-se. Os músculos poderosos e lisos ondularam debaixo da camisa e das calças jeans, trazendo-o mais perto a cada segundo. Quando ele lhes aproximou, seu braço se moveu, lentamente alcançando atrás de suas costas.

Elizabeth ficou rígida temerosa; pronta para saltar sobre a mesa para proteger a Cassie se aparecia uma arma. Deus querido. O que faria agora? Estavam apanhadas. Incapazes de fugir. Sem nenhum lugar onde ocultar-se.

Um sorriso surgiu nos lábios do estranho, como se ele pudesse detectar seus pensamentos. Embora não foi uma arma o que ele tirou, somente um pedaço enrugado de papel. Ela o olhou, seu coração saltava em seu peito, o medo abrasava em seu ventre incluso quando um desejo estranho, deslocado esquentou suas coxas. Ele parou, olhando-a fixamente, depois a Cassie. Elizabeth olhava a sua filha, vendo os olhos arredondados, suas bochechas pálidas.

-Cassie -Ele murmurou enquanto que lhe deu o papel-. Recebi sua carta-. Elizabeth sentiu o mundo cambalear-se enquanto que Cassie sussurrou seu nome.

-Dash? -Não era possível, ela se disse. Este não podia ser Dash Sinclair. Não era possível que ele tivesse podido encontrar a elas. Não tinha podido inclusive saber que necessitassem ajuda. Entretanto, como podia havê-lo feito? Jogou uma olhada a Elizabeth.

-Comestes? -Ela poderia sacudir somente sua cabeça. Deus Querido. Não poderia ser. Era um truque. Ela agarrou a carta da mesa e a abriu.

Sei que você tem montões de outras pequenas meninas para amar. Mamãe diz que deve estar casado e com filhos e que não nos necessita. Mas eu te necessito Dash. Me ajude, por favor, e minha Mamãe antes que os maus nos apanhem outra vez.

Quando tinha arrumado Cassie para escrever esta carta sem que ela soubesse? Ela olhou fixamente a sua filha, apenas capaz de processar o fato de que ela falava com um estranho. Um estranho perigoso, de olhos frios que dizia ser o militar amigo por carta de Cassie.

As bochechas de Cassie agora estavam avermelhadas. A esperança irradiava de seus grandes olhos azuis enquanto que a surpresa foi deslocada lentamente pela felicidade.

-Vieste, Dash-. Cassie se lançou em seus grandes braços, seu corpo minúsculo parecia frágil e desamparado contra o peito do homem, embora sua expressão se apertou com uma certa emoção indefinida enquanto seus braços se contraíam ao redor dela.

Dash Sinclair. Ela adorava o mesmo nome, mas o tinha afastado de sua mente à exceção dos poucos instantes em que Cassie tinha escrito as cartas ao soldado ferido. Isso e quando lhe tinha invadido os sonhos. Embora ela não tivesse compartilhado a crença de Cassie de que um dia Dash viria montado a cavalo às resgatar. Esse dia ele protegeria a ambas. Ela era uma adulta. Ela não acreditava em contos de fadas, embora ela tinha lutado para manter vivos os sonhos de sua filha tanto como fosse possível.

-Come, Cassie-. Ele pôs a Cassie em seu assento, assinalando imperativamente o alimento.

Assombrosamente, as batatas fritas desapareceram em sua boca imediatamente. Então outras. Apesar do agradecimento de Elizabeth por que sua filha comesse, ela não pôde reprimir um pouco de ciúmes. Cassie tinha rechaçado comer por sua mãe. Entretanto comia por um estranho.

-Mac -ele disse em voz alta o nome do envelhecido, homem rotundo atrás do balcão do restaurante-. Necessito dois pratos de hambúrgueres com queijo e duas bebidas.

Elizabeth sacudiu sua cabeça.

-Não... -Ela sabia que um desses pratos estava destinado a ela.

-Obrigada, Dash-. Cassie pôs sua cabeça contra seu braço enquanto que ela mastigava cansadamente o hambúrguer-. Mamãe tinha fome. Ela não comeu ontem, tampouco. Mas não o dizia para não me preocupar. Sabia que estaria aqui. Sabia, Dash.

CAPÍTULO 2

Dash acalmou apenas seu grunhido retumbante enquanto que Cassie se inclinou contra ele. Ele levantou seu braço, curvando-o ao redor dos frágeis ombros, e olhando fixamente a sua mãe com uma determinação que ele rogou que ela advertisse.

Seu possessividade para com elas duas se havia feito somente mais forte, só mais profunda durante os meses que ele as tinha estado procurando. Com cada falha, cada conhecimento agregado do perigo ao que faziam frente, sua resolução se havia somente fortalecido. Como se o DNA adicional que ele possuía dentro de seu corpo gritasse para reclamar de algum jeito que as protegesse.

Não gostava de atuar de protetor. Mas se encontrou aceitando a responsabilidade destas duas tão naturalmente, isso que ele não o pensou freqüentemente para perguntar-lhe. Ele podia detectar a força de Elizabeth. Estava ali enquanto ela endireitou os ombros, no brilho de batalha em seus cansados olhos azuis.

Ela não confiava nele e ela estava segura como o inferno de que não acreditava que era quem dizia ser. Mas ele contava com isso. Esperava ter uma luta. Tinha sabido que ela não seria fácil de conquistar. Embora, ele não quisesse que ela fora fácil, Dash observou.

Ela era uma mulher forte e seus instintos dominantes seriam agressivos sobre qualquer mulher que não fora. Ela teria que aprender como estar ante ele, quando empurrar e quando permitir que ele levasse sobre seus ombros seu peso. Ela teria que aprender como compartilhar as cargas em vez das levar em seus frágeis ombros como o tinha feito até agora.

Cuidadoso com a pequena cabeça agora remetida contra seu peito, Dash alcançou em seu bolso traseiro e puxou sua carteira. Abrindo-a, ele a pôs entre eles. Tinha a identificação em um bolso claro, sua carteira de motorista do serviço no outro, ambos fáceis ver.

Ele a olhou enquanto ela os estudava a ambos e depois levantou seus olhos, uma só sobrancelha se arqueava zombadora. Ela tinha coragem; lhe concederia isso. Ela não aceitava nada. Nem a carta, nem sua identificação. Seu olhar fixo foi a sua filha de novo. Cassie tinha descansado contra seu lado, seu corpo frágil se relaxava lentamente enquanto que Dash a sentia o empapar no calor de seu corpo através de seu fino suéter.

-Come, Cassie, depois pode dormir.

-Sim, Mamãe-. Cassie estava esgotada e isso o enfureceu. A mãe e a filha parecia como se tivessem acontecido também muitos dias sem sono ou alimento apropriados. Suas caras estavam pálidas, seus olhos brilhantes pelos nervos e o medo.

-Vim ajudar, Elizabeth -lhe prometeu guardando sua carteira, informado do forte garçom enquanto que ele se moveu da barra com as bandejas de comida-. Come e então o discutiremos.

Ele tentou soar tranqüilizador. Tentou parecer não ameaçador, mas ele sabia que era como tentar ocultar um elefante com uma manta. Ele era perigoso quando estava cruzado da maneira incorreta. O era perigoso se a situação o requeria, como esta.

Mac, como sua etiqueta proclamava, deixou os pratos em um montão com o alimento na bandeja descolorida da mesa da cabana. Quando ele o fez, a manga de sua camiseta branca se deslizou para cima, revelando uma tatuagem das Forças Especiais. Dash arquivou a informação no momento. Ele necessitaria a alguém para cobri-los quando se fossem. Com sorte, poderia encontrar ajuda ali.

-És muito mandão -Elizabeth murmurou enquanto ela olhava fixamente o alimento. Dash poderia amaldiçoar já que estava perto para ver sua boca salivar. Assim como ele poderia ver seu orgulho guerrear com sua necessidade.

-Sou realista-. Ele deu de ombros-. Se não comer, não pode lutar, querida. O que é mais importante? Seu orgulho ou sua saúde? -Ou a de sua filha. Embora ele deixou essas palavras sem dizer.

Ele sabia exatamente quão importante sua menina era para ela. Ela tinha prevalecido contra todas as probabilidades onde muitos homens teriam vacilado para salvar a sua menina. Ele não invejava o orgulho que viu brilhar em seus olhos, mas ela comeria. E ela o fez.

Ele comeu seu próprio alimento, olhando cuidadosamente como ela comia mais da metade do enorme sanduíche e as arrumava para comer batatas fritas. O leite foi consumido com prazer, uma piscada de suas pestanas traiu sua alegria ante a bebida. Como se fizesse um tempo desde que ela o tinha provado.

Ele se perguntava se ela encontraria tanto prazer no tato, esfregado ligeiramente, como ele tinha fantasiado nos últimos meses. Quanto mais perto ele tinha estado de encontrá-la, mais explícitos seus sonhos se haviam feito, e o desejo mais selvagem por ela tinha crescido. Ele a desejava com uma fome que nunca tinha conhecido antes. Mas primeiro, ele devia as proteger, as levar a um lugar seguro. Não poderia relaxar sua proteção até que o tivesse conseguido. Mas para fazê-lo, ele teria que conduzir com uma das tempestades de neve piores do século.

Dash vigiou com o estacionamento através do espelho atrás dela, vendo que nenhum veículo entrava nele. Havia uma linha de rodagens que estendiam milhas abaixo de um estado a outro devido às condições da tempestade de neve, e a matéria branca e amaciada não parecia ter em mente parar durante um tempo. Os informes de notícias prometiam um dia branco feito e estável, o que significava que ele não tinha muito mais tempo para levá-las a um lugar seguro.

Por sorte, um dos homens com os quais ele tinha lutado no Oriente Médio possuía um lugar apenas algumas horas de onde estavam. Ele tinha entrado em contato com no telefone móvel antes de sair da cidade e por isso sabia que ele e sua família os esperavam.

Durante anos Dash tinha lutado junto a seus soldados como companheiro, mantendo uma distância cuidadosa, guardando uma rédea em sua necessidade de estar perto de outros. Ele tinha temido que se dariam volta quando ele lhes tivesse que pedir ajuda com o passar do tempo.

Surpreendentemente, tinham-lhe dado à bem-vinda. Tinham absolutamente uma larga viagem diante deles e ele ainda desconhecia seu destino final que proporcionaria o santuário que ele esperava dar a Elizabeth e a Cassie. Mas pelo menos ele sabia que a maneira de chegar ali seria mais fácil.

Mas primeiro, ele devia tirá-la do restaurante. E ela não parecia predisposta a confiar nele.

Enquanto que ele comia, se colocou para permitir à pequena Cassie descansar contra seu lado e ele olhou a sua mãe. Sua cara delicada era inteligente; aguda, resolvida, o pequeno nariz se arredondava levemente no extremo, fazendo alusão a uma alegria tinham forçado enterrar dentro dela, tinha grandes olhos azuis, altas maçãs do rosto e lábios atraentes e delicados que ele poderia imaginar-se completamente lhe beijando.

-Obrigada pela comida-. Ela finalmente empurrou seu prato longe, seu olhar fixo se posou em Cassie.

Ela estava dormida caída contra seu lado, seu pequeno corpo leve depravado totalmente contra ele. Ele jogou uma olhada a seu prato. Como sua mãe, ela não tinha podido terminar sua comida, mas ela tinha comido muito para satisfazê-lo. Muitos para ajudar a seu sono e enviá-la a descansar a seguir.

-Ela está tão cansada-. Elizabeth suspirou passando os dedos com fadiga através de seu longo cabelo marrom, enredado, escuro. Estava opaco. Ele sabia que os filamentos de seda deveriam ter a cor brilhante e profunda do castanho escuro, suave e brilhante com toques de luz castanha. Parecia opaco, não sujo, mas tão cansado como ele sabia que ela o estava fisicamente.

-Ambas estão esgotadas-. Ele tentou manter sua voz suave, reprimindo o grunhido áspero que manteve em sua garganta, pondo áspera sua voz, lhe fazendo parecer duro, mas ele não podia.

Infelizmente, pensou Dash, ele era quem era, e no que lhe tinham convertido. Ele era duro, era exigente, e não teria em conta nenhuma insensatez. Elizabeth teria que ver que somente que devia entregar sua segurança a ele. Ele não aceitaria menos.

-Vens vir comigo, Elizabeth. Você e Cassie-. Ele a olhou fixamente com firmeza, olhando seus olhos exagerarem-se-. Sei que lhe feriram e que também está muito esgotada como para continuar com isto. Vim a te ajudar.

Ela se virou para trás, pressionando contra a parte posterior do assento enquanto que o olhou com receio. Ele poderia ver a batalha dentro dela. A necessidade de confiar nele. O medo. Tinham-na traído também muitas vezes quando para aceitar tranqüilamente sua oferta. Embora, ele não ia lhe dar opção.

Neste momento tanto ela, como Cassie, eram mais umas cascas de ovo esgotados que qualquer coisa. A anterior fuga tinha sido recente e ele sabia que o terror por ela ainda palpitava por suas veias. Os tremores sacudiam seu corpo de vez em quando, embora ele poderia dizer que lutava por estar imóvel, para manter seu aspecto de fortaleza.

-Aprecio o gesto...

Dash grunhiu quando ele franziu o cenho nela pesadamente.

-Não diga nada que vás ter que te engolir mais adiante, Elizabeth-, lhe advertiu, mantendo seu tom de voz-. Durante os últimos seis meses de tempo em que te estive perseguindo, averigüei exatamente contra que lutas-. Ele odiou a maneira em que sua cara empalideceu mais ainda e o olhar que consolidou as sombras em seus olhos.

-Não pode lutar contra isto sozinha. E sabe-. Seu olhar fixo foi a Cassie, e Dash olhou seus olhos umedecerem-se com as lágrimas. Ela pressionou seus lábios firmemente juntos enquanto seus punhos se apertavam contra a fórmica manchada do tabuleiro da mesa.

Eram mãos pequenas, delicadas, com os dedos longos, agraciados. Um homem mataria para tê-los esfregando ligeiramente sobre seu corpo. Ele morria por ter seu tato nele. Por ver se a mulher poderia igualar aos sonhos induzidos pelas drogas que ainda lembrava claramente.

-Não tenho opção-. Sua voz era áspera, oca-. Não posso aceitar, Sr. Sinclair. Não te conheço. Não confiarei em ti.

Não eram frases vazias. Tinham-lhe traído uma vez, também muitas. Tinha lutado muito tempo agora para render-se e só para aceitar que qualquer pessoa assumisse o controle. O que estava certo, ele se disse silenciosamente. Ele a deixaria lutar tanto como seu orgulho o necessitasse, mas ao final, ele ganharia.

Dash permitiu que um sorriso curvasse seus lábios.

-Não pedi sua confiança ou sua permissão, Elizabeth. Indicava um fato. Temos que te levar a ti e a Cassie a alguma parte segura, depois poderemos pensar na eliminação do problema.

Se sua cara tivesse podido empalidecer mais, o teria feito. Ele sabia que ela tinha tentado mais de uma vez ir às autoridades, encontrar uma maneira de fazer o correto. Mas os homens, inclusive esses que tinham jurado manter os direitos dos inocentes, eram freqüentemente muito humanos. Tinham matado aos que não podiam ser comprados. E ele sabia que sua consciência tinha sido danificada pelas mortes dos que tinham tentado ajudar.

-Fui à polícia. Uma vez -ela disse amargamente-. Não incorrerei nesse equívoco outra vez-. Nem todos os oficiais nessa delegacia de polícia a tinham traído ali. Somente o chefe tinha sido responsável por aquilo. Vários dos investigadores ainda a buscavam, inconscientes do que a tinha feito fugir. Sabiam somente que ela estava em problemas. Em problemas e necessitando um amigo.

Elizabeth tinha crescido com vários dos oficiais na cidade pequena que dentro a tinham criado. Não poderiam lhe ajudar, mas Dash sabia que ele poderia. A pequena cidade meridional da Califórnia havia o lugar de residência de um traficante também. Um distribuidor muito poderoso. Um ao que teria que pagar o amparo que necessitava. Infelizmente, Dane Colder tinha incorrido no equívoco de cruzar-se com o homem. Então, em um esforço de salvar-se tinha tentado vender a sua menina ao pervertido bastardo. Dane agora estava no inferno, por cortesia da bala disparada pelo distribuidor enquanto que Cassie olhava.

O homem então tinha a intenção de levar a Cassie longe. Não havia dúvida que ela não teria sobrevivido muito tempo. Por sorte, Elizabeth tinha saído para comprovar o estado de sua filha e tinha ouvido de algum jeito os tiros, vendo com horror quando sua filha era bloqueada em um dos dormitórios enquanto que o corpo descansava no chão.

Quando ela tinha conseguido deslizar-se dentro e levar-lhe diante de seus narizes não tinha nenhuma idéia. Embora, uma coisa era certa; ela a tinha, e agora ela e sua filha estavam em mais perigo do que ela sabia. Terrance Grange não era só um traficante.

Suas conexões eram multidão e a estrutura de poder que ele construiu ao redor de seu pequeno império silencioso tinha tentáculos movendo-se através dos Estados Unidos e em várias agências do governo. Agora Dash devia encontrar uma maneira de salvá-las, porque em quem depositar a confiança, assim como Elizabeth tinha descoberto, não seria fácil de decidir.

-Não hei dito que tivéssemos uma viagem tranqüila, digo que poderíamos fazê-la—. Ele deu de ombros-. É sua opção, Elizabeth. Pode vir comigo e viver, ou seguir fugindo até que os bastardos lhe capturem e levem a Cassie longe de ti.

Ela tomou uma respiração dura, profunda. Dash sabia que ela era consciente de que falharia cedo ou tarde. Ela não tinha as conexões ou o poder necessários para proteger-se a ela e a sua menina. Ela era uma mulher só e que aprendia exatamente o que significava isso.

-E como sei que posso confiar em ti? -Lhe perguntou zombadora-. Não te conheço, Sr. Sinclair, e eu estou segura como o inferno de não acreditar que nos perseguiu durante seis meses pela bondade de seu coração-. Dash jogou uma olhada a Cassie. Quando ele voltou seu olhar fixo a Elizabeth sabia que sua própria cólera brilhava nas profundidades de seus olhos.

-Está equivocada, senhora-. Ele desejou grunhir com a força de seu sentido de propriedade por volta das duas fêmeas-. Ela salvou minha vida sem valor já que não importei a ninguém exceto a ela. E me amaldiçoarão se a deixo a ela ou a mãe que ela ama a sua sorte. Agora é sua opção se vem comigo ou se fica. Mas Cassie será protegida. Ela vem comigo.

Ele olhou os olhos de Elizabeth exagerarem-se enquanto que o medo os sombreou mais ainda. Maldição, ele odiava ver encher-se seus olhos de escuridão e terror em vez do prazer que ele desejava lhe trazer. Ele poderia vê-lo serpentear através dela, sabia que estaria esfriando seu sangue enquanto que ela combatia por encontrar uma maneira de lutar.

Ela era uma mulher forte e lhe arrebatrar o controle não seria fácil de aceitar para ela. Mas ele tinha que fazê-lo. Tinha que estabelecer sua autoridade sobre ela e Cassie se ele ia fazer isto. Um cenho se franziu rigidamente sobre seus olhos. A batalha brilhou nas profundidades ferozes. Seu membro se endureceu, o que era mais que desconcertante pela situação e a localização em que ele estava.

-É minha filha da que está falando -ela finalmente assobiou enquanto se inclinava para frente, a cólera se estendia através dela. Totalmente diferente da letargia em que ele a tinha visto sumida momentos antes-. Você não fará nenhuma maldita coisa sem minha permissão.

O sangue se palpitou através de seu corpo, quente e regozijando-se, quando seu aroma fluiu a ele, envolvendo-se ao seu redor. Estava excitada. Não muito, curiosamente excitada possivelmente, um pouco tímida. Isso gostou a ele. Gostava desse acanhamento, essa vacilação. Mas inclusive mais forte era sua cólera repentina. Era sua filha. Sua responsabilidade. Ela não a deixaria ir facilmente. Assim como ele. O que significava que ele teria que lutar com ela. Ele via vir essa luta.

-Sua permissão? -Ele tentou manter sua voz suave, mas ele era consciente do grunhido que palpitava e que ressonava apenas desceu da superfície de suas palavras-. Se por acaso não o notaste, não estou pedindo nada aqui, Elizabeth. Lhe estou dizendo isso. Não viajei a meio caminho através do mundo e não persegui seu bonito traseiro através da metade dos Estados Unidos somente para fazer que bata na minha cabeça e me envie pra casa. Você pode aceitá-lo de boas maneiras, ou podemos também seguir a brigar. Mas lhe prometo isso, coração, sei quem vai ganhar no final.

Seus olhos se exageraram com incredulidade.

-Está louco? -Finalmente lhe perguntou curiosamente-. Ou desejas a morte, Sr. Sinclair? Se sabes ao que estou fazendo frente, conhece aos homens lhe matariam para me apanhar. Realmente deseja terminar sendo o corpo sangrento seguinte que ele deixe em sua esteira?

Ela era esperta. Ele o tinha sabido desde o começo. A condescendência zombadora em sua expressão e sua voz não lhe teriam dado quartel a qualquer outro homem.

-Realmente, pensava mais em converter a ele no seguinte corpo sangrento que deixo em minha esteira -Ele disse casual-. Não incorra em nenhum equívoco, Elizabeth. Não poderão comigo tão facilmente-. Mais de um terrorista o tinha tentado, os doentes homens de Grange unicamente contavam com uma rede maior do mal para respaldá-los.

Dash sabia bem quando jogar a este jogo e ter êxito. Ele então a olhou, detectando a batalha empreendida dentro dela, seu conhecimento instintivo de que se alguém era capaz de salvá-las, era ele. Mas ela também duvidava que houvesse esperanças para que sobrevivessem ela e Cassie.

A esperança se amortecia lentamente dentro de sua companheira. Ele estava em pé, pondo à pequena Cassie brandamente no assento. Então ele se inclinou, sua mão se apoiou completamente na mesa, seu nariz avançou lentamente até o dela enquanto que ela o olhava fixamente com surpresa.

-Vamos em cinco minutos. Eu e Cassie, ou você, eu e Cassie. Como hei dito, é sua eleição.

Seus olhos se entreabriram, suas pequenas e delicadas asas do nariz avermelharam enquanto o calor varreu em suas bochechas. Ele poderia agora cheirar sua paixão, mas também cheirava a sangue.

-Não te deixarei... -Ele se inclinou mais perto.

-Estás ferida -Ele grunhiu em sua cara enquanto ela moveu bruscamente atrás de sua fúria. - Agora briga comigo e te prometo que o lamentará. Esteja pronta agora para sair daqui. Estamos indo. -Não lhe deu tempo de comentar nada.

Ele se endireitou para cima, lhe dando com seu olhar duro uma passada antes de dar a volta e de caminhar ao caixa. O ex-soldado fornido esperava, olhando-o com os olhos entreabertos, olhos de valoração enquanto que ele aproximava.

-Ela está em um apuro-. A cabeça meio calva cabeceou para Elizabeth enquanto Dash parava diante dele. Não era uma pergunta. O homem tinha um sentido adicional para os problemas. Era

algo que alguém aprendia em combate, algo nunca se esquecia—. E eu estou aqui tirá-la dele - Dash grunhiu-. Somente necessito um favor-. O Mac olhou fixamente a Elizabeth e Cassie.

-Não tenho feito a chamada, mas há muito dinheiro devotado por informação sobre essas duas -Seu olhar fixo se voltou de novo para Dash. As profundidades pardas eram duras e frias-. Me diga do que é que necessita, moço.

CAPÍTULO 3

O que ia ela a fazer? Elizabeth olhou como Dash pagava suas comidas, então comprou várias garrafas de água e comida enquanto ele falava com o garçom. Suas vozes eram baixas, quase imperceptíveis. Discutiam mais que pelo preço por um pacote de batatas fritas.

Ela mordeu seu lábio, inalando profundamente enquanto combateu por controlar seu esgotamento e dor. Tinha sido mais duro nos seis ou oito meses passados. Como se Grange se cansasse de jogar com ela. Ela tinha raramente mais que alguns dias para descansar, trabalhar um certo trabalho servindo mesas pelo salário menos que mínimo antes de ficar em movimento outra vez. E Cassie. Deus, Cassie estava se matando e ela sabia. Ela não poderia agüentar isto. Ela teria que encontrar um lugar para esconder a sua filha enquanto ambas se curavam, em corpo e alma.

Sua mão caiu da bancada, pressionando contra a profunda incisão em sua coxa onde a bala tinha arranhado através da carne. Não era muito profunda. Teria necessitado provavelmente de alguns pontos, mas ela se considerava afortunada. Infernos, teria podido ser muito pior. A que estava a seu lado feita pela janela do porão empalidecia em comparação, embora era também bastante profunda.

Ela as tinha limpado anteriormente no quarto de banho do restaurante, vertendo o álcool diretamente sobre as feridas enquanto que Cassie estava parada tremendo, olhando-a. Agonizante. Era mais doloroso que realmente receber as feridas. Mas ela sabia que ela não poderia permitir uma infecção. Se ela caía doente então não havia maneira em que ela pudesse proteger a sua filha.

Sua mão tremeu, seu estômago se crispou com pânico lembrando o que ela pensou no agonizante percorrido para baixo pelo oco da escada do apartamento enquanto lutava para chegar ao porão. Pouco habituada, ela tinha se dirigido à parte posterior do edifício de apartamentos em vez do estacionamento. Era utilizada raramente e ela sabia que era mais cômodo estacionar ali.

A porta traseira era dura para abrir-se pelo interior, embora, e ela não contava com os preciosos minutos que teria necessitado para fazer a Cassie descer abaixo para abri-la. A porta do porão era mais fácil e tinha um ferrolho no interior.

Ela tinha deslizado o grosso ferrolho rapidamente antes de dirigir-se para a linha de máquinas de lavar roupa e abrir a pequena janela. Ela e Cassie o tinham feito apenas antes que os homens tivessem arreventado e passado através da porta. O carro tinha estado somente a alguns passos a seguir. As portas ainda estavam abertas e, por sorte, ela mantinha as chaves metidas em seu bolso da calça jeans em vez de que as levar em uma bolsa.

Os últimos dois anos tinham sido horrorosos. Terrance Grange nunca tinha parado. Ele era como um cão de caça, com suas mandíbulas afiançadas firmemente, rechaçando deixá-las ir ou lhes conceder qualquer paz.

A princípio, ela tinha rogado para que se ela se ia simplesmente, esquecendo-se de ir à polícia, permanecendo tranqüila e oculta, ele as deixasse sozinhas. Mas ele desejava a Cassie. Seus

homens o tinham deixado claro. Se Terrance conseguia a Cassie, então ela poderia ir-se livremente, fazer o que infernos desejasse. Não deu nenhuma opção a Elizabeth. Ele desejava a sua filha.

O perverso bastardo. Ela sabia exatamente porquê desejava a sua filha, e ela morreria antes de permiti-lo. Mas e se ela morresse e ele ainda as arrumava para conseguir a Cassie? O gelado terror se alojou em seu peito com o pensamento. Ela não era bastante forte para lutar muito mais tempo. E ela sabia quão perito era Grange em cortar cada via de escapamento que ela pudesse encontrar. Ele matou às pessoas que tentou lhe ajudar. Matava-os ou pagava, deixando-a sem nenhum apoio.

Lhe teria pago a Dash Sinclair?

Enquanto que ele falava com o garçom, Elizabeth se moveu lentamente de seu assento. Ele deu a volta, examinando uma pequena fila de ursos Teddy atrás do contador, obviamente atento a comprar um. Ele compraria um urso Teddy para uma menina a que ele ia trair?

Ela tomou uma respiração profunda. Deus, ela desejou confiar nele. Desejou acreditar que ele poderia ajudá-la, mas ela o tinha aprendido da pior maneira durante os dois últimos anos. Tinha aprendido que ela não podia confiar em ninguém exceto nela mesma.

Ela agarrou a Cassie do assento, sua respiração se enganchava com desespero pela magreza dolorosa do corpo de sua menina. Então ela jogou uma olhada ao estacionamento, o medo se estendia através dela. Poderiam morrer ali. Que infernos supunha que devia fazer?

-Levarei-a—. Ela moveu sobressaltada, seus olhos estavam totalmente abertos, com os braços apertados protetores ao redor de sua menina.

Dash a olhou sombrio. Por uma vez, seu olhar fixo não exigia, não brilhava calor e cólera. Ainda estava tentando entendê-la, quando ele agarrou Cassie debaixo de seus finos braços e a levantou facilmente de Elizabeth.

-Não lhe faça mal. -Ela não pôde reprimir a súplica. No momento, ela não tinha nenhuma opção exceto confiar nele. Ela sabia que era como uma lâmina que se cravava em seu coração-. Não lhe faça mal por favor. Trata o corpo de Cassie com suavidade -Embalando os braços contra seu amplo peito quando os olhos selvagens olharam fixamente abaixo a ela com uma indireta de compaixão.

-Pegue com Mac os objetos que comprei, Elizabeth. Comprei para Cassie um urso de pelúcia para compensar o que foi destruído. E algumas batatas fritas, em caso de que ela esteja faminta antes que cheguemos ao nosso destino. Necessitamos agora ir.

Sua voz não era suave. Era fria, escura, profunda. Esfregou ligeiramente sobre ela lhe tirando os nervos e bastante assombrosamente, acalmando-os. Ela se moveu cuidadosamente para o contrário, olhando-o, aterrorizada que ele a deixasse simplesmente e lhe levasse a Cassie ao monstro que a buscava. Seu corpo estava tenso, cada músculo equilibrado para saltar e para lutar quando ela alcançou o balcão.

-Confia nele, menina-. O garçom lhe deu a bolsa, seus olhos pardos a olharam enquanto que lhe jogou uma olhada-. Ele é um bom homem-. Elizabeth se estremeceu pela surpresa. Como poderia ele sabê-lo? Como ele sabia algo? Mas não havia nada que pudesse fazer.

Ela agarrou a bolsa e se moveu rapidamente de novo para o homem que tentava assumir o controle de sua vida. De sua vida e da de sua filha. O caminhava na neve que remoinhava, era como entrar em um isolado vazio de beleza gelada. Era quase uma maré branca, de pelo menos seis polegadas de grossos flocos, úmidos acumulados na terra.

-Não podemos viajar nesta tormenta-. Elizabeth tremeu enquanto Dash abria rapidamente a porta posterior do passageiro. Ele depositou a adormecida Cassie no assento traseiro antes de

mover bruscamente uma manta sobre ela. Ele depois abriu a frente e impulsionou Elizabeth para dentro.

-Passa dentro-. Sua ordem era menos que cortês-. Imagino que esses moços que lhe perseguem não serão tão malditamente estúpidos. Suporão que o melhor momento para te capturar será durante uma tempestade de neve com um quatro por quatro. Temos só suficiente tempo como para sair daqui e conseguir nos adiantar a eles.

Ela saltou no assento, olhando fixamente o interior desconhecido com confusão. Era o veículo mais moderno que ela tinha visto. Tinha visto veículos militares antes, é obvio, mas nunca tinha estado dentro de um. Duvidava que inclusive pudesse alcançar através do console entre o assento de passageiro e o assento do condutor para golpear a seu novo captor. Ela então jogou uma olhada atrás a sua filha adormecida. Cassie tinha sido amarrada com o cinto de segurança no assento, largo na parte posterior, sua cabeça descansava sobre uma almofadinha posta no largo banco ao lado dela.

-Te ponha o cinto-. Ele saltou no assento do condutor e começou a posta em marcha.

-Isto é uma tempestade de neve, sabe? -Embora, ela fez o que ele ordenou, e fechou o cinto de segurança.

Ele olhou fixamente fora da janela, refletindo, então se encolheu de ombros.

-As vi piores—. Dash arrancou o veículo, com um olhar pensativo em sua cara enquanto saiu do estacionamento do restaurante.

-Mac, o dono do restaurante, é um ex Força Especiais -Lhe disse baixinho enquanto percorriam a deserta estrada interestadual. A maioria de nós se mantém unido. Estou bastante seguro de que nos cobrirá, dará aos homens de Grange informação sobre um veículo falso e a direção que seguimos, mas no caso, não estaremos muito tempo na interestadual.

-Não?

Elizabeth se agarrou a beira de seu assento quando ele tomou velocidade, fazendo um tempo melhor que ela teria podido imaginar-se jamais no caminho cheio neve. O pára-brisa, tinha uma assombrosa visão noturna, dando ao condutor uma vista clara do exterior do mundo sem a traidora luz dos faróis. Era muito mais tecnológico do que ela queria. Sentia-se repentinamente como se a tivessem arrojado em uma zona crepuscular. Desequilibrando-a, fazendo que tudo ao seu redor parecesse um pouco surrealista.

-Roubou o Hummer? -Ela a esfregou os braços, nervosa enquanto combateu com a cautela que se arrastava em sua mente. Lhe jogou um olhar surpreendido.

-Não o roubei. Pedi-o emprestado. Havia um depósito do exército perto. O comandante a cargo permitiu seu uso para levá-lo onde precisasse ir. Não o manteremos muito tempo.

-Não é isso algo incomum? -Ela se girou, apoiando-se atrás contra a beira do assento para poder olhá-lo mais de perto. As luzes do tabuleiro de instrumentos se refletiram em uma expressão dura, primitiva. Ele não a olhou, embora ela não tinha nenhuma dúvida de que ele poderia dizer cada movimento que fazia. Ele se encolheu indolentemente enquanto empurrou o veículo mais rapidamente através da espessa neve.

-Não é normal, mas tampouco incomum exatamente. Estou inativo no momento, mas ainda sou parte dos serviços. Meu expediente fala por si mesmo e o comandante no depósito tinha ouvido falar de mim. Não havia risco ao emprestá-lo.

O silêncio desceu entre eles de novo. Fora, o mundo era uma manta branca, amontoando-se contra os grandes caminhões de dezoito rodas estacionados aqui e ali. Por sorte, parecia que a maioria das pessoas tinha prestado atenção às advertências sobre a tempestade de neve que se aproximava e não estavam nos caminhos. Até agora, não tinham passado a nenhum motorista estado parado.

-Por que está aqui? E que infernos desejás com minha filha? -Elizabeth não podia estar calada durante mais tempo.

Estava apanhada em uma tempestade de neve com um homem do qual não sabia nada e sem ter nenhuma idéia de que poderia confiar nele. Um homem duro, perigoso. Suas mãos estavam apertadas no volante.

-Não te menti, Elizabeth. Vim ajudar. Recebi a carta de Cassie no dia em que voltava para casa. Quando as cartas pararam de chegar fiz com que meu superior investigasse, ele se deteve brevemente durante um momento, respirando profundamente-. Eu pensei que algo tinha morrido dentro de mim quando ele disse o que pensava que tinha acontecido a ti e a Cassie. Perdi algo que não sabia que tinha. Quando chegou sua última carta, nada teria podido me manter longe.

Elizabeth ouviu a batida de dor em sua voz, uma fúria que a confundiu. Ela não sabia o que tinha escrito sua filha nas cartas. Cassie tinha jurado que ela não diria ao soldado o perigo em que estava, e Elizabeth não tinha o coração para evitar que lhe escrevesse. Estava em um dos estranhos períodos em que ela tinha conseguido conseguir que Cassie fosse à escola.

Ela tinha comprado expedientes ilegais, quase tinham passado incontáveis noites aterrada e movendo-se inquieta por medo de que Cassie pudesse ir a aulas de novo. Sua menina poderia ter assim certo tipo de normalidade enquanto que sua mãe lutava para tirá-las de todo perigo.

O professor tinha dado as crianças uma lista dos homens que não recebiam correio e lhes deu permissão para permitir que as crianças lhes escrevessem.

Cassie tinha estado excitada sobre o nome que escolheu.

-A fada diz que este, Mamãe-. Ela tinha riu nervosamente enquanto agitou o pedaço de papel com o nome e direção nela-. Ele tem um nome agradável, Mamãe. Aposto a que ele é um bom papai.

Ela estava fascinada com a idéia de bons papais. Os papais que não golpeavam a suas filhas, que não negociavam com os corpos de suas filhas e que não conseguiam ser assassinados diante de seus olhos.

A fada, Elizabeth não estava segura sobre ela. Cassie tinha estado falando da fada desde o assassinato de seu pai. Elizabeth nunca a incentivou a falar sobre isso. Nunca lhe perguntou. Da mesma forma como os elfos e os unicórnios e as outras fantasias que formavam parte da viva imaginação de Cassie. Elizabeth não tinha coração para desenganá-la.

-Você não nos deve sua vida, Sr. Sinclair-. Ela sacudiu sua cabeça ante esse pensamento-. Não penso que possa suportá-lo ser a causa de mais mortes-. Ele era um homem forte. Um homem resolvido. Mas igualmente tinha suas debilidades e uma bala não tinha em conta a nenhum homem.

-Devo-lhe mais que minha vida-. Ele finalmente deu de ombros-. Se renda, Elizabeth. Não vais ganhar nisto-. Elizabeth sacudiu sua cabeça.

Ela estava cansada, esgotada. Como poderia esperar combatê-lo quando sabia que o necessitavam tão desesperadamente? Ela agora vivia com nervos somente em vez de com uma mente clara e um corpo bem descansado. Não passaria muito mais tempo antes que ela incorresse em um equívoco e quando o fizesse, ela sabia que Grange ali estaria esperando.

Como tinha conseguido sua filha encontrar a alguém como Dash Sinclair para trocar cartas? Que instinto tinha dirigido à menina para escolher seu nome sobre todos os outros? Cassie disse que era sua fada. Elizabeth estava terrivelmente assustada de que ele fora só outra brincadeira cruel do destino.

-Ela gritou durante uma semana depois de que lhe proibisse escrever mais -Ela finalmente disse resignadamente-. Não sabia que ela te tinha enviado essa última carta. Não sei quando encontrou o momento para fazê-lo.

-Foi uma boa coisa para ti que ela o fizesse -Ele grunhiu, embora ele ainda não a tinha olhado-. Se ela não o tivesse feito, estaria em uma confusão infernal agora-. Ela estava já em uma confusão infernal, embora ela se reprimiu de assinalar isso.

A neve era mais grossa e ela não desejou distraí-lo, não queria que ele se enfurecesse e que perdesse possivelmente o controle do veículo. Ainda se moviam muito mais rapidamente do que ela pensava que era seguro.

-Se relaxe-. Ele estava confortavelmente sentado em seu próprio assento, agarrando o volante com confiança, seu corpo grande e magro estava relaxado-. É só uma pequena tempestade de neve.

Só uma pequena tempestade de neve? Ela refreou um bufado pouco feminino. Quase estava totalmente branco. Mas tão perigoso quanto ela sabia que era, não poderia ajudar a não ser admirar a energia abrupta e a beleza da tormenta. Encerrou-os dentro do Hummer, isolando-os do resto do mundo em uma intimidade que fazia secar sua boca.

-Deveria tentar tirar uma sesta-. Sua voz era tranqüila, profunda. Não havia nada perigoso ou ameaçador em seu tom. Acalmou sua mente uma vez que ela sabia que deveria estar também mais alerta.

A aspereza escura do veludo de sua voz a fazia desejar alcançá-lo, ser envolvida na força de seus braços, descansando em sua força. Ela estava cansada. Elizabeth tinha sabido durante semanas que ela se aproximava de um ponto onde seu corpo logo começaria a vacilar. O pensamento a tinha aterrorizado. O fato de que este homem grande, perigoso a animava repentinamente a que fizesse isso, imediatamente fez que ficasse nervosa como mulher, inclusive embora acalmou os medos que varriam freqüentemente sua mente.

-Mais adiante-. Ela não estava a ponto de ir dormir ainda. Não até que ela estivesse segura do que acontecia-. Aonde vamos de todos os modos?

-Um companheiro do exército possui um rancho através da linha de estado-, Lhe disse-. Permaneceremos ali alguns dias até que possa conseguir contatar com outro contato que tenho. Estou esperando ter a ti e a Cassie dentro de uma área segura em uma semana. Então decidiremos nossa melhor linha de conduta.

-Nós poderemos fazê-lo? -Lhe perguntou rebelde. Ela tinha a sensação de que ela não teria muita opinião em qualquer decisão que ele tomasse. Dash Sinclair não parecia um homem que compartilhasse qualquer coisa de bom grado, e menos ainda a responsabilidade.

Seus lábios se estiraram. Era atrativo. Pensou caindo em seu sistema como um raio. Deus querido, quanto tempo tinha passado desde que ela tinha notado algo sobre um homem com exceção de que era ou não um inimigo?

Esse pequeno sorriso era incrivelmente sensual. A forma de seus lábios lhe parecia erótica, fazendo-a maravilhar-se sobre como se sentiriam contra seus próprios lábios. E isso era algo no qual ela não deveria definitivamente pensar agora. Não enquanto que a vida de sua filha pendia de um fio. Não enquanto o homem que ela desejava pudesse ser amigo ou inimigo. Até que ela soubesse o que era, não tinha nenhum sentido permitir que seu corpo se esquentasse por ele.

-Poderemos -ele finalmente permitiu com um beira de diversão-. Enquanto as duas estejam seguras, depois pode ajudar a decidir-. Elizabeth pôs seus olhos em branco com as condições. Como se ela fosse aceitá-las. Mas ela não pôde parar o sorriso que atirou em seus próprios lábios.

-Agora não és agradável.

-Não tentava ser agradável-. Mas ele refreava um sorriso. Ela poderia vê-lo. Fez-lhe maravilhar-se sobre o que ele pareceria se sorrisse.

-Bem, não teria êxito, tampouco-. Suas pálpebras se inclinaram enquanto que ela relaxou contra o assento, mas não se fecharam.

Ela estava tão cansada. Quanto tempo tinha passado desde que ela tinha dormido? Desde que havia se sentido o bastante segura para fechar os olhos e permitir-se só algumas horas de descanso? Não desde a noite que ela tinha chegado junto a seu ex-marido para ver Cassie e tinha ouvido os sons de tiros.

Ela se estremeceu, abrindo os olhos e olhando fixamente desesperadamente fora do pára-brisa. Ela o veria sempre? A visão da janela da casa em frente ao lago de seu marido. Cassie lutando contra a presa de Terrance Grange enquanto ele apontava uma arma e disparava ao corpo de Dane.

Ele tinha rido quando Cassie gritou o nome de seu papai. Sua malvada cara marcada com uma cicatriz o tinha celebrado com uma intensa luxúria enquanto olhava fixamente sua filha. Uma menina. Ela se estremeceu, reprimindo sua raiva, acumulando-a em seu interior para evitar gritar de fúria.

Ela estava silenciosa, embora era consciente de que Dash lhe jogava uma olhada de vez em quando. Elizabeth saltou quando ele se moveu, depois respirou com um suspiro estrangulado quando ele mudou a rádio. Calmante, a música suave encheu o interior do Hummer, envolvendo-se ao redor dela, acalmando-a novamente dentro dessa existência próxima do sonho que ela sempre temia.

-Sonha, Elizabeth -ele sussurrou calmante-. Te despertarei quando chegamos o rancho. Prometo-lhe isso. Você e Cassie estão protegidas-. Segura. Cassie estava segura. Por agora. Isso era tudo o que importava.

-Temos que ocultá-la -ela suspirou, respirando profundamente enquanto sua cabeça se reclinava contra a parte posterior do assento, seus olhos finalmente se fecharam-. Ele não pode tocá-la, Dash. Não posso deixá-lo tocá-la...

CAPÍTULO 4

O amanhecer chegou antes que Dash estacionasse na parte posterior do pequeno motel apenas ao outro lado da fronteira de Kansas-Missouri. Estava absolutamente cansado e a neve tinha convertido as passadas horas em perigosas. Não havia maneira de que fizesse a difícil viagem ao rancho de Mike até que tivesse a oportunidade de descansar. Até que tivesse ocasião de apartar do intrigante aroma da mulher, da excitação e do sonho tímidos que avermelhavam sua pele.

Maldição, ela tinha parecido bonita, rígida no assento ao lado dele, sua cabeça se reclinava freqüentemente sobre o largo console entre eles. Uma vez, ele se tinha atrevido a tocar a seda de seu cabelo, deslizando seus dedos através dele e sentindo os cachos cavarem-se em seus dedos. Ela tinha o cabelo mais suave que tinha conhecido jamais, com cachos assombrosamente grossos retorcendo-se em espiral por suas costas. Um cabelo que fazia que um homem pensasse em sexo, selvagem e doce. Mas eclipsando a luxúria estava sua necessidade de protegê-la.

Ele desejou puxar a ela em seus braços, sustentá-la perto de seu peito e lhe assegurar que estava segura. Lhe prometer que protegeriam Cassie. Juntos. Lhe jurar a terra e lua se isso aliviava as sombras que freqüentemente tinha visto em seus olhos. Mas ele sabia que não poderia fazê-lo. Não poderia fazer essas promessas incluso se ela as aceitasse. O perigo, no momento, era muito alto. Tudo o que ele podia fazer era lutar com cada arma que conhecia para assegurar sua segurança. Ele sabia que ele tinha bastante experiência na luta como para fazê-lo. Mas primeiro,

era necessário dormir. Para descansar, pelo menos por hoje. Por sorte, no coração da cidade teria aberto algum lugar onde se serviria comida quente.

Uma parada rápida e teriam bastante para alimentar-se, a mulher e a menina. Ambas dormiam quando ele pediu e recolheu a comida. Depois, ele tinha parado e reabastecido o Hummer, com cuidado de tomar as chaves da ignição enquanto ele estava parado com a bomba do gás. Não lhe daria a oportunidade de fugir outra vez. Infernos, era o que ele teria feito em seu lugar.

Quando ele olhou atrás ao veículo, Cassie ainda dormia, mas sua mãe estava acordada. Não exatamente consciente... ela não tinha tido mais de duas horas de sono agitado... mas ela estava acordada.

Ele guardou o café que tinha comprado e guardado nos sacos na parte posterior até que ele foi ao motel, chegou e conduziu a seu lugar atribuído. Estava bastante longe do caminho principal que ocultava o Hummer e deu a Dash bastante confiança em que ele ouviria outro veículo se entrava dentro. Não é que muitos outros pudessem pilotar a leve ladeira que conduzia às habitações traseiras.

Ele não perdeu tempo com palavras. Desejava a comodidade do quarto, das notícias, e de um telefone prático. O móvel não era exatamente de confiança neste tempo. Ao sair do Hummer ele se moveu ao redor do veículo ao lado do passageiro, abriu a porta e levantou Cassie do assento enquanto que Elizabeth se movia rígida no ar glacial. A neve lhe chegava até meio caminho por cima de suas pernas, mas ela nunca demonstrou o óbvio mal-estar.

Ela caminhou penosamente atrás dele, tão silenciosa como ele o era, quando ele caminhou até a porta. Ele tomou o cartão, abriu-a cuidadosamente e depois entrou dentro. Ao dar-se volta, ele viu que o dia lentamente se limpava enquanto Elizabeth o passou rapidamente. Seguiu estando escuro e as previsões esperavam que a tormenta se reatasse com o dia. Infernos, eles tinham todo o tempo necessário para descansar de todos os modos antes de dirigir-se a casa de Mike.

Elizabeth acendeu as luzes enquanto ele fechava a porta e caminhou para a cama mais longínqua. Ele pôs Cassie nela lentamente, puxando a manta sobre ela enquanto sua mãe se movia junto a ela. Elizabeth tinha um pano úmido em sua mão. Ela o utilizou para limpar rapidamente as bochechas de Cassie com suas pequenas mãos. Um sorriso atirado em seus lábios em resposta maternal.

Tirou os sapatos de Cassie, depois a levantou brandamente e estirou das mantas sobre ela. Tudo foi feito muito eficientemente, muito economicamente. Dash sacudiu sua cabeça, dando volta longe da vista. Ele não entendia a mães. Mas infernos, ele nunca tinha tido uma. Ele tinha resultado muito bem, não?

Então ele pensou em Cassie. Ele parou no extremo da cama e se deu a volta para trás. Ele tinha sobrevivido porque era resistente. Forte. Maldição, não lhe desejava isso. Ele desejava ver a pequena doce, encantadora que tinha salvado sua vida com suas cartas. Ele desejava ver seu sorriso, ver sua segurança. Também a de sua mãe.

Sacudiu sua cabeça enquanto se voltou e se dirigiu de novo à porta e à tormenta. Ele tinha roupas e reposições para a mãe e a menina. Coisas que necessitariam. Tinha estado conduzindo as malditas coisas durante meses, do momento em que se deu conta de que cada vez que tinham sido encontradas tinham sido forçadas a irem-se despojando de tudo que possuíam exceto as roupas que levavam postas.

Minutos mais tarde, ele voltou a entrar no quarto, encontrando imediatamente a Elizabeth em uma posição defensiva diante de Cassie enquanto que a porta se abria. Ele deixou o grande contêiner de plástico no chão, depois se retirou. Quando voltou com sua própria bolsa e os mantimentos e o café, ela estava sentada no extremo da cama de Cassie, olhando a porta.

-Há vestidos, roupas e outras coisas aí-. Ele deixou as bolsas dos mantimentos de preparação rápida na pequena mesa-. Comprei coisas aqui e ali quando me dava conta de que tudo o que tinham era destruído em todas partes. Deve ter tudo o que necessita-. Ele viu que lhe devolvia o olhar enquanto jogou uma olhada à vasilha de plástico duro.

-Necessito uma ducha rápida-. Ele puxou seu revólver do serviço da bolsa pessoal que ele continuou seu ombro-. Se qualquer pessoa vier à porta, me deixe sabê-lo. Se não, há mantimentos e café nas bolsas. Em abundância e muitos para cada uma.

Ele não contava com uma resposta. Ele não conseguiu uma. Ela olhava fixamente para ele com esses grandes olhos tristes, tanto como os de Cassie, como se ela não pudesse decidir se ainda sonhava ou se estava acordada.

Dash quis abraçá-la. Ele não poderia deter essa necessidade estendendo-se em seu corpo, não a combateu, mas manteve seus braços, seus pensamentos, e sua necessidade para si mesmo. Tinha muita prática nisso. Sabia fazê-lo. Controle. Isso era tudo o que necessitava.

Mas esses olhos vazios o sacudiram e lhe fizeram algo que fez que seu ventre tremesse com uma dor tão desconhecida, tão imperativa, que era malditamente difícil de combater. Seus olhos foram até a arma enquanto ele estava parado ali. Uma labareda incontrolável de medo cintilava em seu olhar fixo. Ele não poderia culpá-la por isso. Mas ele a odiou.

-Estarei aqui em um momento-. Ele tinha que conseguir afastar-se dela. Se não ia tocá-la. E se a tocava, parar seria um inferno. E ele teria que parar. Agora não era o momento nem o lugar.

Ele acendeu a televisão enquanto passava... o ruído constante acalmaria os nervos, esperava... então se moveu ao quarto de banho. Se ele não conseguia uma ducha e não submetia sua própria libido, ia delirar rígido e enlouquecido. Seu membro tinha empreendido uma guerra constante contra sua cabeça. Estava duro, dolorido, necessitando-a. Só um pouco dela.

Maldição, o aroma da mulher tinha sido como uma chamada às armas para seu membro. Não tinha relaxado durante as desgraçadas horas de estar confinado no Hummer com ela. Seguia estando dura como o aço e insistente. Não era uma condição que ele encontrasse exatamente cômoda.

Não era como se Elizabeth o fosse aliviar em qualquer forma. E se ela o fazia, estava no lugar e no momento equivocados. Primeiro, estava a segurança de Cassie.

Depois ele poderia reclamar à mãe.

Ele sacudiu sua cabeça entrando no pequeno quarto de banho, fechando a porta atrás dele, deixando-a sem garantia. Ele olhou fixamente abaixo a fechadura e suspirou com fadiga. A confiança era uma cadela.

* * * * *

Elizabeth abriu a tampa no contêiner lentamente, ficando de joelhos e olhando fixamente o conteúdo com surpresa. As roupas eram todas novas. Algumas com etiquetas de grife, algumas não. Todas eram funcionais, seriam limpas facilmente e eram adequadas para uma menina de oito anos. Dentro do contêiner tinham empilhado roupas para ela também. Ela avermelhou enquanto tirava um par de objetos de renda do conteúdo cuidadosamente dobrado. Eram de seu tamanho, mas tão delicadas e atrativas que ela se teria ruborizado de levá-las postas.

Havia camisolas e trajes para ela e para Cassie, meias três-quartos e sapatos em suas caixas. Ela puxou de um vestido de menina azul marinho, pequeno e livre. Era largo, de algodão, com mangas e um pescoço de renda. Havia um casaco combinando. Vários pacotes de calcinhas de menina e de meias três-quartos, sem abrir. Depois, ela tirou os vestidos e os objetos de casaco que

ele tinha comprado para ela. Um sorriso curvou seus lábios. Eram de flanela e compridos, com um traje a conjunto. Algo para mantê-la quente. Com ele estava um par de grossas meias três-quartos acolchoadas. O homem se teria esquecido de algo?

Ela sacudiu sua cabeça com confusão, perguntando-se quando a realidade tinha deixado de existir. A partir de que momento ela tinha ido do terror puro a um sentimento de esperança tentativa. Certamente se ele fosse entregar a ela e a Cassie a Grange, ele o teria feito já. Mas poderia realmente confiar em seus próprios instintos?

Ficou em pé, ouvindo a água o conectar em cascata no outro quarto. Elizabeth trouxe firmemente. Deus, ela desejava confiar nele, mas o medo era como montar a cavalo do demônio sem piedade. A arma e o Hummer a levariam mais perto de seu próprio destino.

Ela olhou as roupas outra vez, tocou os suaves vestidos e desejou gritar de fúria. Não poderia confiar nele, não importava o desesperadamente que o desejasse. Não importava quanto gritasse sua alma em protesto, devia levar a Cassie longe desta nova e possivelmente desconhecida ameaça.

O som da ducha era ruidoso, as tubulações gemiam. Não tinha ouvido o ruído da fechadura e estava desesperada. Ela estava em pé e se moveu para a porta. Acalmar os tremores de esgotamento e os nervos que desejavam estremecer-se através de seu corpo não era fácil.

Odiou o pensamento de trair à única pessoa que poderia estar entre elas e seus inimigos, mas não poderia suportar o pensamento de equivocar-se de novo, com qualquer um. Assim, ela se aproximou da porta do quarto de banho, pensou nos outros nos quais tinha acreditado.

Obviamente, não tinha havido muitos. Estava o investigador de polícia no Arizona. Ela esperava que ele vivesse bem com a pouca rentabilidade que ele deveria ter tirado por revelar sua localização.

Por outra parte, ela lembrava muito bem o relatório de notícias da morte do mecânico de carros que as tinha ajudado em sua fuga depois de reparar seu carro. Ele estava morto. Devido a ela.

Sua mão agarrou o pomo, lhe dando volta lentamente, em silêncio. Não poderia tomar a arma na ducha com ele; teria que estar dentro de alcance. Ela avançou pouco a pouco abrindo a porta, lentamente, cuidadosamente...

Dash inclinou sua cabeça contra a parede da ducha, fazendo uma careta quase dolorosa. *Não, coração. Não, por favor.* As palavras sussurraram com sua mente enquanto que o aroma de Elizabeth revolveu o ar ao redor dele. Inclusive suas bolas se apertaram com o aroma.

Fêmea, sensualmente quente, resolvida e assustada. Seu medo fez o seu coração encher-se de dor. Seu calor fez que seu membro se movesse bruscamente demandantemente. Não havia nada sobre ela que não o pusesse quente e faminto. O vapor se agrupou em misteriosos filamentos, envolvendo o aroma dela ao redor de seus sentidos, conduzindo um golpe de fome através do abismo de seu estômago direito a sua ereção palpitante.

Ele poderia vê-la com o olho de sua mente, enfocado, endurecendo-se contra seu medo enquanto se movia na pequena habitação. A confiança era essencial, ele se lembrou firmemente. Ela tinha que saber que ele poderia protegê-las, que as protegeria. Devia saber que ele era o bastante forte, o bastante de confiança, inclusive podia pará-la se devia fazê-lo.

Mas uma vez que lhe enfrentasse, ele teria a força para não tocá-la? *Não o faça.*

Elizabeth. Ele apertou seus dentes enquanto que o leve sussurro de seu corpo passava o marco da porta e o fazia esticar espectador. *Por favor! Não me deixe te tocar!* Se o fazia, nunca pararia. Um só toque nunca poderia ser o bastante. Ela seria um banquete para seus sentidos, um banquete de delicadezas eróticas. Mas somente se ela confiasse nele. Somente se ela soubesse, além de qualquer sombra de dúvida que ele estava ali por ela e Cassie. Não por seus inimigos.

A confiança crescente era uma cadela, ele se lembrou. Melhor começá-lo e terminá-lo agora. Ele não poderia ajudá-la se tinha que proteger-se contra ela tanto como dos homens que a caçavam. Se ele pudesse passar esta quebra de onda inicial de desafio, então eles teriam uma possibilidade.

O desafio tentava ao animal que ele combatia a mantê-lo contido. O que sabia isto era seu companheiro. Sabia que esta mulher era tudo o que ele tinha procurado em toda sua vida. Mantê-la contida era uma batalha que ele sabia o erodiria rapidamente.

Já, às poucas horas de encontrá-la, havia pouco no qual ele pudesse pensar exceto em afundar-se no calor dentre suas coxas. Em afogar-se nas profundidades quentes de sua boceta enquanto ela se apertava ao redor dele. Nunca, em qualquer momento em sua vida, uma mulher o tinha afetado absolutamente desta maneira.

Ele seguiu seu movimento na habitação. Ele sentia a água quente cair sobre sua pele, cheirava seu aroma que estava mais perto, seguindo-o com cada sentido que possuía enquanto que ela se movia firmemente para a arma e as chaves que estavam na prateleira sobre a penteadeira.

Os passos dela eram cautelosos. Maldição, ela seria uma companheira perfeita. O pensamento o eletrizou, mas se deu conta da verdade disso imediatamente. Ela era cautelosa e constante, resolvida em sua linha de conduta e de não emitir quase nenhum som enquanto ia até a arma.

Ela lutaria ao lado dele, sem importar a batalha, física ou emocional. Se seu coração o fora crédulo, então seria tão feroz como qualquer loba. Ela era um pacote de dinamite; destrutivo para o inimigo e capaz de dar a vida por aqueles aos que amava.

Mas agora, até que ela soubesse se ele era amigo ou inimigo, suspeitaria sempre que era um inimigo primeiro. Desafiaria-o sempre. E ele não poderia permiti-lo. Ele lhe deu apenas bastante tempo para sentir a vitória. Só o tempo suficiente para lhe permitir que seus dedos sussurrassem uma carícia sobre o pomo da arma antes de mover-se.

A cortina de ducha voou para trás e ele saiu fora da banheira, com a água caindo enquanto ele a agarrava pelos ombros, empurrando a à porta então fechada e ancorando-a contra ela. O movimento foi realizado em um segundo, com apenas um som sussurrante, embora ele tinha esperado que ela o combatesse.

Ela não gritou. Maldita fora no inferno, ela inclusive não gritou. Só uma respiração do ar perturbou o silêncio enquanto soava seu grito de assombro, contido rapidamente para dentro, sussurrado mais à frente seus lábios e seus olhos olharam fixamente para ele com medo e surpresa um segundo antes de si se levantasse e caísse frouxamente.

Dash apenas teve uma segunda advertência antes que ele pudesse bloquear o golpe na virilha. Uma parte dele admirou a velocidade e eficácia de seu movimento enquanto que a outra parte foi surpreendida por seu atrevimento.

Uma coxa pressionou dura e firmemente entre as suas, elevando-a sobre as pontas dos pés, apertando-se contra a almofada suave, quente de seu sexo. Sua resposta foi instantânea, embora menos que a recepção dela, ele poderia dizê-lo. Ela se apertou contra ele, movendo-se apanhada pela presa que ele tirou de suas munhecas quando ele as apanhou atrás de sua cabeça com uma mão, arqueando seus peitos contra seu peito, esfregando seu joelho contra seu calor.

A luxúria golpeava através de seu sistema com cada golpe duro de seu coração, despojando-o da capa de civilização que ele mantinha ao redor dele, tentando à fome que roia em seu entreperna.

-Quieta, maldição. Não vou fazer te mal -ele grunhiu enquanto ela se retorcia contra ele, apesar do fato de que ela não ganhava nenhum progresso na luta. Estava assustada. Ele poderia ouvi-la em sua áspera respiração, na luta por reter os soluços.

Ela tinha aproveitado uma ocasião e agora temia o castigo que ele exigiria. Mas ele tomaria cuidado de não feri-la. Ele a refreou, controlando a luta, mas ele sabia que ele não se iria tanto como a marca mais leve contra sua pele. A pele contundida e ferida já por tantos duros golpes.

Ele pressionou contra ela, sustentando-a contra a porta quando ele a olhou fixamente para baixo silenciosamente, sentindo seu suave montículo de seu ventre e seu membro raivar. E ela não tinha ignorado o impacto da carne dura como o aço que se pressionava contra ela. Isso ou a necessidade irresistível que ele permitiu que visse brilhar em seus olhos.

Uma mão se enroscou através de seu cabelo, inclinando sua cabeça para trás. Sua cabeça baixou lentamente quando ele a olhou fixamente, olhando seus olhos dilatarem-se, sua pele até então alarmanamente pálida ruborizar-se.

-Quando te deixar ir -ele permitiu estender o grunhido em seu peito ao eco de suas palavras - Se fosse você, daria a volta a esse doce traseiro e o colocaria novamente dentro do dormitório com Cassie. Se vacilas, embora seja por um segundo, se ambos vacilarmos, depois vou te foder tão duro e profundo contra esta porta que nunca conseguirás ocultar seus gritos de prazer dessa menina que dorme no outro quarto. Entende-me, Elizabeth?

Seu controle era uma coisa frágil agora. A única coisa que acalmava a fome por prová-la e lhe separar os lábios era o conhecimento de que Cassie dormia somente a pouca distância longe deles. O fato de que se ele a provasse, necessitaria mais. Sempre mais.

Seus olhos se exageraram mais ainda, obscurecendo o azul com surpresa, com assombro. E o que era mais estranho, também com uma labareda de paixão. Por sorte, ela cabeceou rapidamente, mas nada poderia acalmar o fato que seus peitos cheios estavam arrepiados e que caíam agudamente contra seu peito. E seus mamilos eram duros. Malditos fossem no inferno, eram duros como pequenos calhaus, arranhando através de seu peito úmido enquanto pontas de chamas se chamuscavam debaixo da coberta de sua camisa.

Ele moveu a mão desde seu cabelo, agarrando suas munhecas individualmente. Antes que ela pudesse opor-se, ele envolveu os dedos de uma de suas pequenas mãos ao redor da circunferência de seu membro. Não tinham nenhuma esperança de circundá-la completamente. Ela os deixava pequenos, delicados... deus, mãos suaves. Seu gemido foi sufocado, um som do prazer o agonizante.

-Nunca -ele grunhiu desesperadamente-. Nunca, Elizabeth, tente isto em mim outra vez a menos que esteja preparada para aceitar as consequências. Porque da próxima vez, prometo-te, não te deixarei ir.

Ele se separou dela rapidamente, seu coração quase estalava em seu peito pela breve vacilação de seus dedos em sua ereção quando ele a deixou. Então lhe arrebatou sua mão, levando-a a seu peito, olhando fixamente para ele, seus lábios estavam separados, assustada com o conhecimento que obscurecia seus olhos mais ainda.

-Saia. Agora-. Ele apertou seus punhos. Combateu sua fome.

Ela ofegou. Em um segundo se deu a volta, procurando ao tato o pomo da porta e fugiu da pequena habitação enquanto Dash jogou sua cabeça para trás e gemeu contra a fúria estendendo-se em seu entreperna. Maldita fora no inferno. Ele estava morto de fome por seu sabor. Ele entrou novamente dentro da ducha, fechou de repente a cortina e se pôs bruscamente sob a água fria Filho da puta. Isto de estar duro o mataria.

CAPÍTULO 5

Ela deveria partir, fugir. Elizabeth caminhou pelo quarto de motel, seu corpo se estremecia com os tremores travessos, de pulsações que atormentaram no vazio entre suas coxas. Deveria ter pego a Cassie e ter partido. Com ou sem tormenta. Ela tinha muitas coisas na cabeça de uma maneira que ela temia que estava segura de que a afogaria.

Ela inclusive não lhe conhecia. O pensamento abrasou seus sentidos enquanto se derrubava em uma das duas cadeiras junto a mesa. Ela não sabia nada exceto pelas curtas cartas, secretas que lhe tinha enviado a sua filha durante um ano. Às vezes era gracioso, mas sempre com um humor seco, irônico que fazia a Elizabeth sacudir sua cabeça. Embora a Cassie tinham gostado. Ela ria nervosamente e dizia que Dash tinha problemas para contar contos, que teria que lhe dar tempo e lhe ensinaria. E possivelmente de algum jeito, o fazia. Nos últimos meses em que Dash tinha escrito a Cassie, lhe explicou as coisas mais singulares. Como eram os aromas do deserto diferentes aos do lar. O som de um helicóptero. As noites solitárias, frias nas montanhas de uma terra que Cassie nunca conheceria provavelmente. Pequenas coisas. Mas expressas não exatamente da maneira em que outros homens as diriam.

Pelo menos, nenhum dos homens que Elizabeth tivesse conhecido antes ou após.

Ela olhou fixamente em cima da televisão. Os apresentadores dos jornais cobriam de novo a história do descobrimento assombroso das castas felinas. Os homens e as mulheres que tinham aparecido eram as maravilhas do mundo neste momento. Os informes de notícias haviam coberto vários resgates de outras castas, algumas castas do lobo, mas sobretudo castas felinas. Agora somavam centenas, seis meses depois do primeiro momento.

Surpreendente. Elizabeth sacudiu sua cabeça. A crueldade do homem sempre a surpreendia. Tinham sido criados, treinados, depois procurados como se seu DNA os fizesse nada mais que os animais com os quais estavam geneticamente relacionados. Como um safári moderno do dia, o insolidário da brutalidade ou do horror perpetrado, o conselho de genética tinha feito tudo para destruir suas criações quando não poderiam controlá-las.

Ainda, de algum jeito, em vez de transformando-se em selvagens que era obviamente uma parte de seu DNA, as castas em lugar disso tinham mantido uma honra, uma força, que lhes tinha ajudado a sobreviver às crueldades.

Elizabeth os invejava de muitas maneiras. Inclusive as fêmeas eram fortes, resistentes, treinadas para lutar e serem capazes de proteger-se. Faziam-lhe sentir-se insignificante, cheia de carências, e ela odiava essa sensação. Odiava saber suas próprias culpas, suas próprias debilidades. Ela odiava o fato de que não desejava nada mais que sentir os braços de Dash ao redor dela outra vez, durante só alguns selvagens momentos, esquecer-se dos perigos e da dor e ser uma mulher de novo.

Ela suspirou com fadiga e puxou uma taça de café só quente de uma das bolsas. Havia uma cauda ali também. As outras bolsas continham comida. As duas maiores continham cinco pratos de café da manhã de styrofoam. As menores continham uma grande variedade de bolachas. Mas ela imaginava que um homem tão grande poderia comer muita comida.

Seu estômago retumbou iniludível e ela sacudiu sua cabeça ante a sincronização. Ela precisava pensar. Para fugir. Não dar-se conta de que o aroma da comida a tentava tanto que se centrou mais nele que em sua fuga.

Mas não era tão atrativo como o que ela tinha sustentado em suas mãos momentos antes. Elizabeth sentiu o calor encher seu corpo inteiro; o rubor no qual ela se assegurou que era

vergonha. O calor líquido se reuniu em sua vagina, derramando-se sedosamente ao longo dos lábios inchados de sua boceta. Sua resposta a ele tinha sido tão forte, tão espantosa, como um raio.

Ela sorveu o café, seus olhos se fecharam pelo prazer do gosto, depois tirou fora um dos pratos e de uma vasilha plástica. Bem. Ela não poderia pensar enquanto estava morta de fome. E tinha que pensar. Dash Sinclair ia ser mais problema do que ela tinha antecipado jamais. Ele poderia possivelmente ser mais homem do que ela tinha encontrado nunca.

Deus. Ele era definitivamente muito homem. Grossa e dura, sua ereção a tinha impressionado com seu tamanho. Mas seu corpo em geral a tinha impressionado. A escura carne bronzeada se estirava e se ondulava sobre o músculo duro. Isto não era embaraçoso, ou falta de graça o músculo obscenamente protuberante, mas bem era fibroso, forte, enchendo cada polegada de seu corpo e brilhando sob a pele com uma aura de poder intenso. Como um animal, bem afiado, condicionado e usado na batalha dura e intensa.

Ela tragou os esponjosos ovos e acabou rapidamente com o café da manhã antes de voltar-se de novo à televisão. Era uma boa coisa que tivesse comido antes de olhar as notícias, porque o que viu lhe teria revoltado facilmente a comida. Mostravam a cara da vítima, se as pessoas desejavam chamá-lo vítima.

Elizabeth se incorporou rígida, olhando fixamente com surpresa a imagem na tela. Ela o conhecia. Era o mesmo bastardo que tinha tentado emboscar a ela e a Cassie em seu apartamento no dia anterior. Ele já não emboscaria a ninguém.

Encontraram-no no porão, com a garganta cortada. O locutor chamou de um golpe profissional, altamente perito. Ele ainda levava seu dinheiro. O anel de diamantes em sua mão. Seus cartões de crédito.

Sua identidade foi dada, assim como os antecedentes penais e a informação das autorizações para sua detenção. Ela tremeu, apenas consciente de que a ducha se desligou e de que a porta do quarto de banho se abriu.

Uma lembrança cintilou de forma repentina e lhe fez voltar seu olhar fixo ao Dash. Ao lado da arma tinha estado uma faca larga, curvada, forrada. O punho largo lhe tinha parecido imponente. Agora sabia por que.

Ele parou, olhando atrás dela sombriamente enquanto ela o olhou fixamente com surpresa. Pela primeira vez ela advertiu que a confiança em Dash não estava colocada tão mau como ela tinha temido que o estivesse. Ele parecia ser uma máquina bem-engraxada de luta porque isso era exatamente o que ele era.

-Você o matou -ela sussurrou, olhando-o com assombro. Ninguém que tinha ido contra os homens do Grange tinha tido êxito. Ou os compravam ou eram assassinados, segundo o dispensáveis que seus homens os considerassem.

Dash nem tinha sido comprado, nem machucado. Ele os tinha matado em vez disso. Seus amplos ombros, cintilavam imóveis com a umidade, e se encolheram negligentemente. Ele usava cuecas suaves e meias três-quartos brancas, mas nada mais. Em uma mão levava as roupas que tinha usado no quarto de banho, na outra levava a pistoleira da arma e a faca. Seus olhos foram à televisão, estreitando-se ante o relatório enquanto o repórter falava com a câmara.

-Demoraram bastante tempo em divulgá-lo -ele grunhiu enquanto que caminhava para a cama onde ele tinha deixado sua bolsa de couro. Ele tirou uma bolsa plástica negra, armazenando suas roupas sujas depois as reembalou. Os braços foram colocadas debaixo de seu travesseiro.

-Você o matou -ela repetiu, com cuidado de manter sua voz baixa no caso de que Cassie despertasse. Dash deu a volta de novo a ela. Não havia pesar em seu olhar fixo, nenhum sentimento de remorso ou lástima.

Seu olhar fixo era constante, embora levemente zombador, como se ele não entendesse sua surpresa.

-Ele era um animal doente, Elizabeth -ele disse com um ar distinto de despreocupação-. Ele te esperava, seguro de que voltaria, e disposto a te fazer pagar e a levar a Cassie longe. Qualquer pessoa que tente te fazer mal morrerá igualmente rápido—. O silêncio encheu a habitação.

Elizabeth poderia olhar fixamente somente ele enquanto ele se movia longe da cama, tomando a outra cadeira e tirando dois dos pratos assim como a xícara passada de café.

-Precisa tomar uma ducha e dormir o resto do dia. Agora mesmo, viajaremos de noite. Se esta tempestade de neve acabou, então dirigiremos a um rancho nos subúrbios da cidade. Lutei com Mike no estrangeiro. Ele é de confiança, e pode me pôr em contato com alguma pessoa que possa nos ajudar.

Elizabeth sacudiu a sua cabeça, perguntando-se na névoa como um sonho que parecia encher sua mente. Ele falava como se não o tivessem forçado a matar a um homem devido a ela e a Cassie. Como se sua vida nunca tinha estado em perigo e ele não tivesse feito nada fora do comum.

Ela poderia sentir seu coração competir com o conhecimento, sua mente revolvendo para aceitar o que ele tinha feito. Ninguém tinha podido estar parado contra os idiotas de Grange antes. Caíam sempre, de uma forma ou de outra. Mas aqui estava Dash sentado, notavelmente despreocupado sobre o perigo implicado. É obvio ele não foi descrito.

Ela piscou com receio. Ele era mais forte do que eles eram, mais resistente e mais preparado e evidentemente um inferno de muito mais resolvido. Pela primeira vez ela advertiu apenas quão interessado ele estava na proteção dela e Cassie.

Ele jogou uma olhada a Cassie, um cenho ligeiro enrugava sua testa enquanto seus pequenos bufos de sono enchiam a habitação. Depois de seu olhar fixo, Elizabeth olhou como a menina se movia debaixo da manta, um pequeno sorriso curvava seus lábios, suas pernas que estiravam como se jogasse.

-Ela parece como um cachorrinho quando dorme-. Elizabeth sacudiu sua cabeça, tentando aceitar as mudanças que ocorriam tão rapidamente-. Sempre faz isso. Pelo menos sei que ela está dormindo, não sonhando, quando o faz.

Ela sacudiu sua cabeça. Cassie tinha pesadelos. Às vezes, não poderia dormir bem durante dias. Agora, estava estirada debaixo das mantas, seu pequeno corpo estava relaxado e confortável. Seu cabelo escuro emoldurava seus rasgos adormecidos e ruborizados enquanto ela respirava brandamente, uniformemente. Não. Agora não havia pesadelos.

-Queria que despertasse. Precisa comer e tomar banho, depois pode dormir até que saíamos esta noite. Quero-te alerta e enfocada.

Elizabeth se voltou, a cólera então entrou em erupção através de seu sistema. Protetor ou não, ela não pensava permitir que ele arruinasse o único verdadeiro sono que Cassie tinha conhecido em semanas.

-Tem a menor idéia de quanto tempo faz que ela não está tão dormida? -Ela assobiou. Não penso em despertá-la-. Ele suspirou profundamente. Não havia cólera só determinação.

-Se não a acordadas, e a deixa dormir durante um momento, então dormirá enquanto nós estamos acordados e estará dormida quando todos precisamos estar em nossa melhor forma. Ou ainda pior, também pode estar malditamente cansada para agüentar conosco, ou mover-se se tiver que fazê-lo. Temos somente algumas noites para conseguir estarmos preparados para a viagem que esperamos fazer depois. Agora a desperta ou o farei eu-. Seu olhar era fixo, ordenando.

-Não pode tomar estas decisões sem falar comigo primeiro, Sinclair-. Ela se sacudia com a fúria quase fora de qualquer controle-. Ela é minha filha. E não permitirei que a tire de um sono

perfeitamente são só porque você o diz. E pode estar seguro como o inferno de não fazer mais viagens surpresa com ela sem me deixar saber o que está acontecendo primeiro.

Seus punhos estavam apertados com sua cólera enquanto ela olhava fixamente para ele. Ele a olhou com frieza, determinando com seu olhar fixo, como se ela fosse um pequeno inseto divertido sob inspeção no momento.

-Esta noite, com um pouco de sorte, dirigiremos-nos ao rancho de Mike Toler, nos subúrbios da cidade -ele repetiu, então disse surpreendendo-a mais ainda. -Mike é um ex-agente da CIA e tem certos contatos e informação que necessito sobre uma possível casa segura na Virginia. Até que eu descubra se essa casa está disponível para mim, não desejo dizer mais. Mike nos protegerá enquanto o necessitemos, mas desejo somente permanecer um dia ou assim. O tempo suficiente para aclimar a Cassie a mim, e para lhe dar tempo de descansar. Depois. Então iremos. Satisfeita? - Ela apertou seus lábios. Ele não era zombador ou sarcástico. Ele parecia perfeitamente sério.

-Deixa dormir a Cassie um pouco mais tempo Ela indicou firmemente. Outra hora. Ela é só uma menina, Dash. Necessita-o-. Ela então se moveu ao redor dele, para ir de novo à cama de Cassie, até que a dor em sua coxa se intensificou repentinamente, lhe fazendo tropeçar enquanto se forçou a não gritar com a dor impactante da agonia através do músculo.

Sabia, foi seu seguinte pensamento, isso era por mover-se sem pensá-lo primeiro. A dor da ferida superficial tinha estado crescendo constantemente e tinha a sensação de que ia lhe trazer problemas. Agora, a havia devolvido contra o corpo do Dash quando ele a agarrou contra seu peito, então a fez girar em seus braços.

Ela ofegou. Seu peito estava tão quente, tão firme, como o tinha estado no quarto de banho. Seus braços se dobraram sob suas costas e coxas, músculos que ondulavam com força quando ele andou com passo majestoso ao mostrador da pia através da habitação.

-Esqueci-me de sua perna-. Um tom de desgosto consigo mesmo encheu sua voz-. Deveria me haver encarregado disso em primeiro lugar-. Ele a sentou no mostrador antes que ela inclusive tivesse a ocasião de passar a ser manipulada a estar em seus braços.

-Esteja quieta -ele grunhiu, lhe dando um olhar duro, feroz. Ela permaneceu imóvel. Mas o olhou enquanto foi de novo à cama, tirou uma pequena bolsa da sua maior depois levantou uma das cadeiras e levou ambos de novo a ela-. Vamos comprovar primeiro o lado -ele anunciou-. Sei que te cortou ao te bambolear fora dessa janela-. Ela o olhou com surpresa-. Um pedaço de sua camisa pendurava nessa janela rota-, ele disse-. Havia sangue nela-. Ele precisou o rasgão enquanto que ele começou a levantar sua camisa.

Elizabeth tentou inalar profundamente, naturalmente, quando seus dedos sondaram a área branda levemente.

-Não é muito mau -ele murmurou-. Quando sair da ducha poremos um pouco de anti-séptico e o enfaixaremos-. Ela cabeceou silenciosamente enquanto ele baixou sua camisa outra vez e depois a olhou espectador-. Vou pôr-lhe no chão. Te tire as calças jeans para que possa comprovar essa perna-. Elizabeth piscou-. Tiram-se suas calças jeans?

-Não -Ela ficou rígida roucamente. A ferida estava muito acima em sua coxa, várias polegadas sobre seu joelho e ao lado. Não havia forma em inferno...

-Não faça que lhe os arranque, Elizabeth-. Ele suspirou, baixando o olhar-. Estamos cansados e ambos devemos dominar nossos gênios. Se não cuidar disto poderia infeccionar-se e então não teria possibilidade alguma de ajudar a Cassie. É isso o que deseja? -Seus olhos estavam entreabertos.

-Isso é jogar sujo -Ela assobiou. Sua expressão se fez mais belicosa.

-Essa é a verdade. Agora te tire as calças jeans, antes que eu lhe os tire por ti-. Suas mãos foram para o fecho. Ela lhe deu uma palmada para, quase rindo do olhar de surpresa que mostrou

sua cara. Seus olhos se entreabriram, as profundidades de marrom dourado escuras brilharam com determinação.

-Bem -Ela murmurou, fazendo-os escorregar, agradecendo que sua camiseta fora pelo menos o suficientemente longa para cobrir o que era o mais importante-. Embora, estou começando a pensar que é muito mandão-. Ele grunhiu. Não disse nenhuma palavra, mas o som mostrou uma grande abundância de superioridade masculina. Ela lhe lançou um olhar ressentido enquanto baixou as calças jeans abaixo, mordendo-se seu lábio quando o material raspou sobre a ferida.

-Para cima-. Ele agarrou seus quadris e a levantou de novo ao mostrador; as calças jeans ainda penduravam em seus joelhos-. Esqueceu-se de seus sapatos?-Elizabeth se esqueceu de sua prudência. Ele levantou seu pé, apoiando-o em sua coxa e desabotoando a barata sapatilha de esporte cuidadosamente.

Seu cabelo longo caiu para frente, os filamentos ásperos, úmidos acariciaram a parte superior de seu joelho enquanto lhe tirou o sapato. Ele mudou de lugar para o seguinte, seu cabelo que esfregava ligeiramente a pele sobre seu outro joelho quando ele o tirou também.

Seu corpo inteiro avermelhou. Algum homem a tinha afetado alguma vez tão profundamente? Algum lhe tinha feito jamais desejar tocá-lo, só para esfregar ligeiramente sua carne e deleitar-se com a sensação? Enquanto que o último sapato caía ao chão, suas mãos... mãos assombrosamente suaves... tiraram o material de suas pernas, puxando-o, seus olhos olhavam os seus enquanto ele a despia. O calor que ela viu que arrebatou a respiração. Fez com que seus olhos se acendessem e parecessem mel quase ambarino em vez de escuro. Suas altas maçãs do rosto estavam avermelhadas, seus lábios pesados com sensualidade.

-Não deveria necessitar pontos -ele sussurrou roucamente enquanto comprovou a linha de carne crua-. Foi afortunada, coração-. Suas palavras carinhosas enviaram um raio de calor vibrando através de sua vagina e sua matriz. Ele abriu o kit de primeiros socorros e tomou vários itens, embora ela não tinha nenhuma idéia do que eram-. Isto doerá -ele sussurrou e ela viu seus olhos arderem com fúria ante o pensamento-. Preciso desinfetá-la, depois a cobrirei para que possas te banhar-. Sua cara, sua expressão adorou. Era selvagem, tão cheia de fome que lhe tirou a respiração e quase fez que esquecesse a dor em sua perna.

-Limpei-a. No restaurante -Ela disse nervosa, remetendo seu cabelo atrás de seu ouvido antes de agarrar a beira do balcão desesperadamente. -Não é muito mau. Parou de sangrar-. Ele trocou de lugar em sua cadeira, suas amplas mãos sondavam na ferida enquanto ela fechava fortemente seus dentes ante a sensação de seus dedos contra sua pele. Eram tão quentes, e suaves.

-Matei a esse bastardo só por isso -ele sussurrou horivelmente, causando que seu coração saltasse em seu peito-. E o faria outra vez, Elizabeth-. Ele levantou seu olhar fixo, olhando-a de perto-. Não importa quem sejam. Matarei-lhes antes de permitir que lhe façam mal ou a Cassie outra vez-. Ele lhe jogou uma olhada a sua perna antes de deslizar-se a seus pés.

Ela tentou ignorar o roce do tecido grosso e suave de suas calças. Ela realmente o fez. Mas ele era enorme. Embora não fez caso de sua própria paixão. Tirando uma garrafa de anti-séptico do kit, umedeceu um quadrado grande de gaze antes de voltar-se de novo a ela. Seus olhos estavam cheios de dor.

-Odeio ver-te ferida, Elizabeth -ele sussurrou-. Não posso suportá-lo-. Ela o deveria ter tranquilizado. Deveria-lhe haver dito que o tinha empapado ela mesma com álcool no restaurante se não a tivesse surpreendido com seu último discurso.

Seus lábios cobriram os seus enquanto ele punha a gaze em sua perna. Um raio ardente de dor se estendeu através de sua carne enquanto seus lábios tragaram seu grito, depois foram substituídos por tal sensação assombrosa que ela desejou choramingar em troca. Ele lambeu os lábios. Não roubou seu beijo. Não tomou. Ele o enrolou ela. Sua língua passou sobre as curvas,

pressionando brandamente nas comissuras, lambendo-a asperamente até que ela abriu os lábios e lhe permitiu a entrada.

Ele grunhiu? Um som curto, áspero que se repetiu em seu peito enquanto sua mão caía longe da gaze e ambos os braços foram ao redor dela, puxando-a contra ele, seus lábios se inclinavam sobre os seus enquanto ele começou a alimentar-se de sua boca. Não havia outra maneira de descrevê-lo.

Seu membro era uma longitude de aço quente que pressionava contra seu sexo repentinamente quando ele a beijou. Esse conhecimento foi a seus clitoris, fazendo seu corpo umedecer-se, fazendo que uma capa de nata feminina saísse de sua vagina e saturasse suas calcinhas. Ele tinha que senti-lo, até através do tecido de suas calças, devia saber que ela estava molhada, que seu corpo estava selvagem por seu toque.

Ele mordiscou em seus lábios, sua língua passou fortemente além deles para conquistar sua boca quente, enlevadas lambidas e impulsos. Ele se atreveu a devolver cada carícia. Desafiando-a à fazê-las tão boas como as que ele lhe dava. E Elizabeth estava desamparada contra o impacto devastador.

Seu beijo sabia como a meia-noite, escura e profundamente, atemorizante, selvagem, mas com uma energia quase sedutora, ela estava perdida dentro dela. Seus peitos se incharam, doídos. Seus mamilos empurravam desejosamente contra o pano de sua camisa quando ele moveu seu peito nu contra eles.

Ele não se aproveitou de sua paixão. Não tentou forçar mais, embora Elizabeth se perguntava se ela teria tido a força de afastar-se longe dele.

Ele a sustentou contra ele, seus braços se contraíam ao redor dela, suas mãos esfregavam ligeiramente sobre suas costas enquanto sua língua aprendia cada secreto de sua boca e a impulsionava a devolver o favor. Era sedutor. Tempestuoso. Dava e tomava em silêncio, com somente o som duro de sua respiração perturbando o ar ao redor deles enquanto a beijava com uma fome ultrapassada somente, possivelmente, pelo seu próprio. Seu sabor somente a conduziu a procurar mais, a fez sentir-se ambiciosa por cada movimento de sua língua ao longo da sua.

Ela esfregou as mãos ligeiramente sobre seus ombros, seu cabelo, no fogo por sentir tanto de seu corpo como este momento roubado em tempo lhe permitisse. Quanto tempo fazia que um homem a havia tocado pela última vez? Quantas noites ela tinha estado sonhando acordada com este homem? Pressentindo-o vir a ela, sussurrando sua necessidade dela, sua fome, lhe oferecendo sua força e seu calor. Ela desfrutava dele agora. Estirou-se em seus braços, esfregando-se contra ele, sentindo seu calor filtrar-se em sua pele, esquentando a frieza que a tinha enchido durante tanto tempo. Eram ambos os que lutavam por respirar em minutos. Os corpos se apertaram para conseguir estar mais perto, o ar se encheu com uma luxúria primitiva que Elizabeth não tinha nenhuma idéia de como combater.

Ela podia somente arquear-se mais perto dele, sentir a dor em seus peitos pelo tato de suas amplas mãos, o pulso em seu sexo pelo grosso de seu membro. Saber que estava viva. Final e irrevogavelmente viva e durante um momento em tempo, um homem não tinha nenhum outro pensamento em sua cabeça que tocá-la. Sustentá-la...

-Mamãe. Mamãe, onde está? -A voz assustada de Cassie caiu como gelo sobre ela enquanto Dash se movia longe dela, lutando por respirar enquanto se deu a volta, lutando obviamente por reprimir sua ereção em caso de que Cassie viesse ao quarto.

-Mamãe está aqui, Cassie-. Elizabeth se deslizou do mostrador, coxeando rapidamente ao redor da esquina para permitir que Cassie a visse. A menina estava sentada na cama, com seus olhos escuros refletiam medo enquanto ela agarrava o urso Teddy que Dash tinha posto ao lado dela.

-Estava sonhando? -Ela sussurrou, olhando ao redor do quarto, seus olhos estavam cheios de lágrimas-. Dash não veio, Mamãe? Não está ele aqui? Estava sonhando com ele outra vez?

-Cassie...

-Estou aqui, Cassie-. Sua voz era suave como veludo, baixa, Dash respondeu. Elizabeth se voltou para vê-lo vir da área escura, seu corpo estava obviamente sob controle enquanto ele caminhou a sua própria cama. Ele enviou a Cassie um olhar tranquilizador antes de tirar uma camiseta de sua bolsa e colocá-la.

O suave algodão cinza abraçou seu peito e abdômen duros, as mangas se estiraram sobre seus braços poderosos. Quando ele acabou, capturou o vestido e casaco da parte superior do contêiner aberto e os passou a Elizabeth. Avermelhada, Elizabeth agarrou a roupa longa diante dela enquanto olhou a sua filha. Cassie olhava fixamente a Dash, seus olhos estavam totalmente abertos, o assombro se refletia em sua expressão.

-OH, Dash, é realmente grande -ela riu nervosamente, seus lábios se curvaram em um sorriso brilhante, contenta enquanto ele se sentou abaixo a um lado de sua cama e a olhou curiosamente. Elizabeth olhou esta primeira reunião verdadeira cautelosamente. Cassie tinha tido sonhos de Dash vindo à resgatá-las. E embora ela admitia que se qualquer pessoa poderia salvá-las, era Dash, era ainda duro deixar ir o controle que ela tinha mantido sobre a situação até este ponto.

-Achas que sou muito grande? -Ele enrugou o cenho como si estivesse preocupado com a perspectiva -. Seria duro encolher-se a estas alturas, Cassie-. Um sorriso vivo se rompeu através da cara de Cassie e antes de Elizabeth ou de Dash pudessem adivinhar o que estava a ponto de fazer, ela voou de sua cama e saltou aos braços de Dash.

Elizabeth suspirou ante a velocidade de Cassie e seu atrevimento. Ela nunca havia confiado nos homens, incluso não havia desfrutado dos abraços de seu pai, mas agora ela se lançava até Dash. Ele a colheu contra seu peito num ato reflexivo, sua mirada fixa foi a Elizabeth com surpresa, seus olhos estavam cheios de uma emoção que ela não podia definir enquanto Cassie envolvia os braços ao redor de seu pescoço e plantava um ruidoso beijo em sua dura bochecha.

-Estou tão contente de que viesse, Dash -Cassie gritou contra seu pescoço-. Estava tão assustada. Tão assustada de que não pudesses nos encontrar. De estar equivocada e que tu realmente não viesses a ajudar-me e a minha mamãe. Mas você veio. Você há vindo, Dash-. O coração de Elizabeth se apertou quando os olhos de Dash se fecharam, sua expressão se contraía de emoção enquanto ele tragava com dificuldade.

-Sim, Cassie -ele sussurrou contra seu cabelo, segurando-a suavemente, segurando-a como seu pai nunca o havia feito. Confortavelmente. Com calor. Com cuidado-. Estou aqui, Cassie. Donde me proponho ficar.

Elizabeth suspirou pela declaração ao mesmo tempo em que seus olhos se abriram, as profundidades de ouro estavam endurecidas com a determinação. Ela tinha a sensação de que pode ser que tivesse uma ocasião para sobreviver aos perigos que a rodeavam com Dash em seu lado, mas agora o sabia, más além de qualquer sombra de dúvida, que ele não tinha nenhuma intenção de permitir que se escapassem. Ele acabava de estabelecer sua demanda.

-Vamos, Cassie, nós duas necessitamos tomar uma ducha-. Ela lutou para manter sua voz uniforme, e reprimir o tremor de nervos que ela podia sentir que se estendia através de seu corpo.

Pode ser que ele pensasse que havia feito sua demanda, ela pensou, e ela pode ser que agora o necessitasse mais do que havia necessitado jamais a ninguém em sua vida, mas ele aprenderia que ela não era tão fácil de conquistar como ele pensou que o era.

-Oh, Mamãe, deixa-me sentar com Dash-. Cassie se voltou de novo a ela, sua expressão era suplicante, com seus olhos abertos de par em par e apenada-. Serei boa. O prometo.

-Tu sempre és boa, céu -Elizabeth lhe assegurou, mantendo o tom de sua voz-. Só necessitas de um banho, e eu necessito uma ducha. Agora venha, para que possas comer e mirar talvez os desenhos durante um tempo-. Ela disse a sua filha, odiando tirar-lhe algo que ela desejava. Mas ela não podia... não... Confiar em Dash ainda.

-Mas, Mamãe... -Cassie choramingou.

-Agora, Cassidy Paige-. Ela utilizou seu nome completo, mantendo o tom de sua voz, distante. Rogando para que Cassie agora não elege-se desafiá-la. Ela não pensava que podia manejar a luta. Cassie suspirou profundamente enquanto se deslizou do colo de Dash.

-Tu não irás. Verdade? -Ela pediu com voz baixa.

-Te prometo-. Ele pôs sua mão contra seu peito, sua expressão era sombria-. Tenho uma razão para ficar aqui, esperar a minha companheira de histórias-. Cassie riu nervosamente enquanto Elizabeth se movia a bagagem e selecionava as roupas que Cassie necessitaria. A escova de dente, escova para o cabelo, o cabelo da menina necessitava um monte de pequenos e insignificantes, pero estimados artículos que foram levados dentro de um estojo de plástico claro grande que estava encima das roupas. Ela o colheu, agarrando sua roupa e vestido ante ela enquanto ela se moveu até atrás ao quarto de banho. Ela depositou seus olhos em Dash, em combate para protegê-la se preocupa baixo de controle. Ele a mirou, seus olhos de marrom dourado sérios e intensos. Firmes.

-No te esqueças de por uma atadura decente em tua perna-, ele lhe recordou quando ela alcançou a alcova-. Esse sabão queimarás como o... -Ele despejou sua garganta. -Como caramba—. Ele jogou uma olhada a Cassie. Elizabeth corou, mas cabeceou rapidamente antes de levar Cassie até a porta da sala de banho. Como Cassie, ela desejou perguntar a ele si ele estaria ali quando saíssem. Si ele prometeria não ir embora. De alguma maneira, ele devia haver lido seus medos. Mantendo sua mirada fixa travada com a sua, ele voltou sua mão a seu peito-. O prometo-. Ele articulou para si mesmo.

CAPÍTULO 6

Dash velou o sono de Elizabeth durante horas. Estava curvada ao redor do pequeno corpo de Cassie, protegendo-a, incluso enquanto quase estava inconsciente pelo esgotamento. Ambas haviam caído adormecidas durante a primeira hora de historinhas, e ele as deixou estar.

Infernos, ele já faria algo sobre o horário. Elizabeth estava certa, Cassie necessitava dormir, mas também sua mãe. A escuridão circundava os olhos de Elizabeth. Não se advertia enquanto ela estava acordada; o azul vivo, diferente do tom mais leve do de sua filha, atraía a atenção sobre suas feições pálidas, cansadas. Mas adormecida, ela parecia ferida.

Ele se sentou em sua cama mirando-a fixamente. Ele não podia ajudá-la. Ele a havia imaginado durante um ano. Tocado em seus sonhos; amado em suas fantasias. Que havia nela que havia necessitado somente as pequenas descrições de sua filha para encher sua mente? Ele não era um homem que acreditasse nos companheiros da alma. Havia épocas em que ele se perguntava si uma criação da ciência podia incluso ter uma alma.

Mas Elizabeth fazia que ele desejasse acreditar. E embora ele a mirou dormir, ele advertiu que acreditava. Ele acreditava mais do que ele havia acreditado jamais em nada. Mas também fez que advertisse com tristeza, o futuro agonizante que o aguardava si ele não fazia algo com respeito a Terrance Grange. Isso, e convencer a Elizabeth de que ela fosse sua. Que ele era o papai

que Cassie necessitava, o companheiro que ela ansiava. O que significava que ele teria trabalho a fazer.

Pegou o telefone e ligou para Mike. Dash havia lutado durante dois anos com Mike Toler nas montanhas do Afeganistão, buscando os grupos de terroristas ocultos dentro das covas nas montanhas e túneis subterrâneos.

Ele havia salvado o traseiro de Mike mais de uma vez, e sabia o calibre do homem que era. Mike agora era ex-agente da C.I.A., rancheiro, ainda que Dash sabia que todavia tinha bastantes contatos para conseguir uma linha para qualquer informação que necessitara. Havia algo de errado com a situação tal como ele a conhecia, Dash admitiu para si. Terrance Grange era um bastardo mau, e perverso, mas ele não arriscaria sua organização inteira por uma menina. Incluso uma que tivesse testemunhado um assassinato. Não até este grado. Ele esperaria. Esperaria até que Elizabeth fosse as autoridades, esperaria até que Cassie estivesse sob custódia protetora e em um lugar seguro que lhe permitisse a oportunidade de consegui-la. Não estaria fazendo a ela e a sua mãe fugir como animais. A situação se fazia mais complicada por dia e se fazia para Dash mais suspeitosa por momentos.

Ele havia suspeitado, depois só um mês de perseguição de Elizabeth e sua filha, que as complicações eram prováveis. Ele não havia sabido ao que ele fazia frente nesse então. Ele havia tentado aceitar que Grange era só um monstro obcecado, um animal que necessitava matar. O que era verdade numa grande porcentagem. Mas ainda, havia mais. Ele podia senti-lo nas profundidades de seu ventre.

Ele ligou para Mike quando a luz do dia passava a noite e o pior da nevasca havia passado, pelo menos bastante para permitir visibilidade no Hummer. Como ele esperava, Mike o esperava a ele.

-Venha já aqui -Mike lhe pediu energicamente-. Necessitas descansar enquanto sigo uma certa informação que está chegando. Teus instintos são corretos, Dash. Como de costume.

-Que tens descoberto? -Ele manteve sua voz baixa. Não desejou despertar a Elizabeth ou a Cassie.

-Grange es um bastardo sujo. E um perverso. Mas a idade das garotas como a pequena Cassidy não es sua preferência. Nem está gastando esta quantidade de dinheiro em seguir acabar com uma menina que estava provavelmente demasiado assustada também incluso para recordar quem matou a seu pai. Por agora, os detalhes que tenho são incompletos no melhor dos casos. Tentei entrar em contato com Kane Tyler para ti. Ele te estará esperando quando chegues ao rancho para uma transmissão segura. Traga seu traseiro aqui o quanto antes.

Ele colocou uma olhada até a janela. Não se iria até que estivesse escuro. Era muito mais fácil ocultar o feito de que ele levava a uma mulher e a uma menina no Hummer com ele depois de anoitecer.

-Esta noite-, ele lhe disse-. Nos espere em algum momento depois das oito. Imagino que conseguir que este pequeno cachorrinho ao qual Elizabeth chama de menina esteja pronta para ir levará um tempo. Ela tem mais energia creio que qualquer criança que havia visto alguma vez-. Ela havia saltado ao redor durante quase uma hora antes de derrubar-se na cama para mirar os desenhos.

-Sim, são como macacos selvagens nessa idade. Cuidado com ela, velho companheiro. Te verei esta noite.

Dash desligou o telefone, passando uma mão por seu rosto enquanto tentou unir os fragmentos de informação que tinha. Não havia muito.

Dane Colder havia sido um doutor proeminente na pequena cidade da Califórnia. Ele se havia casado com Elizabeth quando ela havia saído do instituto do ginásio. Dez anos mais velho

que ela, ele a havia cortejado durante meses antes de dar a ela um casamento elaborado. Um ano mais tarde Cassie havia sido concebida. Dois anos mais tarde, Elizabeth se havia divorciado do bastardo com os argumentos de incompatibilidade. Dash suspeitou outras razões.

Ela havia lutado contra as visitas, mas Colder havia estado determinado. Concederam-lhe uma semana um mês com a menina. A partir desse momento em diante depois de que os cargos por abuso tivessem sido lançados contra ele por Elizabeth, só para ser desestimados pelo tribunal por falta de provas pelo juiz. Colder havia tido muitas influências, e tinha a alguns amigos poderosos. Um ano antes de sua morte, ele havia se conectado com Grange por alguma razão desconhecida. Seis meses mais tarde Colder havia pedido a custódia de Cassie. Se rumorejava que ele a havia recebido si seu corpo não tivesse sido encontrado num sujo beco crivado por completo de balas.

Ainda que havia algo que faltava. Um pedaço de informação que Dash sabia permitiria que tudo finalmente encaixasse em seu lugar. Até que ele o tivesse, trabalharia para averiguá-lo, pelo menos até que conseguisse por suas mãos em Grange. Até então, devia de assegurar-se de que ninguém pudesse tocar a Elizabeth ou a sua filha jamais outra vez. O que significava que teria que se dirigir pronto e chegar ao rancho esta noite.

Pondo-se em pé, Dash colocou a roupa e os sapatos para a mãe e a filha antes de carregar rapidamente o Hummer. Então ele as despertou, esperando pacientemente enquanto Elizabeth ajudava ao torvelinho Cassie, escovando seus dentes e penteando a massa de cachos que caíam sobre sua cara.

Elizabeth não demorou tanto em estar pronta, mas tardou em cuidar de sua filha. Ela lhe jogou as calcinhas sexy e o sutiã negro que combinava uma larga mirada antes de recolhê-las expressiva e juntando-as as calças jeans, as meias e a blusa longa e grossa que ele havia deixado para ela.

Dash ocultou seu sorriso. Ela estava furiosa. Ele podia vê-lo em sua cara, senti-lo no ar ao redor dela. Ainda que ela não lhe fizesse frente com Cassie mirando-os. Ela teria cuidado de dar a menino cada apoio que ela estava disposta a dar com Dash. Desejava fazer o necessário para mantê-las protegidas.

Seu respeito só crescia por ela. Ela era uma mulher malditamente forte. Não muita gente, varão ou fêmea, podia agüentar seu gênio durante muito tempo. Ele a mirou desaparecer no quarto de banho, perguntando-se quanto tempo esperaria antes de bufar e enfrentar-se com ele e sobre as decisões que tomava. Decisões que não haviam passado por ela primeiro.

Cassie a olhou, também. Dash advertiu a expressão da menina enquanto sua mãe entrava no outro quarto. Era deliberada e cheia de manipulação brincalhona. Oh, ela ia a ser tremenda, seguro.

-As roupas de Mamãe são bonitas-. Cassie disse da cama ao lado dele enquanto que ele reabastecia a bolsa plástica pequena que Elizabeth havia posto suas roupas sujas dentro na bolsa que ele as levava-. As minhas o são, também.

Ela passou seus dedos debaixo da manga cinza suave de veludo de sua camisa, então mirou abaixo a suas botas novas. Era obvio que ela gozava genuinamente da sensação do conjunto.

Dash a olhou admirar as roupas e não pode fazer nada senão permitir que um sorriso curvasse seus lábios. Ela não esteve muito tempo quieta, ela tinha algo em sua mente que estava pronta para dizê-lo. Dash se perguntava si ele desejava ouvi-la agora. Ele tinha a sensação de que Cassie o manteria desequilibrado em cada ocasião que tivesse.

-Podes guardar segredos, Dash? -Ela finalmente lhe perguntou cuidadosamente enquanto o olhou deixar a bolsa.

Dash a mirou prudente durante longos momentos.

-Depende -ele finalmente lhe disse suavemente-. Si são segredos que tua mamãe deve saber, então eu posso ter que tentar convencer-te que os diga.

Ela piscou, as longas mechas grossas lhe cobriram seus olhos durante a metade de um segundo.

-Dirias si te dissesse que não? -Ela finalmente pediu. Dash suspirou profundamente.

-Não sei, Cassie-, ele lhe disse seriamente-. Os segredos são coisas grandes. As meninas pequenas devem confiar sempre em suas mães com seus segredos. Incluso si pensam que podiam metê-las em apuros-. Cassie o mirou silenciosamente. Ele podia ver sua clara expressão, seus olhos se aclararam um pouco mais que antes.

-É um bom segredo-, ela finalmente disse-. Um segredo sobre mamãe-. Agora como podia ele opor-se? Ele gemeu.

-Uhhh, Cassie, não contes contos de tua mamãe -ele finalmente suspirou. Ele estava desesperado para saber qualquer coisa que ela dissesse. Ela riu nervosamente ligeiramente, com conhecimento.

-Mãe pode estar furiosa contigo, Dash -ela finalmente sussurrou, levantando a olhada até ele com os olhos grandes, de cor azul ardósia-. Tenha cuidado ou ela pode ser que grite contigo. Mãe não só grita realmente ruidosamente, senão que garoto, ela pode ser espantosa quando grita.

Dash refreou sua risada afogada quando a revelação se estendeu através dele. Ele desejava conhecer cada suave polegada do interior de Elizabeth, mas não desejava que Cassie lhe contasse as historias a qualquer um. Esta historia, ele calculou que podia aceitá-la.

-Que fazes quando ela grita? -Lhe perguntou, sua voz soou suave como si fosse realmente um segredo. Infernos, ele sabia que ela estava enfadada e que o estava cada vez mais. Cassie mirou a porta do quarto de banho.

-Ela pode ser que me tire as barras de caramelo durante una semana-. Cassie cabeceou solenemente, mas Dash havia podido jurar que viu o riso estar a espreita nos olhos da menina-. Melhor que lhe sejam agradável ou pode ser que não te deixe ter nenhum banquete-. Dash quase fez um sorriso de dor. Sim claro, ele concordou com Cassie, pode ser que fosse uma coisa ruim. Desafortunadamente, ele tinha todavia que saber como devia realmente ser tratada Elizabeth.

-Conseguirei minhas próprias barras de caramelo -ele confiou com um sorriso-. Que fará ela então? -Cassie no havia considerado evidentemente esse ângulo.

-Oh-. Cassie mordeu seus lábios, considerando-. Tu me conseguirias uma, também? -Seus cachos pareciam impulsionar-se ao redor de sua cara enquanto ela sorria a ele doce. Inocência pura. Ou isso queria ela que ele pensara. Dash ofegou. Oh, ela era uma enganadora.

-Não sei. Meter-me em uma confusão com tua mamãe por tuas barras de caramelo pode realmente pode trazer-me problemas. -Ele franziu o cenho como si refletisse sobre o tema-. Pode ser que não deseje fazê-lo Cassie—. A menina lhe gostava obviamente suas barras de caramelo. Mas ela também gozava do jogo de aprender o grande que seria Dash como aliado.

Ele a olhou enquanto ela tirou um de seus cachos cuidadosamente. Sua cabeça se inclinou e ele jurou que ele podia ver sua pequena mente trabalhar rápida atrás desses grandes olhos azuis.

-Podia dizer-te como conseguir não ser castigado -ela finalmente confiou doce-. Sei o segredo. Mãe não pode resistir-se-. Agora isto podia ser interessante. Dash deixou uma olhada sobre ela.

-Primeiro me contas. Então falaremos sobre barras de caramelo—. Cassie pôs seus olhos em branco.

-Esta informação vale muitas barras de caramelo, Dash-. Ela sacudiu sua cabeça até ele como si ele a decepcionara. Ela esperava obviamente mais dele.

Dash desejou rir. Se surpreendeu ao adverti-lo facilmente que se estendia em seu peito. Ela era uma pequena coisa resistente, seguro. Ele havia esperado que se encolhesse de medo, estremecendo ante cada som repentino. Em lugar disso, ela parecia haver esquecido totalmente do dia anterior.

-Hum-, ele finalmente grunhiu, como si estivesse reticente a comprometer-se—. De qual quantidade estamos nós falando aqui? -Ele não havia tido muita experiência com crianças, mas Cassie lhe fazia verdadeiramente fácil encontrar uma terra comum com ela.

-Bem-. Ela levantou a cara acima enquanto depositou um olhar atrás à porta do quarto de banho antes de dar a volta de novo a ele com um sorriso inocente-. Pelo menos três chocolates. Realmente me gosta o chocolate, sabes-. Dash passou uma mão pela cara, lutando com sua diversão. Maldição. Ela era boa. Sua mamãe o mataria por três chocolates.

-Três, huh? -Ele suspirou como si pudesse ser uma possibilidade-. Quanto se enfadará tua mamãe se consegue estes três chocolates? -Ela levantou a manga de sua camisa. A moveu tocando o material suave outra vez e então olhou para cima até ele com esses olhos de anjo como se ela não tivesse nada mais em sua mente então que fazer sua vida mais fácil.

-Bem, seria controlável se soubesse o segredo para não ser castigado-. Ela se deu de ombros um pouco negligentemente-. Assim pois, temos um trato aqui? -Oh, ela era boa.

-Não sei-. Ele moveu sua cabeça de lado-. Não tenho nenhum chocolate agora.

Ela pressionou seus lábios juntos quando colocou dos pequenos dedos na ponta de seu nariz e sacudiu sua cabeça como se ela tivesse perdido toda a esperança nele. Finalmente, suspirou como se se rendera. Seus olhos cintilaram, sem no entanto, as sombras de medo se dissiparam.

-Então te tomarei a palavra-, ela suspirou-. Somente realmente deves armazenar chocolates. São mais preciosas que o ouro para tratar com as crianças, já sabes-. Ele cabeceou solenemente.

-Terei isso presente. Então, qual é o segredo?

-Beijos—. Ela se inclinou até atrás como si ela acabara de dar o golpe do século. E para arrematar tudo, ela se ria dele.

-Beijos? -Ele lhe perguntou cuidadosamente. Ela cabeceou com confiança.

-Muitos beijos, Dash. E mamãe se transtornará. Melhor deixar que te beije.

Ela ria nervosamente. Ela pôs sua mão sobre sua boca, sem no entanto, quando sua mamãe andou rapidamente do quarto de banho, arrastando um pente amplo dentado rapidamente por seus cachos rebeldes.

-Te olvidaste das fitas de cabelo para mim, Sr. Preparado-para-tudo-, ela murmurou com irritação enquanto varria os cachos largos até a cintura atrás de seu ombro e levantou sua cabeça.

Seus olhos entornaram imediatamente. As mãos foram a suas cadeiras delgadas, acentuadas pelo ajuste apertado da calça de algodão e da blusa negra remetida na cintura.

-Que acontece com vocês dois? -Os olhos de Cassie arredondaram imediatamente enquanto ela saltou da cama e voou aos braços de sua mamãe.

Elizabeth a colheu facilmente, com um início de sorriso em seus lábios, incluso si era altamente suspeito. Ainda que ela aceitou o beijo exuberante da menina a sua bochecha, e se o devolveu com gosto.

-Não temos roupas bonitas, Mamãe? -Ela se inclinou de novo para permitir que sua mãe admirasse o conjunto cinza escuro do veludo-. Dash tem bom gosto, huh?

A menina era quase tão alta como sua mãe. Dash a olhou de lado enquanto ele se pôs em pé, levantando a bolsa da cama enquanto ele flexionou seus músculos do ombro, comprovando o ajuste das tiras de couro que suspendiam a envoltura da faca entre seus ombros.

-Sim. Dash tem bom gosto-. Ela permitiu que sua filha escorregasse até o solo, pondo seu braço através dos ombros dela. —agora ponha sua capa, Cassie. Parece que Dash está pronto para

ir—. Sua voz se havia esfriado consideravelmente-. Ainda que, talvez deverás apressar-te e utilizar melhor o quarto de banho primeiro. Pode ser que tenhamos uma viagem muito longa pela frente de nós.

Cassie se despediu enquanto sua mãe se ocupava dela. Quando a porta se fechou, Elizabeth se voltou de novo a Dash.

-Nada de chocolates -ela disse enquanto se sentou abaixo na borda da cama para atar a bota que Dash havia comprado para ela-. A deixam demasiado hiperativa e ela não comerá sua comida. Agora, as vitaminas são mais importantes-. Ele sabia que não havia maneira de que ela tivesse ouvido sua conversa. Ela levantou sua cabeça depois de acabar, plantando um olhar a sua expressão interrogadora.

-Ela negocia o chocolate, Dash. Que te fez ela prometer em troca? -Ele olhou seus lábios apertar-se como se ela tentasse controlar seu próprio sorriso. -Não acreditas nesta menina. Ela realmente não conhece o segredo do universo, ou maldições antigas dos druidas. Ela só pensa que o faz.

Infernos, ela não lhe havia oferecido isso, ele pensou com um arranque de diversão. Mas então outra vez, ele sabia que a menina ia atrás de muito mais que de chocolate. A pequena cúmplice era depois de tudo um pouco de casamenteira.

Ele sacudiu sua cabeça quando Elizabeth se pôs em pé, seus olhos que se estreitaram nele.

-E bem? -Ela lhe perguntou curiosamente-. Que era? -Ele deu de ombros.

-Não posso dizê-lo. Os segredos do chocolate são sagrados, já sabes-. Ela bufou ante isso. Por sorte, Cassie elegeu esse momento para vir do quarto de banho. Elizabeth se voltou rapidamente para encarregar-se de lavá-la e de secar suas mãos, depois de dar uma palmadinha rápida a os grossos cachos infantis e por nela seu abrigo. Durante todo o tempo, Cassie falou.

-Vamos realmente ir a um rancho, Dash? -Ela levantou a mirada até ele com assombro-. Nunca estive num rancho antes.

-Definitivamente é um rancho, Cassie-. Ele abriu a porta. Dois pés de neve o saudaram e caía ainda mais-. Vamos, deixa a conversa-. Ele a fez girar até acima em seus braços e começou a empurrá-la através da neve ao Hummer, assegurando-se de despejar um caminho para Elizabeth enquanto ela se movia atrás dele.

-Tenho fome, Dash-, ela lhe informou enquanto ele a atava com o cinto no assento traseiro, mirando até acima a ele com os olhos cheios-. Podemos conseguir algo para comer? Desejo um pouco de pizza-. Ele mandou um olhar atrás a Elizabeth, colhendo sua expressão de surpresa.

-Vamos conquistar o balanço primeiro, a não seja que vomites-, ele se riu entre dentes-. Então veremos o que pensa sua mamãe que é o melhor—. Ele fechou a porta de Cassie, depois abriu a porta dianteira do passageiro, agarrando a cintura de Elizabeth e levantando-a no alto assento.

Ele advertiu que a noite anterior ele a havia deixado para que ela subisse no veículo. Ela se esticou em seus braços, mas lhe permitiu que a ajudasse a entrar, jogando-lhe um olhar surpreendido enquanto ele puxou seu cinto do assento dianteiro.

-Recordo os meus bons modos às vezes.

Ele se despejou a garganta enquanto ela encaixou a pressão do cinturão de segurança no lugar. Fez uma nota mental para recordá-los mais com frequência, ainda que eram autodidatas. Pode ser que tivesse que os polir um pouco. Mike teria talvez algumas idéias. Infernos, agora que estava casado, ele deveria saber. As luzes exteriores projetaram um resplendor débil, etéreo ao redor dela. Seu cabelo escuro reluzia; seus olhos azuis pareciam mais escuros, mais misteriosos.

Seus lábios brilharam com a delicada capa de umidade de sua língua nervosa que ela esfregou ligeiramente sobre eles. Ela inalou uma respiração dura profunda, levantando sus peitos

contra sua camisa. Ele recordou o sutiã. De renda, tênue. Era um pedaço tentador e doce que o voltou louco quando pensou nele. Clareou sua garganta.

-Pizza? -Lhe perguntou suavemente. Ele estava faminto, mas não de comida. Ela trago com dificuldade.

-Isso está muito bem-. Ambos saltaram ante o chiado de prazer de Cassie desde o assento traseiro. Dash cabeceou precipitadamente antes de fechar a porta de Elizabeth e andar a pernas rapidamente ao lado do condutor. A pizza seria bastante fácil. Fazer relaxar a Elizabeth podia ser um pouco mais difícil.

CAPÍTULO 7

-Este indivíduo é um amigo teu? -Elizabeth estava nervosa por sua chegada ao rancho de Toler. Ela havia passado de não ter a ninguém para ajudá-la, não tendo nenhuma opção, a ter Dash assumindo o controle e as opções para encontrar que ela nunca havia podido encontrar por ela mesma.

Durante dois anos ela não havia dependido de ninguém exceto dela mesma. Se havia mantido a si mesma e a Cassie vivas, para freqüentemente só pelos cabelos, mas todavia estavam vivas.

Isto havia feito que ela tomasse decisões. Havia protegido a Cassie só e aceitado a responsabilidade de cada movimento, cada decisão, era o melhor que ela podia tomar por então. Agora Dash tomava as decisões e ele o fazia sem informar-lhe das conseqüências, se quaisquer delas falhava.

Ela se sentia como se estivesse na obscuridade, derrubando-se ao pé sólido em meio de uma situação que ela desconhecia. Não conhecia a Mike Toler. Não conhecia a sua família, suas forças ou suas debilidades e ela não se sentia segura.

Ela agora mirou a Dash, notando sua postura relaxada, seu ar de confiança e controle. Como desejaria sentir-se tão ao controle de qualquer situação. As luzes se refletiram sobre Dash, sua cara era dura, o destelho embotado do pára-brisa de são noturna lhe dava quase outro aspecto experimentado. As luzes desconhecidas se projetaram sobre sua expressão com uma revelação rígida e quase fizeram que seus olhos brilhassem intensamente enquanto ele colocou um olhar encima dela.

-Ele é um companheiro soldado-, ele disse simplesmente enquanto encolheu esses amplos ombros. Ombros duros, musculosos. Ela havia agarrado a carne lisa, apertada anteriormente pela manhã, permitido que as unhas apertassem na pele flexível quando ele comeu de sua boca. As gemas de seus dedos adormeceram com a recordação. Sua boca salivou com fome repentina por conhecer seu gosto outra vez.

-Um companheiro soldado não me diz muito, Dash-. Ela afastou de sua mente as possibilidades eróticas que brilhavam dentro de sua mente. Ela não podia deixar de concentrar-se. A vida de Cassie era demasiado importante-. Incluso os amigos não são sempre de confiança.

-Isso é provavelmente por que não fiz nenhum-. Ele não aparecia arrependido ou amargurado. Era uma declaração, nada mais-. Lutamos no Afeganistão juntos. Nessas condições em que vivíamos, um aprende a coragem dos homens com os quais luta. Mike não trairia a uma criança. Ele pôs sua vida na linha de tiro também muitas vezes para salvar a alguém. E ele não me trairia. Ele me deve sua vida-. Era informação. Nada mais. Havia pouca emoção em sua voz com exceção de respeito.

O pensamento de Elizabeth voltou às pessoas que ela havia acreditado que eram seus amigos uma vez. As pessoas que a ela lhe importava e a quais havia acreditado que lhes importava. Ela os amava. Abertamente. Nunca se havia perguntado sobre sua honra ou seu cometido com ela.

Ela havia aprendido rapidamente que a menor controvérsia havia que inclusive esses amigos com os quais ela havia crescido se afastassem. No entanto, aqui estava Dash, indo a um homem com o qual ele havia lutado, confiando na lealdade desse homem, em sua honra. Tinha pouco sentido para ela.

-Como podes estar seguro? -Esse era seu medo maior. Uma traição que lhe custasse a vida de sua filha-. Estás confiando a este homem a vida de Cassie.

-Lhe confiaria a minha própria-. Ele lhe deu um olhar escuro-. Não se luta com um homem durante um ano no inferno e não sabes do que é capaz, Elizabeth. Mike é um bom homem. Ele não nos deixará sozinhos.

-Tu esperas que aceite só sua palavra-. Ela manteve sua voz baixa, consciente de que Cassie seguia estando acordada na parte trás. Ela lamentou o feito de que seu despertador interno lhe tivesse falhado hoje, permitindo que ela dormisse até que Dash as despertou a ambas. Ela havia necessitado falar com ele.

-A fada disse que está bem, Mamãe-, a menina então instalada disse, sua voz era suave, tranquilizadora. Elizabeth cerrou os olhos doídos, sentindo apertar-se seu peito. Como desejava que a fada de Cassie, quem infernos fosse, lhe falasse. Mas então outra vez, esta coisa de fadas começava já a preocupá-la.

Enquanto haviam ido ao sótão de seu apartamento dois dias antes, Cassie havia sussurrado que a fada não desejava que fossem de novo para casa.

-Por favor, Mamãe. A fada disse que nos fiquemos aqui. Para esperar. Não desejo ir ali acima-. Cassie havia conhecido de alguma maneira que seus inimigos estavam ali? Elizabeth sabia que as crianças tinham um sexto sentido. Os pais o perdiam enquanto amadureciam. A capacidade de ver e de detectar as coisas das quais os pais tinham raramente conhecimento. Era a fada simplesmente uma maneira para que ela explicasse isto?

-Diz a fada que a agradeço, Cassie-. Ela olhou entre os assentos, sorrindo a sua filha.

-Somente necessita aproximar-se Mamãe. Os adultos não têm fadas para orientá-los-. Cassie mirava para cima encima dela com sobriedade assombrosa-. Tu podes utilizar a minha fada, Mamãe. Te direi o que pensa-. E como contestava aquilo? Cassie sempre lhe surpreendia.

-Obrigada, querida, mas Mamãe necessita mais que só a palavra da fada agora. Entendes? - Ela manteve sua voz suave. Não desejava machucar os sentimentos de Cassie. Não queria que ela detectasse que sua mãe havia perdido sua fé nas fadas fazia muito tempo.

-Entendo, Mamãe-. Cassie se colocou até atrás em seu assento, seu sorriso destelhava na escuridão-. Tu podes falar com Dash de tudo o que tu desejes. Sei que vai estar bem-. Os punhos de Elizabeth se apertaram enquanto ela se voltou até atrás e mirou adiante.

A neve ainda caía, embora não tão densamente como antes. Os caminhos estavam abandonados, o carril se mesclava com a paisagem circundante até que somente houvesse um débil rastro de que o caminho estava realmente ali. Ela odiou não saber. Não estar segura. Ela não conhecia a este rancheiro a este ex-agente da C.I.A. com o qual Dash os levava. Ela não conhecia a Dash. Contudo se esperava que confiasse nele simplesmente porque não tinha nenhuma outra opção.

-Por que confias em mi, Elizabeth, incluso até este extremo? -Ele finalmente lhe perguntou-. Tu havias podido sair do motel enquanto me banhava. Havia poder fazer frente a qualquer tentativa de fuga. E fazê-lo si sentias a necessidade. Por que não o fizeste? -A voz de Dash era

suave. Era escura e exigente, mas a suavidade subjacente acalmou as bordas desiguais de seus nervos.

Ela empurrou seus dedos agitados através de seu cabelo. Ele não a havia feito mal quando teve a ocasião. Ele havia matado a um homem por ela. A havia seguido através de uma nevasca e a havia encontrado mais longe ainda que os homens que buscavam a Cassie. Ele havia regateado com Cassie sobre chocolates e levado um recipiente de roupas durante meses, escolhendo de aqui e ali porque ele sabia que as suas estavam destruídas. Ele havia comprado a sua filha uma bicicleta. Lhe havia enviado uma roupa. Ele havia feito assim muitas coisas, semelhantes antes que ele as encontrasse, para fazer a vida de Cassie, e a sua, mais fácil. Como não podia ela apreciá-lo?

-Hás feito valer tua opinião-. Ela enlaçou seus dedos juntos firmemente-. Somente todavia não conheço a este homem. Não posso confiar nele assim, Dash. Não depois de todas essas vezes.

-Então confia em mim-, ele lhe sugeriu-. Podes fazê-lo, Elizabeth. Tu sabes que podes-. Ela olhou fixamente a neve que caía constantemente, tentando manter seu controle enquanto ele girou cuidadosamente no caminho e conduziu debaixo de uma placa que anunciava o rancho da barra T. Estavam somente a algumas milhas desta situação potencialmente perigosa. Ela se apoiou, sabendo que agora não tinha nenhuma opção exceto confiar em Dash. O relógio do tabuleiro de instrumentos aceso marcava quase as nove. A viagem normalmente longa havia durado três horas, contando a parada para a pizza de Cassie. Pizza que agora sentava como uma pedra em seu estômago.

-Põe agora teu casaco, Cassie-. Ela manteve sua voz uniforme. Se tinham que ir, não desejava que sua filha o fizesse sem uma certa proteção. Ela ficou tensa quando Dash alcançou debaixo de seu assento e porta, a mudança de lugar o corpo, movendo-se cuidadosamente. Quando ele retirou a arma da cavidade e se a deu, ela o mirou fixamente com surpresa.

-Não me arriscaria com tua vida-, ele lhe disse baixo-. Necessito sua confiança, Elizabeth. Aqui está a minha em troca-. Ela olhou fixamente a arma antes de levantar seus olhos aos seus de novo.

-Tu esperarias que outro soldado te seguisse sem uma palavra? -Ela finalmente lhe perguntou sombriamente-. Lhe perguntarias, sem explicações, sem idealizar qualquer plano que tivera, apenas por seguir? -ele ficou silencioso durante largos momentos quando pôs o revólver na consola entre seus assentos e agarrou o volante com ambas mãos enquanto ele manobrava com mais de um pé de neve.

-Há uma oportunidade para que possa arrumar um lugar seguro para você e Cassie. Um ao qual Grange não possa infiltrar-se ou ter acesso de nenhuma maneira. Um lugar onde Cassie esteja tão segura como o ouro na Fort Knox-. Elizabeth tomou uma respiração profunda. Ela não havia estado rogando por nada mais. Nada menos. Mas o tom de sua voz lhe advertiu de que a ela pode ser que não lhe gostasse da resposta.

-E onde está esse lugar?

Ele lhe jogou uma olhada.

-Não direi nada até que possa estar seguro, Elizabeth. Isto requer um lugar sem pequenos ouvidos e mais tempo do que temos neste Hummer. Outro soldado entenderia isto. Assim como ele entenderia que lhe tenho essa confiança. Assim se ele não o sabe, ele entenderia que os contatos são importantes. Outro soldado entenderia que um comandante sabe que o que infernos está fazendo, e que ele lhe explicará o plano completo e poderá discuti-lo quando saiba o plano.

Elizabeth apertou fortemente seus dentes. Firmemente. Maldito. Ela reprimiu a maldição que desejou sair de seus lábios enquanto ela se voltou longe dele, mirando fixamente fora do Hummer ressentida. Ele tinha razão. Mas ela maldisse que não teria que estar de acordo com ele.

-Ohhh, Mamãe. Dash é bom... -A voz aterrorizada de Cassie estava cheia de respeito por como Dash as havia arrumado facilmente para dar volta às objeções de uma mãe com a qual ela nunca havia podido mostrar-se mais esperta. E nunca o havia feito, Elizabeth pensou com afeto, ainda que ela seguisse estando um pouco molesta com Dash. Elizabeth ressoou.

-Recordas a frase “ser demasiado grande para tuas calças”, Cassie? -Ela perguntou a sua filha, usando um firme tom de voz-. Dash podia estar em perigo aqui.

-Uh oh-, Cassie cantarolou.

-Melhor recordar o que te disse anteriormente-. Elizabeth lhe jogou um olhar por cima dele curiosa.

-Demasiado grande para minhas calças, huh? -Ele murmurou para si-. Elizabeth, querida, tu não tens nem a menor idéia-. Então ele disse a Cassie-, eu recordarei seu conselho, querida, tão pronto como tenha a ocasião. Agora ponha tua capa de acordo? Estaremos ali logo.

O calor do rubor flamejou através do corpo de Elizabeth, corando suas bochechas com vergonha excitada quando ela se voltou rapidamente longe dele, recordando o grande que ele podia estar. Definitivamente demasiado grande para suas calças.

Ela tragou então respirado firmemente para dentro com a respiração uniformemente lenta para combater a dura batida repentina de seu coração. Maldito. Ele teria uma resposta para tudo? O resto da viagem foi terminado em silêncio.

Elizabeth se endureceu para a eminente chegada. Morte ou segurança. Com cada movimento que ela havia feito durante os últimos dois anos havia chegado a isto. E ainda que ela começava a confiar em Dash até certo ponto, encontrando que ela podia confiar em alguém que somente era mais difícil.

O Hummer seguiu através da neve facilmente, ainda que Dash não aumentasse a velocidade. Não obstante, demasiado logo bordejaram a pequena colina e a casa do rancho de dois andares apareceu ante seus olhos. Estava bem iluminada. A porta dianteira aberta enquanto a larga entrada a uma garagem começou lentamente a aparecer. Um homem alto se moveu facilmente desde o pórtico ao largo de uma calçada trilhada, medindo o tempo de seus passos para coincidir com Dash que manobrava o Hummer na grande garagem. Quando despejarem a porta, começou a baixar de novo, levando-os a área brilhantemente acendida enquanto Dash desligou o motor.

-Mamãe-. A voz de Cassie era débil-. A fada disse que está bem. Ela o disse realmente-. Mas Elizabeth notou o medo de sua filha enquanto o homem estranho começou a chegar junto ao veículo.

-Venha aqui, coração-. Elizabeth desatou seu cinto de segurança como o fez Dash, tomou o revólver numa mão e lhe indicou a sua filha com a outra. Num momento Cassie estava sobre o console. Seus braços finos envoltos ao redor do pescoço de Elizabeth, sua cabeça enterrada contra ela enquanto tremia.

-Elizabeth? -Dash se voltou a ela, mirando a Cassie com alarme. Elizabeth sacudiu sua cabeça.

-Lhe assustam-. Ela acariciou a parte de trás de Cassie com a mão ate abaixo calmante-. Os homens grandes a assustam, Dash. Exceto tu. Ela pensa que ela te conhece... -Ela a deixou estender-se. Ela e Cassie não conheciam ao homem que agora estava parado pacientemente ao outro lado da porta de Dash, sua expressão enquanto ele esperava a Dash para abrir a porta. Dash respirou profundamente enquanto ela o olhou sombriamente-. Ela e só um bebe... -que ela tentasse explicar a Dash assustada agora que Cassie estava era mais do que podia fazer. Cassie tinha seus momentos de terror. Seus momentos de felicidade. Elizabeth havia aprendido aceitar cada um deles enquanto vinham.

-O sei, Elizabeth-. Sua voz era suave, ainda que seus olhos destelhavam fogo escuro em sua represália-. Estou preocupado por Cassie. Não por Mike. Podemos sentar aqui enquanto o necessites-. Elizabeth sacudiu sua cabeça. Melhor agora para descobrir o que os aguardava aqui nesta nova atmosfera.

-Se ela se encontrar segura, se acalmará-. Ela deixou em silêncio o resto. Dash empurrou seus dedos com fadiga através de seu cabelo enquanto ele retirou as chaves do contato e abriu a porta. Cassie se retesou, um pequeno gemido, um miado que lhe escapou dos lábios. Dash parou. Sua mandíbula se apertou antes que ele cerrasse a porta para trás de novo.

-Cassie-. Sua voz era tão incrivelmente suave quando ele se voltou que Elizabeth desejou gritar ante o som. Ela havia ouvido alguma vez a um homem falar a ela ou a sua filha com tal calor? -Cassie. A porta está fechada, querida. Não vás a me olhar?

Elizabeth ninou a sua filha lentamente, sabendo que o medo podia conduzi-la profundamente, estremecendo-se ante os temores que estavam tão cerca de ser convulsões que a aterrorizaram. Assombrosamente, Cassie olhou de lado ate acima para ele, ainda que suas mãos agarravam tanto o pescoço de Elizabeth que se sentiam tão firmemente como tiras de aço ao temer.

-Estarei bem-. Cassie lutava para ser valente, mas sua voz tremeu com seu medo-. A fada disse que estaria bem. A fada tem sempre razão. Ela tem sempre razão-. Elizabeth podia ouvir as lágrimas ao encher a voz de Cassie agora.

-Sabes? Mike tem uma filha, também -Dash disse repentinamente com suavidade-. Só alguns anos mais velha que tu es. Mica e seu nome. E aposto a que vivendo aqui sem nenhuma menina para brincar, que ela será muito feliz quando chegues a casa-. A cabeça de Cassie se levantou mais ainda. Ela jogou um olhar fora do Hummer.

-Agora está ela aqui? -Ela lhe perguntou desconfiadamente.

-Ela está na casa, Cassie -Dash disse-. A ouvi brincar quando falei com Mike no telefone antes. Tu queres conhecê-la? -Cassie não afrouxou seu apertão em Elizabeth, mas os estremecimentos diminuíram perceptivelmente.

-Estás seguro de que ela está aqui, Dash?

-Disse que, eu caminharei aqui e falarei com Mike e farei que ele consiga que Mica venha a porta interior da garagem-. Ele indicou a porta cerrada no lado do grande quarto.

-Como faz esse som? -Elizabeth baixou sua cabeça, beijando os cachos de sua filha enquanto ela combateu para ocultar-lhe as lágrimas. Dash era suave, compreensivo. Sua voz não gritava como havia feito Dane, sem que mantinha sua inflexão geralmente sem exigir.

-Ele e um bom papai? -A voz de Cassie seguia sendo áspera-. Ele não bate na sua filha? - Elizabeth lhe jogou um olhar a Dash. Ela rogou somente quando viu a chispa de violência que brilhou através de seus olhos durante um segundo.

-Não, Cassie-. Ele tragou em seco-. Mike nunca bateria na sua filha. Tu podes incluso perguntar-lhe se o desejas. Mike quer muito a sua filha. Ele nunca a bateria.

-Ela virá à porta? -Cassie se preocupou-. Posso vê-la antes que saia?

-Sim, tu podes fazê-lo. E fecharei minha porta quando salga. Dessa maneira, tu no esperarás no frio-. Ou se assustaria de que houvesse acesso a ela desde o lado exterior direto do homem grande, Elizabeth conjecturava. Cassie cabeceou cautelosa-mente.

-Boa menina-. Dash sorriu suave enquanto ele abria sua porta de novo e saiu do Hummer.

CAPÍTULO 8

Dash desejava matar. Outra vez. Ele desejou ter Grange em suas mãos, lutando, com o sangue fluindo enquanto rogava piedade. Uma piedade que Dash sabia que ele nunca seria capaz de dar-lhe. Ele ficou impressionado ao advertir quão aterrorizada que Cassie havia estado quando viu Mike. Havia sido conduzida a casa então, mostrando quanto essa menina confiava nele. Quanto dependia dele para mantê-la protegida e dura que era essa batalha contra a que lutavam.

Ele amaldiçoou silenciosamente, respirando asperamente enquanto a emoção o fundiu. O medo que havia sentido no veículo quase o havia estrangulado, estendendo-se através de suas defesas, si ele tinha algo contra ela, e abraçando sua alma com fúria. Grange pagaria o dano que ele havia feito a essa menina e Dash se asseguraria dele.

-Ei, companheiro-. A voz de Mike lhe perguntava, e Dash sabia que o outro homem podia detectar sua fúria. Havia lutado juntos também muitas vezes, se haviam coberto cada um ao outro as costas também de muitas maneiras.

Os homens que lutavam juntos aprendiam os fundamentos de cada uma das outras personalidades, forças e debilidades de uma maneira que era de outra maneira durante os tempos de paz. A guerra era uma terra estrangeira de matar ou morrer, e os homens com os quais um cara combatia eram tão necessários para viver como a respiração. Devias saber a coragem do homem cujo traseiro cobrias, e que cobria o teu.

-Por favor, diga-me que todavia Mica está acordada -Dash disse com fadiga enquanto ele se esfregava sua cara-. Cassie ha estado a um só passo da histeria somente em ver-te. Está demasiado aterrorizada para sair do Hummer-. O outro homem se enrijeceu imperceptivelmente.

As implicações das razões de tal terror se estenderam através de seus olhos grises. Sua mandíbula se apertou, os dentes se fecharam fortemente durante largos segundos enquanto Dash o olhou lutar com sua cólera. Mike finalmente jogou um olhar as janelas escurecidas do Hummer.

-Compreendido. A trarei.

Momentos mais tarde, a esposa de Mike, Serena, uma mulher alta ruiva e esbelta, e sua pequena filha ruiva saíram. Mica envolvia os braços ao redor da cintura de seu papai e se inclinava contra ele enquanto ela sorriu atrás em cima para Dash.

-Tu recordas de Dash, não Mica? -Mike perguntou a sua filha suavemente-. A menina que ele trouxe de visita está muito assustada para sair do Hummer. Por que não vás com a Mamãe e a conheceis? Faça sentir-se mais em casa-. Dash olhou como a família foi donde esperava o carro.

Mike se separou delas e voltou para onde Dash estava imóvel, mirando seriamente enquanto a porta do Hummer se abriu lentamente. As vozes femininas suaves murmuraram através da garagem. Dash havia visitado a menina e a esposa de Mike várias vezes durante os anos em sua breve estada nos Estados Unidos de permissão. Ambas eram boas e de fala suave, e justamente o que Cassie e Elizabeth necessitavam agora, pensou.

-Como es de ruim, Dash? -Mike lhe perguntou então, referindo-se, Dash o sabia, ao estado mental de Cassie. Dash suspirou profundamente.

-Ate este momento o suporta bem. Os homens a assustam, ainda que ela veio a mim bastante facilmente. Os homens grandes especialmente, entendo. Não hei tido tempo todavia para falar com Elizabeth em profundidade sobre o que sucedeu. Esperava fazê-lo enquanto estamos aqui.

Agora, Dash se perguntava se podia conter sua própria raiva se seus medos se confirmavam. Grange havia tocado em Cassie antes de trancá-la em que dormitório e de dar a Elizabeth a ocasião de resgatá-la? Se ele o havia feito, Dash jurou silenciosamente que ele se asseguraria de que o homem sofresse um inferno que conheceria antes de morrer.

Mike respirou profundamente, seu corpo vibrava com uma necessidade de vingança. Mike era um bom maldito pai, e sua esposa e filha eram sua vida. Ele sabia que Mike entenderia a raiva que ameaçava com engoli-lo.

O outro homem era quase tão alto como Dash mesmo, com o cabelo curto marrom claro e os olhos cinzas. Ele era menos largo que Dash, não igualmente forte em algumas áreas, mas definitivamente um homem que podia levar-se, a si mesmo e outros, a batalha. Ele era um inferno de combatente, e mais que digno de confiança. Mas no fundo Mike era um homem decente e mataria pela criança de um estranho. Por um amigo, ele infligiria um dano ao que poucos inimigos desejariam jamais fazer frente. Nisso, ele era parecido a Dash. A lealdade e as obrigações derivadas disso não foram facilmente cortadas.

-Aprecio que nos acolhas -Dash disse seriamente enquanto Elizabeth e Cassie finalmente saíam lentamente do Hummer.

-Cassie e Elizabeth necessitam desesperadamente esta ocasião para descansar. Espero que não te estejamos incomodando.

-Em absoluto-. Mike sacudiu sua cabeça enquanto olhou o movimento no outro lado do veículo-. Estarás seguro aqui até que possamos indagar exatamente o que está sucedendo e como tratar com isso. Mas pelo que hei averiguado até agora, há uma parte inteira de peças que nos faltam, Dash. Nada encaixa aqui-. Dash era consciente disso.

-Adiante, vamos pra dentro -Mike o convidou enquanto se moviam cautelosamente para as mulheres. Cassie tinha uma garra capaz de estrangular a mão de Elizabeth, mas ela parecia agir mais naturalmente agora que Mica estava e que falava com ela. A filha de Mike acabava de fazer dez anos. Ela era uma moça de uma natureza doce de olhos cinzas animados que faiscavam de felicidade.

-Hei, papai. A Cassie gosta dos felinos, também -Mica olhou repentinamente para cima-. Eles tinham outra entrevista nas notícias esta noite -disse a Dash. A menina seguia as histórias das castas quase religiosamente.

-Penso que são fantásticos. E Tanner é realmente bonito.

-Ele é uma casta de Bengala-. Cassie levantou o olhar a Mike, logo a Dash-. Ele tem somente vinte e cinco anos, mas se está conhecendo como um de seus porta-vozes maiores. Aposto que ele é realmente agradável... -ela opinou fracamente.

-Tanner absolutamente agradável, realmente-. Mike sorriu à menina-. Conheci-o neste último verão com Kane Tyler. Ambos os homens são porta-vozes muito bons-. Cassie olhava agora impressionada, levantando o olhar para Mike cuidadosamente.

-A Kane Tyler não gosta de falar em público muito-. Cassie franziu o cenho enquanto olhava a Mike, calibrando sua resposta-. Ele atua como Dash. Tanner é mais diplomático sobre o que diz. Ele é melhor-. Quatro adultos olharam fixamente abaixo para Cassie com surpresa. Mike riu entre dentes.

-Ela está certa aí-. Ele deu uma palmada a Dash no ombro-. Pergunto-me, quanto gostará a Kane saber que uma menina de oito anos o tem calado tão facilmente? Cassie se moveu mais perto de sua mãe, agarrando seus quadris firmemente enquanto levantava o olhar a Mike com uma expressão repentinamente feroz.

-Que seja baixinha não significa que seja um bebê.

-Cassie. A voz de Elizabeth soou enquanto jogava uma olhada a sua filha-. O Sr. Toler é nosso anfitrião. E estou segura de que ele não pensa que você seja uma menina-. Elizabeth não deu desculpas pelo comportamento de Cassie. Não era necessário. Mas ela deixou brandamente a Cassie saber que ela caminhava além de seus limites.

-Eu pensei que parecia tremendamente velha para sua idade-, Mike então brincou.

-Adiante, senhoras, sou maior de oito anos e eu necessito de uma cadeira cômoda para descansar. Serena, você e Mica têm bolachas feitas em casa esfriando-se?

Serena se moveu a seu marido, seu braço se envolveu ao redor de sua cintura enquanto que ela se esticou para cima e beijou sua bochecha brandamente.

-De fato-, ela disse com um sorriso antes de dar a volta de novo a Elizabeth e a Cassie-. Vamos pra dentro, acomodamos-lhes e pegaremos algumas bolachas. Cassie, Você gosta de pão de gengibre?

Cassie e Elizabeth foram levadas por Serena pra casa enquanto Dash e Mike foram atrás. Dash não poderia ajudar a não ser admirar à outra mulher e ver como ela ajudava facilmente a Cassie e a Elizabeth a sentirem-se cômodas.

-Obrigado, companheiro-, Dash respirou enquanto entraram na casa-. Foi uma larga viagem para elas.

-Posso entender isso-. Mike sacudiu sua cabeça lentamente-. Maldição, Dash, tive pesadelos desde que chamou, pensando nessas duas e o que teria podido acontecer antes que desse com elas. Não sei como sobreviveram-. Dash sabia que ele não tinha muito dormido si mesmo antes de encontrar Cassie e Elizabeth. E ele começava a senti-la. Dash grunhiu.

-Não estão nem perto de meus pesadelos.

-Venha ao escritório e falaremos-. Mike cabeceou para um vestíbulo largo da entrada da garagem. Estive reunindo alguns informes para ti-. Dash cabeceou.

-Me deixe falar primeiro com Elizabeth e irei ali-. Ele caminhou para sala de jantar. Cassie estava sentada sobre seus joelhos diante da televisão de Mica, absorvendo o relatório de notícias e as entrevistas das castas felinas. Elizabeth fez uma pausa a soleira da cozinha, olhando como Serena fazia café.

-Elizabeth-. Ele disse seu nome brandamente, captando sua atenção.

Ela se voltou para ele, com seu longo cabelo sacudindo-se em sua cintura, seus olhos escuros e o olhou. Deus, ele odiava esse olhar, odiava saber que inclusive agora ela estava cheia de medo. Em uma mão ela agarrava seu revólver de serviço, embora ela tomava cuidado de ocultá-lo para que as meninas não pudessem vê-lo.

Ela se deslizou para ele lentamente, com seus profundos olhos azuis olhando-o cuidadosamente. Não se tinha relaxado ante seu protetor, não tinha cedido a sua necessidade de descansar desde que ele a tinha encontrado com exceção das poucas horas que ela tinha dormido no motel.

Ela ainda se movia com os nervos e o medo e ele se voltava louco. Ela precisava descansar. Algo dentro dele lhe dizia que ela era muito débil, muito frágil, para as fomes que se levantavam dentro dele.

-Preciso falar com Mike durante um momento, mas estarei justamente no corredor-. Ele a levou de novo à entrada, jogando uma olhada ao revólver-. Você deseja guardá-lo ou quer que guarde isso para ti?

Ela jogou uma olhada atrás a Cassie então ao revólver. Dash viu quando ela se lambia os lábios nervosa antes de lhe entregá-lo. Quando ela levantou seus olhos, ele desejou gritar de dor pelo medo e a insegurança que ele viu ali.

-Elizabeth-, ele sussurrou brandamente enquanto ele tomou a arma com uma mão e com a outra a levantou a sua bochecha para tocar sua pele pálida. Pele suave. Pele nua que ele desejou passar o resto de seus dias aprendendo a sensação-. Prometo-lhe isso. Ninguém pode nos seguir aqui. Ninguém nos encontrará.

Ela tragou enquanto cabeceou fracamente. Mas as sombras em seus olhos não diminuíram. Dash a alcançou ao lado dele e apagou a luz na entrada, amortecendo a área enquanto ela o olhou fixamente com surpresa.

-Desejo te beijar-, ele sussurrou movendo-a para trás contra a parede, satisfeito pela labareda repentina de interesse em seus olhos.

Oh, sim, ele pensou, ela lembrava o quente que tinha sido seu último beijo, quão bom era. E fez que os olhos dela brilhassem com algo diferente ao medo.

-Você sabe quão suaves são seus lábios? -Ele tomou cuidado de guardar sua voz suave quando ele baixou sua cabeça a ela-. Quando de quente e doce sabe?

Antes que ela pudesse responder ele permitiu que sua língua lambesse sobre seus lábios brandamente. Dash ouviu sua respiração deter-se, o rubor quente dar cor a suas bochechas. Ele estava duro e dolorido, seu membro palpitava imperioso quando ele combateu para manter o tom suave da carícia. Se ele a beijassem como desejava, temia que nunca se parasse.

-Dash-. As mãos dela se levantaram seu peito como se fosse empurrá-lo longe. Seus dedos se crispavam contra sua camisa enquanto seus peitos começaram a levantar-se e cair quando ela aumentou a respiração.

-Poderia te comer, Elizabeth-, lhe disse, permitindo uma medida pequena de sua fome se refletisse em sua voz-. Enquanto estava nesse maldito coma induzido pelas drogas, eu somente estava conectado ao mundo pelas cartas de Cassie. E ela falava de ti. O bonita que eras. O boa. Lentamente, você deixou de ser a mãe de Cassie. Não vi uma figura maternal, vi uma mulher. Uma mulher que eu precisava sustentar. Tocar. Desejo te tocar com verdadeira urgência, Elizabeth. Tão urgente-mente que minhas mãos quase tremem com ela.

Ele se arriscava. Poderia ser muito cedo para lhe deixar ver só quão faminto estava por ela. Mas maldito se ele não estava cansado da espera, cansado de só necessitá-la. Ele queria que ela pensasse nisso. Pensasse nele. Que soubesse o que ocorreria.

-Não-. Ela sacudiu sua cabeça, seus olhos que flamejavam com um sentimento de pânico feminino enquanto que ele pôs palavras a sua demanda.

-Sim, Elizabeth-. Dash manteve sua voz baixa, mas a deixou retumbar com sua paixão-. Vivi por ti e Cassie. Mas enquanto lutava para viver sonhava, e era isto com o que sonhava.

Seus lábios cobriram os seus rapidamente, sua língua se aproveitou de seu grito de assombro e o varreu dentro imperativamente. Ele tinha perguntado na carícia anterior essa manhã, agora exigia. Ele a conquistou, lambeu-a e esfregou ligeiramente com a língua desfrutando ante sua instantânea e vacilante resposta.

Ela era tímida. Cauteloso. Não cederia ante o calor que palpitava entre eles facilmente. Mas era bastante curiosa sobre isso para permitir o beijo. Ela se inclinou nele ligeiramente, o turno de corpo. Ela estava determinada a tratar de controlá-lo, explicá-lo antes que ela cedesse ante ele. Para Dash, era bastante que ele pudesse sentir a fome dentro dela no momento. Já chegaria o momento mais tarde para explorá-lo mais totalmente. Ele permitiu que seus lábios bebessem a sorvos dela, que sua língua acariciasse a sua, permitindo ao calor aumentar devagar. Uma mão agarrou seu quadril quando ele a sustentou, seu peito amortecia seus peitos cheios quando eles se elevaram e caíram duramente. Sua tímida língua se enredou com a sua quando suas mãos estenderam completamente contra os músculos apertados de seu abdômen.

Ele perdia rapidamente a cabeça com seu beijo. As sensações estendendo-se através dele eram arrebatadoras, zumbindo com sua mente, estalando com luxúria ambiciosa até que ele ouviu Cassie. Sua voz se levantou enquanto perguntou a Serena sobre a localização de sua mãe.

Afastar-se dela era uma das coisas mais difíceis que ele tinha feito alguma vez em sua vida. Mas ele o fez, a contra gosto, forçando seus olhos a abrirem-se, olhando fixamente nas

sobressaltadas profundidades suas. Seus peitos se elevaram e caíram rapidamente, seus mamilos eram pequenos e duros pontos sob o tecido de sua blusa. Suas mãos agarraram sua camisa, suas delicadas unhas perfuravam contra sua pele como se esta fosse uma corda de salvamento, enquanto ela lutava para recuperar o fôlego.

Sua mão emoldurou sua bochecha, seu polegar se moveu sobre a curva levemente torcida de seus lábios. Agora estavam avermelhados, mais cheios por sua carícia. Suas pálpebras pareciam pesadas, suas bochechas avermelhadas e ele poderia cheirar a essência de sua necessidade aumentando. As úmidas substâncias a estariam preparando, esquentando seu doce sexo, preparando-a para ele. Seu membro palpitou pesadamente ante esse pensamento.

-Pensa nisto, Elizabeth-, ele grunhiu-. E então te perguntas se saboreias a paixão ali, ou a traição.

Antes que ela pudesse falar, Dash tinha dado a volta e partido pelo curto vestíbulo ao lado deles, deixando Elizabeth que olhou fixamente em surpresa, em fome relutante. E, ele esperava, uma certa medida pequena de confiança.

Elizabeth olhou Dash afastar-se. Ela manteve suas costas pressionadas contra a parede, acalmando uma necessidade instintiva de chamá-lo, e olhar seu corpo poderoso ir a outra sala. Sua mão se elevou devagar a seus lábios. Eles zumbiam, arrebatados com o calor de seu toque, com sua boca cheia de seu sabor.

Ela não podia parecer sacudir o humor no qual o beijo a tinha posto. Ela voltou para a cozinha, dirigiu-se a Serena Toler, olhou o jogo das meninas, e todo o momento ela lembrou o beijo de Dash. Seu toque.

Ela pensou na maneira em que ele tinha saído da ducha, apertando-a contra a porta do quarto de banho no dia anterior. Seu membro tinha sido ardente, duro como uma rocha, pressionando contra seu estômago insistentemente enquanto ele fixamente baixava o olhar para ela, com seus olhos brilhando com fome. A luxúria era uma palavra muito doméstica para o que ela viu em seu olhar fixo.

Finalmente, Serena mostrou a ela e a Cassie a seus quartos. Dash havia trazido suas roupas e as tinha colocado já no dormitório grande. A cama digna de uma rainha estava aberta convidativamente; o edredom Vitoriano floreado e os cobertores que combinavam lhe produziram uma dor de desejo em seu peito.

Por um instante, ela estava em sua casa outra vez. O lar de seus pais tinha saído dela. A pequena casa de tijolo de dois andares que ela tinha adornado carinhosamente depois de seu divórcio com Dane, cheia de sol e da risada de Cassie, e um sentido de raízes. E lençóis vitorianos floreados e edredons na cama. Travesseiros amaciados. O dormitório de uma menina com babados com uma cama de dossel e móveis brancos de carvalho. Seu lar. E agora se foi. Para sempre.

Tomando uma dura e estremecida respiração, ela abriu os olhos. O quarto de hóspedes continha móveis, cômodos pesados, escuros e preparados com um grosso atapetado verde bosque como o resto da casa. Havia uma pequena porta francesa que conduzia a varanda ao redor da casa. Uma cadeira tipo rainha Anna em que se sentou.

-Vamos, Cassie-. Elizabeth se moveu para o grande contêiner que Dash havia trazido dentro do Hummer-. Vamos preparar nos para ir à cama.

Ela recolheu o vestido da menina e o casaco e chamou brandamente na porta que unia seu quarto ao de Dash. Como não houve nenhuma resposta ela a abriu e entrou nela. Conseguir que Cassie estivesse pronta para ir pra cama não era difícil. A menina estava esgotada. Ela se ondulou sob os edredons quentes da cama meia hora mais tarde e dormiu imediatamente. Em uns minutos

ela fazia um dos suaves, miados pequenos sons que sempre traziam um sorriso à cara de Elizabeth. Ela sacudiu sua cabeça pelo som.

Esta nova situação era tão diferente dos últimos dois anos que Elizabeth não poderia acostumar-se. O conhecimento do perigo que as tinha rodeado durante tanto tempo já não estava presente. Ela detectou a mudança em cada nível de seu ser. Como se com a chegada de Dash, agora lhe tivesse dado esperança. Como, não sabia.

Mas ela sentia um sentimento de esperança estendendo-se ao redor dela de forma similar a quando ela o sentia por instinto. Como podia algo trocar tão rapidamente apenas com a presença de um homem? Mas por que não? Ele tinha mudado algo nela também.

No espaço de vinte e quatro horas ele tinha feito que ela advertisse que era mais que só a mãe de Cassie. Ela era uma mulher, também. E fazia tempo, muito tempo, desde que ela havia sentido essa quebra de onda da necessidade feminina e da excitação grossa e succulenta que reunia entre suas coxas. Seu sexo lhe doeu. Nunca lhe tinha doído como assim, nem durante o cortejo de Dane. Ela não tinha ardido por um só beijo. Ela não o tinha desejado tão rapidamente ou tão asperamente como ela advertiu repentinamente que desejava a Dash Sinclair.

CAPÍTULO 9

Elizabeth olhou Cassie a tarde seguinte com a filha de Toler, Mica, enquanto jogavam no pátio traseiro. Lançavam bolas de neve e pulando através da neve, a risada se repetiu na cozinha brilhantemente iluminada aonde ela se sentou com uma xícara de café.

Dash e Mike foram anteriormente ao escritório depois de explicar a Elizabeth que olhariam nas casas seguras para ela e Cassie, assim como a informação de Grange. Tinha havido um ar de segredo entre os dois homens, como se indagassem mais profundamente em ambas as questões do que lhe diziam. Mas não lhes importou responder às perguntas que ela lhes fez, ela não tinha averiguado mais que isso. Não é que os dois homens não tivessem respondido a todas suas perguntas. Tinham-no feito. Era só uma sensação, um pressentimento de que havia mais.

Ela agora olhou enquanto Cassie e Mica rodavam entre gritos da neve, de risada e de mofa trocadas pela ferocidade de pequenos animais. Cassie tinha seus dentes travados na jaqueta da Mica enquanto que a outra menina ria de forma incontrolável.

-Mica desejava ter a outra menina para brincar com ela. Estou contente de que possa fazê-lo tão cedo.

Serena Toler se juntou a ela, com uma xícara fervente de café em sua mão, com cuidado de não bloquear a vista de Elizabeth das garotas.

-Obrigada por permitir que fiquemos-, Elizabeth disse brandamente-. Cassie necessitava tempo para descansar. Só espero que não lhe causemos nenhum problema-. Ela estava aterrorizada de atrair a cólera de Grange na família. Serena soprou.

-Mike e Dash se sentiriam afortunados se o bastardo tentasse atacar aqui. Confia em mim, Elizabeth; esta casa é tão segura ou melhor que Fort Knox. Mike não deixa nada ao azar e ele é mais perigoso que Grange-. Elizabeth não podia imaginar a ninguém mais perigoso que Grange.

Enquanto se sentavam ali olhando às meninas brincar, Elizabeth sufocou um bocejo, advertindo que era a primeira vez que ela pudesse lembrar em que não estava fugindo ou preparando-se para fugir.

Ela tinha dormido várias horas a noite anterior, mas pouco habituada, despertava frequentemente, comprovando as fechaduras das portas do dormitório, escutando de perto aos sons da casa.

-Vai te jogar no sofá e descansa, Elizabeth-, Serena sugeriu brandamente-. Sentarei-me aqui e olharei às meninas, e Mike tem a vários homens de sua velha unidade trabalhando no rancho. Estão atentos para cuidar das meninas. Você precisa descansar.

Elizabeth tinha sido apresentada aos três homens. Eram um pouco mais velhos que Dash, mas se viam fortes e capazes. E se havia uma coisa que ela tinha aprendido, era que devia descansar quando podia.

-Obrigada-. Ela levou sua xícara à pia, limpando-a e a pôs na pilha de alumínio antes de dirigir-se ao grande salão e abrir. Ela poderia imóvel ouvir as meninas brincar, embora o som soava amortecido.

Ela sabia que não poderiam ficar muito mais tempo e sentir o bastante confiada como para deitar-se e que não lhe fechassem fechados os olhos durante um breve tempo.

Ela advertiu enquanto ela se preparou para dormir que nunca, nos últimos dois anos, ela teria acreditado em ninguém, em qualquer outro lugar, para vigiar a Cassie enquanto que ela dormia. Ela era muito vulnerável se sua mãe não estava acordada e consciente. Mas de algum jeito, Dash tinha inculcado uma confiança nela que tinha crescido nela nas últimas vinte e quatro horas.

Ele tinha matado para protegê-la a ela e a Cassie. Ele as tinha seguido em uma tempestade de neve, arriscando sua própria vida para trazê-las para um lugar aonde pudessem curar-se, aonde pudessem descansar, pelo menos durante um tempo. Ela não suspeitava mais tempo o da traição, e possivelmente isso a surpreendeu mais que qualquer outra coisa.

Quando o esgotamento caiu sobre ela, entretanto, não era a confiança ou a traição as que alimentaram as ricas visões dentro de sua mente. Era Dash. Nu, fresco da ducha, com seu corpo pressionado com força contra ela, sua mão cheia em excesso com a longitude dura de seu membro. Ela não acreditou que ela conheceria alguma vez um calor tão intenso como o que ela tinha quando ele baixou sua mão e a pôs ao redor da carne rígida. Seus olhos tinham flamejado. Um traiçoeiro calor e um calor úmido tinham atacado a seu sexo, fazendo-o pulsar de dor. Ela ainda estava dolorida.

Seu beijo –ela mudou agitadamente- seu beijo era como áspero veludo e relâmpagos de verão. Seu gosto era escuro, embriagador. Ela poderia imaginá-lo bem pondo-a em uma cama, com seu corpo cobrindo o seu, pressionando-a no colchão, pesado e exigente quando ele se colocasse entre suas coxas.

Ela quase gemeu na imagem, necessitando-o com ela agora. Necessitando-o para cobri-la, para tomá-la, terminando com sua ameaça de a foder tão duro e profundo que ela não pudesse nem gritar. Ela nunca tinha sido tomada assim. Dane não tinha sido exatamente um amante apaixonado. E seus beijos nunca a tinham feito arder. Agora mesmo, Elizabeth se queimava.

Dash entrou na sala de jantar, depois fez uma parada precipitada e completa. Seus olhos voltaram onde estava Elizabeth, dormindo ao parecer, seu corpo mudava de lugar agitado no sofá. O que sonhava ela? Ele poderia cheirar seu ardor, quente e doce, envolvendo-se ao redor dele, tentando a cada instinto primitivo que se levantava em seu corpo. Seu membro se inchou por completo, levantando-se sob suas calças jeans; sua carne se sentia repentinamente excessivamente sensível, como se ele pudesse sentir o mesmo ar que sussurrava ao redor dele. Ele ouviu Serena fazer ruídos na cozinha preparando o almoço. As vozes das meninas soando na garagem quente onde agora brincavam. Mike ainda estava no escritório, esperando a chamada de Kane Tyler lhe explicando a petição que Dash lhe tinha feito. Ele esperava que o outro homem não fora o bastante

absurdo para rechaçá-lo. Uma viagem a Virginia por um meio mais convencional não iria bem com Dash.

Embora tudo desapareceu. A quebra de onda quente de paixão e de necessidade que varreu sobre seu corpo nesse momento era tão intensa, tão exigente, que o fez automaticamente o parar e imobilizar-se em resposta. Nunca uma mulher o tinha feito sentir-se tão malditamente faminto. Tão faminto que ele não desejava nada mais que pô-la sobre seus joelhos e montá-la como o animal que residia dentro dele. Se ele não tomava logo, ia enlouquecer.

Ele entrou lentamente na sala de jantar, baixando seus olhos sobre seu corpo magro, seus peitos cheios que pressionavam contra o suave algodão de sua blusa. Um botão lhe tinha desabotoado, exibindo um pequeno de fragmento de sua fenda. Ela vestia ainda decentemente, mas as suaves curvas superiores de seus peitos lhe fizeram a boca água. Ela estaria usando um dos sutiãs de seda e a tanga que lhe tinha comprado, pensou. Esses com o pequeno clipe dianteiro, fáceis de tirar e de despir. Seus peitos eram cheios; seus mamilos eram duros, tão malditamente endurecidos e firmes debaixo de sua camisa que sua língua lhe doeu por encrespar-se ao redor deles.

Ele se ajoelhou no chão ao lado dela, sua mão se levantou, seus dedos alisaram um filamento perdido do cabelo de seda de sua bochecha. Seu suspiro sussurrado quase era um gemido, seus lábios fazendo biquinho se dividiam como se fossem para seu beijo.

Ela precisava dormir, ele se disse enquanto que a olhava fixamente. Ela não o necessitava que despertasse, incomodando-a em seu sono. Muitas opções lhe tinham sido arrebatadas; ele não desejava fazê-lo também.

Era consciente de Serena que se deslizava na cozinha, o sussurro das portas deslizantes quando ela saiu da casa. Sozinhos. Para que? Para a fome a raivava dentro dele até que ele a devorasse? Ele não pensou isso. Não pensava que ela estivesse pronta para dar esse passo ainda.

Seus olhos então se abriram. Eram sonolentos, adormecidos, levantando fixamente o olhar para ele com uma fome que era impossível de ignorar.

-Sentia-te-, ela sussurrou, com um sorriso que curvava seus lábios úmidos—. Me olhando. Se sentia o me olhar — Estava ela dormida ou acordada?

-É obvio-. Ele respondeu estendendo um grunhido em sua garganta-. Cada vez que te olho, coração, tenho que te tocar.

Suas bochechas estavam avermelhadas enquanto sua mão alcançava sua cara. As gemas de seus dedos eram frias, como seda roçando sobre sua carne antes que tocassem seus lábios. Remontaram as curvas, seus olhos que obscureciam de necessidade, com o aroma de sua paixão envolvendo-se ao seu redor até que ele desejou afogar-se neles. Afogar-se nela.

Seus lábios se abriram, atraindo uma das pequenas extremidades dentro de sua boca, acariciando-a com sua língua enquanto ele desejou acariciar um dos pequenos mamilos duros que empurravam contra sua camisa. Sua mão se colocou apenas debaixo de uma das curvas inchadas, levantando-a para cima enquanto que uma faísca de surpresa se acendia em seus olhos.

-Quando te tiver debaixo de mim, vou devorar-te-, lhe disse áspero enquanto seu dedo escorregava de sua boca-. Cada polegada de seu corpo, Elizabeth, farei que arda por mim.

Ela agora respirava asperamente. Seus peitos se levantam e que caíam com suas respirações rápidas.

-Queimo-me já-, ela admitiu com sensualidade sonolenta.

-Farei-te arder mais ainda-, lhe prometeu enquanto que seus lábios baixavam, mas em vez de moverem-se a seus lábios, ele permitiu que os seus sussurrassem sobre a suave curva de seu peito revelado pelo botão deslizado.

Sua respiração se entupiu. Ele poderia cheirar seu molhado calor estendendo-se, sabia que sua boceta palpitava, derramando o suave líquido de sua paixão. E ele desejava prová-la. Desejava enterrar sua língua tão profundamente entre suas coxas que ele seria sempre uma parte dela.

-Dash-. Seu suspiro era grave com o prazer quando seu polegar subiu para cima e raspou sobre seu pequeno duro mamilo.

Ia matá-lo tocá-la axial. Manter uma fachada de decência quando tudo o que ele desejava fazer era despi-la e golpear o interior tão duro e rápido em seu úmido sexo que negar a necessidade era uma agonia.

-Tenho que parar isto-, ele gemeu, permitindo que sua língua raspasse sobre sua carne fragrante—. Agora, Elizabeth, ou eu transtornarei a ambos.

Ele faria algo pior que isso. Infernos, ele a foderia no sofá de seu anfitrião em poucos minutos se não conseguisse afastar-se dela. Mike era um indivíduo pormenorizado, mas Dash não pensava que ele apreciasse entrar do escritório e encontrar a seus hóspedes fodendo até o esquecimento em seu sofá.

Ele levantou sua cabeça, vendo o rubor duro do desejo em suas bochechas, seu conhecimento de onde estavam e de quem poderia entrar dentro a todo o momento. Ela limpou sua garganta e tragou firmemente enquanto que ele se tornou para trás e a olhou. Ela se empurrou para cima até que ela estava sentada no sofá, fechando-se com os dedos trementes o botão de sua camisa.

-Me deixe-. Ele lhe afastou as mãos a um lado e confinou o último pecado. Ele abotoou sua camisa, cobrindo de novo a perfeição das curvas delicadas.

-Dash-. Ele poderia ouvi-lo em sua voz. Sabia o que vinha. Uma desculpa cuidadosamente construída. Uma negação do que ele sabia que aconteceria.

-Não-. Ele pôs seu dedo contra seus lábios-. Vai acontecer, Elizabeth. Você sabe e eu o sei. Não dê desculpas e não tente negá-lo. Quando chegar o momento adequado, quando tiver o isolamento e o momento como para te fazer arder até que esteja tão quente que grite, vai acontecer. Não pense que não.

Seus olhos se exageraram. Sua pequena língua rosada apareceu às escondidas para lhe umedecer os lábios. O gemido baixo que retumbou desde sua garganta fez que suas bochechas avermelhassem mais ainda.

-Hei, Dash-. Mike interrompeu algo que ela houvesse dito enquanto que ele caminhou dentro do vestibulo.

Ele se deteve brevemente, olhando-os fixamente. Sua expressão refletiu repentinamente um lamento irônico.

-Sinto muito. Ia almoçar logo que pudesse arrastar a Serena novamente dentro da casa. Está Faminto? -Oh, ele tinha fome de verdade, pensou Dash. Ele jogou uma olhada a Elizabeth, vendo sua mortificação.

-Comemos? -Ele pediu brandamente. Ela limpou sua garganta.

-Comemos.

CAPÍTULO 10

A tensão que aumentava lentamente entre eles não diminuiu. Dash permaneceu bloqueado no escritório com Mike durante a maior parte do dia, mas ele saía freqüentemente. E quando o fazia, ele ia procurando a Elizabeth.

Ele deu toques suaves. Uma mão em seu ombro, outra em sua cintura, quando ele a atraiu contra ele. Ele lhe sorriu baixando o olhar para ela, roubando bolachas quando ela e Serena não olhavam, seus olhos que brilhavam com calor. Ele não esperaria muito mais tempo. Elizabeth poderia senti-lo em seu corpo tenso, vê-lo no modo que ele a olhava. Ele a tinha reclamado antes de encontrá-la e logo, ele faria efetiva aquela reclamação. Finalmente, essa tarde, ela encontrou uns minutos para pensar no progresso feito. Vadiando a casa e estando à espera seus nervos se alteravam. Ela só poderia descansar enquanto isso. Serena era uma anfitriã perfeita, as meninas estavam bem, e Elizabeth se encontrou cheia de tanta energia nervosa que agora era difícil controlá-la. Ela estava acostumada a correr e a preocupar-se. Ela não estava acostumada a estar em um lugar seguro ou a ter um tempo em suas mãos que não estivesse plenamente dedicado à luta pela sobrevivência.

Depois de jantar, Mike e Serena levaram às meninas a sala de jantar, deixando-os a ela e a Dash na cozinha para falar. Dash a olhou de perto, com seus olhos sombrios, reflexivos, embora nas mesmas profundidades de seu olhar fixo, estava à espreita a paixão ardente e impaciente.

–O que tem descoberto? –Ela lhe perguntou depois que as meninas se reclinassem diante da grande televisão na sala da família de Toler.

Serena e Mike estavam sentados na sala de jantar com as meninas enquanto Elizabeth e Dash acabavam seu café na cozinha. Elizabeth olhou a Cassie durante compridos instantes, vendo uma sombra da uma vez brincalhona menina que ela tinha sido. Seu coração se apertou. Cassie tinha perdido tanto.

Como Dash não falou, ela se voltou de novo para ele, vendo seu olhar fixo depositado na menina. Ele se voltou de novo para ela, com seus olhos dourados pensativos.

–Somente mais perguntas-, ele disse sério-. Grange tem muito dinheiro oferecido por sua cabeça, Elizabeth. Mais do que é razoável, dada a situação.

Elizabeth soprou.

–Ela o viu matar a seu pai, Dash. Ela poderia enviá-lo a prisão durante muito tempo-. Dash sacudiu sua cabeça.

–Olhe isto logicamente, Elizabeth-. Ele se inclinou para frente enquanto ela sentia os nervos substituir a calma tranqüila que tinha estado situando dentro dela-. Seu marido estava profundamente envolvido com Grange. Vendeu a Cassie. Posso ver por que Grange desejava se livrar do bastardo, eu realmente posso, mas-, ele se deteve brevemente olhando-a de perto–, por que diante de Cassie? Para assustá-la? Não acredito. Ele tem suficiente sentido comum para ver que seria mais fácil alcançar seu objetivo se ele a eliminasse e depois matasse a seu pai. Nada disto encaixa.

Elizabeth se lambeu os lábios nervosa. Não havia outra explicação. Tinha que encaixar.

–Possivelmente não lhe importava-, ela assobiou-. Ele está morto e morto, Dash, e não importa.

Ele sacudiu sua cabeça outra vez. Elizabeth apertou seus dedos na xícara de café enquanto ele começou a derrubar as únicas razões que ela poderia encontrar para o inferno que ela e Cassie tinham atravessado.

–Ele foi assassinado secretamente-, lhe disse brandamente-. Cada um, inclusive o de Dane Colder. Eram assassinatos óbvios, mas não havia maneira de atá-lo a eles, ou a ti e a Cassie. Ele esteve tratando de colocar um escudo construído com muito cuidado ao redor das duas. Te fazendo fugir quando ele teria podido te agarrar em várias ocasiões-. Elizabeth inspirou asperamente.

–Fomos afortunadas-. Pelo menos, isso era o que ela tinha estado tentando dizer-se a ela mesma.

-Você foi-. Ele a olhava atento-. Muito afortunada, Elizabeth. As coisas não encaixam aqui. Até que possa encontrar uma maneira de fazer que o façam, não me moverei. Se tiver que fazê-lo, vou caçar. Mas queria conseguir a informação que necessito antes de tomar essa rota. O que lembra exatamente Cassie sobre essa noite? -A ameaça de uma caça prevista pendurou entre eles enquanto que a pergunta final foi expressa. Uma que Elizabeth tinha estado temendo.

-Ela estava sem conhecimento quando a tirei desse lugar. Ela estava quase hiperventilando, estava aterrorizada, tentando fortemente não fazer um som. Não tinha sentido qualquer coisa que ela dizia uma vez conseguimos chegar ao carro. Não poderia lhe entender nenhuma só palavra-. Ela combateu por reprimir a dor, o horror dessa noite-. Ela esteve totalmente silenciosa durante as horas depois e então tentei agir como se não tivesse acontecido nada. Vesti-a, levei-a diretamente à polícia, e enquanto estávamos ali, dois de seus valentões se deslizaram dentro. Justo antes que conseguissem chegar ao escritório em que estávamos dentro, Cassie começou me falar enlouquecida. Ela era firme de que eles vinham. Estava tão aterrorizada que a tirei da sala. Seus homens vinham pelo corredor enquanto nós saíamos do escritório. Conseguimos apenas escapar —. Dash franziu o cenho.

-Como soube Cassie?

Um sorriso amargo torceu seus lábios.

-Sua fada-, ela suspirou asperamente-. O que infernos seja a fada, salvou-nos mais de uma vez.

Dash empurrou seus dedos através de seu cabelo com fadiga, fazendo aos suaves filamentos alvoroçarem-se ao redor de sua cara. Ele estava preocupado. Elizabeth podia ver estender a frustração dentro dele. Assim como tinha aumentado dentro dela durante os últimos dois anos. Revisaram repetidamente suas lembranças dessa noite. Dash lhe perguntou até que ela estava pronta para estalar, até que seus nervos estavam rígidos e o temor retorcia seu ventre. Não tinha sentido. Nunca o tinha. Fazer frente a isso não era fácil.

Finalmente, ele voltou para o escritório com Mike para fazer mais chamadas, para procurar a mais respostas. Elizabeth o olhou ir então se deu a volta, procurando a Cassie. Ela franziu o cenho, querendo-se ter beliscado ao ver a quase temerosa, expressão na cara de sua filha enquanto que ela olhava aos dois homens sair da sala. Finalmente, a cabeça da menina baixou e ela olhou fixamente abaixo em suas mãos como se houvesse alguém nelas antes de dar a volta de novo à televisão. Elizabeth franziu o cenho enquanto um medo repentino a pulsou. Havia mais? Algo mais do que Cassie era consciente e que não lhe havia dito?

Elizabeth passou seus dedos através de seu cabelo ante esse pensamento. Ela o tinha perguntado a Cassie implacavelmente durante esses primeiros meses, lutando para obter respostas.

-Não sei, Mamãe. Não sei-, era sua resposta padrão à maioria delas. Ela lembrava a seu pai lhe tirar seu vestido de seu corpo e empurrá-la para Grange enquanto o outro homem a aferrava.

-Se você pode afastar a sua mãe de seu traseiro-, Dane o tinha desafiado-. Um pouco mais de tempo e eu terei a custódia.

-Quem necessita da custódia? Ninguém a encontrará lá aonde vai-, Grange tinha respondido antes de matar a Dane diante de sua filha.

Não havia nenhuma outra coisa que Cassie pudesse lhe dizer. Grange tinha vindo atrás dela e Dane tinha desejado esperar até que ele pudesse dar-lhe sem problemas. Grange tinha estado pouco disposto a esperar.

Mais adiante de noite, depois de banhar a Cassie e de colocá-la na cama, Elizabeth em pé olhou à menina adormecida. As perguntas de Dash a tinham incomodado, fazendo que seu olhar fora mais duro nos últimos dois anos agora que ela tinha uma ocasião de retomar o fôlego e de

pensar. Não gostou da confusão que enchia sua mente ou a necessidade repentina de perguntar a Cassie mais ainda. A única pessoa aqui que possuía as respostas que precisavam era Cassie, e ela temia que se aproximasse rapidamente o dia em que ela teria que ser interrogada.

Ela baixou sua cabeça, sacudindo-a lentamente, necessitando de Dash. Necessitando só alguns minutos mais para acariciar a calma que tinham encontrado no centro deste horrível pesadelo. Ele era como um oásis de calma, de força que se encontrou repentinamente desejando. Ela sabia que sua época de tranquilidade e de segurança terminaria muito cedo e seriam lançadas de novo na dura realidade da situação na qual estavam imersas. Mas por agora, ela poderia ser uma mulher.

Uma mulher que fazia frente repentinamente ao primeiro homem que a tinha feito jamais arder, desejar jogar a um lado o sentido comum e para estar debaixo dele, choramingando de prazer.

-Hei -. Ele estava ali. Sua voz sussurrou da porta que conectava enquanto ela estava parada no extremo da cama, olhando fixamente a sua filha e somente considerando as mudanças dentro de si mesma.

Elizabeth se girou para ele lentamente.

Deus, ele tinha bom aspecto. Alto e largo, seu corpo musculoso iluminado pela luz do quarto de banho. As calças jeans abraçavam seus quadris esbeltos, marcando o vulto apertado entre suas coxas. Ela desejou cavá-lo, ela advertiu loucamente, sentir seu grosso membro, não contra seu abdômen, e sim na toca profunda e dura dentro dos músculos apertados de seu sexo. Seus peitos se incharam debaixo de seu vestido. Seus mamilos se arrepiaram e sua boceta começou a umedecer-se mais ainda. Enquanto a culpabilidade se enroscou em sua alma. A vida de sua filha estava em perigo e no momento em que ela encontrava uma ocasião para descansar, ela pensava em agarrar em troca, em montar a cavalo nele, montando seu corpo escarranchado duro, sentindo-o endurecer-se dentro dela.

Elizabeth se limpou sua garganta.

-Ela finalmente foi dormir-. Ela gesticulou para Cassie. Estava só olhando-a-. *Mentirosa*, uma voz dentro dela gritou.

Sua expressão lhe dizia que ele suspeitava da falsidade também. A luz quente sensual em seus olhos fez que seu sexo se queimasse, que seus peitos se inchassem com desejo.

-Venha conversar comigo um minuto enquanto que ela está dormida-. Seu olhar fixo estava entreaberto, exigindo. Elizabeth o olhou fixamente inexpressivamente durante um longo momento. *Conversar com ele? Somente?* Ela acalmou a debilidade em seus joelhos ante o pensamento. Ela não desejava falar. Não ainda.

-Estou cansada...

-Elizabeth-. Sua voz agora a arreganhava fracamente-. Acha que vou te fazer mal? Inclusive agora? -Ela sacudiu sua cabeça. Não. Ela sabia que ele não ia feri-la. Pelo menos, não deliberadamente. Não era à dor ao qual ela agora temia, era à proximidade que se transformava entre eles. Converteu-se em um enlace que ela não entendia e um do qual ela temia que nunca escapasse-. Vamos-. Ele lhe estendeu sua mão-. Ouviremos a Cassie se ela acorda.

Ela tomou uma respiração profunda e constante. Ela tinha sabido que chegaria o tempo em que teriam que falar. Tinha sabido que haveria então muitas coisas por decidir. Mas por que o lamentava? Por que desejava repentinamente que todo mundo desaparecesse e ir com Dash somente, rodeada pela escuridão, chamejante com seu calor? Mas não. E agora era o momento de ocupar-se dela.

CAPÍTULO 11

Elizabeth o seguiu ao seu dormitório, repentinamente nervosa, muito consciente de Dash como homem e muito consciente das necessidades de volta à vida em seu corpo. Tinha passado tanto desde que ela havia sentido qualquer necessidade de ser tocada, qualquer interesse por um homem.

Mas durante o ano em que Cassie tinha escrito a Dash, Elizabeth tinha estado interessada, tão ambiciosa pelas cartas como o tinha estado sua filha. A perda dessa frágil conexão não tinha sido só sentida por Cassie, mas sim por sua mãe também. Ela sabia quando ele a atraiu dentro do dormitório o que ia acontecer. Sabia quando ele fechou sua porta e foi ao intercomunicador instalado entre os dois quartos o que ele pensava. Ele girou o receptor somente. Elizabeth se lambeu os lábios, nervosa.

-Isto pode ser uma má idéia-, ela sussurrou enquanto que ele se voltou de novo para ela. Ela poderia ler facilmente a intensidade em seu olhar fixo, a fome sexual irradiando em seu corpo grande. Se um homem podia devorar a uma mulher unicamente com seus olhos, então Elizabeth se considerava devorada.

-Pode ser-. Ele caminhou para ela intencionalmente, nunca afastando seus olhos dela enquanto a respiração dela começou a aumentar.

-Dash, pode ser uma idéia muito má-. Ela respirava com dificuldade jogando uma olhada para baixo, vendo como a calça de algodão se avultava de forma mais que impressionante. Ele estava excitado e preparado. Um homem que tinha posto a um lado sua necessidade enquanto podia, e Elizabeth temia que ela nunca encontraria a força para negá-lo uma vez que ele a tocasse. Seus olhos voaram de novo a sua cara enquanto ele parou diante dela. Seus lábios estavam curvados em um pequeno sorriso irônico.

-Tinha que te olhar somente e você sabia que precisava te tocar-, ele sussurrou escuro-. Entrei para dizer boa noite, Elizabeth, isso era tudo-. Olhei-te e vi a necessidade de te tocar. Nada mais, coração. Alguns beijos, um pouco de carícias. Porque isso é tudo o que você necessita agora. Tudo o que você pode suportar, acredito-. Ela tomou uma respiração dura, a amargura a enchia. Elizabeth sorriu zombadora.

-Não necessito sua compaixão, Dash-. Ela não poderia suportá-lo vindo dele.

Ela tinha lutado com a necessidade de lamentar-se se por si mesma e de afundar-se nos abismos de sua própria dor durante também muitos anos. Não lhe deixaria agora arrastá-la a ele. Ela não desejava suas condolências. Ela se voltou e se dirigiu para a porta, só para fazer que lhe agarrasse seu braço, puxando-a contra seu duro corpo enquanto ele fixamente baixava o olhar para ela com os olhos escuros.

-Era compaixão o que levou em sua mão na outra manhã, Elizabeth? -Ele lhe perguntou brandamente enquanto que ela avermelhou de vergonha-. Se não me confundo, era meu membro. Cheio, duro e preparado para foder no inferno contigo. Isso não é compaixão, coração. E nada o é.

Seus lábios não pediram nada. Sua língua não procurou a permissão. Ele cobriu seus lábios, afundou sua língua em sua boca e tomou sem pedir. Não podia ser chamado um beijo. Era devorar, um banquete dos sentidos, e Elizabeth estava desamparada contra ele. Ele a dobrou sobre seu braço, arqueando seus quadris contra os seus enquanto a fez levantar-se sobre os dedos do pé, pressionando sua grossa ereção, coberta pela calça no v de suas coxas lhe dando uma pista da fome por vir com seu beijo. Ela não poderia respirar.

Ela não desejava respirar. Suas mãos agarraram seus ombros enquanto pequenos sons chiados de fome saíam de seu peito. Elizabeth podia sentir seu fogo estendendo-se por seu corpo,

seus mamilos, seus clitorís, a sua palpitante vagina, dolorida por seu contato, pelo sensual devorar que ele praticava em seus lábios.

Sua língua se afundou dentro e fora de sua boca, imitando um ato muito mais sexual enquanto suas mãos se moviam para trás sobre ela, sobre seus quadris. Não era suficiente. Esfregando-a ligeiramente, acariciando seu corpo até que levantou de propósito em seu lado, cavando o montão inchado de seu peito.

Elizabeth se moveu bruscamente ante a sensação de seus dedos que aferrando repentinamente seu mamilo, ordenhando-a, raspando sobre ela. Dardos elétricos de prazer quase agonizante se rasgaram através de seu estômago e foram a sua matriz com uma sensação aguda.

Ela gritou em seu beijo, suas mãos agarravam seus ombros, à margem agora em um prazer que ameaçava consumindo-a. Durante o curso de sua vida sexual ela nunca tinha conhecido algo como ele. Nunca tinha provado um beijo tão escuro, um que lhe advertia de que ele não tinha nenhuma intenção de ter em conta sua inexperiência sensual. Ele tinha fome. Estava necessitado. E ela era a comida que desejava.

Ela nunca havia sentido sua vagina apertar-se, sacudindo-se, com tal necessidade desesperada. Todos os pensamentos de perigo retrocederam. A situação, tão carregada com o desespero até que chegou Dash, foi varrida de sua mente. Somente estava Dash. Somente seus braços que a sustentavam, seus dedos que puxavam em seu mamilo, sua língua que varria através de sua boca e que tinha o gosto de um vagueador sexual disposto à conquista.

Elizabeth gemeu ante o beijo, sua língua se enlaçava com a sua, desamparada contra as sensações arrebatadoras que trabalhavam através de seu corpo. Ela estava somente apenas consciente dele que se dobrava, levantando-a em seus braços e movendo-a à cama. Ele não deixou sua boca. E agora e depois ela jurou que ele grunhia contra seus lábios. O som era quente, ardendo com fome, e enviado uma inundação de líquidos a seu sexo. Ela entrava em chamas. Ela jurou que ia culminar com seu beijo somente.

Quando ele a pôs de costas na cama, ele a soltou lentamente, seus lábios sorvendo os seus tentativamente enquanto ele finalmente rompeu a conexão. Elizabeth levantou suas pálpebras sonolentemente, levantando fixamente o olhar para ele, sua respiração era dificultosa quando ela o viu rapidamente desabotoar-se sua camisa e então tirá-la de seus amplos ombros. Suas mãos eram fortes e duras ligeiramente endurecidas e tão cálidas. Elizabeth advertiu que ela agora quase se sacudia com a necessidade de fazer que ele a acariciasse, por despir o traje e o vestido de seu corpo. Ela queria que ele a tocasse, esfregasse nela ligeiramente com essas mãos exigentes.

E ele. Estava olhando fixamente abaixo para ela, suas mãos foram ao cinto de seu traje. Seus lábios cobriram os seus outra vez, sua língua empurrava em sua boca enquanto ela gemeu com fome. Ele a fazia sentir-se faminta. Faminta por cada beijo, cada contato.

Elizabeth se arqueou debaixo dele enquanto ela sentia a peça do traje, escorregando de seus dedos quando os botões minúsculos que eram desabotoados da frente de seu vestido.

-Bom deus-, ele gemeu quando ele separou as bordas de seu vestido à parte, olhando fixamente abaixo o cheio e forte impulso de seus peitos e seus mamilos apertados. Elizabeth se ruborizou violentamente enquanto ele a olhava fixamente. Ela olhou sua cara, vendo a pesada sensualidade que formava seus lábios, fazendo que seus olhos parecessem sonolentos, sua expressão cheia de luxúria e de emoção.

-Dash-. Ela sussurrou seu nome suplicantemente, seus mamilos estavam doloridos pelo calor úmido de sua boca.

-Se toco um desses pequenos mamilos duros nunca recuperarei o controle-, ele suspirou, olhando seus peitos enquanto se levantavam e caíam ásperos-. Você entende isto, Elizabeth? Não

pararei-. Ela se lambeu os lábios ressecados, olhando fixamente nas profundidades de seus olhos quando seu olhar fixo voltou.

-Então não pares-. Dash sentiu as chamas arder em sua virilha ante as palavras.

Ele se voltou, sentou-se na beira da cama e começou rapidamente a tirar suas botas. Se ele não se despia antes que ele a tocasse, então não teria mais controle que o que tomava para afrouxar suas calças e para deixar seu membro livre antes de empurrá-lo dentro dela. A luxúria agora rasgava através dele, quase fora de controle enquanto ele combatia para tirar as botas dos pés. Atrás dele, Elizabeth mudou de lugar, ficando de joelhos atrás dele, seus dedos que se posaram sobre suas costas antes de parar em seu ombro direito.

-Que bonito-. Elizabeth acariciou a pequena marca na parte posterior de seu ombro. Cassie tem uma marca igual a esta.

Dash ficou imóvel. Ela se referia ao marcador genético que sombreava sua pele bem abaixo da curva de seu ombro. Uma marca identificadora particularmente impossível de ignorar se qualquer pessoa sabia o que era. Um rastro de uma pata. Era uma brincadeira entre os cientistas que a tinham cifrado. Quando uma pequena marca de nascimento de cor morango impossível de ser apagada.

-Tem a mesma forma, também-, sua voz era um pouco divertida-. Não deixe a Cassie vê-la. Ela diz já que Dane não é seu papai e está segura de que seu papai tem uma marca igual como a sua.

O sangue começou a atacar a sua cabeça, alagando de conhecimento seu cérebro com uma repentina gelada umidade. Cassie tinha essa marca? Havia somente uma razão pela que uma criança podia levar uma marca como a sua. Somente uma razão pela qual o marcador genético teria podido ser colocado. Se Dane fora uma casta do lobo. Mas isso não podia ser possível. Poderia? Uma casta em uma posição proeminente como o cirurgião renomado que tinha sido? Não. Nenhuma casta permitiria jamais que machucassem a sua filha, deixá-la só e vendê-la. De que infernos iam? Ele se voltou para lhe fazer frente.

-Estás segura? -Ele combateu por clarear sua mente-. Absolutamente segura? -Ela o olhava fixamente, seu sorriso vacilando lentamente ao ver sua expressão.

-É obvio-. Ela franziu o cenho com confusão-. Eu a criei, não? -Elizabeth não tinha a marca. Dash sabia que ela não tinha. Seus ombros eram um suave e cremoso traçado de perfeição, sem defeitos.

-Sabia se Dane tinha a marca? -Ele lhe perguntou lentamente, de algum jeito sabendo que ele não a tinha.

-Não -Elizabeth sacudiu sua cabeça-. Ninguém em sua família a tinha. Atormentei a Dane lhe dizendo que os doutores deviam ter conseguido que seu esperma fosse mesclado com algum outro...

Ela falava. Ele viu seus lábios moverem-se, vendo a amargura em sua cara, mas parecia que tudo dentro dele se fechou. Ele a olhava falar, ouvindo-a, seu cérebro processava a informação enquanto ele parecia contrair-se dentro de si mesmo com horror.

Inseminação artificial. Elizabeth não tinha podido conceber devido ao baixo número de esperma de Dane. Tinham entrado em contato com um amigo dele, doutor de fertilidade. Marcus Martaine. Ele tinha mantido o procedimento secreto devido ao orgulho de Dane. O outro homem não queria que qualquer outra pessoa soubesse que ele não poderia gerar a uma criança. Tinham ido por outra rota.

Embora Dane não tinha sido feliz. Ele nunca se preocupou por Cassie. Viu-a sempre quando sua falta, disse-lhe Elizabeth. Cassie era uma menina, mas ele desejava um filho. Não a conceberam corretamente. Não lhe parecia bastante para ele. A lista de Dane tinha aumentado.

Embora Cassie não era filha de Dane. Ela era de Elizabeth. Ele poderia cheirá-lo. O teria sabido se ela não o fora. As diferenças no aroma teriam sido muito grandes se o óvulo da Elizabeth não tivesse sido utilizado. Mas o espermatozoide de Dane não o tinha sido.

-Dash? -Ela agora o olhava com preocupação enquanto ele olhava fixamente abaixo para ela, tudo encaixava repentinamente no lugar.

Dane deveria ter sabido que Cassie não era sua filha. Que ela era uma criança da casta. Ele teria que tê-lo sabido porque ele tinha tentado negociar com ela. A informação do marcador não era de conhecimento público. Era um segredo muito cuidadosamente guardado no momento. Dash fazia seus assuntos ao estudar cada pedaço de informação que lhe era dada deles. Havia um marcador específico em uma localização específica para cada casta. Os lobos levavam os seus em seus ombros direitos.

-Tenho que vê-lo.

Repentinamente, ele tinha que estar seguro. Tinha que se certificar de que Elizabeth não visse uma semelhança que não estava possivelmente ali.

-O que? -Ela sacudiu sua cabeça, confundida-. Ver o que?

-A marca, Elizabeth-. Ele a agarrou pelos ombros, acalmando-a enquanto ela se deu a volta longe-. Me mostre a maldita marca.

-Em Cassie? -Ela franziu o cenho, o medo começava a sombrear seus olhos enquanto ela puxou seu vestido e o traje se fechou-. Por que? O que significa? É só uma marca. Perguntamos ao doutor a respeito dela.

E é óbvio, Martaine teria mentido à amorosa mãe. Era um experimento. Um experimento levado em segredo. Martaine não havia dito obviamente a ninguém nada exceto ao pai. Ele tinha necessitado a ajuda do Dane. De algum jeito, ele tinha falado ao outro homem do perigoso experimento.

-Demonstre-me isso -Ele agarrou sua munheca, arrastando-a da cama e ao outro dormitório, parando ao lado da menina adormecida.

-Dash, para, despertará-, ela sussurrou. Ele não fez caso dela, brandamente levantando a pequena tira do pijama de Cassie e descobrindo seu ombro.

-Estava ali. Uma sombra escura apenas debaixo da pele. Uma marca genética das castas do lobo. Tinham-na criado nos laboratórios, a teriam qualificado, ou tatuado, segundo o laboratório na pergunta, para ocultar o marcador. Mas ela não o tinha sido. Ela tinha nascido de uma mãe carinhosa e de um pai bastardo.

Dash se dobrou perto, inalando o aroma de sua pele e tremendo com o conhecimento que seu cérebro finalmente aceitava. Era débil, um pouco mais escuro do que ele lembrava. A genética obviamente foi prorrogada muito mais que a sua o tinha sido ou ele teria detectado o aroma de uma casta mais cedo. Mas estava ali. Ela era uma criança da casta do lobo. Mas de quem?

O que tinha feito o doutor? Dash conhecia Martaine bem. Ele lembrava do doutor visitar os laboratórios, comprovando os resultados, decidindo quem vivia e quem morria. Dash tinha sido escolhido para morrer. Ele era o mais fraco da ninhada e ainda menor, mais débil, que as outras castas desse grupo. Martaine tinha sido jovem então, não passava dos trinta. Um bastardo frio, brutal.

Dash respirava áspero, a transpiração dedilhava sua testa enquanto ele combateu a raiva estendendo-se de dentro dele. Não continham os experimentos aos laboratórios mais? Quando tinham levado a mescla genética à população em geral? Ele colocou a correia atrás, jogando uma olhada a Elizabeth apertando a expressão furiosa enquanto que ele saiu do quarto.

-Deus, malditos sejam-. Ele disse tão logo saiu de seu dormitório voltando-se para pegar com seu punho na parede. O gesso se trincou. Uma sólida greta de dois por quatro. Dash a sentia enquanto que o som repetiu ao redor dele.

Ele era consciente de Elizabeth que saltava atrás quando ela entrou no quarto, sufocando um pequeno grito atrás de sua mão enquanto ela estava parada e o olhava fixamente, com seus olhos totalmente abertos. Dash inclinou sua cabeça contra a parede, rodando-a no gesso fresco enquanto que ele lutava por pensar.

-Estava ela nua quando a arrebatou de Grange? -Sua voz era um grunhido duro, perigoso.

-Não -Sua voz era débil. Bem-. Ela levava suas calcinhas. Mas sua camisola lhe tinha sido tirada. Dash, o que está acontecendo?

Grange teria exigido a prova. E Dane a tinha dado. Arquivos, é obvio. Ele deveria ter tido arquivos do experimento para o caso de que fossem necessários. E a marca. Era uma marca que poderia ser validada.

-Devia havê-lo sabido-, ele murmurou. Infernos, ele pensou, ele o tinha sabido, mas acabava de rechaçar admitir a ela. A idéia disso tinha sido muito extrema, muito inalcançável para considerá-la. Como infernos tinha acontecido? Martaine deveria haver-se voltado louco-. Deus, maldição. Devia havê-lo sabido. Não é estranho que ele a desejasse-. Uma risada curta, amarga o escapou-. Infernos, claro que ele a desejava. Ela era uma fodida mina de ouro.

Ele empurrou seus dedos através de seu cabelo enquanto lutava para reprimir a fúria que palpitava através de seu corpo. Elizabeth e Cassie tinham vivido um inferno. Procuradas. Com um preço sobre suas cabeças. Tudo porque Dane Colder tinha permitido que a sua esposa a inseminassem com espermatozoides da casta. Como as teriam arrumado? Por Martaine não tinha informado ao conselho do que ele tinha descoberto ao criar em segredo à casta? Ele não o tinha feito, Dash sabia. Os experimentos de criação estavam bem documentados.

-Dash-. A voz de Elizabeth estava cheia de medo-. Dash, que ocorre com ela? -Ele sacudiu sua cabeça desesperadamente. Ele não podia dizer-lhe. Não podia lhe deixar saber. Sua voz era débil-. O que acontece com a marca?

Ele a olhou, vendo sua cara branca, seus olhos aterrorizados. Como tinha querido protegê-la. Que Deus lhe ajudasse, proteger-se. O pensamento de que ele poderia ser algo para ela, construir um futuro e ainda esconder o que era. Ainda saber só de sua doce paixão e o coração da mulher em lugar de sua repugnância.

-Tenho que falar com o Mike.

Ele tinha que entender isto. Tinha que informar a Kane Tyler sobre a mudança na situação. Isto asseguraria a aceitação de Cassie no Complexo em vez de somente ter a consideração disso. Dash tinha pedido o suporte do clã e tinha estado rogando por uma resposta positiva. Ele não tinha esperado que suas orações fossem respondidas absolutamente desta maneira.

-Não. Você tem que falar comigo-. Ela agarrou seu braço, sua voz vibrava com cólera, cheia de petições-. Você falará comigo primeiro, é claro que sim. Que merda passa com a marca?

-Não ainda, Elizabeth. Tenho que falar com o Mike-. Ele não poderia dizer-lhe.

-E um inferno-. Ela sacudiu seu braço furiosamente, o medo se repetia em sua voz-. Você vai me dizer o que se está acontecendo primeiro, é claro que sim. Ela é minha filha, Dash. Não de Mike. Aonde infernos vai?

Dash fechou os olhos, sacudindo sua cabeça asperamente enquanto afastou seu braço de seu apertão.

-Vá com Cassie. Agora-, ela ficou rígida-. Tenho que falar primeiro com Mike.

Ele saiu como uma tromba do quarto, sabendo do atrasado da hora, do fato de que Mike estava confortavelmente na cama com sua carinhosa esposa, provavelmente tendo sonhos ditosos. Um rouco amargo curto soava de seu peito. Deveria ser foddidamente agradável.

Ele se encontrou na habitação de seu amigo e golpeou a porta com os duros nódulos. Ele ouviu uma rouca maldição, a voz sonolenta de Serena. Segundos depois, Mike abriu a porta, seus olhos desfocados pelo sono.

-O que? -Seus olhos se limpavam quando ele viu a Dash. Dash sabia que a fúria que rugia dentro dele era claramente evidente.

-Ela é uma casta-. Sua voz era plana de dor.

-O que? -Mike sacudiu sua cabeça, claramente confundido.

Dash não podia culpá-lo. Ele tinha tido um inferno de tempo para entendê-lo.

-Cassie, ele grunhiu-. Isso é por que Grange a deseja. Ela é uma casta, Mike. Uma Casta Do Lobo. Assim como eu.

-Não! -Elizabeth gritou sobressaltada, sua voz que não o acreditava o fez dar a volta lentamente. Ela o tinha seguido. De algum jeito, com sua mente consumida pela raiva e a dor, ele tinha sido inconsciente dela atrás dele.

Ele agora sabia. Ela o contemplava como o animal que ele era. Seus olhos estavam exagerados, negando, quando ela o olhou com horror angustiante, lutando para negar a verdade do que tinha ouvido. A verdade sobre o homem que ela quase tinha tomado em seu corpo, o homem cuja língua se afundou em sua boca era um animal. A aceitação amarga encheu sua mente quando ele a olhou. Ela parecia como se fosse vomitar.

Ele grunhiu, um estrondo animal baixo que amaldiçoou e que fez que Elizabeth e Mike se sacudissem de terror. Ele sabia o que pareciam seus olhos no corredor, o reflexo de cima ligeiro fraco apenas ao ângulo reto, convertendo-os em um vermelho demoníaco sem o amparo preventivo das lentes de contato que ele usava quando o necessitava. Um animal. Um animal que ela quase havia fodido.

Ele poderia vê-lo em seus olhos enquanto ela se moveu para trás longe dele. Olhando-o com a necessidade enlouquecida de escapar quando ela se voltou e correu para sua habitação. E ele estava atrás dela. Ela tentaria tomar a Cassie e escapar agora. Fugir do animal. Da besta. Escapar de uma verdade que não desejava aceitar. Não haveria uma ocasião em inferno de que ele a deixasse partir longe dele.

Ele a apanhou na porta de seu dormitório, seu braço se envolveu ao redor de sua cintura quando ela lutou contra ele, agarrando-o quando ele a arrastou contra a parede, seu punho conectou quase com sua mandíbula quando ela se separou de sua presa. Respirando arduamente, com seus olhos eram selvagens em sua cara branca, lhe fez frente.

CAPÍTULO 12

Elizabeth sabia que não deveria ter estado tão totalmente impressionada. Os últimos dois anos tinham sido uma série de traições e de confusão que ela nunca podia ter imaginado. Mas isto. Ela não sabia se poderia sobreviver isto.

-Está equivocado-. Ela o assinalou com seu dedo, depois o baixou enquanto ela advertiu como se sacudia fortemente-. Não é possível.

-Você viu a marca, Elizabeth-. Sua cabeça baixou. Seus olhos arderam de fúria, com determinação.

Isto não podia acontecer. Ela desejou dar uma palmada, para sair deste novo e horrível pesadelo que estalava repentinamente dentro de sua mente. Ela não poderia estar acordada. Isto não podia ser verdade. Não tinham criado a sua filha em um maldito laboratório. Tinha sido concebida dentro de sua matriz, levada a termo pleno e entregue em um hospital sob os olhos de um obstetra qualificado. Provas. Imunizações. Cada prova tinha sido tomada para assegurar que Cassie era sã, livre de defeitos. Uma menina perfeita.

E agora ele rasgava sua vida. Ao lhe dizer que Cassie era mais do que ela tinha acreditado, que sua filha agora fazia frente não só ao perigo de Grange, e sim ao transtornado conselho que era ainda mais poderoso. Se o descobriam. Se sabiam... As consequências se fecharam de repente em sua cabeça, fazendo-a lutar por instinto. Não a sua filha.

-É uma coincidência-. Ela pressionou as mãos contra seu estômago enquanto tragava profundamente, lutando com a bÍlis que enchia sua garganta. Não podia ser possível.

Ele riu, um som baixo, selvagem que carecia de diversão. O som rasgou sobre seus nervos, destroçando-os mais ainda. Era animal, perigoso. Não havia nenhuma diversão em sua voz, só aceitação selvagem do que ele era e do ele que fazia frente. O homem do qual ela se apaixonou antes que ela o conhecesse poderia ser afastado dela também. Não só iriam atrás de sua filha, e sim atrás de Dash. Como ela obteria jamais agora manter a qualquer um deles com ela?

-Se houver uma coisa que eu sei, Elizabeth-, lhe informou com aspereza-, é ser uma casta e como ocultá-la. Você não pode ocultar o marcador. Nada pode apagá-lo. É uma impressão genética criada para manter-se sempre. Para estar seguro se ocorria a concepção, e que depois uma criança da casta pudesse ser identificada. O conselho era fanático acerca de não mesclar os animais com a população em geral.

Ela se sacudiu. Deus. Isto não podia estar passando. *Não o deixe acontecer por favor*, ela rogou. Se ela tinha acreditado que os dois últimos anos tinham sido um pesadelo, então isto agora era o inferno e estava afundada de cabeça. Sem nenhuma oportunidade de provar o calor. Sem nenhuma oportunidade de aceitar o perigo e a dor. Sem nenhuma oportunidade para planejar uma saída. Ela não o aceitaria.

-Minha filha não é um animal-. Ela desejou gritar as palavras, necessárias para assegurar-se que ele a ouvia, que o entendia. Não lhe importava o que ele pensava que era, mas sua filha não era um animal. E ela estava segura como inferno de que não era um experimento-. E tampouco é uma casta. Ela é meu bebê-. Suas mãos estavam atadas em seu abdômen-. Tive-a. Levei-a. Ela se parece a mim.

Sua filha. Elizabeth combateu a Dash. Combateu a revelação repentina, repugnante de que ele poderia ter razão. Ela tinha conhecido sempre quão especial era sua filha. Tão única e tão dotada de tantas maneiras que ela se convenceu a ela mesma de que era somente o orgulho de uma mãe o que fazia que ela o considerasse.

-Ela segue sendo sua filha, Elizabeth-. Ele tentou aproximar-se dela, mas parou quando ela se retirou com pânico. Ela não poderia deixá-lo tocá-la. Se o fazia, se romperia. Em fragmentos, em tantos fragmentos que nunca poderia encontrar todos os pedaços outra vez.

-Cheiro sua conexão a ela. É inequívoca. Mas Dane Colder não é seu pai-. Ela ia desmaiar. Elizabeth podia senti-lo e o combatia. Ele poderia cheirá-lo? Não. A maternidade não era um aroma. Ou o era? Cassie tinha vindo de seu corpo. Sua matriz. Ela tremeu violentamente. Como podia ele cheirá-la?

-É-o-. Ela sacudiu sua cabeça desesperadamente, repentinamente lembrando o desespero do Dane para convencer a de que tivesse um filho no primeiro ano. Ele estava desesperado por um filho-. Fomos ao escritório do doutor juntos. Ele fez tudo o que lhe pediram.

Ela lutava por negá-lo, por negar o que lhe dizia. Lutando para tentar encontrar uma saída desta situação repentina, que a horrorizava. Ela olhou fixamente a Dash, silenciosamente lhe rogando, lhe pedindo a que a abraçasse, para demonstrar só um pequeno momento de debilidade, uma dúvida de que ele poderia ter razão. Se ele o fazia, então ela poderia encontrar uma maneira de convencer-se de que nada disto poderia ser verdade. Em lugar disso, lhe deu a prova.

-Martaine era cientista do conselho de genética de alto nível-, ele disse com frio conhecimento. É obvio, ele sabia, ela pensou. Ele era uma casta. Ele conhecia os monstros que trabalharam dentro desses laboratórios-. Ele trabalhou nas fases iniciais da criação, tentando investir a codificação que impedia aos varões fertilizar a suas fêmeas-. Um gemido baixo, doloroso foi seu único protesto-. Quando ele deixou de fazer o que desejavam, ele foi silenciosamente retirado, mas bem que matado, se por acaso eles o necessitassem mais tarde-, Dash continuou-. Ele se concentrou na prática da fertilidade e seus experimentos continuaram evidentemente. De algum jeito, ele conseguiu utilizar algum jeito o esperma único da casta para fertilizar o óvulo. Porque lhe juro isso, Elizabeth, Cassie é uma criança da casta do lobo. Isso é pelo que Grange não a deixará ir. Isso é pelo que ele matou a seu pai. E esse foi pelo que Dane rechaçou aceitar à menina. Porque ele sabia.

-Não -Ela sacudiu sua cabeça desesperadamente-. Ele não teria feito isso. Ele não poderia.

-Ele o fez, Elizabeth-, ele grunhiu, o som ricocheteava através de seu corpo como uma bala-. Me escute, maldita seja, porque a vida de Cassie está em mais perigo do que você imaginou jamais. Ela é a primeira. Ouve-me? -Ela se estremeceu violentamente-. Ela é a primeira menina da casta concebida fora de um laboratório. A primeira em ter sido criada, *in vitro*, sem primeiro alterar o óvulo para aceitar o DNA único. Você entende o que te estou dizendo, Elizabeth? Ela é única. Uma ponte entre o ser humano e as castas, e uma fêmea no assunto. Capaz de procriar, Elizabeth. Grange sabia. Ele sabe que e ele a deseja para ele. E se ele não a consegue, seu passo seguinte será vender esta informação aos bastardos que nos criaram para começar.

Capaz de procriar? Ela era uma menina. Não se criava aos bebês. Se os embalava, os amava e os educava para serem felizes e livres e para te amarem em troca. Ela não poderia encontrar sentido nisto. Não podia aceitar a informação o caos em seu cérebro.

-Ela é só uma menina. Você não pode fazer isso com uma menina.

-Elizabeth-. Ele gemeu seu nome com emoção agonizante-. Me escute, doçura. Tem que agora me escutar. Você não pode proteger a Cassie contra isto. Não pode abrigá-la ou fugir o bastante longe para ocultar a disto.

Elizabeth o olhou fixamente com choque. Não podia proteger Cassie? Ela tinha que proteger a Cassie. Ela era sua filha. Ela não poderia aceitar outra coisa.

-Não deixarei a meu bebê morrer-, ela rugiu furiosamente-. Está equivocado. Tem que está.

-Você sabe que não estou equivocado-, ela ficou rígida-. Os sons que ela faz enquanto que ela está dormindo. Não havia uma casta do lobo nos laboratórios nos quais vivi que não fizesse esse som quando eram crianças. Quando ela jogava com Mica e a mordida. É o instinto de utilizar os dentes em vez das mãos para conseguir a liberdade. Suas presas são mais largas. Sua inteligência mais avançada para sua idade...

-Para! -Ela gritou a dor agora irradiava através de seu corpo. Ela não poderia suportar respirar; doía tanto. Ela tinha que fugir. Tinha que ajudar a Cassie a sobreviver a isto. -Te afaste longe de mim. Infernos só te afastes de mim-. Ela se moveu por volta do quarto de banho que conectava as habitações.

Ela tinha que chegar junto a Cassie. Tinha que se certificar de que nada ou ninguém poderia nunca machucar a sua menina outra vez. Ela tentou fugir, tentou passar além dele e escapar da dor que ele trazia para sua vida.

Ele a apanhou apenas além das cadeiras, movendo-se mais rapidamente do que ela podia. Seus braços, tão duros e fortes, envolveram-se ao redor dela, arrastando-a contra seu peito quando ela se derrubou. Uma mão grande moveu sua cabeça contra ele, seu amplo peito absorveu seu grito repentino de negação agonizante.

-Não-, ela se lamentou contra seu peito, seus punhos se fecharam de repente nele tão fortemente como a verdade se fechava de repente em sua alma-. Oh, Deus, não. Não fez isto a meu bebê.

Ela tremia com tanta força em seus braços que se assustou. A um certo nível, ela era consciente de sua depressão nervosa. Os últimos dois anos tinham culminado nisto. A frágil presa que ela tinha sobre seu controle se quebrou e as lembranças invadiram sua mente.

Ela não tinha estado cômoda com Martaine. Dane tinha tido que lutar, pedir e rogar por isso com ela para permitir que o doutor realizasse o procedimento. Elizabeth teria desejado a algum outro. Teria desejado a um doutor em que ela confiasse, um que não fizesse a sua pele arrepiar-se. Mas Dane tinha sido insistente. Seria privado desta maneira. Ninguém saberia jamais que não tinham concebido a sua menina naturalmente. Ninguém estaria informado de que ele não era o bastante homem para conseguir que sua própria esposa estivesse grávida.

A lista de desculpas tinha sido larga e as lutas quase tinham sido violentas. Finalmente, Elizabeth tinha cedido. Dane tinha estado enlevado até que lhes haviam dito que o procedimento tinha sido eficaz. Elizabeth tinha concebido. Ele tinha ficado sério.

Seu entusiasmo se desvaneceu lentamente a partir desse momento rapidamente. E ela nunca tinha sabido porquê, agora sabia. Tinha cedido sua esposa e filho a um experimento. Dane tinha sido quase obsessivamente ciumento. A revelação de que ela não levava a seu filho deve havê-lo comido vivo. Tinha-o feito. Tinha destruído sua união, e sua avareza teria tomado cedo ou tarde sua vida.

-Mike, vá ver o que pode descobrir sobre Colder e Martaine, em privado, por exemplo qualquer dinheiro devido ou pago. Preciso tanta informação como possa conseguir. Ponha uma chamada a Tyler para mim. Temos que falar outra vez.

Ela tinha sido apenas consciente de que o outro homem e sua esposa entravam na habitação quando ela e Dash lutavam. Agora ela estava em seus braços enquanto ele a sustentava firmemente contra seu peito, gritando. Ela não sabia porquê gritava. As lágrimas não iam ajudar. Mas ela não poderia parar.

Enquanto Dash lançava ordens precipitadas ao outro homem, suas mãos esfregavam ligeiramente seu cabelo, suas costas, sustentando-a perto do calor e da dureza de seu corpo.

Cobrindo-a da única maneira em que ele sabia. Ela a reconheceu. Tinha-a utilizado freqüentemente com Cassie.

Tinham traído a sua filha outra vez, assim como o tinha sido Elizabeth. Tudo o que agora tinha sentido. Tantas coisas que ela não tinha podido explicar: a afluência repentina do dinheiro depois que ela concebesse, a distância da criança, o interesse de Dane e de Martaine nela. Ele tinha visitado a casa freqüentemente antes de seu divórcio e a tinha chamado pessoalmente várias vezes.

E Cassie. Elizabeth sentiu a seu coração parar-se. Sua filha sabia. Ela o conhecia e não o havia dito a Elizabeth. Ela tinha que sabê-lo. Ela estava ali quando mataram a Dane, tinha ouvido seu pai regatear com o preço de vendê-la a Grange. Ela teria que ser consciente de sua herança.

Os pedaços começaram a encaixar em seu lugar. Como Cassie tinha sabido todas as vezes que alguém tinha estado nos apartamentos nos quais tinham vivido. Ela tinha parado, com medo que fazia a seu corpo ficar rígido enquanto ela inspirava profundamente. *Estão aqui, Mamãe. A fada diz que ele está aqui.* A fada não se mostrou antes da noite em que Dane foi assassinado.

A fada lhe dizia quando havia perigo. Instinto. O conhecimento animal, como sido explicado nas entrevistas que ela tinha visto com as castas felinas. Iniciou-se nos jovens e cresceu somente mais forte enquanto amadureciam. A fada lhe disse quando seus inimigos estavam próximos. Instinto. Ela poderia cheirá-los, assim como Dash podia cheirar a prova de seu parentesco. A fada sabia sempre as coisas que Cassie mesma devia aceitar e consolidar.

Ela se empurrou contra o peito de Dash, limpando nas lágrimas de sua cara, lutando pelo controle. Ele não a deixaria ir. Ele a sustentou contra ele, sabendo que ela desejava fugir, ocultar-se não só de Grange e da verdade, mas sim dele também. Ele a tinha reclamado.

Ele lhe tinha informado já sobre esse fato. Ele não a deixaria ir. Ela lembrou as entrevistas de Callan Lyons. Seu proteção feroz de sua esposa, Merinus. A determinação por protegê-la a toda custa. Seus olhos tinham ardido quando ele falou dela e ela tinha visto um homem que mataria para salvar a sua mulher. Como Dash fazia. Ele tinha matado para proteger a ela e a Cassie. A quantos mais ele estaria forçado agora a matar? O pensamento disso, o perigo não só para sua menina, mas também para Dash, destruía-a.

CAPÍTULO 13

-Me solte-. Ela empurrou contra seu peito outra vez enquanto Mike e Serena saíam a habitação-. Tenho que ver a Cassie. Por favor, Dash. Tenho que vê-la.

Ele a soltou lentamente enquanto ela lutava por secar a cara, para reprimir as lágrimas que ainda saíam de seus olhos. Ela não poderia entrar ali assim. Cassie dormia. Ela sabia sempre quando sua mãe estava transtornada, quando ela gritava... *Deus, que estivesse dormida.*

Ela entrou na habitação, sabendo de algum jeito que Cassie estava acordada. Ela o estava. Sentada na cama, com sua própria cara molhada pelas lágrimas enquanto agarrava o urso Teddy que Dash lhe tinha comprado no restaurante. Seus ombros frágeis se sacudiam com suas lágrimas enquanto ela oscilava para frente e para trás. Com soluços silenciosos, dilaceradores que destruíram a Elizabeth. Quanto tinha ouvido sua filha?

-Cassie? -Elizabeth advertiu que ela se sacudia, tremendo da cabeça aos pés quando sua filha levantou sua cabeça, vergonha e medo retorciam sua pequena cara.

-Não sou má, Mamãe-, ela sussurrou desesperadamente-. Juro-lhe isso, Mamãe. Juro-lhe isso, eu não sou um animal. Não o sou.

-Oh, Deus-. Ela se sentia débil, pelo choque, vendo a verdade nos olhos de sua filha enquanto ela se amontoava tão infelizmente na cama. Elizabeth se aproximou dela, puxando-a a seus braços, sentindo o pequeno abraço dos braços de sua filha ao seu redor enquanto soluços sacudiam seu magro corpo.

Ela não poderia respirar. Elizabeth lutou contra as vertigens que se envolviam ao seu redor enquanto embalou à menina, lutando com a beira de histeria em sua mente enquanto a voz aterrada de Cassie repetia ao redor dela.

-Sinto muito-, ela gritava contra o peito de sua mãe-. Mamãe, por favor. Sinto muito.

-Cassie-. Ela reprimiu suas próprias lágrimas quando puxou das costas de sua filha, olhando fixamente na pequena cara, vendo tanto dor, tanta revelação das crueldades do mundo-. Por que o sente, céu? Cassie, você não tem feito nada de errado.

-Ele disse que você não me amaria-. Cassie tremia os dentes tanto que apenas lhe entendia-. Disse que era um animal. E que precisava ser encerrada. Que você não queria a um animal. E que você não gosta de cachorrinhos. Ou inclusive os gatos. E ele disse que você não me queria.

As mãos de Cassie se agarravam ao seu pescoço enquanto Elizabeth olhou fixamente abaixo a ela com tal choque entristecedor que ela temeu que tivesse perdido sua mente. Cassie gritava, estava gritando, tão histérica que Elizabeth sabia que logo estaria doente.

-Basta-. Elizabeth a sacudiu firmemente-. Cassidy Paige Colder. Já é suficiente-. Ela utilizou a voz que Cassie chamava a voz de “nada de chocolate”. Firme, a reprimenda, garantida para atrair a atenção de sua filha.

Os olhos de Cassie se exageraram, as lágrimas ainda fluíam, os soluços ainda saíam de seu peito, mas ela não gritava, não aterrorizava Elizabeth com sua total histeria.

-Cassidy. Por que gritas? -Ela combateu a necessidade de embalar a sua filha, de balançá-la, mas ela viu o choque completo encher os olhos de sua filha e sabia que Cassie nunca ouviria as palavras suaves. Cassie piscou.

-Sou um animal, Mamãe-. A dor em sua voz era dura de ouvir.

-É Tanner Williams um animal, Cassidy Paige? Callan Lyons? São animais? -A respiração do Cassie era dificultosa. É o que a pequena esposa de Callan e o bebê que tem um animal, Cassie? - Ela perguntou a sua filha ferozmente. -É assim como você os vê? Esses homens e mulheres que lutaram por suas vidas e seus corações, tão perfeitamente bonitos. São animais? -Cassie levantou o olhar para cima a ela com surpresa.

-Não, Mamãe-. Ela sacudiu sua cabeça ferozmente.

-Hei-te dito eu que são animais, Cassie? -Ela ficou rígida ferozmente-. Não animei sempre seus direitos junto a ti? O que faz que crê que eu acreditaria que é um animal? Jovenzinha, você está muito perto de perder o chocolate durante um mês-. A boca de Cassie bateu aberta, seus olhos se exageravam enquanto Elizabeth a olhou fixamente abaixo a ela com a cólera reta de uma mãe-. Possivelmente dois meses-, Elizabeth emendou-. Por que se você souber algo neste mundo, deveria ter sabido quanto te amo, Cassie.

Sua voz então se rompeu, as lágrimas que encheram seus olhos, estorvando em sua garganta quando ela olhou fixamente abaixo a vulnerável menina, quase quebrada. Deus querido, ela poderia matar ao mesmo Dane pelo que tinha feito a Cassie.

-Ele disse que era um animal-. Ela sacudiu sua cabeça lentamente, as lágrimas finalmente diminuindo.

-Não, Cassie-. Ela agarrou a cara da garota, olhando fixamente abaixo a ela com uma raiva interna que abrasou sua alma-. Você é meu bebê. E quem quer que seja seu pai natural, em qualquer lugar que ele esteja, que posso só lhe agradecer por me haver dado uma menina tão linda, tão inteligente e tão carinhosa como você o é. Você me entende, Cassie? Ouve o que estou dizendo? -Cassie piscou para cima a ela. Em um segundo a menina estava em seus braços, aferrando-se firmemente a seu pescoço, com um beijo duro, desesperado pressionado contra sua bochecha.

-Te amo, Mamãe-, ela sussurrou em seu ouvido-. Te amo.

-Te amo, Cassie-. Ela poderia agora embalar a sua filha. Poderia sustentá-la em seus braços e balançá-la, confortá-la.

Elizabeth fechou seus olhos, lutando com seus próprios gritos, seus próprios soluços, quando ela sustentou a sua filha firmemente contra seu peito. Ela pressionou seus lábios sobre a cabeça de

Cassie, abrigou-a em seus braços e rogou a Deus que pudessem encontrar uma maneira, uma certa maneira, agora de protegê-la. Não importava que os Toler estivessem parados na soleira. Nem que Dash as olhasse com os olhos famintos. Tudo o que agora importava era Cassie. Sua proteção. Sua segurança. E Elizabeth sabia que somente Dash poderia as assegurar.

Ela levantou seus olhos a ele, lutando com as lágrimas, sabendo que Cassie nunca poderia dirigir ver sua mãe agora derrubar-se. Mas Elizabeth sabia que estava malditamente perto de fazer isso. Ela se sacudia no interior, enjoada, débil. Deus querido, o que ele ia fazer agora?

Mike e sua esposa saíram lentamente da habitação enquanto Dash se aproximou da cama, seus olhos eram tristes e cheios de dor enquanto ele olhou fixamente abaixo a Elizabeth.

-Cassie-. Ele se sentou abaixo ao lado dela-. Você escutava atrás das portas não é assim? Cassie se esticou nos braços de sua mãe, depois cabeceou hesitantemente. Você ouviu o que sou então, não é verdade? -Ele lhe perguntou brandamente. De novo, Cassie cabeceou-. Quando era muito jovem, Cassie, não muito mais velho que você, escapei dos laboratórios e fugi tão longe e tão fortemente desse lugar como poderia. Porque sabia não era um animal. Sabia que merecia viver e estar livre. Assim como você. Você é uma menina perfeita, linda. Tão bonita como sua mamãe o é. Mas você tem que acreditar nisso. Lembra? Você me disse isso em uma carta. Se você o crê, então é tão verdadeiro como o sol. Lembra-o, Cassie?

-Mami me disse isso-. Ela soluçou contra o peito de Elizabeth.

-E sua mamãe te menta, Cassie? -Ele tocou seu cabelo brandamente; ao mesmo tempo que Elizabeth sentia rodeá-la com o braço ao redor de seus ombros. Ele era calor e força. Deus, ela necessitava essa força agora.

-Mamãe nunca mente-, Cassie finalmente suspirou-. Não, ela não mente-. Ele puxou ambas a seus braços, as sustentando, as protegendo.

-Nenhum de nós o fazemos, Cassie. Nunca. Agora necessito que me diga exatamente o que aconteceu nessa noite. Até que saiba o que aconteceu, não posso lhes proteger a ti e a sua mamãe completamente. Você tem que me dizer tudo.

Elizabeth sabia quando ele disse as palavras que ela não poderia suportar as lembranças de Cassie dessa noite. Ela tinha razão. Mas permanecia silenciosa, lutando para escapar dentro de si mesma, atirar dessa capa de distanciamento ao redor de seus ombros que a manteria forte por sua filha.

Dane havia devido a Grange uma quantidade espantosa de dinheiro. Quando o outro homem chegou a casa, Dane o tinha estado esperando. Ele tinha informado já a Cassie de sua família, tinha rugido com ela, lhe dizendo repetidamente que era um pequeno animal, que ela precisava ser enjaulada, encerrada como os outros animais no mundo. Que sua mãe nunca poderia agora desejá-la. Nunca amá-la. Cassie não sabia por que sua mãe rechaçava deixá-la ter um animal doméstico? Lhe havia dito cruel. Quando ela pensava que sua mãe se sentiria quando ela averiguasse que Cassie não era nada mais que todos os animais que lhe tinha negado durante os anos?

Cassie tinha estado gritando quando Grange mostrou seu dinheiro. Foi então quando Dane lhe ofereceu algo muito mais valioso. Uma criança da casta. Concebida naturalmente, e sem as taras genéticas que tinham as outras castas de conceber meninos. Adestrável. Fértil. Para convencer ao outro homem, lhe tinha esmigalhado o vestido de Cassie, lhe mostrando o marcador genético. O mesmo marcador cotado nos arquivos secretos da pasta que Martaine lhe tinha dado anos antes.

Grange tinha estado enlevado. Mas ele tinha sido o bastante inteligente para saber que Dane nunca poderia chegar longe com a venda de sua filha.

Ele havia dito a Cassie olhar. Para ver quão fácil é matar a um homem. Que essa fosse a primeira de muitas lições que ela logo aprenderia. Diante de seus olhos ele tinha matado a seu pai.

Cassie gritava enquanto lhes disse o que aconteceu, e Elizabeth não a parou. Os soluços eram dilaceradores, uma purificação. Finalmente, Cassie se tinha permitido fazer frente à verdade dessa noite, assim como a Elizabeth. Quando ela acabou, Elizabeth a balançou, lhe cantarolando uma canção de ninar e não protestou quando Dash se sentou, as abraçando a ambas. Finalmente, a menina se deslizou em um sono esgotado nos braços de sua mãe.

Elizabeth a pôs na cama e alisou os cachos escuros longe de sua cara com os dedos trementes.

-Despertarei logo-, ela sussurrou roucamente. Despertarei em minha casa, em minha cama e me darei conta de que tudo foi um horrível pesadelo-. Dash suspirou atrás dela enquanto que ele se levantou da cama.

-Quando o fizer, desperta a mim também-, ele suspirou-. Então encontra uma explicação para que eu esteja nessa cama ao lado de ti. Porque não te deixarei ir, Elizabeth. Nem agora. Nem nunca-. Ela olhou fixamente a sua filha, incapaz de dar a volta e de olhar.

-Que quer que faça? -Ela lhe perguntou, lutando com a sensação de desamparo que a enchia repentinamente-. Me diga o que fazer, Dash. Como a protejo agora?

-Você não pode, Elizabeth-. Sua voz era dura, fria-. Somente eu posso fazê-lo. E agora te jogue abaixo e tente descansar. Planejaremos isto amanhã. E lhe prometo isso, Cassie será protegida.

CAPÍTULO 14

A manhã chegou muito logo. Elizabeth estava sentada com os olhos vazios e sérios no escritório enquanto Dash e Mike Toler lhe faziam frente. Os planos que ele tinha feito, sem sua aprovação, eram uma loucura. De algum jeito, enquanto a noite tinha dado passagem ao amanhecer, ela tinha sabido que vinha isto. Ela tinha escutado os pequenos e suaves sons de cachorrinho de Cassie enquanto ela dormia, e tinha sabido que Dash levaria a sua filha longe dela.

Não importava o que ela soubesse além de qualquer sombra de dúvida que ele sozinho desejava protegê-la. Não importava que ela soubesse que a proteção viria com um preço. Tudo o que ela sabia era que a culminação de dois anos de lutar, de fugir e de ocultar-se tinha terminado assim.

Ela se sentou no gasto sofá e fez frente aos dois homens, com suas mãos colocadas entre seus joelhos, sentindo-se dissociada, desapegada do mundo ao redor dela. Sua filha, a menina que ela tinha criado, não tinha sido mais que um experimento para outros. Tinham a utilizado e tinham utilizado a sua filha, horivelmente. Tinham forçado a uma menina crescer muito cedo. Para ver o horror de uma vida que ela nunca deveria ter conhecido. E agora, desejavam separá-la de sua mãe.

-Não-. Ela manteve sua voz tranqüila, razoável. Dash não parecia surpreso. Ele não devia estar surpreso, pensou. Ele deveria saber que nunca estaria de acordo. Ele deveria ter vindo com outro plano.

-Elizabeth-. Ele suspirou profundamente. O som estava cheio de pesar-. Escute-me, coração. Se você for com ela, então nunca atrairemos Grange de novo a seu estado no tempo justo. Assim conseguimos proteger a Cassie enquanto temos cuidado do monstro. É a única maneira que podemos fazer isto-. Tinha que haver outra maneira, porque ela não aceitava isto.

-Cassie fica comigo-. Ela ficou em pé, olhando fixamente aos homens tranqüilamente, surpreendida de si mesma e da carência de fúria, de medo ou de raiva dentro dela.

Ela deveria gritar esta manhã. Seu interior deveria ser uma ruína de estremecimentos ante o pensamento do que fazia frente sua filha. Ela não deveria ter podido mover-se considerando o estado de choque no que ela sabia que tinha entrado.

-Elizabeth-. Dash caminhou diante dela enquanto ela se moveu na habitação-. Não temos outra opção-. Ela parou antes que pudesse tocá-lo. Ela não podia tocá-lo. Não poderia deixar a seu calor filtrar-se além do amparo gelada com que ela havia coberto ao redor de seu coração.

Ela olhou fixamente seu peito durante compridos instantes, vendo o bem que a camiseta do exército abraçava os amplos músculos, estirando-se e ajustando-se a um corpo do que ela tinha fome. Um corpo que ela não podia tocar. Que não tinha nenhum direito a desejar.

-É obvio-. Ela se encolheu de ombros enquanto que finalmente olhou fixamente acima para ele.

-Faremos o mesmo que fazem os Felinos. Iremos aos meios-. Ela poderia quase sentir o ar agora que zumbia ao redor dela, carregado com a cólera e a acusação volátil.

Era uma solução simples. Os Felinos o tinham feito e eram agora protegidos com tanta segurança e eram tão autônomos que ninguém se atreveu a meter-se com eles por medo ao ultraje público. Sua filha poderia ser protegida da mesma maneira. Não poderia fazê-lo ela?

-Os meios-, Dash disse cuidadosamente. Pensa nisso, Elizabeth. Cassie não é um adulto e ela não tem a proteção de um clã. O que é mais, não a criaram em um laboratório. Conceberam-na naturalmente, o que levantará as estacas de maneira que você não pode nem imaginar. Você é uma mulher só e os cientistas estarão impacientes para pôr suas mãos em Cassie para os estudos-, Ele disse com desprezo a palavra-, poderiam idear qualquer maneira de carregar contra ti. Você irá de uma mãe que luta para salvar a sua filha, a uma buscadora de dinheiro mercenária que usa a sua filha para tirar dinheiro. Podiam te acusar pelo assassinato de Dane. Fazer com que pareça como se estivesse de acordo com Grange... -Ela sacudiu sua cabeça desesperadamente, o pânico flamejava em seu peito.

-Não...

-Eles podem, Elizabeth-. Dash manteve sua voz suave, quase sinistra-. Me escute. Ouça o que te estou dizendo porque sabe a verdade. Podem fazê-lo. E Cassie é excepcional. Ela é também explorável. Não pense que lhes pode ganhar. Se agora for aos meios, antes que a reconheçam como casta e sob sua proteção, então a terá perdido para sempre.

Elizabeth trouxe com dificuldade quando o olhou fixamente em seus olhos, vendo a convicção total ali, a força de sua crença. Ela não tinha considerado, que se tentassem levar a sua menina longe dela, para manipular a opinião de tal maneira. Ela olhou por cima ao Mike Toler. Sua cara era sombria, seu olhar era fixo quando ele cabeceou em acordo. Podiam fazê-lo, sua expressão parecia gritar. Fariam-no. E onde a deixava isso exceto sem sua filha?

-Mas, ela estará sem mim-, ela sussurrou voltando-se de novo para Dash, envolvendo os braços protetores ao redor de seu peito-. Tem que fazer que me deixem ir com ela-. Ela não poderia imaginar ser separada de Cassie. Não estar ali quando sua filha tivesse pesadelos, quando estivesse assustada. Se acontecesse algo. Como poderia estar segura de que protegeriam a sua filha?

-Grange conhece seus hábitos, coração-, Dash continuou-. Ele acredita que você nunca deixará a Cassie ir a qualquer parte sozinha. Ele não contará com isto. Então, quando estivermos preparados, deixaremos ele pensar que pode te encontrar. Se desaparecer com Cassie, então ele irá ocultar-se, até que ele consiga ter sua ocasião de apanhá-la. Uma ocasião que você não poderá antecipar. Temos que capturá-lo, Elizabeth. É a única maneira-. Capturá-lo. Durante um momento

a lembrança do relatório de notícias cintilava em sua mente. HENCHMAN do Grange encontrado em uma piscina de sangue, com sua garganta aberta com uma fatia, uma matança eficiente, o repórter tinha concluído. Dash o tinha apressado, totalmente.

-O matará? –ela lhe perguntou débil. Ela nunca tinha matado a nenhuma pessoa. Mas, nunca lhe tinham dado a oportunidade de ter a garganta de Grange à mão, nenhuma.

-Somente se tivermos que fazê-lo-, lhe prometeu, mas viu a fúria nua em seus olhos. Ela tinha a sensação de que ele faria o “ter que” encaixar-. Primeiro conseguiremos que Cassie esteja protegida. Então vemos o que podemos fazer com respeito a Grange. Pode ser que sejamos afortunados e ele se advenha a razões.

Ele deu de ombros. Elizabeth piscou. Seus olhos brilharam selvagens e seu tom de voz refletiu claramente sua esperança de que Grange não estivesse inclinado a escutar nenhum tipo de razão. Nesse momento, ele parecia que o tinham criado para ser. Um caçador selvagem, sem piedade.

-Então, essencialmente, vamos caçar? –Ela lhe perguntou lentamente. O sorriso que cruzou a cara de Dash era quase um grunhido.

-Essa é uma boa descrição-. Ele cabeceou.

A ele parecia lhe gostar da idéia. Elizabeth o olhou. Quando ela o fez, sentiu a fúria borbulhar quente e arrastar-se ao redor das beiras da proteção que ela tinha lutado para pôr em seu lugar durante toda a noite. Terrance Grange tinha procurado a ela e a Cassie durante dois anos. Matando a qualquer pessoa que lhes tivesse ajudado, estando parados de maneira que evitasse qualquer ocasião que Cassie tivesse tido de uma vida normal.

Ele o tinha feito por avareza e por uma luxúria pelo poder. Por possuir a alguém tão único, tão especial, e utilizá-la para seus próprios torcidos planos depravados. Ele era um demônio. Um monstro que não pararia até que ele destruísse a Cassie.

Ela tomou uma respiração dura, estabilizando-se.

-Ensine-me a caçar-. Ela olhou para ele, permitindo que a cólera se consolidasse, sentindo a proteção esmiuçar-se-. Desejo-o, Dash. Você me ensinará como-. Ela não se sentaria na retaguarda. Se ela tinha que fazê-lo desta sua maneira, então ela lutaria também. E ela sabia que ele poderia lhe ensinar como lutar.

Seus olhos entreabriram e brilharam intensamente ali deveriam havê-la aterrorizado. Era luxúria. Quente. Faminta. Como se o pensamento dela o combatesse tivesse aceso uma chama que ele não tinha nenhuma intenção de apagar.

-Te treinar? –Ele lhe perguntou cuidadosamente-. Está segura de que é o que deseja, Elizabeth? Você poderia fazer isto de maneira segura. Não te importa o levar da parte mais dura do trabalho. Sei.

Seus lábios apertaram, as janelas do nariz que flamejavam quando sua cabeça se levantou e lhe devolveu seu olhar diretamente. Ela poderia dizê-lo sabia. Ele lhe gostava, estava disposto a levá-la tanto se era sua luta como se ou não.

-Ela é minha filha-, ela disse inexpressiva-. Foram nossas vidas as quais ele destruiu. Se tiver que enviar a minha filha longe para protegê-la, alguém vai ter que pagar por isso. É culpa dele.

Ele deverá pagá-lo. Ela deixou isso sem dizer.

Dash a olhou fixamente durante compridos instantes, silenciosos. Nesse tempo, o calor pareceu aumentar em seus olhos, no mesmo ar ao redor dele. Ela esperou em qualquer momento sentir as chamas lambendo sobre seu corpo. Ele parecia um homem preparado para satisfazer todas suas necessidades mais baixas tanto se ele tinha uma audiência como se não.

-Mike-, Dash murmurou-. Posso falar com a Elizabeth a sós? -Eles se foram. Elizabeth acalmou o tremor de agitação que se estremecia sobre seu corpo. Mike ficou lentamente em pé, limpando sua garganta.

-Estarei na cozinha, respirando no ar claro. Está ficando malditamente quente também aqui dentro para meu gosto de todos os modos-. Ele até sorria enquanto ele os passou. Quando a porta se fechou, Dash se deu a volta de novo para ela lentamente.

-Quererei te possuir-, lhe disse brandamente, sem que houvesse dúvida alguma em sua voz-. Se te treinar, farei mais que só te ensinar como atirar ou como lutar, Elizabeth. Não poderei pará-lo-. Ela se lambeu os lábios nervosa.

-Você o faria de todos os modos. Ambos o sabemos-. Era algo que ela tinha aceitado quando esteve em seus braços a noite anterior. Não havia como ocultá-lo. Ele teria podido tê-la então. Teria podido tomá-la ali em seu dormitório e ela não o teria parado. Ele sacudiu sua cabeça advertindo-a.

-É diferente, Elizabeth. Sua proteção e o lutar a seu lado de som duas coisas diferentes. Se for o bastante resistente para procurar sangue, então é o bastante resistente para tudo o que sou. Cada parte de mim. Desejas aceitar isso? -Ela então franziu o cenho.

-O que? Você fodes diferente de outros homens? -Ela finalmente ficou rígida-. Que mais poderia fazer? -Ele se moveu ao redor dela. Ele a espreitou, realmente, para olhá-la de perto.

-Aposto que Dane teve sexo contigo usando o missionário. Sem luzes. Na escuridão, um gemido rouco ou dois e então caindo em cima-. A repugnância pelo outro homem, embora ele estivesse morto, era claramente evidente. Elizabeth avermelhou. Estava também muito perto da verdade.

-Então? -Ela deu de ombros-. O que fará você? Deixar as luzes acesas? -Ele estava atrás dela, sua cabeça se inclinava perto a sua, seus lábios em seu ouvido.

-Montaram-lhe alguma vez? -Ele lhe perguntou com voz áspera, ferozmente-. Te pondo de joelhos porque a luxúria era tão quente, tão poderosa, que não poderia ser negada? Arrancando suas roupas de seu corpo e tomado tão profundamente, tão fortemente, que não poderia fazer nada exceto gritar com seu orgasmo?

Os olhos de Elizabeth se exageraram, com seu coração pugnando repentinamente em seu peito. Ela sacudiu sua cabeça lentamente enquanto que tentou falar.

-No-, ela finalmente ofegou. Ele não a tocava, mas seus peitos se inchavam, seus mamilos se endureciam quase dolosamente enquanto seu sexo chorava seus sucos espessos de necessidade. Sua mão se moveu sobre a curva de seu traseiro, não fazendo caso de seu estremecimento de surpresa.

-E o que tem de aqui? -Ele grunhiu realmente. O som vibrou por sua coluna vertebral, mas em vez de por medo, levando um beira de excitação que ela não poderia negar. Sua fome pulsou no ar ao redor dela. Era profunda, consumia-a, fazendo a sua matriz apertar-se em resposta.

-O que? -Agora estava confusa. Consumida pela imagem dele montando-a, tomando-a.

-Tomaram-lhe este traseiro apertado, Elizabeth? -Ele perguntou enquanto seus olhos se exageravam pela surpresa eletrizando-a-. Você sabe que cada vez que lhe olho caminhar, olhando dobrar-se esse bonito traseiro, tudo o que posso pensar é em afundar meu membro dentro dele? -Como se fosse possível! Ele tentava assustá-la. Tentando fazê-la virar-se para trás, ela estava segura. Não era possível.

-Pare-. Ela saltou longe dele, voltando-se de novo para ele furiosamente-. Por que está tentando me assustar assim? Tenho o direito de fazer isto, Dash-. O olhar em seus olhos era quase espantoso. Dash não tinha sangue em sua mente; ele tinha sexo quente, explícito enchendo sua cabeça.

-Você não o entende-. Ele sacudiu sua cabeça lentamente, um sorriso selvagem inclinava seus lábios-. Se esquece. Não sou só um soldado, coração. Sou uma casta. E confia em mim quando te digo que nunca foderás a outro homem como a mim. Que nunca tomarão outra vez das maneiras em que eu tomarei. Posso te proteger, e ao fazê-lo assim, dar rédea a alguns dos aspectos mais duros de minha luxúria, durante um momento. Mas se tiver que te treinar, te ensinar a lutar a meu lado, então você tomará. De cada maneira. Terá a tudo o que sou, Elizabeth, não só ao homem que quereria que fosse. Agora faça sua escolha. E que saiba que uma vez que a faça, não haverá volta atrás. Nenhuma choramingação, nenhum cara feia, nenhuma falsas negações. O aceitará. Sua boca estava seca, mas outras partes de seu corpo estavam também malditamente molhadas para sua comodidade.

-Violará-me? -Ela lhe perguntou desconfiadamente. Nenhum homem a tomaria exceto sob seus termos. Dane não o fazia e Dash estava segura como o inferno que tampouco. Ele inclinou sua cabeça, com fria confiança que se estendia sobre sua expressão.

-Não teria que fazê-lo.

-Nenhum dos meios-, lhe disse firmemente-. Seguirá isso? Ele cabeceou imediatamente.

-É obvio-. Então ele sorriu, esse sorriso a pôs mais que nervosa. Tu não pode dizer não depois do fato. Combinado? -Ela o olhava sardonicamente.

-Combinado. Mas essa confiança podia te dar em seu traseiro, companheiro.

-Ou no teu-, ele murmurou-. Temos então um acordo?

Ela concordava permitir que afastassem sua filha de seu lado. Para colocá-la sob proteção de uns estranhos. Para confiar em homens e mulheres que não conhecia. Mas, ela também sabia que tinha vivido o inferno desses homens e mulheres. Tinham-nos procurado, traído. Cuidariam de Cassie, protegeriam-na com suas vidas, igual quando o faziam com eles mesmos. Mas sua filha estaria sem ela. Durante um tempo. Ela inalou em uma respiração profunda e tragou com dificuldade.

-Combinado-. Oh, senhor. Se seus olhos tivessem podido ficar mais quentes, acabam de fazê-lo. O ouro amarronzado era quase ambarino agora, brilhando com luxúria. Com as asas do nariz flamejando e sua expressão se fazia pesada de sensualidade.

-Sabe que posso cheirar sua paixão? -Ele lhe perguntou brandamente-. Sei quando seu doce calor está fluindo para mim, Elizabeth. Quando seu bonito sexo está coberto com esse úmido rocio, preparando-se para mim. Como agora o está. Acende-te o pensar em lutar comigo, não? Faz-te estar molhada e quente ao imaginar-se enfrentar sua mente contra minha força. Justo como a mim faz me sentir duro. Tão duro que caminhar podia converter-se em um problema.

Sua cara se ruborizou com mortificação, porque ela molhada crescia agora e somente mais molhada pelo segundo. Ela deveria pensar em Cassie. O pensamento da separação, mas em tudo no que ela poderia pensar nestes momentos era em Dash e na fome estendendo-se entre ambos.

Seu olhar fixo se dirigiu a suas calças jeans, então rapidamente de novo a sua cara. Esse zíper ia estalar logo. E ele tinha razão. Enlouqueceu-a. Ele se propunha tomá-la, fazer que ela se submetesse. Ela poderia vê-lo em sua expressão, ouvi-lo em sua voz. Ela nunca se submeteu a ninguém. Não se propunha começar com Dash. Elizabeth se lambeu os lábios, revelando a secura dolorosa, então tragando com dificuldade enquanto que ele seguiu o movimento.

-Vá com Cassie-, ele finalmente grunhiu-. Te afaste longe de mim antes que a tome agora. Kane e seus irmãos, assim como vários líderes do clã felino, estarão aqui esta noite. Se prepare, Elizabeth, porque quando se forem, verá o que significa ser minha mulher.

Ela se manteve lentamente. Não se movia, assegurou-se a si mesma que, exercitava a precaução extrema. Ele não brincava. Estava preparado para tomá-la, aqui e agora, e ela não sabia se ela poderia honestamente negá-lo.

CAPÍTULO 15

As castas felinas eram tão intensas e magníficas tanto em vida real como o tinham sido na tela da televisão. Chegaram depois de meia-noite em um grande helicóptero em sigilo, aterrissando na grama traseira do rancho de Mike Toler.

Kane Tyler e três de seus irmãos estavam ali. Callan Lyons, Taber Williams, Tanner, Dawn e Sherra os tinham acompanhado. Cada um estava armado e pareciam tão perigosos como os tinham treinado para sê-lo.

Elizabeth se sentou na sala de jantar com Cassie, mantendo-a contra seu peito, balançando-a. Apesar de seu sonho realmente de conhecer os Felinos, Cassie não tinha tomado as notícias de sua separação de sua mãe muito bem. Ela tinha gritado durante horas. Rompeu o coração de Elizabeth que escutava os soluços e lamentos de sua filha, lhe pedindo que não a enviasse longe. Elizabeth tinha gritado com ela.

Emocionalmente, ambas eram ruínas no momento em que a grande força entrou na casa. Elizabeth só podia olhá-los fixamente com surpresa. Eram tão grandes e musculosos como Dash, mas seus olhos eram mais duros, suas expressões esculpidas em pedra, até que viram Cassie. Elizabeth olhou, surpreendida, quando as duas mulheres se afastaram longe, seus olhos brilhavam com umidade. As olhadas fixas dos três Felinos machos se obscureceram doloridas.

-Callan? -Kane pediu brandamente, como se esperasse a confirmação.

Callan caminhou mais perto, seus olhos mais que ouro-marrom eram ambarinos, seu cabelo marrom comprido, avermelhado fluindo ao redor dos rasgos ásperos de sua cara. Quando ele caminhou ao sofá, Elizabeth era consciente de que Dash se movia atrás dela protetor, possessivamente. A outra casta notou o movimento também, se o franzimento divertido de seus lábios era qualquer indicação.

-Cassidy-. Ele se sentou em seus talões, olhando fixamente a menina brandamente-. Que menina encantadora és. Eu ouvi que pode ser que necessite de nossa ajuda durante um pouco de tempo-. Sua voz era profunda, áspera, mas deliciosamente suave quando ele olhou à menina.

-Desejo permanecer com minha mamãe-, Cassie soluçou chorosa enquanto Elizabeth combatia a necessidade de exigir que desse a sua filha exatamente o que ela desejava. A dor cintilava nos olhos de Callan. Eram assombrosamente expressivos quando olharam a Cassie, demonstrando sua condolência, sua necessidade de confortá-la.

-Você sabe que Grange é um homem muito mau, Cassie-, Callan disse brandamente-. Eu estive investigando-o. Sabe que ele machucará a ti e a sua mamãe se ele puder conseguir te capturar-. Ele levantou sua mão para cima quando Elizabeth começou a protestar-. Não te mentirei, Cassie. Não te direi que isto vá ser fácil, para ti ou sua mamãe. Os fatos são os fatos. Dash e sua mamãe não podem tratar com o Grange se primeiro não lhe ocultarem. Se o tentarem, algo poderia acontecer, e Grange poderia terminar em cima te machucando de tudo-. Cassie tremeu.

-Só é que a fada não pode ajudar a mamãe se for-, ela protestou chorosa. Callan nunca olhava longe da menina.

-Somente o fará Dash, Cassie. Ele e sua mamãe podem mover-se mais rapidamente e pôr uma armadilha para Grange mais facilmente se o conhecerem se ocultam e se protegem. E quando ambos se ocultarão serás protegida em meu lar. Prometo-lhe isso.

-Quero a minha mamãe-, Cassie choramingou, seus braços se apertaram ao redor da cintura de Elizabeth-. Quero ficar com minha mamãe.

-Callan-. A mulher que se moveu atrás dele era muito menor que as outras. Seu cabelo e olhos de marrom dourado suaves eram imensamente suaves. Dawn era uma casta de puma e Elizabeth poderia ver claramente a influência do DNA do animal nela. Suas altas maçãs do rosto, olhos de ouro rasgados e sobrancelhas finamente arqueadas lhe davam um aspecto muito felino.

Cassie pareceu mover-se bruscamente com surpresa quando a mulher se aproximou dela. Ela se inclinou para frente, depois se moveu para trás, depois olhou fixamente para cima a Elizabeth com os olhos arredondados. Cassie cavou seus dedos sobre sua boca e sussurrou até a Elizabeth.

-Ela tem uma fada, Mamãe. No lado direito. Justo como a minha-. Elizabeth não estava segura de que dizer neste ponto. Ela pensava que a fada de Cassie não era nada mais que uma desculpa para o conhecimento que ela obtinha com seus sentidos mais avançados.

-Ela a tem? -Ela sussurrou atrás. Cassie cabeceou.

-Só que a sua está triste-. Então ela se voltou para Dawn-. Porquê sua fada está triste? -Dawn piscou então jogando uma olhada a Elizabeth.

-Cassie tem sua própria fada-, Elizabeth explicou-. Ela... conforta-a-. Ela não sabia que mais dizer. Dawn finalmente sorriu ao entender.

-Possivelmente minha fada esteja cansada de estar sozinha-. Ela suspirou-. Não há muitas fadas no mundo, Cassie-. Cassie inclinou sua cabeça, considerando-o.

-Não. Ela está triste porque você não a ouve-, ela finalmente disse-. Deve escutar a sua fada.

-Você tem razão-. Dawn cabeceou-. Só não sei. Necessito possivelmente de alguém que me ensine como escutá-la-. Cassie ficou silenciosa durante uns largos momentos.

-Não desejo deixar a minha mamãe-. Sua voz tremeu chorosa. Callan se moveu para trás enquanto Dawn se sentava abaixo no sofá ao lado de Elizabeth e de Cassie e olhando à menina com a oferta, embora com olhos cuidadosos.

-Não te culpo, Cassie-, ela finalmente disse com tristeza-. Se tivesse uma mamãe como a tua, eu não desejaria deixá-la, de maneira nenhuma. Mas você e sua mamãe estarão mais seguras se lhe protegerem. E não é o que é importante agora, Cassie? Que você e sua mamãe estejam seguras?

Os dedos de Cassie acariciaram no pescoço da camisa de Elizabeth durante uns instantes. Finalmente ela levantou seus olhos, as profundidades azuis brilhavam com as lágrimas.

-Estarei assustada sem ti, mamãe-, ela finalmente sussurrou.

-Eu sei, céu-. Elizabeth tragou firmemente-. Eu estarei também assustada sem ti, também. Mas não posso fazer que Grange nos deixe sozinhas se ele souber onde está. É muito importante que ele não possa te encontrar de modo que Mamãe possa fazer que ele saia-. Longe muito longe, Elizabeth pensou frio. A cabeça de Cassie baixou outra vez.

-Você voltará? -Ela finalmente pediu fracamente.

-Cassie-. Elizabeth levantou a cara de sua filha até que ela poderia olhar fixamente a seus olhos-. Você não poderia me manter afastada. Você é meu bebê. Sabe que voltarei para ti. Verdade? - Cassie tragou com dificuldade.

-Embora seja uma casta? -Ela lhe perguntou áspera. A fúria engoliu a Elizabeth, embora ela combateu para contê-la.

-Cassidy, ser uma casta não te faz diferente a mim. Se desejas saber a verdade, estou feliz de que o maldito Dane não seja seu papai que poderia beijar a esse doutor que pensava que nos enganou. Porque ele me deu ao bebê mais especial do mundo. Entende-me? -Cassie sorriu fracamente, embora seus olhos ainda estavam alagados com as lágrimas.

-Dash podia ser meu papai-, ela sussurrou-. Não estaria possivelmente tão assustada longe se soubesse que ele era meu papai.

-Cassie-. Elizabeth não estava surpreendida, mas ela não tinha esperado que Cassie a golpeasse tão cedo.

-Cassie-. Dash conteve seu protesto-. Você conhece qualquer outra casta do lobo, juvenzinha? -Cassie levantou seus olhos e negou-. Então parece que está presa comigo. Mas não posso convencer a sua mãe até que se castigou a Grange. Para fazê-lo, você precisa ir com Dawn e Callan. Discutiremos o resto mais adiante-. Os olhos de Cassie se entrecerraram. Elizabeth nunca tinha sabido que sua filha pudesse ser tão conspiradora.

-Você vai tomar seu chocolate, Dash? -Ela lhe perguntou, mais que interessada repentinamente.

-Oh sim, todo ele-, Dash lhe prometeu-. E ele não sabe o segredo para consegui-lo. Lembra disso.

O sorriso de Cassie era mais largo agora.

-Posso me comer seu chocolate, Dash? -Ela pediu inocentemente-. O chocolate deve ser para as meninas boas.

-Uma caixa inteira, Cassie. Mas tem que ir com Callan para que sua mãe e eu possamos nos encarregar disto. Certo? -Cassie suspirou e jogou uma olhada para cima a Elizabeth outra vez.

-Um dia, poderei comprar meu próprio chocolate-, ela finalmente suspirou-. Melhor me trazer o chocolate logo, Dash, ou pode ser que tenha que lhe dizer a Mãe como negocia as maneiras de permanecer fora dos problemas.

Elizabeth que olhava Dash, viu seus olhos estreitarem-se, embora seus lábios se inclinaram em um sorriso.

-Pode ser que tenhamos que ver sobre uma permissão quando acabarmos-, ele finalmente disse como se ela tivesse ganho-. As meninas pequenas necessitam seu dinheiro para o chocolate-. Cassie se voltou de novo para sua mãe, seu sorriso era doce e inocente.

-Ele fará bem de papai, Mãe. Disse-lhe isso-. Elizabeth soprou.

-Por que? Porque você pode torcê-lo ao redor de seu pequeno dedo? -Cassie suspirou.

-Que é onde vivem todos os bons papais, Mãe. A fada disse isso. Precisaremos falar quando vier a me buscar. Poderia lhe dizer tudo sobre ele-. Ela parecia tão séria. Elizabeth piscou abaixo a sua filha, não pela primeira vez, surpreendia-se das acuidades da menina.

-Definitivamente o faremos-, ela prometeu-. Quer isto dizer que irá?

-Bem-. Ela pôs má cara-. Somente espero que tenham chocolate. E eles melhor que lembrem, os lobos comem aos gatos para o jantar. Melhor não se meterem em confusões comigo-. Antes que Elizabeth pudesse reagir além de sua surpresa sua filha estava fora de seu regaço e ia para as escadas.

Ela se voltou para trás no primeiro passo.

-E desejo me levar minhas bonitas roupas, também. E meu vestido. E meu urso que Dash me comprou. E você melhor volta para mim, Mãe, ou te buscarei. Eu gosto dos lobos grandes e quando te agarrar, morderei-te-. Ela pisoteou, com gênio completo, enquanto Elizabeth suspirava áspera.

-Bem, pelo menos não está gritando-. Ela suspirou-. Só que realmente não invejo a nenhum de vocês. Cassie zangada não é sempre uma vista bonita de ver.

-Eu a adoro-, Kane comentou repentinamente do outro lado da habitação-. Que deus benza seu coração. Adoro-a-. Ele ria entre dentes perversamente enquanto ele olhava aos Felinos olhá-lo fixamente-. Os lobos comem gatos para o jantar. Por Deus, desejo ser um lobo-. Ele olhou a Sherra e grunhiu. Elizabeth olhou a Dash.

-Bom Deus. Este homem vai cuidar de minha filha? -Um flash de medo maternal puro se estendeu através dela. Cassie e Kane Tyler juntos seriam uma catástrofe.

-Não se preocupe, senhora Colder-, Sherra finalmente disse friamente-. Durante a maior parte do tempo, o mantemos com correia e amordaçado. O deixamos somente livre quando são necessárias as pequenas brincadeiras animais.

-Kane-, Callan disse em sinal de aviso-. Deixa a Sherra em paz-. Kane suspirou.

-Vou ter que discutir isto com Cassie. Aposto que ela poderia me ajudar-. Ele saiu para as escadas enquanto ele se voltou de novo para os outros-. Uhhh também posso... ajudá-la a ter a seu chocolate.

-Não-. Elizabeth estava em pé em um flash. Ela se voltou de novo para Dash preocupada-. Está segura de que ele está... -ela tragou-, ajuizado?

-Oh, ele está bastante ajuizado-. Dash ria enquanto sacudia sua cabeça-. E ele só tenta irritar a Sherra. Ouvi que ele faz isso muito. Elizabeth ajuda a agasalhar a Cassie, Kane. Preciso falar contigo e Callan no escritório. Se não te importar.

Sua voz lhes assegurou que a ele realmente não importava se eles se opunham realmente.

-Claro-. Kane suspirou como se estivesse decepcionado-. Embora, aposto que ela sabe alguns bons truques de lobo. Que vergonha, Dash, não deixar a seu velho companheiro saber sobre esses pequenos genes selvagens que se moviam prazerosamente em seu corpo. Teria podido utilizar alguns indicadores durante os últimos meses-. Ele se voltou e seguiu a Dash enquanto Elizabeth sacudiu sua cabeça com assombro.

-Ele é realmente inofensivo-, Sherra lhe assegurou engraçada-. Somente não quereríamos que seu humor infectasse a Cassie, então prometemos mantê-los separados.

-Sim-, Elizabeth respirou lentamente-. Pode ser uma idéia muito boa.

CAPÍTULO 16

Kane não tinha trocado muito, Dash pensava enquanto ele o conduziu ao escritório de Mike. Ele ainda era tão sarcástico e infernamente ocupado em causar apuros onde fosse possível. A pequena casta felina, Sherra, parecia ser o segundo prato da noite para ele. Bastante estranho entretanto, Dash detectou uma forte corrente subterrânea de cólera perigosa no que à mulher se referia.

Ele tinha conhecido a Kane durante muito tempo, tinha lutado com ele, coberto seu traseiro e fez que o seu próprio fosse coberto pelo homem, mas ele nunca tinha visto Kane Tyler absolutamente assim.

As brincadeiras do sarcástico Kane eram freqüentemente uma amostra segura de como de perigoso ele estava nesse momento. Se lindas as réplicas eram qualquer indicação, o pequeno leopardo das neves tinha estado seriamente no lado equivocado por absolutamente um momento agora.

-Ela é uma linda menina-, Kane comentou enquanto elas fechavam a porta detrás dele-. Ela parece contigo, Dash. Certo que não utilizaram a seus pequenos soldados para o experimento? - Seco e zombador, Kane tinham pouco respeito para as formalidades ou as brincadeiras quando ele estava irritado. Dash soprou.

-Não tinham tempo para demonstrar a meus pequenos soldados, Kane-, ele grunhiu-. Não estive nos laboratórios desde que tinha dez anos de idade-. Ambos os homens o olharam fixamente com surpresa.

Era tempo de explicações. Maldição, ele tinha pensado que nunca chegaria este dia. Brevemente, ele explicou seu escapamento aos dez anos. Ao ser tão pequeno como ele o era, deslizar-se em uma das caminhonetes de fornecimentos e ocultar-se nelas não tinha sido duro. Ele tinha conseguido sair do pequeno laboratório nas montanhas de Colorado a Missouri em menos de seis meses e depois disso, a vida foi mais fácil.

Foster care o tinha levado a escola, então depois da graduação ele tinha se alistado no exército. A genética alterada nunca se mostrou em análise de sangue ou em comprovações, e dali, tinha acabado sendo questão de guardar seus segredos e de fazer seu trabalho. Ambas as coisas tinham sido bastante fáceis.

Dash tinha sabido o que lhe aguardava se o conselho averiguasse alguma vez que ele escapou e tinha sobrevivido. Tinham sido conhecidos por serem possessivos no que se referia a suas criações.

-Você não te acoplaste ainda? -Callan lhe perguntou brandamente enquanto ele e Kane lhe faziam frente do sofá.

-Ter sexo? -Dash pediu, surpreso-. Está-te pondo um pouco pessoal ali, não achas, Lyons? - Isso não era definitivamente nenhum do assunto da casta.

-Não-. Callan sorriu, sacudindo sua cabeça-. Você ainda não marcou à mulher, Elizabeth, ou o teria cheirado. O que quer dizer que não as tomaste sexualmente ainda. Correto? -De novo, não era assunto dele, pensamento de Dash. Maldição. Ele era inconsciente de que procurar a proteção de Cassie significava perguntas com respeito a sua vida sexual. Especialmente a carência disso com a Elizabeth. Dash franziu o cenho com cautela.

-O que tem isso a ver com Cassie?

-Com Cassie, não muito-. Callan deu de ombros-. Contigo e a mãe, possivelmente muito. Sua genética alterada pode te permitir um escapamento piedoso como Taber e eu tínhamos aprendido. Quanto aos lobos, nós podemos assumir somente que é igual, posto que temos ainda que encontrar a nenhum que se acoplou.

O qual não explicava as razões das perguntas, por isso a ele se referia. Sua relação com Elizabeth não tinha nada a ver com Cassie ou sua proteção. Dash sacudiu sua cabeça.

-A que demônios te refere? -Callan se inclinou para frente lentamente-. Os varões felinos da casta parecem ter uma tendência a demonstrar sua relação aos nossos primos animais de uma maneira única.

-O que é uma maneira agradável de dizê-lo-, Kane bufou zombadoramente-. Não sabia que você poderia dar rodeios tão bem, Callan-. Callan lhe jogou uma olhada furiosa antes de voltar-se de novo a Dash-. Tinha notado algo incomum durante sexo com qualquer outra fêmea?

Dash corou enquanto olhava aos dois homens. Infernos. Desde quando era necessário um interrogatório pessoal unido ao acordo de ajudar? Ele finalmente sacudiu sua cabeça enquanto olhou ao outro homem confundido.

-Como o que? -Kane olhou fixamente para cima ao teto como se a conversação agora estivesse além de seu controle ou de seu interesse. Callan suspirou áspero.

-Quando Taber e eu encontramos a nossas companheiras, aprendemos que nossos corpos têm uma reação muito única a elas durante sexo-. Kane grunhiu, mas se manteve silencioso.

-Por exemplo? -Dash indagou cheio de confusão. Callan limpou sua garganta enquanto que um sorriso leve afiou seus lábios.

-Nossos membros produziram fenômenos que se assemelhavam à lingüeta que os felinos reais têm. É Roma em vez de aguda, mas nos trava em nossas mulheres durante compridos minutos depois da ejaculação. É possível que fenômenos similares ocorram nas castas do lobo.

Dash olhou fixamente o homem com surpresa. Os felinos tinham línguas, presas, tinham... Ele sorriu e olhou a Kane.

-Ele está brincando. Verdade? -Ele tinha que brincar. Elizabeth era uma mulher assombrosa e constante, mas ele não estava seguro de como ela tomaria uma reação tão animal. Infernos, ele não sabia se ele mesmo a suportaria. Kane se deu de ombros, franzindo o cenho.

-Infernos se sei. E não tenho nenhuma intenção de descobri-lo.

-Ele acoplou a sua irmã-, Dash precisou. Kane franziu o cenho pesadamente.

-Não discuto de sexo com minha irmã-, ele espetou fortemente-. E não desejo ouvir falar de nenhum detalhe a respeito-. Jogou a Callan um olhar admoestador.

-Então sai-. Callan deu de ombros antes de dar a volta de novo para Dash-. O que as reações de cada casta têm durante o acoplamento é uma questão sobre a qual devemos ser honestos. O frenesi não é uma questão cômoda, Kane, e poderia afetar sua capacidade de triunfar sobre o Grange.

-O frenesi? -Dash estava perdido. Callan explicou em termos claros, sucintos o "frenesi" do qual ele falava enquanto Dash se sentava e o olhava em choque-. Maldito-, ele finalmente respirou asperamente, comprovando sua língua para saber se havia qualquer inchaço-. Tudo está bem. Nenhum rastro da glândula ali.

Agora isto era justo o que ele não necessitava. Não é que a ele não importasse ter a Elizabeth fixada sob seu corpo até que ela concebesse a criança com a qual ele tinha sonhado como sua própria, mas ele estava seguro de que ela não apreciaria a experiência. Desfrutaria dela, sim. A agradeceria? Ela podia ser que ordenasse que o matassem por ela.

-Possivelmente ela não é sua companheira-, Callan sugeriu-. Encontramo-nos com que as mudanças ocorrem somente com uma pessoa. Mulheres, no caso de Taber e o meu, que nos felicitaram de cada maneira. É um acoplamento. Não há outra palavra para isso. Ela poderia ser a mulher errada.

Dash grunhiu em protesto.

-Ou possivelmente as castas do lobo não têm esta reação-, ele precisou-. E nós também temos que considerar a recessão da genética em meu caso. Os cientistas iam me matar porque era humano em vez de animal. Esta discussão podia ser uma perda de tempo.

Ele realmente esperava que esta discussão fosse uma perda de tempo. Não podia ver-se explicando isto a Elizabeth enquanto tal mudança ocorria em seu próprio corpo. Mas o só pensamento era tão incrivelmente erótico que causou em seu membro uma contração nervosa em reação. Seu corpo magro debaixo dele, travado a ele, incapaz de escapar, incapaz fazer tudo exceto tremer de prazer enquanto seu corpo se empapava de sua semente.

-E sua genética pode mudar durante a noite-, Callan lhe assegurou, encolhendo-se de ombros-. É algo do que deve ser consciente. Algo que outro lobo precisará saber, se ocorrer. Temos alguns no Complexo felino, mas não muitos até a data ainda. Seguimos estando inseguros sobre se sobreviveu a manada original no México.

A manada do Dash.

Ele sacudiu sua cabeça com fadiga quando lembrou do pequeno grupo de meninos que ele tinha deixado atrás no Colorado, momentos antes de preparar seu movimento. Quando, ele não tinha nenhuma idéia aonde iriam, e não tinha podido encontrá-los mais adiante.

-Se qualquer pessoa podia salvá-los, esse seria Wolfe. Ele era um líder nato, inclusive de menino. Não acreditarei que ele está morto até que ouça que encontraram o corpo. Por isso ouvi, não podem ser certo de qualquer maneira a este ponto, que me diz que eles escaparam.

Ele tinha suspeitado que todos com o passar do tempo se escaparam, mas não tinha feito tentativas de tentar segui-los ou de averiguar a localização do laboratório. Sua vida tinha estado

consumida também em encontrar a Elizabeth e a Cassie. Encontrar sua manada podia vir mais adiante.

-Temos linhas de comunicação abertas-, Kane disse firmemente-. Tenho vários homens comprovando algumas pistas. Se ouvirmos algo, lhe deixaremos saber isso quando o deseje-. Dash cabeceou.

-Conto com pelo menos um mês antes de poder voltar. Preciso uma semana, possivelmente duas, para treinar a Elizabeth com um certo treinamento básico antes que vamos atrás de Grange. A desejo pronta para lutar no caso de ser necessário-. Callan franziu o cenho.

-Você deve permitir que ela venha ao Complexo também. Toma a alguns de meus homens, Dash, e te encarregue de Grange. Não há razão de pôr em perigo à mulher.

-Ela é minha mulher, Callan-. Dash sacudiu sua cabeça-. Se ela ficar, a vida não será sempre fácil. Não me encerram em um Complexo a menos que tenha que ser. Elizabeth e Cassie ambas têm que aprender como proteger-se. Você consegue a aceitação do governo para Cassie e eu me encarregarei de Grange. Do resto nos encarregaremos quando possamos.

-Grange não será fácil-, Kane lhe advertiu-. Comprovei-o antes de me colocar dentro. Ele tem vários amigos de alto nível no governo, e isso é pelo qual ele se está movendo ao redor sem ataduras. Ele sabe da genética de Cassie; ele saberá no minuto em que apresentemos a aceitação do governo para ela.

-Já pensei nisso-. Dash sacudiu sua cabeça. Tudo o que uma criança precisa é o nome do pai-, ele lhes lembrou-. Dê-lhes meu nome somente e deixe o espaço em branco dos nomes da mãe e da criança, assim como as idades. Depois que devolvam os papéis, tem seis meses para devolvê-los com o nome da mãe e da criança-. Era uma medida de segurança que os Felinos tinham exigido para qualquer casta de menor idade que encontrassem-. Alegarei família. Isso é tudo o que precisamos-. Callan cabeceou e se voltou para Kane.

-Pode conseguir reunir os papéis antes que vamos?

-Trouxe o computador portátil-. Kane cabeceou-. Entrarei em contato com Merinus e farei que ela envie o arquivo imediatamente. Tudo o que ele tem que fazer é assinar a cópia do governo. Elizabeth tem que assinar nossa cópia e certificá-los ante notário. Podemos fazê-lo fazer dentro de uma hora-. Dash cabeceou.

-Vamos então a fazê-lo. Desejo tirar Cassie daqui tão rápido como seja possível e me pôr a caminho. Estamos bastante seguros aqui, mas eu não gosto de me arriscar.

-Muito bem-, Callan disse enquanto todos ficavam em pé. Estendeu sua mão a Dash-. Bem-vindo a meu clã, Dash Sinclair. É bom te incluir-. Dash aceitou o apertão de mãos, sentindo mais que só a aceitação de um acordo. Pela primeira vez em sua vida, era quase como ter uma família.

* * * * *

Elizabeth assinou com seu nome lentamente nos papéis. Neles, ela conveyo que Dash Sinclair era o pai de sua filha, Cassidy Paige Colder, e como tal, ela tinha concordado aceitar legalmente a mudança do nome para sua filha de seu nome de batismo para Angélica Cassandra Sinclair. O nome foi escolhido por Cassie, é obvio.

-Angélica Cassandra é o que pensa minha fada-. Ela tinha cabeceado firmemente quando Elizabeth lhe informou do que faziam e porquê-. A mim gosta de ter a Dash como meu papai. Penso que mereço o chocolate. Isto de fazer de casamenteira é um trabalho duro.

Ela não só conseguiu o chocolate, mas sim ela conseguiu um papai. Dash assinou com seu próprio nome firmemente ao lado de Elizabeth e deu os papéis em cima a Kane para que os certificassem ante notário. A decisão para trocar o nome de Cassie se produziu depois que Dawn

tinha manifestado o medo de que qualquer criança feminino seria imediatamente suspeita se Grange tinha de fato contatos dentro desse ramo do governo.

A idade de Cassie seria deixada sem preencher, mas uma descrição levemente alterada seria incluída. Uma vez no Complexo da casta seus cachos escuros receberiam uma cor temporária e sua mudança de identidade seria estabelecida.

Elizabeth se sentia como se ela tivesse perdido a sua filha. As decisões que a forçavam tomar não foram bem com ela. Ela tinha cuidado sempre de Cassie, sempre se tinha assegurado de que fosse protegida, resguardada e amada. Permitir que outros fizessem isso, assim como mudar seu nome e aspecto, apertou seu coração.

Fizeram-na se agasalhar e vestir-se com sua capa nova tudo muito rápido. Elizabeth a levou a sombra onde esperava o helicóptero, lutando com as lágrimas com cada respiração. Ela deixava a sua filha ir. Como se supunha que ia deixá-la?

-A fada diz que você voltará para mim, Mamãe-, Cassie sussurrou em seu ouvido quando ela agarrou a barra de chocolate que Elizabeth lhe tinha dado. Dash a tinha deslizado minutos antes que saíssem da casa.

-Estarei definitivamente de volta, Cassie-. Ela lhe respondeu séria.

-A fada diz que Grange é mau, e que Dash se certificará de que ele nunca nos machuque se vou com as castas felinas-, a menina disse outra vez brandamente enquanto se apoiava contra o ombro de Elizabeth-. Ele será meu papai e tudo estará bem.

-Assim será, céu-. Elizabeth se deteve brevemente na abertura escura do helicóptero. Todos tinham entrado já no avião grande exceto Callan Lyons.

-Te amo, Mamãe-. Cassie estava perto das lágrimas outra vez, e Elizabeth sabia que ela não poderia conter as suas muito mais tempo.

-Te amo, coração-. Ela beijou a testa brandamente, lentamente-. Você seja boa para Mamãe, e virei a te buscar logo-. Ela entregou a sua filha a Callan.

Cassie parecia tão pequena, tão indefesa nos braços do outro homem quando ele a levantou até Dawn. Ele saltou ao helicóptero enquanto Dash envolvia os braços ao redor de Elizabeth e puxava-a. A porta se fechou, bloqueando fora de vista a cara pálida de Cassie. Quando ela e Dash se viraram para trás a distância requerida, o motor ficou em marcha, as enormes hélices açoitavam em cima da neve na terra, então se levantou lentamente longe.

-Cassie-, ela sussurrou dolorosamente, permitindo-se que as lágrimas caíssem agora que sua filha estava fora da vista. Quentes, queimando as correntes de umidade vertidas de seus olhos enquanto seu peito se apertou violentamente-. Oh deus, Cassie. Mamãe sente sua falta de já.

Os braços de Dash estavam ao redor dela, sustentando-a firmemente contra seu peito, sua cabeça baixou sobre a sua enquanto o helicóptero se apressou rapidamente longe deles, levando-se sua razão de viver.

-Está bem, coração-, Dash sussurrou em seu ouvido, sua voz era áspera, escura-. Está bem. Faremos-lhe pagar por isso. Prometo-lhe isso, ele pagará por isso.

CAPÍTULO 17

Os Toler voltaram para o rancho pela manhã cedo enquanto Dash carregava o Hummer. Elizabeth dormia. Finalmente. Ela tinha gritado até o esgotamento enquanto ele a abraçava. Ela estava desconsolada, ele sabia, odiando a separação de sua filha e com o medo enchendo-a. Mas

ele sabia que tinha sido uma catarse, uma preparação para o que ela sabia que viria. Ele a deixou gritar, abraçando-a, esfregando ligeiramente seu longo cabelo em suas costas e sua cara pálida e lhe murmurando brandamente.

Nunca tinha estado confortável com as lágrimas de uma mulher antes. Nunca tinha sabido exatamente como controlar o sentimento de manipulação que sempre havia por trás. Estava ausente neste caso. Era a primeira vez que ele tinha visto gritar a Elizabeth, que tinha visto o férreo controle que ela mantinha deslizar-se de seu lugar. Ou não o tinha feito? Era difícil dizê-lo com ela. Ela era em partes iguais guerreiro e mulher. Enquanto que gritava em seus braços que ele poderia quase sentir sua resolução consolidar-se, sua raiva e a dor que se formava na base de aço que necessitaria nos próximos dias.

Ele teria podido obter isto muito mais rápido, muito mais fácil e sem ameaças para ela se tivesse aceitado a oferta de Callan. Mas Dash tinha sabido inclusive antes disso que Elizabeth teria que vê-lo antes que tivesse o valor de fazer frente à vida ante eles. Ele a tinha elegido como sua companheira, e ela sabia, inclusive embora nunca falasse disso. Ele agora era, legalmente, o pai de Cassie. A menina era única de tantas maneiras que sua proteção seria um trabalho a tempo completo até que ela fora o bastante maior para proteger-se.

Ela necessitaria de uns pais que soubessem defendê-la, que soubessem lutarem juntos. Dash se asseguraria de que Elizabeth estivesse na menor quantidade de perigo real possível. Mas para certificar-se de que ela podia fazer frente aos perigos que poderiam vir em suas vidas, ele tinha que lhe permitir isto. Havia sempre a possibilidade que ele pudesse ser assassinado. Uma possibilidade de que ela estivesse de novo sozinha, fazendo frente a perigos que ela nunca imaginou por parte do conselho. Ele tinha que se assegurar que ela podia proteger-se a si mesma, a Cassie, e a qualquer outra criança que pudessem ter com o passar do tempo.

Quando ela se deslizou no sono, fazendo um novelo na cama onde Cassie tinha dormido, Dash se tinha afastado e começou a preparar-se para sua marcha. Um avião de pequeno porte viria a eles mais adiante na noite e os levaria a um campo de aviação abandonado não longe da cabana que ele alugou para a estadia de um mês. Ali, lhe treinaria, veria o resistente que era ela e faria planos para apanhar Grange.

Mike era insistente de que Dash lhe permitisse ao bastardo viver. Tudo o que precisavam eram os arquivos que Grange possuía, detalhando o experimento feito *in vitro* em Elizabeth. Que somente asseguraria a segurança de Cassie, tanto como qualquer coisa. Uma vez que ela estivesse sob proteção do clã, as notícias de sua existência seriam reveladas e arrancariam os dentes da ameaça que Grange supunha. Mas Dash conhecia a homens como esse. Sabia que Grange nunca estaria satisfeito, nunca estaria contente, até que ele destruísse Cassie. Ele não permitiria que essa ameaça continuasse. Grange era um traficante de drogas, um escravista, um pedófilo. Um homem com uma alma tão escura e doente que ele causava discórdia em qualquer lugar que fosse. Dash sabia que ele provavelmente teria que lhe matar. Ele não se sentiria excessivamente culpado por fazê-lo, ou teria remorsos. Monstros como ele não mereciam respirar.

Ele carregou toda o equipamento necessário no Hummer antes de empacotar na área traseira do assento as armas e a munição. Apanhar Grange não seria tão duro, mas ele desejava a familiaridade de Elizabeth com as armas que ele estaria levando.

-Isto é muito arriscado, Dash-, Mike lhe advertiu outra vez-. Se não aceitar a oferta que Callan te tem feito, deixa enviar a alguns de meus homens contigo. Faz rapidamente o trabalho da missão e sai. Está colocando a Elizabeth em muito perigo.

-Fiz isso quando vim atrás dela-. Dash realizou uma lista de comprovação mental enquanto que olhou fixamente o armazém de armas-. Pode ser que o que ela faça frente mais adiante seja

ainda mais perigoso. Ela necessita que isto continue, Mike. A vida pode não ser fácil a partir daqui.

-Ela não é um soldado, Dash. Ela é uma mulher. Com a proteção de Cassie agora, sua concentração estará fraturada. Não penso que esteja o bastante forte para isto.

-Dash apoiou seu braço na tampa do bastidor do veículo enquanto ele se inclinou dentro para comprovar o armazém da munição empilhada nos pisos de madeira.

-Ela é o bastante forte-. Ele não tinha nenhuma dúvida sobre isso. Era a força e a experiência de trabalhar baixo esta nova tensão o que o incomodava-. Protegerei-a. Sei o que estou fazendo, Mike.

Ele tinha tirado também a muitos civis de situações mais exigentes das quais ele conduzia a Elizabeth. Grange era uma tibia no traseiro da sociedade. Queimá-lo não seria o problema. Saber que Elizabeth sobreviveria com sua honra e força intactos era o problema. Ele não desejava quebrá-la. Não desejava empurrá-la mais do que ela poderia dar. Mas ele tinha que saber que ela poderia segui-lo. Segui-lo, lutar a seu lado e proteger-se se ela tinha que fazê-lo.

-Sei que você pensa que sabe o que está fazendo-, Mike finalmente suspirou-. Por seu próprio bem, espero que o faça. Só no caso de, vou enviar ao Mat e Joey ali. Estarão na cidade se por acaso os necessita. Não vacile em utilizá-los.

-Por que? -Dash deu a volta de novo para ele, agora confundido. Mike o olhava com um cenho.

-Porque pode ser que necessite de ajuda-, ele ficou rígido-. Pode ser que pense que é Superman, Dash, mas não o é. Não desejo ter que te enterrar, se não te importar-. Dash sacudiu sua cabeça.

-Se morrer, então suponho que eles eliminarão o corpo de algum jeito, Mike. O que tem isso a ver com tudo?

Mike ficou silencioso durante compridos momentos.

-Se alguém massacrasse a mim e minha família, Dash, o que faria? -Ele finalmente indagou curiosamente. Dash deu de ombros.

-Iria a caça. Não viveriam muito tempo-. Um sorriso puxou a boca de Mike-. Por que faria isso? Estou seguro de que Mina e os pais de Serena nos enterrariam-. Dash estava repentinamente incômodo.

-Não me encha o saco-, ele grunhiu. Pode ser que necessite seu traseiro alguma vez para ajudar durante um fogo-. Mike sacudiu sua cabeça.

-Por que não admitir que somos amigos, Dash? Notei que faz isso muito. Se esquecer de que tem amigos. Se assegurar, de que os amigos são confiáveis. Por que é isso? -Dash suspirou com fadiga.

-Sou uma casta, Mike. Você deixou a seus amigos conhecê-lo. Saber quem e que sou te põe em risco-. Mike sacudiu sua cabeça outra vez.

-Fomos já amigos, companheiro. Você precisa te afrouxar em cima de alguém e aceitar isso. Os amigos compartilham as cargas. Se minha esposa ou minha filha estivessem em perigo, você teria sido a primeira pessoa com a qual entraria em contato porque sei que muito provavelmente nunca o acovardaria em seu cuidado delas. Nossa amizade se asseguraria de que nunca as trairia. Não só porque é o maldito melhor guerreiro que conheço, mas sim porque é um amigo, um ao que conheço e que respeito. É assim simples.

Dash empurrou seus dedos através de seu cabelo, suspirando asperamente.

-Não sei ser um amigo, Mike.

-E um inferno-. Mike franziu o cenho-. Você nunca foi outra coisa exceto o melhor amigo que tive jamais. Pensa que não sei quem se ocupava de Serena e de Mira na última missão que realizei?

Você solicitou permissão, voou até aqui, e passou um maldito mês nas colinas vigiando a casa para proteger a minha família. O que outra coisa foi isso se não era amizade?

Dash estava mais que surpreso.

-Como sabia? -Mike lhe jogou um olhar sardônico-. Vamos, Dash. Você é malditamente bom maldito, admito-o. Mas não há maneira de que esses dois caçadores que apareceram mortos no outro lado da montanha fossem outra coisa que os homens de Gorley. E se esquece, de que esse pequeno corte limpo e agradável através da garganta é uma de suas marcas registradas. Soube no minuto em que consegui a informação do que se tratava.

Dash limpou sua garganta incômodo.

-A faca não faz tanto ruído como uma arma-. Ele se deu de ombros-. Além disso, eu gosto de Serena. Embora ela é muito boa para seu traseiro dolorido. Já o disse.

Mas Dash advertia algo mais. Ele se dava conta de que, apesar de que tinha lutado para manter-se distante, uma pessoa solitária, as pessoas das quais ele dependeu eram mais que contatos militares. Ele havia dito que era tudo o que eles eram, entretanto, ao mesmo tempo, ele tinha formado vínculos que agora se dava conta, eram mais fortes do que poderia haver imaginado.

-Tudo então está embalado? -Mike indagou enquanto fechava a porta do Hummer. Dash cabeceou.

-Vou lá cima para dormir um pouco antes de ir esta noite. Aprecio que devolva o Hummer para mim.

A carga seria transferida ao avião quando chegasse, então ao veículo que Dash tinha arrumado que os esperasse no campo de aviação. Os planos que ele havia resolvido com o Mike depois de receber a confirmação de que Cassie seria aceita no Complexo da casta vinham juntos rapidamente.

-Se necessitar qualquer outra ajuda, esteja seguro de deixar-me saber, Dash-. Mike suspirou-. Tem muita gente que te ajudaria em só um batimento de coração.

Dash tomou uma respiração profunda. Ele nunca o tinha considerado o perto que estava de alguns dos homens com os quais ele tinha lutado até sua morte recente. E até então tinha fugido longe do conhecimento, sempre sentindo que traria para seus amigos mais perigo que ajuda se seu segredo fosse revelado alguma vez.

-Serena, Mica e eu iremos à cidade durante todo o dia-, Mike lhe disse quando entraram na casa-. Estaremos de retorno na hora de nos despedir antes que vá. Descansa enquanto possa. Falarei contigo logo.

Dash não foi a sua habitação. Ele foi a de Elizabeth. Ainda estava encolhida no centro da cama, um magro montão debaixo das mantas, seu cabelo que fluía em abandono selvagem ao redor dela.

Ele escutou quando Mike e sua família a saíam da casa, sacudindo sua cabeça no conhecimento de seu amigo e ele agora o admitia, Mike lhe tinha forçado a advertir que era um amigo.

Ele tinha mais do que tinha sonhado jamais que poderia ter. Uma filha, sua mulher, e uma rede de homens e de mulheres que trabalhavam para assegurar-se de que ele pudesse as proteger a ambas. Não porque fossem companheiros soldados, mas sim por que eram amigos.

E agora esses amigos não estavam. A casa estava silenciosa. Não havia ninguém ali somente ele e Elizabeth, e o batimento cru, de dor de seu membro. Enquanto ele estava ali em pé, ela rodou sobre si mesma, seus olhos se abriram sonolentemente, olhando-o com uma pergunta silenciosa. Ele poderia cheirar seu calor, cheirá-lo estendendo-se e depositando nata suave entre suas coxas, a necessidade se estendia através de seu sistema.

-Dispa-se, Elizabeth-. Ele quase fez um sorriso de dor no grunhido que retumbou em sua garganta-. Não posso esperar muito mais tempo.

Surpreendentemente, ela se moveu da cama. Suas mãos tremiam, a veia em sua garganta palpitava quase violentamente enquanto ela começou a despir-se.

Sua camisa caiu ao chão. Ela afrouxou suas calças jeans, deslizando-as lentamente para baixo em seus quadris. Elizabeth o olhou de perto enquanto ela revelou a tanga negra de seda e cordão que lhe tinha comprado. As partes do material sensual combinavam com o sutiã que ocultava os montões cheios de seus peitos de sua vista.

Ele se despiu lentamente, olhando-a, sabendo que esta primeira vez poderia ser mais do que qualquer um deles poderia suportar. Se o que Callan tinha sugerido era certo, seria melhor averiguá-lo agora em vez de mais adiante. Melhor deixá-la ir antes que estivessem na Califórnia. Ele também sabia que não havia maneira que ele pudesse esperar mais tempo.

-Tire o resto-. Seu olhar fixo nunca abandonou o seu enquanto ela desabotoava o sutiã, retirando as taças dos montões inchados e tirando-o dos ombros. Suas mãos foram a suas calcinhas, os dedos magros se engancharam debaixo do elástico e as deslizaram para baixo de seus quadris. Ele desejou gemer com fome quando ela saiu delas, revelando o montão liso, barbeado debaixo. Reluzente com seus sucos, o aroma terroso doce que o fazia água a sua boca.

Ele pôs suas roupas sobre a cadeira enquanto esfregou ligeiramente a atormentada longitude de sua ereção. Ele era grosso, grande e a encheria até que ela gritasse com a pressão. Não era anormal, mas era assombroso. Seus olhos se exageraram quando ela finalmente jogou uma olhada mais abaixo de sua cara. Ele sabia que embora durante um tempo ela havia sustentado a carne dura em sua mão o tempo não tinha sido o suficientemente longo para que ela advertisse o efeito completo desta ereção. Ele iria mais que enchê-la. A tomaria como nenhum outro homem o faria jamais. Possivelmente de maneiras que nenhum deles poderia imaginar.

Ele nunca tinha estado com uma mulher como Elizabeth, nunca. Uma tão pequena, tão sexualmente insegura e inexperiente. Suas mulheres tinham sido sempre fortes, bem capazes de tomar a formidável carne que ele empurrava entre suas coxas. Elizabeth era delicada, magra. O pensamento da tensão assombrosa que ele sabia que encontraria quando tomasse era bastante para fazer que sua respiração se entupisse de necessidade.

-Não desejo te fazer dano-, ele sussurrou enquanto lhe aproximava, sentindo que a fome por ela se levantava tão aguda que quase o afligia.

Seu aroma se envolveu ao seu redor, lhe fazendo parecer bebido ante a necessidade de tocá-la, de prová-la. Ele parou diante dela, com seu membro palpitando e pesado entre suas coxas, pressionando contra ela enquanto ele inclinou sua testa contra a sua. As mãos dela tremiam quando ele as enlaçou com as suas, puxando seus braços brandamente atrás de seu corpo, arqueando seus peitos contra seu peito.

Ela respirava com dificuldade, olhando fixamente para cima a ele com esses olhos escuros, famintos.

-Necessito que possivelmente machucando um pouco-. Ela sussurrou um gemido que fez que sua mandíbula se apertasse com o esforço de controlar-se-. Nunca pedi que fosse suave, Dash-. Ele então grunhiu.

-Você não tem nem idéia do que imaginei te fazer, Elizabeth-, ele lhe disse áspero-. As muitas maneiras em que te tomei em meus sonhos. Quantas vezes gritaste para mim em minhas fantasias. Gritado porque necessitava o que te dava. Pedindo mais.

Ela tragou com dificuldade enquanto sua cabeça baixava, com sua língua lambendo em seu ombro com suas mãos dobradas dentro a suas.

-Ataram-lhe alguma vez? -lhe perguntou-. Refreado totalmente? Te deixando desamparada? A mercê do homem que toma?

-Não-. Ela sacudiu sua cabeça asperamente.

-Desejo-te desamparada debaixo de mim, Elizabeth-. Ele o desejava, o necessitava até que era uma fome em sua alma-. Desejo que rogue, tão molhada e quente que quando começar a te estirar aberta só possas pedir mais.

Ele ouviu seu gemido, um som de desejo nu. Sua pequena e doce Elizabeth, sempre tão controlada, sempre tão apropriada e sensata, sacudia-se de paixão ante o pensamento de estar atada debaixo dele.

-Não te mentirei-. Ele lhe segurou as mãos em uma das suas enquanto a outra se movia sobre a suave curva de seu traseiro-. Não serei suave contigo. Não posso sê-lo. Você não me deixará te proteger contra tudo, e maldito se te proteger contra quem ou que sou. Entende-o?

-Não necessito outra advertência, Dash-. Seus olhos cintilavam na luz débil da habitação, seu corpo se apertou mais próximo a ele-. Não necessito proteção contra nada. E menos ainda de ti.

Seus lábios se moveram sobre seu ombro, depois seus dentes raspavam antes de beliscar nele brandamente. Dash fechou os olhos enquanto lutava com a necessidade de tomá-la de forma rápida e dura.

-Demonstrarei-lhe isso-, ela pediu, só sabe quanto te desejo, Dash Sinclair?

Seus lábios moveram uma zona mais longínqua de seu peito enquanto ela atirou asperamente no apertão que ele tinha de suas mãos. Sua língua, fogo líquido, açoitava sobre um duro mamilo masculino enquanto ele gemeu asperamente e a soltou.

Dash estava ali, malditamente perto de estar desamparado de formas em que ele nunca o tinha estado, e vendo como suas fantasias maiores cobravam vida.

CAPÍTULO 18

Elizabeth nunca tinha conhecido uma necessidade em sua vida tão poderosa como a necessidade de saborear Dash. De lambe sua pele, sentir os músculos ondular debaixo de sua carne apertada. Suas mãos soltaram suas munhecas, acariciaram sobre seus braços enquanto ela se moveu mais abaixo e acariciou seu peito movendo-se rapidamente. Sua pele estava livre de pelo à exceção de uma cobertura muito débil, muito suave dos cabelos finos minúsculos que fizeram cócegas sua língua. Mas inclusive isso era erótico. Sensual.

Tudo sobre o homem era atrativo como o pecado.

Ela afundou os dentes no grosso músculo debaixo de um duro mamilo masculino, sua matriz se apertou ante o duro grunhido que saiu de sua garganta. Suas mãos se apertavam nos ombros dela, seus dedos que esfregavam contra sua carne nua enquanto sua cabeça se movia mais abaixo. Abaixo, além de seu pesado peito até que explorava os apertados músculos de seu abdômen. Sua língua lambia sobre a dura carne, bronzeada, beliscando com seus dentes, movendo-se constantemente mais próxima à ereção dura, grossa que a esperava abaixo.

-Elizabeth-. Sua voz era um estrondo escuro, atrativo que fazia seu sexo vibrar com faminto abandono.

Sua vagina lhe doeu, sua matriz se apertava convulsiva enquanto suas mãos se moviam a suas coxas. Ela lambeu mais perto, excitada, assustada, perguntando-se se ela poderia

possivelmente conter a cabeça que bombeava de seu membro em sua boca confortavelmente. Quem disse que a ciência não sabia o que infernos fazia? Quando criaram Dash deram tudo o que um homem necessitaria: um corpo alto, forte, um coração honorável, e um membro que a encheria de cada maneira imaginável.

Ela ficou de joelhos, agarrando com seus dedos a carne Lisa, quente enquanto deslizou a língua delicadamente pela cabeça palpitante. Era do tamanho de uma ameixa grande, suave escura e aveludada, lhe tentando quando sua fome lhe exigiu consumi-lo.

-Doce céu-, ele gemeu enquanto que ela deslizou seus lábios sobre a carne dura. Assombrosamente, uma suave pulsação de líquido pré-seminal saiu da extremidade a sua boca. Ela ronronou sua aprovação pelo gosto. Uma mescla da doçura salgada que a fez alargar-se a por mais, mas Dash sussurrou uma maldição ardente e tentou afastar-se dela.

-Não-, ela sussurrou enquanto seu membro se deslizou livremente de sua boca-. Não ainda-. Sua boca o cobriu outra vez enquanto um grunhido estrangulado se repetiu ao redor dela.

-Espera-, Dash protestou, mas se deslizou mais profundo escorregando o membro enquanto seus quadris empurravam contra ela.

Seus dedos abrangeram a longitude, sua boca tomava tão profundamente como era possível. Outra dura batida de líquido em sua boca quando ela apertou nele, ouvindo sua respiração ofegante sobre ela, sentindo o momento, a excitação se desesperada que se apertou em seu corpo.

-Elizabeth, precisamos falar primeiro-. Outros pequenos jorros de líquido pré-seminal pulsaram em sua boca, fazendo-a sentir-se mais faminta de mais.

Ela lambeu a superfície inferior do eixo lentamente, amamentando-se na dura carne hesitantemente enquanto que lutava para acostumar-se ao grosso.

Ela tinha ido raramente abaixo com Dane. Não lhe tinha gostado. Não tinha desejado sua boca ali. Dash não tinha estado longe da verdade quando ele falou do missionário somente e as luzes apagadas. Ela não era terrivelmente experiente, mas sim agora era ambiciosa. Ela desejou experimentar cada ato sexual que um homem e uma mulher pudesse experimentar com Dash. Ela o desejava todo. Seus dedos se enroscaram através de seu cabelo, apertando nas largas mechas enquanto ele puxou ele brandamente, como se queria afastá-la. Como se queria afastá-la do banquete que se dava. Ela raramente se permitia algum tipo de banquete, especialmente um com este. Não a haviam tocado de forma sexual em mais anos dos que desejava contar. E agora aqui estava, de joelhos, com este membro poderoso enchendo sua boca, este homem forte que respirava áspera, desesperadamente, enquanto ela se amamentava em sua carne e agora decidia que era o momento de compensar sua carência de banquetes.

-Que deus me ajude, Elizabeth, por favor... -Outro pulso forte de líquido agora encheu sua boca. O líquido pré-seminal era como seda líquida e escorregando facilmente para baixo em sua garganta enquanto ela acariciava seu membro lentamente, ganhando confiança enquanto ele combatia e não podia afastar-se longe dela.

Ela o fazia certamente bem, pensou. Algo nele gozava tanto como ela gozava de seu contato. Ele não poderia parar, embora ela sabia que parecia pouco disposto a derramar-se em sua boca. Não obstante, ele empurrou contra ela, gemendo com um prazer que fez que sua pele ferroasse com o conhecimento.

Sua língua balançou sobre a cabeça pulsante com ambiciosas lambidas. Suas mãos bombearam o eixo, úmido com sua saliva e a essência pré-seminal. Suas coxas estavam atadas e apertadas, suas mãos amassavam seu cabelo, os grunhidos agudos retumbavam em sua garganta enquanto lhe dava prazer.

Elizabeth sentia sua própria excitação aumentar ante o conhecimento de que ela era agradável para ele, de que ele não podia afastar-se dela, de que as sensações que davam a sua

palpitante ereção impediam de forçar sua vontade nela. Por agora. Ela sabia que não duraria muito tempo, cada segundo era um milagre enquanto ele permitiu que ela o empurrasse mais próximo ao clímax que ela sabia que estava estendendo-se em seu escroto. Poderia sentir o saco apertando-se debaixo de seu eixo, puxando perto da base de seu membro, dobrando-se periodicamente enquanto ela acariciava na pulsante cabeça.

Ela desejava prová-lo, desejava que lhe enchesse sua boca de seu gozo, ouvindo seu grito quando ele lançasse seu sêmen, com seu orgasmo estremecendo-se através de seu corpo. Ela o desejava todo como nunca tinha desejado nada em sua vida.

-Maldição. Coração-. Sua voz agora era gutural, áspera e excitante quando ele fodeu contra o puxão forte de sua boca.

Movimentos suaves, fortes acionados além de seus lábios, afundando a cabeça de seu membro profundamente em sua boca enquanto ela o lambia avidamente. Outro pulso, um batimento duro de seu membro e então ele ficou imóvel, suas mãos apertavam em seu cabelo, sustentando-a estável enquanto ele se retirou lentamente de sua boca.

-Não. Dash, por favor-. Ela tentou seguir, tomá-lo outra vez, para forçá-lo a ir para trás. Ele levantou suas mãos de seu membro depois puxou-a a seus pés, movendo-a bruscamente contra seu peito enquanto ela o olhou fixamente para ele, necessitando-o. Seu sexo chorou de necessidade; seu corpo vibrou por ele.

-Me olhe-, ele grunhiu com grosseria feroz-. Pode ser que tenhamos um problema sério aqui, Elizabeth-. Ela ficou imóvel em seus braços.

-Há alguém mais na casa? -Ela escutou atentamente, mas não poderia ouvir nada exceto os batimentos de seu próprio coração.

-Não-. Suas mãos apertaram em seus quadris quando ela se moveu contra seu membro, amortecendo-o firmemente contra seu ventre.

-Então não importa-. Ela sacudiu sua cabeça desesperadamente-. Preciso-te, Dash. Não importa nada mais agora.

-Espera, Elizabeth-, ele gemeu quando ela se moveu contra ele, com sua mão alcançando para cima, enroscando-se através de seu cabelo e levando seus lábios aos seus-. Poderia te fazer dano-. Sua língua se moveu sobre seus lábios quando ela olhou fixamente para ele, deslumbrada com a excitação que palpitava através de seu corpo.

-Não me rompere-, ela sussurrou contra seus lábios-. Mas se não transas comigo logo, Dash, pode ser que tenha que te fazer dano.

Suas palavras explícitas pareciam inclinar-se a seu favor. As chamas entraram em erupção em seus olhos, sua cara que flamejava com excitação, seu membro se movia bruscamente contra seu estômago enquanto ela olhou fixamente para ele. Antes que ela advertisse suas intenções ele a levantou do chão e a levou a cama.

Ela rodou, ficando para cima no lado mais longínquo sobre as mãos e os joelhos, olhando fixamente a ele como se movia sobre o colchão, seus joelhos que se afundavam na almofada suave.

-Essa é a maneira em que te desejo cedo ou tarde-, lhe disse, com sua voz áspera-. De joelhos, dobradas em cima para mim, gritando enquanto me abro caminho em seu sexo apertado. Dê a volta, coração. Me deixe te demonstrar o que posso fazer.

Ela sorriu lentamente. Sua voz enviou tremores em cima de sua coluna vertebral. Era ameaça em parte, sedução pura de sua parte enquanto ele a olhou fixamente, uma mão que agarrava seu membro, seus dedos que esfregavam ligeiramente sobre o eixo lentamente.

-Você pensa que vai ser assim de fácil? -Ela lhe perguntou, lutando agora por respirar.

-Se você o desejar, pode tomá-lo.

Seu sorriso era intenso, confidente.

-Posso fazê-lo, Elizabeth-, ele sussurrou-. Realmente poderia. Mas se começo a lutar contigo abaixo, não vou ter o controle para comer este doce traseiro. E realmente desejo provar esse aroma quente da nata que flui de seu corpo, carinho.

Elizabeth tremeu. Sua voz era tão áspera, tão obscura, que era quase uma carícia física quando ele esfregou ligeiramente sobre seus sentidos. Seu sexo apertado era sua oferta escura, uma dor como nenhuma que ela tivesse conhecido jamais antes de pulsar em suas mesmas profundidades. Ela o desejava ali. Desejava sentir a língua esfregar ligeiramente sobre a carne que ela mantinha livre de pêlo, esperando, antecipando uma época em que ela poderia sentir seu tato contra ele.

-Te deite-. Ele se deslizou ao fundo da cama, olhando-a atento-. Vamos, coração. Deixe-me te demonstrar como um macho da casta faz uma comida de sua companheira.

Ela tremeu, lambendo-os lábios secos enquanto a fome palpitou em sua matriz. Um macho da casta. As palavras enviaram os tremores que corriam sobre sua coluna vertebral. Não se sabia nada sobre sua sexualidade. Nada documentava que fossem diferentes de qualquer outro homem. Mas se tinha feito alusão a que suas naturezas selvagens poderiam deslizar-se sobre o beira da humanidade e entrar nessa esfera desconhecida do DNA misturado. Alguns cientistas tinham feito alusão a que poderiam ir mais ainda, isso de que os homens poderiam mostrar rasgos reais de seus primos animais. Que os Felinos poderiam exibir a lingüeta em crescimento. E que as castas do lobo poderiam exibir muito mais.

Isto era o rumor mas bem que o fato. Mas Elizabeth estava mais que impaciente agora para saber a verdade. Dash tinha acariciado uma excitação dentro dela que quase consumiu seus sonhos antes que ela alguma vez o encontrasse. Agora que ele a havia tocado, isto não importou se ele fosse o homem ou o animal. Ela teve que saber seu toque, teve que saber sua posse.

Era rumor mais que um fato. Mas Elizabeth agora estava mais que impaciente por saber a verdade. Dash tinha atizado um desejo em seu interior que quase consumiu os sonhos inclusive antes que ela o conhecesse. Agora que ele a havia tocado, não importava se ele era homem ou animal. Ela tinha que conhecer seu tato, tinha que conhecer sua posse.

-Sua companheira? -Ela se deslizou ao centro da cama, olhando-o cuidadosamente-. Quem disse que eu sou sua companheira?

Seu sorriso era tão segura que enviou os tremores de pulsação que se cravavam sobre sua carne.

-Oh, doçura, ambos sabemos que você o é. Agora vem, me deixe te amar durante um momento antes que perca minha prudência e comece a foder até que ambos gritemos.

Sim. Isso era o que ela desejava. Ela desejava gritar. Voltar-se tão louca com o prazer e a necessidade de que nada pudesse conter os gritos. Para saber e para experimentar prazeres dos quais ela tinha ouvido somente falar, mas nunca tinha conhecido.

-Poderia suportar isso-. Ela ofegava enquanto se colocava lentamente, olhando enquanto que ele ia em cima dela.

Não lhe respondeu. Seus lábios se posaram em cima dos seus rudemente, inclinando-se contra eles quando lhe pediu com um beijo que a estremeceu até os dedos do pé. Sua língua empurrou além de seus lábios, bombeando em sua boca com movimentos lentos, deliberados, atormentando ao seu, fazendo-a gemer de necessidade faminta enquanto os braços dela se colocavam ao redor de seus ombros.

Suas mãos se posaram em cima de sua cintura, cavando seus peitos. Seus polegares riscaram lentos desenhos, intrincados ao redor de seus mamilos duros como calhaus enquanto ele possuía sua boca, gemendo contra ela enquanto ela empurrava para cima, seu abdômen suave que roçava a longitude pesada de seu membro.

-Deus, volta-me louco-, ele murmurou enquanto seus lábios escorregavam dos seus, seguindo por debaixo de seu pescoço enquanto ela o arqueou só para ele e tremeu de prazer enquanto que seus dentes arranharam sua pele.

-Necessito-te-, ela ofegou enquanto seus lábios suaves como plumas se posavam sobre um mamilo-. Agora, Dash.

-Não ainda-, ele gemeu, sua mão soltou bruscamente o montão de seu peito um segundo antes que seus lábios o cobrissem.

Ele a mamou profundamente, gemendo contra sua carne, sua língua açoitando o pequeno broto antes que ele se movesse e tratasse a seu irmão de forma semelhante. Então seus lábios se moveram inferior, suas mãos separaram suas coxas, levantando-as, abrindo-as enquanto sua boca cobriu a carne torcida, desesperada de seu clitóris.

Elizabeth sentiu como se foguetes explodissem através de seu crânio enquanto sua língua quente e áspera se movia lentamente contra a pequena pérola. Ela estava tão perto. Tão sensível que poderia encontrar facilmente seu orgasmo com só o movimento correto. Evidentemente entretanto, ele estava determinado a atormentá-la.

Sua boca se deslizou inferior, sua língua que esfregava ligeiramente através da estreita fatia de suas inchadas dobras. Ele as dividiu facilmente, tomando os sucos espessos dentro de sua boca, lambendo-a asperamente enquanto ele olhou fixamente para cima a ela entre de suas coxas.

-Sonhei com isto-, ele sussurrou contra sua carne sensível-. Sonhava me afogando em seu sexo, lambendo todos seus doces sucos em minha boca, afundando minha língua forte e profundamente dentro de ti.

Sua língua se afundou nas profundidades apertadas de sua vagina enquanto ela se arqueou violentamente contra ele. Um lamento agudo de necessidade se repetiu ao redor deles enquanto ela lutava por fechar suas coxas, por mantê-lo dentro dela. Mas suas mãos estavam ali, separando-a mais ainda, seus olhos olhavam fixamente para cima a ela sobre o monte de seu sexo.

Era a coisa mais incrivelmente erótica que ela tinha conhecido jamais em sua vida, sentindo sua língua lambar no interior profundo de seu traseiro com seus olhos de ouro hipnotizando-a. Depois o olhando mover-se, lambendo-a delicadamente através da fenda de novo e circundando seus clitóris com movimentos atormentadores antes de voltar para seu pulsante sexo.

Ele a atormentou repetidamente outra vez, lambendo nela estimulando-a, empurrando no interior profundo e duro sua vagina apertada enquanto ela gritava por seu tato torturante. Seus dedos estavam obstinados nos lençóis debaixo dela, sua cabeça se retorcia contra o travesseiro com desespero enquanto ela levantou a cara acima para olhá-lo. Seus olhos estavam fechados, sua mente se desenfreada com as sensações que apunhalavam através de sua matriz.

-Dash, por favor-. Ela agora quase soluçava quando ele aspirou em seus clitóris outra vez, sua língua esfregava ligeira e brandamente ao redor dela-. Por favor. Por favor. Vais matar-me.

Ele gemeu roucamente. Seus polegares separaram as dobras de seu sexo mais, seu vaivém se fez mais profundo contra ela, sua língua em sua boca aumentava seus movimentos enquanto ela reprimiu sua respiração com antecipação. Sim. Assim. Ela poderia sentir o calor enrolar no pequeno broto, a sensibilidade destruidora que aumentava enquanto seus lábios e língua a conduziam mais próxima a borda.

Elizabeth tremeu de antecipação, suas coxas se apertavam contra seus ombros, seus quadris se retorciam debaixo dele. Mais perto. Mais perto. Seus olhos se exageraram quando isto a golpeou. Como uma rajada de calor, uma explosão de sensação pura, intensa varrendo através de seu corpo, arqueando suas costas, arrastando um grito estrangulado de seu peito enquanto ela se desfazia debaixo dele.

O batimento de prazer encheu de repente em seu cérebro, rasgando além do tecido da realidade e arrojando-a em um mundo bombardeado de cores e de luz. Ela se estremeceu, convulsionando-se debaixo da chicotada de sua língua enquanto o mundo se dissolvia a seu redor.

-Agora-. Ele se moveu antes que os violentos estremecimentos passassem e se acalmassem.

Se colocou em cima de seu corpo, descarregando seu peso em seus cotovelos, olhando-a fixamente abaixo com intensidade selvagem enquanto que a cabeça bulbosa de seu membro roçava contra a abertura sensível de seu sexo.

-Agora-, ele sussurrou outra vez-. Faço-te minha mulher, Elizabeth. Agora.

CAPÍTULO 19

Deus Querido. Ele era tão grande. Elizabeth sentia a cabeça protuberante do membro de Dash pressionando contra sua abertura sensível e ficou sem respiração ante a sensação de estiramento apertado que começou a queimar em sua carne sensível. Ele a olhou cuidadosamente, ajoelhando-se entre suas coxas, com suas pernas levantadas, os joelhos dobrados sobre seus braços quando a levantou para ele.

Ela gemeu na angústia quando ele fez uma pausa, logo se estremeceu quando ela sentiu que um duro pulso do sedoso líquido pré-seminal pulsava de seu membro. Dan nunca tinha feito isto. Nunca tinha derramado esse fluido escorregadio dentro dela quando ele entrou nela.

Um segundo depois, outro o seguiu. Quando o fez, ela notou um afrouxamento lento de sua carne ao redor da cabeça e dele grossos se deslizou adiante ligeiramente. Oh, era tão bom. Estirou-a firmemente ao redor de seu membro, agarrando a quantidade pequena dela, ele tinha trabalhado dentro dela, e ela cobiçava mais.

Ele gemeu, mais líquido pré-seminal se derramou dentro dela. Com cada um dos curtos jorros de líquido, seus músculos se acalmavam mais. Distantemente, ela advertiu que isto não poderia ser natural. Que não havia maneira de que o líquido pré-seminal pudesse relaxar seu sexo apertado, era inusitado, mas fazia justo isso.

-Dash-, ela choramingou, repentinamente nervosa apesar do prazer incrível que a enchia.

Ele se deslizou adiante outra polegada. A cabeça de seu membro agora estava enterrada dentro dela, e cada pouco tempo às curtas ejaculações, agudas eram lançadas dentro dela.

-Você é tão apertada, Elizabeth-, ele gemeu enquanto seu olhar fixo se moveu ao ponto onde ele penetrava nela-. Tão quente e doce, que é quase impossível esperar para me afundar dentro de ti.

Ele retirou ligeiramente antes de trabalhar a extremidade erguida para detrás dentro dela, afrouxando-a mais ainda, abrindo-a mais para ele. Seus músculos estavam tensos, seu corpo atado com sua luta pelo controle quando ele olhou seu membro afundar-se dentro dela. Elizabeth se retorceu debaixo dele, respirando trabalhosamente enquanto o sentia estirá-la, sentindo um fogo rugir dentro dela que ameaçava destruindo sua prudência.

O líquido pulsante que ele derramou dentro dela sensibilizou a malha fina, fazendo cada polegada dele trabalhar dentro de suas terminações nervosas que gritaram pelo alívio da carícia. Estava tão firmemente estirada ao redor do amplo eixo agora que poderia sentir cada veia, cada detalhe do aveludado eixo que trabalhava em seu interior.

-Dash-. Suas mãos rasgavam nos lençóis, sua cabeça se sacudia quando ele começou a bombear brandamente dentro dela, a esfregar ligeiramente mais profundo, enchendo seu sexo mais ainda quando este se relaxou lentamente bastante para permitir que escorregasse dentro.

Era delicioso, aumentando, uma sensibilidade que abrasava e um calor que a fazia ofegar, sua matriz se convulsionava enquanto seu sexo se estremecia ao redor de seu membro. E Dash era a vista mais erótica que ela tinha visto nunca em sua vida. Seus músculos se bombearam quando ele combatia pelo controle, seus olhos de marrom dourado ardiam para ela, seu cabelo negro caía adiante ao redor de sua cara, criando a impressão de um animal masculino selvagem, forte.

Elizabeth se arqueou para ele, levando-o mais profundo, trabalhando em tempo a seus movimentos quando ele murmurou uma oração, depois sussurrou uma maldição enquanto ela se estirou ao redor dele. Um duro jorro de líquido a encheu repentinamente quando Dash se acalmou, sacudindo sua cabeça, ofegando por respirar.

-Elizabeth, Oh, Deus. Coração. Sinto muito-. Ele respirava fortemente, áspero. Pouco mais que a metade da carne a enchia agora, palpitando dura e quente no canal uma vez estreito de seu sexo.

-Dash? -Sua própria voz soou nervosa enquanto ela sentia seu sexo ordenhar sua carne, contraindo-a, impulsionando-a mais profundamente.

-Não posso esperar-. Ele agora lutava por respirar, por recuperar o controle-. Não posso esperar, coração. Está tão apertada, tão doce...

Seus olhos estavam fechados quando ele se virou para trás ligeiramente, acariciando as sensíveis terminações nervosas de seu sexo antes que ele se detivera outra vez. Elizabeth teve só tempo para inalar em uma respiração profunda antes que ele se impulsionasse de repente no interior duro e profundo nela.

Ela uivou seu nome quando ele se empurrou mais à frente da malha fina apertada, separando-a, estirando-a enquanto seu membro se movia bruscamente com várias ejaculações mais duras dentro dela. Elizabeth se arqueou debaixo dele, lutando para aceitar a ampla largura da carne masculina que a empalava.

Os olhos de Dash arderam abaixo nela, suas mãos aferraram suas coxas quando ele respirou com aspereza.

-Sou um animal, Elizabeth, - ele grunhiu, sua voz soou áspera quando pulsou seu membro outra vez-. Sente-o. Sente o que estou atirando dentro de ti-. Ele soava agonizante, mas isso não lhe impediu de mover-se profundamente dentro dela, ou derramar contudo mais líquido dentro dela.

-Dash-. Ela sacudiu sua cabeça desesperadamente. A mescla do prazer e da pressão dentro de seu sexo agora a voltavam louca.

-Sente-o, Elizabeth-, ele exigiu brusco-. Sente o que te estou fazendo, maldição. Somente um animal faria isto.

Ele soava torturado, atormentado. Ele grunhiu asperamente quando ela o sentiu palpitar dentro dela outra vez. Distante, Elizabeth era consciente agora do que era o líquido, um efeito secundário natural de seu DNA. Uma lubrificação que facilitava e preparava a entrada feminina para sua penetração. Ela estava agradecida por isso. Ela a necessitava. Necessitava a ele dentro dela, enchendo-a como ela nunca tinha pensado possível. Sem ela, não teria havido possibilidade de que ela tivesse podido tomá-lo confortavelmente.

-Dash-. Ela se elevou para ele, suas mãos que escorregavam em cima de seu peito úmido, suas unhas o arranhavam ligeiramente enquanto ele tremeu debaixo da carícia-. Não me importa.

E não o fazia. Ela moveu os quadris contra ele, sua respiração era dificultosa com desespero enquanto sentia a seu membro mover-se comodamente dentro dela. Ele estava tão fortemente, tão

quente, encaixado tão firmemente dentro de seu sexo que ela sabia que nunca agora se esqueceria da sensação.

-Não te importa? -Ele gemeu quando ele se moveu agitado dentro dela, separando suas coxas mais ainda enquanto que ele as soltou e se inclinou sobre ela.

Seu corpo maior cobriu o seu, seus cotovelos distribuíam seu peso enquanto suas mãos escorregavam sobre seus ombros, desfrutavam da sensação de sua pele contra ela. Também trocou o nível da penetração, fazendo-o afundar-se mais profundo dentro da generosa carne de seu sexo.

Sensações que aumentavam com cada uma das labaredas ardentes de relâmpagos de prazer por si e aumentando pela pressão em sua matriz, disparando-se através de seu sexo. Seu clitóris estava inchado, palpitando-se, levantando-se com impaciência como sua pélvis se apertava contra ele. Seus mamilos foram amortecidos contra seu duro peito, o músculo liso que raspava sobre eles, os cabelos minúsculos, finos os acariciava asperamente.

-Não -ela ofegou arqueando-se debaixo dele, pressionando o dolorido broto mais apertado contra ele-. Não me importa.

Uma mão se cavou em seu quadril quando ele se virou para trás. Ele se deslizou brandamente dentro da entrada apertada, retirando-se com força para voltar até que esteve enterrado de novo até o punho.

-Poderia me atar em ti, Elizabeth-. Seus olhos se exageraram ante as ásperas palavras, olhando fixamente para cima a ele com surpresa.

Ela não poderia encontrar sentido às palavras, não poderia imaginar seu DNA afetasse a sua sexualidade até esse ponto. Mas ela se deu conta de que não lhe importava se ele o fazia. Não lhe preocupava como a tomava, quanto a enchia, enquanto ela soubesse que por agora, lhe pertencia.

-Nunca tenho feito isto com uma mulher em minha vida. Mas isso podia acontecer também-. Ele respirava áspero, fodendo-a com os movimentos quase involuntários, levantando seus quadris para ele, afundando-se no profundo interior dela.

Ela sabia que ela precisava conservar sua razão nesta conversação. Sabia que ela precisava lhe encontrar sentido. Mas Dash agora se estava movendo, seu membro se retirava para depois enterrar-se dentro dela, repetidamente outra vez, esfregando ligeiramente a malha fina sensível e despertando à vida terminações nervosas gritando. Ela não poderia concentrar-se. Não podia encontrar sentido em nada do que ele tivesse que dizer. E ele não falava mais de todos modos. Ele respirava com dificuldade, sua cabeça baixava até que seus lábios podiam acariciar seu ombro enquanto ele empurrou dentro dela com os movimentos constantemente em aumento.

Elizabeth podia ouvir o miando de prazer. Suas pernas estavam envoltas ao redor de seus quadris, levantando-a mais perto dele, empurrando atrás contra ele, a ardente estacada enviava faíscas de fogo relampejando através de seu corpo inteiro.

-Mais forte-, ela ofegou, protestando por seus impulsos quase suaves agora.

Ele grunhiu em seu ombro, seus dentes raspavam a carne enquanto ela se arqueava debaixo da sua. O suor empapou seus corpos enquanto ela sentia Dash aferrar-se a seu controle desesperadamente.

-Espera. Elizabeth-, ele gemeu desesperadamente enquanto ela se movia debaixo dele.

Ela não poderia esperar. Não desejava esperar. Ela ardia. Seu sexo tremia ao redor de seu grosso membro, necessitando mais, morto de fome por sua força, seus impulsos ferozes que ela nunca tinha conhecido durante sua união Dane. Ela nunca tinha conhecido algo similar. Selvagem e quente, destroçando qualquer sentido do decoro, qualquer modéstia que ela possuísse uma vez. Ela o necessitava profundamente, duro, afundando-se nela enquanto o mundo ardia ao redor deles.

-Por favor-. Ela apertou em sua ereção palpitante-. Por favor, Dash. Agora fode-me. Fode-me mais fortemente. Por favor.

Sua demanda explicitamente quente estalou através de sua cabeça, destroçando seu controle. Sua voz suave, tão doce e grave, quase inocente, pedindo para ser tomada, para ser fodida, era mais do que ele poderia suportar.

Dash gemeu desesperadamente, lutando contra o impulso de cravar os dentes em seu delicado ombro e de lhe dar exatamente o que ela desejava. Ele tinha combatido os instintos, a fome que o enchia, enquanto podia. Quando ela sussurrou as palavras sobre seus sentidos, esteve perdido.

Ele grunhiu em seu ombro, agarrando-a com seus dentes enquanto suas mãos apertavam em seus quadris e lhe deu o que ela pedia. Afundando-se na fina malha úmida, ultra-apertada, ele fixou um ritmo duro, rápido que conduziu sua ereção às mesmas profundidades dela, enterrando seu membro ao extremo e a fodeu com uma fome que ele nunca tinha conhecido em sua vida.

Ela era sua. Sua mulher. Sua companheira.

Elizabeth gritava debaixo dele, suas unhas perfuravam seu traseiro enquanto seus dentes perfuravam seu ombro, e seu membro perfurava seu apertado sexo. Ele poderia sentir seu orgasmo começar, enquanto ele poderia sentir sua carne que ondulava sobre seu membro. Aproximando-se.

Ele ainda a abraçava quando ele bombeou dentro dela mais duro, os sons do sexo molhado enchiam seus ouvidos, sugando-o o sexo se envolvia ao redor dele enquanto ele a sentia estalar ao redor de seu membro. Seu sexo se apertou, ordenhando sua carne, lutando por mantê-lo em seu interior profundo enquanto seus sucos se derramavam ao redor dele. Era muito. Muito quente. Também malditamente firme. Ele sentiu a última de suas ataduras de seu controle cair enquanto seu próprio orgasmo se derramou livremente de sua moderação.

-Não. Foder, não-. Ele tentou puxar quando ele sentiu o primeiro duro jorro de seu sêmen impulsionar-se dentro dela, depois sentiu algo mais.

Um desesperado inchaço no centro de seu membro, uma pulsante ereção que apareceu aterrorizante.

-Oh, Deus! Dash! -Elizabeth gritou seu nome enquanto ele sentia a seu corpo estremecer-se espasmodicamente debaixo dele, seu orgasmo aumentava em energia, rasgando violentamente debaixo de sua carne.

Ela estava tão apertada ao redor dele. Sua carne se estirou, abraçando-o, levando ao nó que aparecia em seu membro e que o travava profundamente dentro dela. Ele não poderia mover-se sem feri-la, não poderia afastar bruscamente sua carne do inchaço de seu apertado sexo. Ele poderia somente gemer com derrota, sustentá-la contra ele e permitir que seu orgasmo se estendesse através de seu corpo.

Cada dura batida de sua semente palpitava no duro nó, contrações ativadas em seu sexo que a faziam gritar roucamente. Ela se arqueou debaixo dele, lutando por aceitar a circunferência adicional enquanto outro orgasmo se estendia dentro dela, fazendo-a estremecer-se com aspereza enquanto a forçavam a aceitar cada duro batimento de seu sêmen dentro de suas já cheias profundidades.

Dash provou o sangue e advertiu que as agudas extremidades de suas presas tinham perfurado seu ombro. Sua língua lambia sobre ela, sua boca sugava a pequena ferida enquanto ela choramingava debaixo dele. Os destruidores estremecimentos que se fecharam de repente através de seu corpo eram mais fracos agora. Ela tremeu debaixo dele, seu sexo se apertava no duro nó travado dentro dela enquanto ela gemeu com as intermitentes explosões de ecos orgásticos. Suas mãos tinham caído à cama, suas pernas escorregaram fracas de seus quadris antes que ele

finalmente sentisse diminuir sua carne dentro dela. Era lento. Era destrutivo. As duras rajadas, quentes de seu sêmen eram impulsionadas dentro dela com cada pulsado do nó, embora diminuíssem em intensidade enquanto o inchaço começou a diminuir.

Dash a sustentou perto de seu peito, respirando com dificuldade, lutando com sua própria surpresa e horror até que ele pôde finalmente tirar livremente dela, saindo de seu sexo dando um suave beijo de despedida, terminante a sua carne.

CAPÍTULO 20

Ele tinha devido mover-se longe dela, deixar a cama, a habitação, procurar algum lugar longe do doce aroma de seu calor onde pudesse pensar. Onde pudesse considerar este novo, e impactante acontecimento com clareza. Mas quando ele se moveu de seu lado, ela sussurrou seu nome. Sonolenta com a saciedade, com seu corpo esgotado das demandas que ele tinha feito dela, ele suspirou sobre sua carne como um sussurro de seda enquanto ela se moveu contra seu corpo.

Ela puxou-o, derrubando-o ao lado dela, movendo-se em seus braços e colocando sua cabeça contra seu peito. Ele afastou a vista do enredo do cabelo escuro derramado sobre a cama. Uma perna magra atravessava a sua; seu braço estava sobre seu estômago. Ele estava atado tão bem à cama agora como o teria estado se fossem correntes em vez de uma mulher delicada.

O que era o que se supunha que devia fazer? Tentativo, ele se voltou para ela e lhe envolveu os braços a seu redor, esperando que a posição fosse incômoda. Não o era. Ela coube contra seu corpo como se tivesse sido feita para ele.

Ele nunca se permitiu abraçar a uma mulher depois do sexo. Nunca se havia sentido o bastante confortável, ou se tinha relaxado o bastante como para dormir com uma. E ele estava seguro como o inferno de que nunca tinha podido impedir de ir longe do lado de uma. Mas Elizabeth era diferente. De muitas maneiras.

Deus. O que lhe tinha feito? Ele fechou os olhos, trazendo com dificuldade ante a lembrança do grosso inchaço em seu sexo. Como um animal. Mas nada poderia eliminar o fato de que o prazer tinha sido tão intenso, muito mais profundo do que algo que ele tivesse conhecido e que ele não desejasse nada mais que repeti-lo.

Em vez disso, ele a sustentou contra ele e a deixou descansar. Ele esperava que ela dormisse. Rogava para que ela dormisse. Porque se não o fazia, não havia uma ocasião em inferno que lhe pudesse impedir de tomá-la outra vez.

Dash deixou a seus dedos afundarem-se nas ondas suaves do cabelo que fluíam sobre seu peito e pelas costas dela. Ela era tal criatura sensual, quente e erótica uma vez que tivessem desaparecido as inibições. Ela o tinha queimado vivo.

Ele descansou o queixo contra sua cabeça, perguntando-se por esta estranha mudança dentro dele. Ele sabia que ela era sua mulher. Sua companheira. Ele o tinha aceito há um ano quando seu primeiro comandante tinha começado a lhe ler as cartas de Cassie. Não havia outra maneira de explicar a possessividade que tinha enchido sua alma profundamente, o conhecimento e a raiva inatos que o tinha invadido enquanto estava enterrado debaixo das drogas enquanto seu corpo curava. Ele a tinha conhecido. Sabido de sua risada, seu tato, tinha conhecido seu calor. Para o momento em que ele despertasse, tinha-o enchido de uma determinação por apressar-se e para curar-se e para consolidar o que ele nunca tinha conhecido antes.

Ele tinha surpreendido a doutores que tinham lutado para salvar sua vida. Tinha esgotado a seus terapeutas enquanto trabalhava para estar mais forte. Em cada minuto dessa larga e dolorosa batalha, tudo no que ele pensava era na Elizabeth e Cassie. Sua mulher e sua menina. Necessitavam-no. Ele as necessitava.

Embora a resposta de seu corpo o havia comovido. Nunca tinha feito algo similar com outra mulher. Nunca tinha produzido uma ejaculação como os pequenos jorros, úmidos do líquido que tinham facilitado sua vagina ao redor dele. E nunca tinha concebido que algo tivesse podido ocorrer como o grosso inchaço que o travou profundamente dentro de sua vagina já apertada.

Não tinha sido como nada que ele tivesse podido imaginar-se. Enchê-la de sua semente, sabendo que ali não havia nenhuma possibilidade no inferno de que nenhuma gota pudesse derramar-se dela antes de lhe ser dada a ocasião...

Oh infernos. A ocasião de fecundá-la. Ele tragou firmemente. Ela não tomava a pílula. Ele sabia que ela não estava tomando a pílula. E pela primeira vez em sua vida ele tinha tomado a uma mulher sem pensar na proteção.

Seu membro se sacudiu e pareceu endurecer-se mais ainda ante o pensamento de fazer a uma criança com Elizabeth, uma tão faiscante e cheia de vida como Cassie. Possivelmente um menino. Um que fora alto e forte e cheio do mesmo sentido de determinação e da força de sua mãe. Seus braços se apertaram ao redor dela, seu coração palpitava quando ele se imaginou à família que poderia ter. A família ele nunca se atreveu a sonhar até este momento.

* * * * *

Elizabeth estava silenciosa, quieta. Dash não estava agitado mas ele não dormia, tampouco. Ela poderia sentir seu peito debaixo de sua bochecha, seu coração que pulsava, sentir a postura tensa de seu corpo. Ela se teria movido dele, mas quando ela jogou uma olhada através das protetoras pestanas, para baixo da longitude de seu corpo alto, ela tinha visto sua ereção, densamente e forte, quieta reluzente de seus orgasmos combinados ficar contra seu baixo ventre.

A carne era pelo menos tão grossa como sua munheca. Larga, dura como o aço. A cabeça em forma de cogumelo era de uma cor escura, quase violeta, indicando o nível da excitação de Dash. Não mais que a sua própria, ela pensou. Inclusive agora, poucos minutos depois que ela tivesse conseguido atraí-lo para baixo a seu lado, ela ainda estava dolorida pela necessidade de senti-lo enterrar-se dentro dela de novo, travando-se no interior apertado e duro dela.

Ela controlou apenas um débil puxão de sua respiração ante a lembrança do inchaço. Ela sabia o que era. Assim como ela agora sabia o que tinham sido as sedosas ejaculações. Um líquido que lubrificava, realçado de algum jeito para relaxar a tensão desesperada para o canal feminino. Havia-o sentido quando o líquido se mesclou com seus próprios sucos, esquentando-se dentro dela, diminuindo a resistência em sua vagina enquanto ele empurrou além dos músculos apertados de seu sexo.

Tinha-lhe feito igual a sua boca, a sua língua. Antes que ele se retirou, ela se tinha perguntado se poderia suportar o bombeamento do claro principal sua garganta. Era assombrosa. Diferente a qualquer coisa que ela tivesse podido imaginar-se. Embora, não totalmente inesperado.

Elizabeth não se enganava de maneira nenhuma. Ela se tinha perguntado se aconteceria. Perguntado se ele possuía não só os sentidos do lobo, a não ser em certa forma, na sexualidade também.

As castas felinas chamaram suas mulheres de suas companheiras. Em uma entrevista, Callan Lyons e sua esposa tinham estado assombrosamente calados sobre a sexualidade que Callan exibia. Mas Elizabeth tinha sabido que algo os tinha engrenado mais perto que só o amor.

Ela poderia vê-lo em suas caras, em seus olhos enquanto se olharam um ao outro. Essa pequena e tênue luz de um segredo. E ela tinha estado invejosa.

Ela sabia que Dash o teria advertido se ele tivesse sabido que isto aconteceria de antemão. Sabia que ele não o teria escondido. E ele tinha estado surpreso mais ainda do que ela o tinha estado.

Encheu-a de uma sensação de orgulho, de possessividade feminina, o saber que ele não tinha dado essa experiência a nenhuma outra mulher. Que era sua somente. Tão impactante, tão assombrosa como tinha sido, seguia sendo sua somente. Assim como duro e magnífico ele era dele. Ponto.

Ela olhou quando se flexionou, palpitou. Lhe tentando. O peito de seu Dash se esticou repentinamente sob sua mão mais ainda, por debaixo de seu abdômen, através da parte superior de sua coxa.

-Elizabeth-. Sua voz era escura, grave, seus dedos apertavam em seu cabelo.

-Hmm? -Ela o acariciou entre suas pernas poderosas, seus dedos que se moveram lentamente até que ela cavava o saco liso, de seda de seu escroto-. Por que não tens nenhum cabelo aqui?

-Ah Deus-. Seus quadris se arquearam enquanto ela acariciou seu testículo brandamente, movendo seus dedos sobre a ultra-lisa, e obviamente ultra-sensível, carne-. Porque sou uma casta-. Ele parecia ter empurrado as palavras entre os dentes apertados.

-Faço-te mal?

Ela ficou quieto, olhando a pérola suave do líquido se formar no olho aberto de seu membro.

-Não -ele respirou asperamente-. Mas está segura de que deseja seguir com isto?

-Mmm -Ela pressionou um beijo contra seu peito, olhando sua carne dura mover-se bruscamente enquanto ela cavava o saco mais completamente dentro de seu palma-. Estou segura.

-Elizabeth-, ele gemeu quando ela se moveu mais abaixo, seus lábios que esfregavam ligeiramente sobre seu abdômen que se flexionava-. Coração. Espera.

-Para que? -Sua mão esfregava ligeiramente para cima de seu testículo para o duro eixo de seu membro.

Seus dedos não poderiam circundá-lo, mas sim ela tinha que esfregá-lo ligeiramente. Ela olhou como sua mão se deslizou em cima do grosso poste, esfregando seu dedo sobre a essência polida que destilava de seu membro.

-Precisamos falar-. Sua voz soou cansada-. Sobre o que passou. Elizabeth, temos que resolver isto.

-O que é o que terá que resolver? -Ela pôs sua cabeça na parte inferior de seu estômago, a avultada cabeça de sua ereção apenas debaixo dela. Antes que ele pudesse falar, sua língua apareceu por seus lábios e lambeu ao longo da reluzente cabeça de seu membro.

-Oh, infernos. Elizabeth-, ele murmurou, enredando seus dedos em seu cabelo enquanto que os músculos de seu abdômen se apertaram asperamente. Ela passou para baixo, apesar da pressão que ele exercia nas mechas que ele agarrava.

Sua boca encapsulou a dura crista, sua língua oscilava sobre o pequeno olho na extremidade antes de esfregar ligeiramente ao redor da crista que bombeava. Foi compensada os pequenos jorros do doce líquido salgado que tinham enchido sua boca antes.

-Basta-. Antes que ela pudesse lhe tentar mais ainda, atormentá-lo mais ainda, ele a agarrou pelos ombros e a moveu bruscamente à cama enquanto ele se levantou sobre ela-. Está louca?

Ela se lambeu os lábios lentamente enquanto o olhava por debaixo das pestanas baixadas, faminta por seu gosto. Havia algo perversamente excitante em atrair a seu membro dentro de sua boca. Algo que acendia todos seus instintos inferiores e a fazia totalmente lasciva.

-Não louca-, ela sussurrou levantando sua cabeça e lambendo a língua sobre seus lábios, pressionando contra eles, deslizando-a entre eles. Ela então compartilhou o gosto de sua essência com ele. Seu olhar fixo se travou com o seu, considerando a labareda de surpresa em seus olhos um segundo antes que ele gemesse áspero; a mão que tinha apertado em seu cabelo puxou a parte posterior da cabeça até que ele pôde tomar o controle do beijo.

Sua língua se enredou com a sua, então lhe seguiu enquanto se retirou para trás de seus lábios. Ele varreu em sua boca demandantemente, lambendo em seus lábios, em sua língua, beijando-a com um calor e uma fome que a faziam gemer e o arquear-se por seu tato.

-Maldita seja-. Ele afastou os lábios dos seus, respirando com aspereza enquanto ele a olhava fixamente para a ela-. Você sentiu o que aconteceu na última vez, Elizabeth. Sabe o que te fiz.

-Sim-, ela suspirou, sorrindo com antecipação-. Agora faça-o outra vez. Vamos ver se funciona outra vez a segunda vez-. A surpresa encheu seu olhar fixo, depois o calor. Um calor incrível, incendiário quando ele olhou fixamente e ela abaixou atentamente. Lentamente, um sorriso que poderia somente ser chamado voraz curvou sua boca.

-Farei-te gritar muito mais esta vez-, lhe advertiu brandamente. Farei-te...

Ele se parou, sua cabeça se levantou repentinamente, seus olhos se entreabriram enquanto que olhou fixamente a porta.

-Dash? -Elizabeth sentia a seu corpo esticar-se perigosamente, em vez de com excitação. Ele se moveu dela enquanto ela ouviu passos que golpeavam pelas escadas, então duros golpes na porta.

-Esteja preparado, Dash. Grange tem a homens na cidade e poderiam dirigir-se para aqui. Temos que conseguir que te mova. Chamei ao piloto; aterrissará em quinze minutos-. Dash grunhiu enquanto sua cabeça se voltou, mas Elizabeth estava já fora da cama e puxava as roupas que ele tinha deixado para ela.

-Muito para uma maldita ducha-, ela murmurou enquanto puxava suas calcinhas sobre suas pernas largas, cobrindo o reluzente, montão empapado de seu sexo-. Maldição, ódio usar calcinhas molhadas.

Dash se voltou para suas próprias roupas, grunhindo com silenciosa fúria. Suas calcinhas estavam molhadas, seu membro duro como o aço e se dirigiam a um frio aeroplano. Ele se lembrou de certificar-se de que ele feria Grange. Bastante. Antes que ele finalmente o pudesse matar.

CAPÍTULO 21

-Faz o suficiente ruído como para se despertar aos mortos-, Dash grunhiu quando Elizabeth se deslizou ao redor da esquina da cabana duas manhãs mais tarde.

O suor se verteu de seu cabelo amarrado por sua cara; suas roupas estavam úmidas com ele.

Ela tinha trabalhado seu caminho abaixo o ponto em duas vezes o tempo em que isto deveria havê-la tomado e ela não tinha feito caso da metade do que lhe havia dito com o passar do caminho. Ele havia captado seu aroma simplesmente porque ela não tinha provado a direção do

vento. Ele a tinha ouvido contornar o pequeno clarão cinco minutos antes, entrando no sentido contrário completamente ao que ela deveria ter ido.

Ela parou, franzindo o cenho, seus olhos azuis que cintilavam com cólera. Seus peitos levantavam com o esforço e os nervos e ele duvidava que ela tivesse podido ouvir qualquer pessoa que se movia furtivamente para ela pelo palpitar de seu próprio coração.

-Fui silenciosa, maldição. Não fiz um só ruído.

-Achas que te mentiria? -Ele grunhiu-. Ouvi-te o vir faz cinco minutos. Se esta fosse característica dos protetores de Grange lhe teriam tido já abaixo, despido e fodido. Disse-te, Elizabeth. Em silêncio. Demonstrei-te como-. Ele era duro com ela. Mas se ele poderia ouvi-la desde tão longe então esses cães malditos que patrulhavam o imóvel de Grange poderiam também.

-Quanto mais silenciosa tenho que ser? -Ela estava cansada, irritada e pronta agora para golpeá-lo.

-Um inferno de muito mais silenciosa-, ele grunhiu-. Vira e leva seu traseiro a esse ponto e tenta-o outra vez. Grange volta para seu imóvel em duas semanas. Isso. Final do treinamento e tempo de matar. Não estará preparada.

-E um inferno que não-, ela grunhiu-. Filho de puta. Você é uma casta. É obvio que me ouviu. Grange tem castas como soldados?

-Não, ele não o tem-, ele disse brandamente, Sorrindo firmemente, controlando as vontades instintivas de protegê-la-. Ele tem cães. Uns cães maus e grandes treinados para agarrar às pequenas moças curiosas que vêm arrastando-se ao redor de seu imóvel. Você já o comprovou, coração. Desejas agora tentá-lo com animais verdadeiros?

Sua cara flamejou de fúria, seus lábios se apertaram quando ela olhou a ele fixamente fria.

-Não é precisamente um barril de risadas esta manhã-, ela disse com desprezo-. Muito mau se o também não treinam enquanto são os cães de Grange.

Ela girou seu talão e se deslizou atrás ao redor da cabana enquanto ele sentia a cólera ofendida atravessar seu corpo. Ele saiu depois dela, determinado de lhe ensinar que os soldados nunca replicavam a seus instrutores. E não foram longe com isso.

-Consigo o café da manhã agora, o moço grande-, grunhiu ela, curvando seu lábio com triunfo zombador quando ele estreitou seus olhos nela-. Quem diz que não posso ser silenciosa.

Ela o tinha. Condene-a, ela o tinha enganado tão rapidamente que ele não tinha considerado até que ela giraria tão dissimulada.

Ele levantou sua mão e separou o pau dela, abandonando-o quando ele olhou acima nela.

-Na próxima vez que esteja em cima de mim assim melhor que esteja nua-, ele grunhiu.

-Na próxima vez, vou pisotear tuas bolas por ser tão insultante-, lhe espetou.

Ele não tinha nenhuma dúvida de que ela o faria. Se tinha a oportunidade. Ele a levantou dele então ficou em pé enquanto ela estava parada, olhando-o com triunfo.

-Tem-no feito bem. Não o bastante bom, senão bom-. Ela respirou asperamente.

-Não o bastante bem? -Ela colocou as mãos em seus quadris enquanto o olhou com um cenho-. Apanhei-te. Honesta e rotundamente. Como que não é o bastante bom?

-Porque confio em ti e tenho a desvantagem adicional de estar tão malditamente quente por foder que não posso te considerar como uma ameaça ainda. Mau movimento por minha parte. Não incorrerei nesse equívoco outra vez-. Maldito se seu orgulho poderia dirigi-lo.

Tinham estado trabalhando durante a maior parte da manhã. Ele a tinha arrastado fora de cama antes do amanhecer, partiu com ela o topo de subida sobre a cabana e lhe disse que esperasse antes de dirigir-se para baixo.

No caminho para cima, ele a tinha ensinado como mover-se através da mata, movendo-se a contraluz, sua respiração lenta e fácil. Como caminhar, medir o tempo de seus passos, e mover-se sem causar uma ondulação de som.

Não é que ele tinha esperado que ela tomasse tão bem como ela o fazia. Ela o tinha surpreendido realmente. Mas ela poderia ser melhor. Se seus instintos eram corretos, ela tinha o potencial de mover-se tão silenciosamente como qualquer caçador o fazia jamais. E ela estava disposta a trabalhar para o que ela precisou saber. Isso era imprescindível. Elizabeth entendia que ela necessitava o que Dash lhe ensinava, igual como Dash mesmo era consciente disso.

-Essa é uma pobre desculpa-, ela finalmente grunhiu antes de dar a volta e de dirigir-se de novo à frente da cabana-. Necessito uma ducha e um café da manhã. Tentarei-o outra vez depois de que tenha pensado nisso.

Ela fez rodar seus ombros, sua voz era pensativa, como se algo tivesse vindo a ela do que não estava absolutamente segura, e seu traseiro enchia aquelas calças jeans como um sonho.

Dash gemeu enquanto palpitou seu membro e sua luxúria parecia alcançar o nível máximo. Ele não a havia tocado desde a noite no rancho de Mike. A saída rápida, o vôo exaustivo e a viagem à cabana tinham sido feitos em menos de vinte e quatro horas. Derrubaram-se na cama e tinham dormido como os mortos enquanto cedo tinham comido uma comida precipitadamente preparada.

O treinamento tinha começado ontem logo que deixassem a cabana e quando ele a levou quase novamente dentro da cabana ontem de noite, ele tinha sabido que o sexo não estaria no topo de sua lista de prioridades. Mas se levantava rapidamente nela.

Ele a olhou desaparecer no dormitório da pequena cabana, e minutos mais tarde ouviu a ducha girar a força completa. Ele juntou um café da manhã rápido: dois grandes omeletes, batatas fritas e suco de laranja. O café fresco se preparou no contador e quando saiu do dormitório quase trinta minutos mais tarde, ele o punha na mesa.

-Coma. Praticaremos autodefesa depois do café da manhã, então te darei um descanso até a tarde-. Ele se sentou diante dela, cavando em seu próprio alimento. Era combustível, puro e simples, rico em carboidratos e proteínas com um montão de energia corrente.

Ela necessitaria da energia para seguir adiante nas duas próximas semanas. Ela estava esgotada já, cansada. Mas agora não vivia nos nervos exaustos e o medo. Aquela adrenalina aumentou os sentidos e deu um borde agregado, inclusive se era falso. Agora, ela ia ter que ensinar a seus sentidos a trabalhar na direção apropriada. Sem os nervos. Sem o golpe da adrenalina que a situação de vida ou morte a qual ela tinha confrontado antes lhe tinha dado.

Ela inalou em uma respiração profunda, mas em vez de discutir, só estava cabeceada. A ação atraiu sua atenção a seus peitos. Não limitados, sem o prendedor, seguiam sendo os pequenos montões amadurecidos e cheios, gordinhos que suas mãos picavam por cavar e por acariciar.

Ele morria por tomá-la outra vez. Por ver se as sensações eram tão intensas uma segunda vez ou se tudo tinha sido um sonho. O primeiro treinamento, lembrou-se enquanto que acabava sua comida, depois se sentou de novo a desfrutar de seu café. Era sua primeira taça em dias e maldito se não a tinha sentido falta de. A sacudida da cafeína em seu sistema foi quase imediata, lhe fazendo conter um gemido de prazer.

Elizabeth não estava tampouco calada. Um som largo, baixo de apreço vibrou em sua garganta quando fechou os olhos, desfrutando do gosto assim como da sacudida.

Sua expressão era de puro prazer sensual e quando ela trago o quente preparado, sua língua apareceu para colher uma gota que escapava em seu lábio inferior. O membro de Dash se moveu bruscamente em conhecimento. Ele só lembrava dela lambe os lábios dessa maneira uma

vez antes. Quando ela tinha lambido o gosto de seu membro depois que ele a separasse dele antes da interrupção de Mike.

-Quase me esqueci de quão bom era-. Ela suspirou enquanto abriu os olhos, seu olhar fixo se posou no seu. Um rubor encheu imediatamente suas bochechas quando seu olhar fixo caiu em seus úmidos lábios.

-Acabe seu café-. Dash ficou em pé, limpando seus pratos da mesa-. Desejo começar a te ensinar como lutar com mais que nervos e medo. Tem que manter sua cabeça clara para ser eficiente. Para dar um golpe que inabilite em vez de simplesmente atordoar. Se só atordoar a seu inimigo, arrisca-te a que venha atrás de ti mais tarde. Se o incapacitar, pode detê-lo indefinidamente. Salvo matá-lo, é sua melhor opção.

-Se ele for o inimigo, por que não é justo lhe matar? -Ela ficou em pé também, deslizando-se ao pote do café para preencher sua xícara-. Não notei que te cuidasse muito de inabilitar ao indivíduo que matou no apartamento.

-Não havia outra opção-. Ele deu de ombros-. Ele tinha uma arma em minha cara e pressionava o gatilho. Era matar ou morrer. Escolhi viver. Se circular deixando corpos mortos e está atraindo mais atenção que a necessária.

-Golpear a um molho de zangados inimigos faz que sigam atrás de ti-, comentou ela com secura levantando a xícara a seus lábios.

-A chave é, evitar que o inimigo saiba quem é ou porquê o está golpeando-, lhe disse, lutando para guardar uma medida de orgulho de sua voz. Maldição, ela era sanguinária como o inferno. Ele a amava. Ela não se frustraria se o sangue tivesse que ser vertido, mas tinha que aprender que havia diversos níveis de inimigos. Somente a raça superior realmente merecia a morte.

-Os corpos mortos deixam um rastro pelo simples feito de que cada um tem uma maneira preferida de matar. A faca é a minha. Se deixasse uma cadeia de corpos atrás de mim, os meios começariam a gritarem atentos. Alguém com quem trabalhei o ouviria, e imediatamente, os fatos da matança o fariam suspeito. Quando sua primeira ficha de dominó caia derrubará ao resto.

-Então, aprende outra maneira de matar-. Ela estava malditamente segura gozando desse café assim como de qualquer pequena fantasia sanguinária que devia ter ao redor agora. Dash suspirou.

-Você não é tão dura como está fingindo sê-lo, coração. Acabar com uma vida não é assim fácil.

-A morte do Grange não me fará perder nem um momento de sono-. Ajudará-me a dormir melhor-, lhe assegurou, endurecendo sua voz-. Não te engane, Dash. Se tivesse podido matar a esses bastardos sem minha filha vendo-o durante os dois últimos anos, o teria feito. Facilmente-. Dash cabeceou.

E não te teria culpado, Elizabeth. Mas no calor da batalha e a matança a sangue frio são duas coisas diferentes. Agora, pensa que não o são. Está cheia de raiva e de uma necessidade de vingança, e isso é bom. Manterá-te forte. Fará que aprenda. Mas quando chegar o tempo da matança, não será tão fácil. É malditamente difícil puxar esse gatilho e saber, saber em sua alma, que o homem ao que matas não merece mais possibilidades de viver.

-Eu pensava que era mais duro que isso, Dash-. Ela o surpreendeu com suas palavras ásperas. Ou possivelmente não, pensou Dash. Esta raiva tinha estado aumentando nela durante muito tempo, endurecendo-se com cada tentativa contra ela e sua filha. Ele suspirou com fadiga.

-Em minha primeira morte, Elizabeth, enfrentava a um monstro. Sabia que ele era um monstro. Ele tinha tratado brutalmente a homens tomados como reféns. Tinha convertido a boas mulheres, fortes em quebradas cascas de humanidade. Ele não tinha nada para redimi-lo. Exceto

uma coisa. O homem era um parvo nato por um pequeno minúsculo refugio da humanidade que ele tinha engendrado. Ele tinha destruído quase a sua pequena esposa, mas esse menino nasceu depois, ele a tratou como o ouro porque esse menino a amava. Tive que agarrá-lo para me assegurar da liberação de dois de meus homens que ele tinha encarcerado em um quarto do porão perto da casa. Não tinha opção. Embora sabia que o menino e sua mãe sofreriam. E fiz o que tive que fazer. Era ele ou meus homens. Fiz a eleição. Mas lamentarei o ter que fazê-lo até o dia de minha morte. Quase cada um tem uma debilidade. Em alguma parte, de algum jeito. Ele não merecia viver porque nada neste mundo estava seguro, mas esse menino e sua mãe. Mas, se ele averiguar jamais a identidade do homem que puxou o gatilho, virá caça. Então sabia. Agora sei.

Elizabeth acabou seu café, voltou-se atrás e verteu outra xícara. Quando ela acabou ela se voltou e o olhou curiosamente.

-Supõe-se que devo me sentir afligida agora por Grange? -Ela lhe perguntou fria. Dash sacudiu sua cabeça.

-Não, coração, não conto com isso de ti. Estaria surpreso se o sentisse. Ele não merece sua compaixão. A opção da vida ou da morte é tua para fazê-la. Você é quem tem que viver com ela, tem que te deitar e dormir na noite com ela. Só lembra o que te digo. Quando é sua vida ou a dele, é diferente. Quando é a sangue frio, não é mais que o animal que vieste a desdenhar. E então, converte-se em malditamente difícil o dormir de noite. E malditamente difícil lembrar o que te faz humano. Agora acaba esse café para que te ensine como lutar.

Elizabeth olhou como Dash saía da sala de jantar, empurrando móveis contra a parede antes de dobrar-se fora em uma esteira grande do exercício que ele tinha pego de Mike. Ele se movia eficientemente, bonito para ser um homem. Não havia movimentos desnecessários, o nenhum pereça nele. Em poucos minutos a esteira foi esvaziada e ele se voltou de novo para ela com uma elevação de suas sobrancelhas.

Ela levantou sua taça de café silenciosamente. Não tinha acabado. E ela não poderia procurar centrar-se em deixá-lo lhe ensinar como lutar com sua mente no estado de agitação em que agora estava. Ela poderia matar a Grange? Essa pergunta agora se repetiu.

Ela tinha estado tão segura antes. Convenceu-se que ela poderia pôr facilmente uma bala entre seus olhos e nunca pensá-lo duas vezes. Em qualquer lugar que fosse. Sempre. Cassie agora não estava com ela. Sua inocência não seria uma baixa ao sangue vertendo-se sobre sua mãe.

Ela se voltou para Dash e o olhou fixamente fora da janela afundar-se enquanto ele se deslizou à esteira e começou uma série de exercícios de aquecimento. O bosque era espesso, abrigando-os, ocultando a pequena cabana perfeitamente. Um lugar seguro, ele o tinha chamado. Um companheiro soldado o emprestou. Nenhum problema. Um amigo.

Ela notou que cada um de seus conhecidos, eram companheiros soldados, parte das forças. Ele tinha contatos no inferno e à parte posterior, e sua voz refletia seu respeito e freqüente afeto para cada homem com o qual ele tinha falado. Mas ele nunca os chamava amigos. Nunca deu voz ao enlace que ela pudesse ouvir que os unisse. Eram uma parte de uma rede de honra, do cuidado de um ao outro. Ele tinha matado para salvar a ela e a Cassie. Ele tinha matado para salvar seus homens. Ele tinha matado no calor da batalha e não perguntou pelas vidas que ele tinha tomado. Era matar ou morrer. Mas ele não mataria a sangue-frio. E ela estava terrivelmente assustada de que ela pudesse.

Grange era um monstro. Enquanto ele estivesse vivo seria uma ameaça para Cassie. Ele nunca pararia em seu desejo de tomá-la. Seus homens não parariam.

Ela sorveu o café, lembrando os dois anos que ela tinha passado fugindo. Aos homens de Grange e das vidas que tinham tomado. Os tempos em que a tinham procurado sem misericórdia, sem emoção. Quando acabou o café e lavou sua xícara lentamente, ela advertiu que a bruma de

cólera e de dor que a tinha enchido durante meses tinha estado endurecendo-se lentamente dentro dela.

-Elizabeth? -Ela jogou uma olhada ao reflexo na janela, vendo Dash atrás dela, olhando-a fixamente com suavidade. Ela tragou com força.

-Isso me faz um monstro também, Dash? -Ela lhe perguntou-. Sou irredimível? -Suas mãos se colocaram em seus ombros enquanto ele a atraiu ao seu peito, devolvendo seu olhar fixo na janela ante eles.

-Não há nada mais perigoso que uma janela, Elizabeth-, lhe disse em vez de responder a sua pergunta-. Alguém se sente seguro na casa. Cada um. Não pensa nas janelas. Mas os caçadores. Olham as janelas, ocultas, protegidas, com suas vistas treinadas nesse pequeno quadrado enquanto esperam que o alvo passe perto, pare e admire a visão. Então lhe têm-. Ela o olhou fixamente para atrás com surpresa.

-Por que estamos parados então aqui?

-Você é sempre vulnerável. Cada um o é. E você é o bastante esperta para saber o que vem. Grange é um monstro. Se ele conseguir o arquivo de Cassie e significar um perigo para ti ou para mim, então estará morto. E ponto. Se não for por sua mão, então pela minha. A natureza toma conta do doente, coração. Grange cairá cedo ou tarde, se não for mais cedo então mais adiante. Quando ele o faça, haverá uma dúzia mais de monstros para tomar seu lugar. É o caminho do mal. Sempre ali. Ele a afastou longe da janela, conduzindo à esteira. Agora te prepare, porque vou pôr-te sobre seu traseiro.

CAPÍTULO 22

Ele a pôs sobre seu traseiro. Mais de uma vez. Repetidamente. As ordens que lançava nela como um maldito sargento de instrução quando não se movia tão rapidamente como deveria fazê-lo ou quando ele pensava que o tinha explicado. Ele se enganava. Ela sabia o que era ele. Ele era consciente de cada movimento que lhe tinha ensinado de modo que sabia exatamente como rebatê-lo. E o fazia com uma eficácia assombrosa e então se atrevia a rir dela quando sua frustração a enchia.

Ela tentou puxar seu cabelo, mas a pressão que ele exerceu em suas munhecas a fez soltá-lo imediatamente. Ela foi até seus olhos, mas ele era mais alto que ela o era e sempre a estava esperando. Frio e resolvido, esses olhos de marrom dourado nunca se perdiam até o estremecimento mais leve. Ela caiu a seus pés lentamente, lhe fazendo frente, respirando com aspreza.

Ela era muito consciente de seus peitos inchados e dos bicos de seus mamilos que raspava contra seu sutiã e camiseta. Entre suas coxas, a costura de suas calças jeans exerceu apenas bastante pressão contra seus clitoris sensível para fazer que ela desejasse mais. Ela estava quente e suarenta e ficando cada vez mais irritada. Maldição, ele inclusive não fingiria que ela pode ser que não estivesse pronta para ele.

-Date a volta-, ele a pediu frio-. Está no ponto. Você está me protegendo. Está cobrindo minhas costas, Elizabeth. Agora date volta.

-Isto não está funcionando-, ela se queixou asperamente-. Não posso fazer mais que agüentar os golpes que desejas me dar.

-Melhor eu que Grange ou seus homens-. Ele não era nada pomenorizado-. Agora dá a volta a esse traseiro apertado ao redor. Meneia-o ou algo. Distrairá-me possivelmente com pensamentos de tomá-lo.

Ela pôs seus olhos em branco, ainda tomando sua respiração. Ele insistia em ameaçá-la com isso.

-Como se qualquer dos homens de Grange tivesse um membro como esse-, ela precisou sem fôlego-. Se fosse normal, Dash, pode ser que lhe deixasse tentar isso-. Seus olhos se entreabriram.

-Oh, querida, farei mais que tentá-lo quando chegar o momento. Agora move-o rapidamente e me deixe vê-lo.

-Deixe tomar fôlego-. Ele era um demônio.

-Diga-lhe a Grange-, ele grunhiu-. Olhe para ver se ele te deixa descansar antes de te matar. Pode ser que o agarre de bom humor.

Seus dentes se apertaram enquanto ela combateu uma resposta venenosa. Mas cada vez que ela o tentava morder, ele se revolia irritando-a somente mais ainda.

-Bem-. Ela se moveu bruscamente ao redor-. Consegue um bom olhar, idiot... Ela estava sobre seu traseiro. Antes que ela pudesse preparar-se ele estava nela. As mãos duras a moveram bruscamente, um pé varreu o seu debaixo dela enquanto seu corpo grande a seguiu abaixo, imobilizando-a.

-Com quem pensa que está lutando aqui, carinho? -Ele a recriminou enquanto ela combatia fracamente contra ele.

Ela estava sobre suas costas, olhando fixamente para cima a ele, respirando pesadamente enquanto ele sorria com humor preguiçoso.

-Surpreende-me que lhe tenha arrumado para escapar de Grange durante dois anos. Pensei que era melhor que isto-. Estava esgotada. Ele tinha manobrado cada desprezível truque sujo que ela tivesse aprendido jamais, assim como os lhe tinha ensinado.

-Não é justo-, ela ofegou-. Você contava com isso.

Ela fechou os olhos, sentindo-o abatendo-se sobre ela, seu calor que se envolvia a seu redor e a voltava louca. Que infernos ia de errado com ela? Tinham estado nisto durante horas e seu sexo estava somente progressivamente mais molhado. Suas calcinhas estavam molhadas, e isso era algo que não gostou absolutamente. Aferraram-se aos lábios cortados de sua boceta e raspavam seu clitóris inchado eroticamente.

-Pensa que eles não lhe esperam agora? -Sua coxa dura foi pressionada contra seu montículo, uma mão se posava em cima de sua perna enquanto ele olhou fixamente abaixo dela-. Eles lhe esperavam no apartamento. Quase lhe tinham naquele momento, Elizabeth. Estão-se voltando sábios.

Ela então se deu isso conta. Seus dentes estavam apertados pela frustração. Sua excitação a voltava louca. Ela nem poderia pensar mais que no pulsado em seu sexo. Era um batimento que constante que a mantinha desequilibrada tanto como ele o fazia.

-Certo. Certo. Tentarei-o outra vez-. Ela o tentaria. Faria-o, assegurou-se. Mas cada vez que ele a tocava ela se debilitava com a luxúria.

Dash se moveu rapidamente a ela, alcançando abaixo e lhe dando uma mão quando ela ficou em posição. Ela lhe voltou às costas, dobrou os ombros e esperou. Às vezes ele a fazia esperar para sempre. Outras vezes era um ataque rápido. Ela poderia nunca estar segura de quando viria.

Ela esticou, preparando-se.

-Te relaxe-. Ela se estremeceu ante sua voz dura, desumana-. Você está cansada me esperando para atacar. Escuta, Elizabeth. Fecha os olhos. Está no centro do imóvel de Grange, não

numa pequena cabana segura. O ataque podia vir de qualquer habitação. Está preparada, mas relaxada. Você escuta. Cheira o ar...

-Maldição, Dash, não sou uma casta... -Ele então foi a ela. Seu braço rodeou sua garganta enquanto que o seu voou. Uma mão travou sobre seu braço em seu pescoço enquanto a outra voou atrás dela indo para seus olhos. Ao mesmo tempo seu tornozelo se envolveu atrás do seu quando ela se moveu, foi sacudido por um golpe cego.

Ele caiu com força, rodou a seus pés e estreitou seus olhos nela quando se voltou. Um sorriso se atrasou em seus lábios.

-Oh, bem coração-, ele ronronou com aprovação enquanto ela o olhou fixamente com surpresa-. Agora o faça outra vez. Dê a volta.

Ela ficou imóvel. Como diabos tinha feito isso?

-Espera-, ela discutiu, sacudindo sua cabeça, mais que surpreendida.

-Fingirei que não te ouvi-, ele saltou-. Dê a volta e faça-o outra vez.

-Não posso fazê-lo a vontade-. Ela sacudiu sua cabeça, respirando com dificuldade-. Não sei o que fiz a primeira vez.

-Então está morta-, ele disse cruel-. Um vulto morto sangrento, Elizabeth. Vamos agora chamar Cassie para que possa começar a afligir-se por sua mãe. Agora dê a volta.

-Não posso fazê-lo outra vez-. Ela moveu para trás longe dele nervosa-. Me deixe pensar nisso. Averiguar como o fiz a primeira vez.

-Não. Dê a volta-. Seus olhos brilhavam de cólera, mas isso estava bem, porque sua atitude dominante realmente zangava a ela também.

-Não estou preparada.

Ele foi para ela de todos os modos. Antes que ela tivesse tempo para considerá-lo, ela viu a cólera, a determinação de forçar algo dela e ela se moveu rapidamente a um lado, apenas evadindo sua presa. Ele se voltou de novo para ela.

-E você deseja matar a Grange? -Ele grunhiu-. Você não pode matar a ninguém, Elizabeth. Não tem o necessário. Não tem a coragem de averiguar suas próprias forças, sem mencionar suas debilidades. Grange tomará Cassie, justo como ele planeja, porque nunca conseguiremos esses papéis e você estará morta. Ele pode mover-se diretamente então, seqüestrá-la na primeira ocasião e ele a terá. Ninguém poderá salvá-la, Elizabeth. Ninguém. Porque falhará.

-Os papéis somente não a salvarão-, ela discutiu desesperadamente-. Uma bala em sua cabeça seria mais eficaz e sei atirar com uma arma.

-Esses papéis lhe arrancarão seus dentes-, lhe informou frio-. Roubamos os papéis, a prova dos experimentos, e expomos seu plano junto com seu testemunho e o de Cassie da morte de Dane, e estará acabado. Legalmente. Derrotado, Elizabeth. Você arrancará os dentes do monstro. O açougue não é fácil. Tampouco é sempre benéfico.

A fúria montava dentro dela. Ela desejava Grange morto. Desejava fazê-lo sangrar, sofrer, e o tomavam tudo longe dela.

Ele veio até ela outra vez. A atacá-la, movendo-se rápido e difícil quando ela caiu ao chão e rodou para seus pés. Ele a tinha ensinado. Ele saltou sobre ela rapidamente, dando a volta para ela outra vez, mas ela tinha permanecido abaixo, deslizou-se ao lado e ido para seus pés outra vez. Ele baixou esta vez e ela estava imediatamente em suas costas, com suas mãos enredando em seu cabelo úmido, sacudindo sua cabeça atrás.

-Na próxima vez-, ela grunhiu-. Terei minha própria maldita faca. Antes que ela pudesse ofegar ele aferrou sua munheca, puxando-a dele e montando seu corpo escarranchado quando ele fechou de repente as munhecas à esteira.

-Vacilaste-. Seus lábios mostraram seus dentes com fúria-. Deste uma advertência em vez de um movimento mortal. Seu inimigo agora te tem abaixo, Elizabeth. Está morta.

-Estou-o? -Ela ofegou, raivosa.

O sangue se precipitou por suas veias, a adrenalina se derramava através de seu sistema e que palpitava em seu sexo. Ela se acalmou, calcando-o atrás, relaxando-se debaixo dele assim de repente ele automaticamente se esticou.

-Está-me fazendo mal-, ela inalou, lutando por respirar-. Podemos falar disto, Dash. Realmente. Na próxima vez o farei melhor-. Seus olhos se entreabriram.

-Estou cansada-. Ela olhou levantou o olhar inocente antes que seu olhar fixo oscilasse ao bombeamento duro em suas calças. Ela permitiu que um sorriso curvasse seus lábios-. Poderíamos agora jogar por um momento?-. Elizabeth meneou suas munhecas debaixo dele olhando-o com as pestanas baixas quando ela lambeu os lábios lentamente, umedecendo as curvas secas-. Farei-te um homem muito feliz, companheiro.

Ele se inclinou para trás levemente, afrouxando suas munhecas. Só um pouco mais, ela pensou respirando fundo, levantando seus peitos quando seu olhar fixo foi a eles. Ao mesmo tempo ela moveu as pernas, um veloz movimento para cima que as enviou ao redor de seus braços e torso quando ela se sacudiu atrás, levantou-se, unindo as mãos em um punho e golpeando na parte inferior de seu abdômen.

Ele grunhiu. Sim! Ele caiu para trás quando ela se revolveu longe dele e lhe fez frente triunfante.

Mas agora ele estava mais que determinado. A luxúria enchia seus olhos pois ao pensar que fazia um movimento de surpresa, enganando-o, e ganhando sua liberdade tinha aceso uma fome que ele já não poderia suportar mais tempo. A mesma fome que tinha estado fervendo nas profundidades de seu sexo molhado.

-Está fodida-. Sua voz era um grunhido quente, sexual-. Mas tão fodida, Elizabeth.

Ela levantou sua mão, ondeando seus dedos atrás para si.

-Vamos. Se trave em mim, nenê. Te atreva.

Dash não fez caso da sacudida de seu membro debaixo de suas calças jeans; ignorando a demanda embriagadora de atacá-la. Ele poderia agora ver sua preparação. Não seu nervosismo tenso, senão sua preparação. Ela estava confiante. Ela pensava que tinha o controle. Pensava que ela tinha ganho vantagem. Era boa; lhe concederia isso. Em umas quantas horas ele não tinha feito mais que começar a polir as braços que ela mesma tinha desenvolvido.

Agora, com seu desafio, sua boa vontade de combatê-lo, ele estava repentinamente tão malditamente duro que todos os pensamentos de treiná-la em tudo menos transar tinham fugido de sua mente. Ele ia baixá-la, a rasgar essas calças jeans desse traseiro tentador e dar-lhe cada dura, atormentada polegada de seu membro.

Ele se moveu ao redor dela, olhando como seus olhos estreitados e seus mamilos se apertavam mais ainda.

Adiante. Ele poderia cheirar sua excitação. Tinha-a cheirado a partir do minuto que ela lhe uniu na esteira. Era doce e quente, como um elixir embriagador e do que ele tinha que ter mais.

Ela se lambeu os lábios, passando sua língua sobre o inferior e mordendo-o tentadoramente. As pestanas negras como a fuligem estavam baixadas enganosas, jogando sombras intrigantes em suas bochechas cremosas.

Se trave em mim, nenê. As palavras tinham sido como uma espada ardente esfaqueando através de sua virilha, apertando seu testículo firmemente contra a base de seu membro. Ele morria por ver se aconteceria outra vez. Por sentir a flexão e a ondulação quente de seu sexo quando ele a enchia mais ainda do que qualquer outro homem poderia jamais.

-Assustado? -Ela o recriminou, olhando enquanto ele se movia cuidadosamente ao redor da esteira.

-Debatendo.

-Hum- Ela levantou uma sobrancelha zombadora. -E o que é que debate, garotão?

-Só como rapidamente levaria para trabalhar meu membro nesse traseiro apertado-. Ele descobriu seus dentes em sinal de aviso-. Ou se terei a paciência.

Sua risada era baixa, divertida.

-Essa ameaça está fazendo-se velha, Dash-. Ele acaba de sorrir. Não era uma ameaça. Havia um particular prazer embriagador em tomar a uma mulher de forma anal. Fazendo-a dobrar-se ante ele, total, aceitando-o facilmente, disposta. Embora a necessidade de fazer isso nunca tinha sido como agora o era. Ele a desejava dobrada ante dele e gritando de prazer enquanto ele esticava esse pequeno buraco inferior. Estirando-o de par em par para ele, submetendo-a a seu prazer e a tomar o seu próprio ao mesmo tempo-. Dê a volta-, ele se aventurou. Ela sorriu.

-Pareço-te estúpida?

-Parece-me comestível-, ele a corrigiu, permitindo que sua voz se fizesse profunda, o grunhido instintivo que retumbou em seu peito para repetir-se dentro dela-. Deliciosamente comestível. Agora dê a volta-. Ela tremeu. Ele adorava quando ela fazia isso. E seu sexo ficava mais quente. Ele poderia cheirá-lo. A doce tentação dela era quase mais que seu membro poderia suportar. Se ele não a fodesse logo ia gritar de raiva.

-Não penso fazê-lo-. Ela mudou de lugar a um lado enquanto ele caminhava para frente-. Tenho a sensação de que devo realmente te vigiar agora.

Ela era esperta. Ele havia dito sempre que ela era esperta, ele pensou com orgulho cada vez maior. Nunca a domesticariam, mas maldito se ele não teria diversão em convencer-se de que ele poderia fazê-lo.

Dash se moveu lentamente, com cuidado, olhando-a quando ele aferrou sua camiseta pelo pescoço e a rasgou de seu corpo. Seus olhos se exageraram. Ele adorava quando sua expressão era de fogo selvagem ou de fúria a inocente e sensualmente consciente de repente. Ele estava descalço, portanto não havia botas ou meias três-quartos pelos quais preocupar-se ao redor. Suas mãos foram aos botões metálicos de suas calças jeans.

As janelas de seu nariz flamejaram, seus lábios se separaram quando ela começou a respirar com dificuldade. Ele afrouxou os primeiros dois botões somente.

-Dê a volta-, ele sussurrou. Ela negou.

Dash sorriu com antecipação. Ela desejava a batalha. Ela desejava ser tomada tanto como ele desejava tomá-la.

-Você baixará-, lhe advertiu brandamente.

-Talvez você o faça em troca.

Ele olhou seu apoio seu corpo, seus braços soltos e relaxados em seus lados enquanto ela estreitou seus olhos nele. Ele sacudiu sua cabeça lentamente.

-Você baixará, Elizabeth. E quando o fizer, estará fodida-. A diversão vacilou no calor de seu olhar fixo.

-Vai falar-me da morte primeiro, ou a ir atrás dela?"

Ele foi atrás dela.

CAPÍTULO 23

Elizabeth estava determinada ela não ia fazê-lo fácil. A adrenalina que bombeava através de seu corpo, as acometidas ao buraco mesmo contra ele palpitando muito fortemente, muito rápido. Seu sexo estava molhado e quente, seus peitos inchados e com os mamilos palpitando, e ela desejava ser tomada. Mas não facilmente.

Quando ele foi até ela, ela se deslizou rapidamente longe dele, tentando dispará-lo e fazendo uma careta ante a risada baixa que lhe dirigiu. Ele jogava com ela, maldito fora.

Dash a atacou outra vez, lhe dando apenas o suficiente tempo para deslizar-se longe antes de ter sua mão enganchada no pescoço de sua camiseta, arrancando-a longe de seu corpo. Ela combateu com os farrapos enquanto se voltou para lhe fazer frente, arrancando-os dela e sacudindo-os ao chão.

Ela agora usava somente um branco, frágil sutiã. Seus peitos levantavam, os mamilos raspavam contra o tecido enquanto ele os olhou fixamente. Seu peito reluziu com o suor, a entreperna de suas calças jeans parecia firmemente pronta para estalar.

Quando ele foi para ela outra vez que lhe deu um segundo para pensar que ele a tinha antes de evadir-se, agachando-se para baixo e lançando-se em suas pernas. Ele puxou. O filho de cadela fez um puxão perfeito antes de lhe dar a volta e de olhá-la com uma advertência acalorada.

-As calças jeans vão depois-, ele grunhiu indo para ela outra vez.

Ela baixou. Suas mãos foram ao fecho de pressão e ao zíper de suas calças jeans quando ele permitiu que ela lutasse. Ele os puxou baixando-os por seus quadris então agarrou as pernas e puxou enquanto ela abandonou as calças jeans em troca da liberdade.

A tanga e um sutiã eram tudo o que ela tinha deixado em seu corpo. Ela se moveu ao redor, vindo a seus pés, olhando fixamente atrás dele enquanto ele lançou as calças jeans sobre seu ombro.

-Vou atar-me, carinho-, lhe disse, sua voz quente e áspera-. Na próxima vez, fique embaixo.

Sua boceta estava tão molhada que ela poderia sentir literalmente suas calcinhas empaparem-se. Ele a arremeteu outra vez. Enquanto ela se mudava para deslizar-se debaixo de seu braço, ele baixou, aferrou-a e rodou com ela até que ele a teve sobre seu estômago, seu corpo maior a fixava na esteira. Sua mão se enganchou em suas calcinhas quando deu um puxão.

Elizabeth gritou de frustração quando as calcinhas se partiram em duas e um segundo depois foram lançadas a um lado. Seus braços foram estirados atrás dela enquanto Dash sujeitou as munhecas em uma mão. Então ele puxou-a até pôr a ela de joelhos enquanto ela o sentia trabalhar em suas calças jeans.

-Montada-, ele grunhiu-. Submetida.

Ela lutou contra ele, quase lançando-o desequilibrado quando ele liberou seu membro de suas calças. Isto era destrutivo ser sustentada esta maneira, incapaz de lutar contra ele, incapaz de escapar dele. O calor disso se envolveu ao redor de seus sentidos, fazendo seu corpo ficar tão sensível que quando seus dedos deixaram de lado as dobras úmidas de seu sexo ela quase culminou então.

-Gostou-te, coração? -Ele grunhiu enquanto colocou seu membro na entrada de sua boceta-. Deus, amo te ter assim. Refreada. Submissa. Faz que meu pênis esteja mais duro do que esteve jamais.

A carne dura como aço roçou contra ela, os jorros sedosos do líquido pré-seminal caíram a jorros dentro dela. Ambos gemeram. Era tão quente, pondo-a mais quente, mais úmida, quando

ele começou a trabalhar seu membro na entrada apertada, empurrando os ombros à esteira quando ele forçou a suas pernas para permanecerem dobradas, sua garupa se levantou sua estacada perfurando-a.

-Maldito seja-, ofegou ela asperamente lutando contra sua presa, ainda lutando para libertar-se, arqueando-se contra ele então gemendo asperamente quando isto somente alojou a cabeça grossa mais profundamente dentro dela.

Oh, era muito bom. O doloroso prazer da estocada precipitada fazia a seus nervos gritar, seus clitoris que palpitava com desespero.

Ela puxou na presa de suas munhecas, meneando seus quadris, desalojando-o uma vez então gemendo ferozmente quando sua mão conectou agudamente com a bochecha de seu traseiro. Está bem.

Gostava muito.

Ele aninhou seu membro contra a entrada outra vez. Ela sentiu outros jorros de líquido enquanto ele se deslizou dentro. Puxando dele começou a trabalhar sua ereção dentro dela uma vez mais. Ela o desalojou outra vez.

Dash riu entre dentes.

-Você gosta de ser açoitada, Elizabeth? -Sua mão conectou com a curva de seu traseiro outra vez, fazendo-a puxar e gemer asperamente-. Penso que sim, coração. Penso que você gosta de ter este bonito traseiro açoitado. Aposto que você gostará do ter fodido incluso mais.

-Não se atrevas-, ela gritou quando seus dedos escorregaram contra seu ânus. Por sorte, seu membro se remeteu contra as dobras de seu sexo de novo.

-Faça-o outra vez, Elizabeth, e tomarei com força-, lhe advertiu-. Não jogue comigo agora.

E ela jogava com ele, tentando seu controle e sabia. Ela o desejava duro e profundamente, querendo sacudir aquele poder fortemente sustentado que ele tinha sobre suas próprias ações.

Ele se verteu a fervuras dentro dela outra vez e ela sentiu a sua vagina relaxar-se. Ela combateu mais fortemente, rindo quando ele amaldiçoou, dando volta a seus quadris de lado e desalojando-o outra vez enquanto ela se arqueava para trás, surpreendendo-o ao escapar de sua presa em suas bonecas para lhe impedir de feri-la. Ela se revolveu longe dele, desfrutando com duro grunhido que entrou em erupção de sua garganta um segundo antes que ele agarrasse seus quadris e a movesse de costas. Seu membro pressionou o interior duro dela outra vez enquanto um jorro duro do líquido a encheu um segundo antes que ele empurrasse metade da ereção dura dentro dela com um impulso rápido.

-Dash-. Ela se arqueou, gritando ante o prazer/dor enquanto que ele entrou mais profundo empurrando então outra vez, então, até que no terceiro movimento ele a empalou com cada pategada grossa e dura do faminto membro que palpitava.

-Oh, deus! -Ela gritou, lutando para relaxar-se ao redor do inchado intruso enquanto se moveu para trás e empurrava ao seu interior outra vez.

Ele empurrou com força e profundamente. Respirava asperamente, suas mãos agarraram seus quadris, trabalhando seu membro dentro e fora dela com impulsos que se levantavam e que a faziam gritar com luxúria ambiciosa.

Ele alimentava um fogo dentro dela que ameaçava enlouquecer sua mente, estirando-a amplamente, enchendo-a antes de retirar-se, só para abri-la outra vez. O fogo se estendeu como um raio sua coluna vertebral; o prazer se rasgou através de sua matriz antes de arquear-se ao longo de seu corpo.

Cada vez que ele a encheu, gemendo áspero quando seu sexo o agarrava asperamente, seu orgasmo se apertava em seu ventre. Ele agora a tinha pouco em conta. Os movimentos aumentavam de impulso e de profundidade, ativavam-se dentro dela quando ela gritou debaixo

dele, retorciam-no e empurravam de novo a impulsionar-se mais fortemente nos músculos trementes de seu sexo. Então lutaram pela dominação do ato, para ver quem poderia empurrar ao outro mais ainda. Para ver se Elizabeth explodiria ou se Dash perderia naquele último instante seu controle vacilante. Ela estava determinada a ganhar.

Quando ele se inundou dentro dela, apertou sua boceta. Ordenhando sua carne enquanto ele grunhia em resistência, mas ela puxou, lutando seu agarre nele. Lizbeth combateu seu próprio orgasmo, sabendo que se gozasse antes que ele perdesse seu próprio controle então teria perdido o domínio neste ato. A capacidade de fazê-lo para necessitá-la em cima todas as coisas, para tomá-la quando ele a necessitou, aceitá-la como sua mulher, sua companheira, capaz de aceitar cada faceta de suas necessidades era imperativa.

-Mais forte! -Ela gritou quando ele manteve os impulsos calculados, gemendo com cada movimento para frente como se isso a matasse-. Maldito seja, Dash. Foda-me mais forte. Agora-. Ela empurrou para trás, não lhe permitindo atraí-la, esfregando ligeiramente seu membro com a flexão de seus músculos com suas mãos apertadas em seus quadris.

-Lizbeth-, ele gemeu quase ininterruptamente-. Deus, coração. Não desejo te ferir-. Ela combateu sua presa, arqueando-se para trás e guiando-o mais profundo, dobrando-se ao redor dele tão firmemente como ela poderia suportar enquanto ela o sentia estremecer-se atrás dela, sentindo que suas mãos se apertavam convulsivas em seus quadris enquanto um tremor sacudia seu corpo duro.

Elizabeth se moveu para trás mais forte, guiando-o mais profundo quando ela se elevou debaixo de seu corpo, suas mãos que encontravam e acariciavam o duro saco, apertado debaixo da base de seu membro enquanto um gemido estrangulado encheu o ar e ele perdeu todo esboço de controle.

Ele tomava com força, profundamente, com rápidos golpes que se impulsionaram nela enquanto os jorros do líquido lutavam para relaxar os músculos desesperadamente apertados de seu sexo enquanto ela apertou mais ainda ao redor dele. Ela ia culminar. Estava estendendo-se em sua matriz, afrouxando-se através de seu corpo enquanto ela estava debaixo dele, gritando, gritando seu nome quando o prazer a afligiu.

-Deus. Elizabeth... -Ele se fechou de repente fortemente e profundamente e se moveu para puxar livremente outra vez enquanto ela o sentia acontecer.

O tenso estiramento, o nó que se inchava a metade de distância da longitude de seu membro, enchendo-a, travando-se nos músculos ondulantes de seu sexo quando ela estalou debaixo dele. Seu grito torturado saiu de sua garganta quando ela sentiu suas ásperas explosões na boca de sua matriz, enchendo-a, procurando para terra fértil quando ela palpitou e em sua própria libertação.

Parecia nunca terminar. Ela se derrubou na esteira quando Dash a seguiu abaixo, enterrado dentro dela, travou-se nas profundidades de seu sexo tremente enquanto seus corpos se estremeceram com cada duro jorro de seu sêmen.

O suor cobriu seus corpos enquanto lutavam por respirar. Dash pôs a cabeça ao lado da sua, seus dentes tinham estado travados em seu ombro a partir do momento do início de seu orgasmo, seus gemidos soavam mais como grunhidos selvagens cada vez que sua semente era lançada dentro dela. Finalmente, largos minutos mais tarde, ela sentiu ao feroz inchaço começar a diminuir, sentindo que ele se estremecia então tirando livremente de seu apertão com um gemido profundo, áspero. Ele se deixou cair ao lado dela, respirando áspero, seu corpo duro tremia.

-Deveria te açoitar-. Ele ofegou por respirar enquanto a olhava com a diversão pesarosa-. Teria podido te fazer danifico, Elizabeth-. Ela riu fracamente.

-Sim bem, não o fez. "Teria podido" não conta.

Seus olhos se fecharam. Maldição, ela estava cansada. Tão cansada que poderia dormir onde estava. Ela se deixou ir, a escuridão se fechava sobre ela, sentindo a Dash a seu lado, confortando-a, protegendo-a. Seu corpo estava repleto, sua mente, no momento, a gosto. Tudo isto se combinou para acalmá-la na comodidade profunda, escura do descanso.

CAPÍTULO 24

Dash fez que despertasse para uma ducha rápida. Colocou-a na banheira, girou a ducha e a lavou eficientemente da cabeça aos dedos dos pés enquanto ela o olhava confusa. Como se ninguém a tivesse banhado jamais. Seu corpo era curvado doce, sem mancha alguma e compacto com os músculos firmes. Para ele, ela era a perfeição.

Entre suas pernas ela tinha barbeado seu pequeno sexo livremente do cabelo suave que começava a crescer. Não o tinha incomodado, mas ele sabia que o pêlo incipiente devia ser incômodo para ela.

-Sabão ou azeite para bebês? -Ele se ajoelhou em seus pés enquanto ele lhe separou as pernas, limpando-a com a esponja de banho, cuidadoso com sua carne branda e clitóris sensível.

-O que? -Ela sacudiu sua cabeça.

-Você barbeia seu sexo com sabão ou azeite para bebês? -Ela se ruborizou ligeiramente enquanto que limpou sua garganta.

-Azeite. Montões de azeite. Mas posso fazê-lo.

Um pouco relacionado com o pânico flamejou em seus olhos enquanto ele alcançou à prateleira na parede da ducha e baixou a garrafa de azeite que ele havia trazido para ela.

-Shhhh -ele ordenou áspero-. Tenho que barbear minha cara freqüentemente, assim acho que posso me encarregar de um pequeno sexo.

Esclarecendo-a rapidamente, ele saiu da ducha e os secou a ambos antes de pôr uma toalha grossa sobre o assento fechado da penteadeira.

-Sente-se-. Ele a empurrou no assento e se ajoelhou ante ela de novo.

Dash sabia que não deveria atrasar-se no trabalho. Seu membro estava já inchado, preparado para tomá-la outra vez.

Ele separou o azeite densamente sobre as dobras de seu sexo e procedeu a barbear a pele de seda, maravilhando-se de novo por como de delicada era ela ali. Quando esteve livre de qualquer pêlo e mais suave que algo que ele tivesse conhecido jamais, ele reaplicou uma capa de azeite para acalmar as dobras recentemente barbeadas. Não disse nenhuma palavra. E ela aceitou que sua mente estava posta no trabalho, ela o olhou simplesmente, ruborizando-se fracamente, mas permanecendo na posição recostada que ele necessitava para ter acesso a seu sexo.

Ela ia significar sua morte. Dash a levou a deitar-se, remetendo-a dentro antes de mover-se resignadamente a seu lado e de atraí-la dentro de seus braços. A mulher tinha um poder sobre ele que o sacudia lhe advertindo cada vez do profundamente que ela se abria caminho em sua alma.

Não havia nada como amá-la, estando tão profundamente dentro dela ele poderia sentir-se se afundando em suas células. A mesma boca de seu útero tinha cavado seu membro quando ele se travou nela, atirando seu sêmen nas profundidades escuras, ricas de sua matriz. Ele nunca tinha conhecido nada como isso. Não importava com que força ele tentou o inchaço estava imóvel,

invalidou seu controle e o abandonou ofegando com doloroso prazer quando isto o travou dentro dela.

E agora, isto o abandonava perguntando-se que demônios ele faria se algo alguma vez passasse a ela. Ele se preparava a conduzi-la em uma zona de guerra. A um inferno que poderia destruí-la se não poderia com a fúria que rugia dentro dela. Se ele arrumava para mantê-la viva e ela matava a Grange a sangue frio, preocuparia-se com ela. Elizabeth não era uma assassina. Ela poderia defender-se, com o esperava. Ela poderia matar se tinha que fazê-lo e sobreviver. Mas do que ele sabia sobre Grange, se o fazia frente alguma vez, o outro homem não a empurraria para lhe matar. Grange apelaria a seu ser débil. Honorável. Se lhe matasse baixo essas circunstâncias Dash não pensaria pior dela por isso, mas temia o que faria a ela. Por que como lhe havia dito, ela teria que aprender a viver com isso.

Dash suspirou profundamente ante esse pensamento. Em outro dia ou dois, deixariam a cabana e estariam preparados. Ele fez que se instalasse numa casa não longe do imóvel de Grange e ele começaria a excursionar cada noite ao redor dela. Os homens de Mike vigiavam a Grange, vigiariam a segurança e conseguiam a informação sobre os homens que ele utilizava como protetores. Alguns podiam ser vulneráveis aos subornos; parecia que Grange não era bem apreciado, igualmente por seus próprios homens.

Mike estava trabalhando na informação sobre a morte de Dane, conseguindo caso necessário ir a um querelante especial para os assuntos da casta quando voltassem com os arquivos que Grange tinha roubado de Dane. Cassie lembrava claramente sobre o grosso de manilha salpicada com o sangue do homem morto. Grange tinha sido enlevado quando o leu. *Minha própria pequena cadela*, havia dito à menina enquanto ele olhava em cima dela.

Mas do que Elizabeth tinha sido inconsciente, outro pedaço de informação que Cassie tinha oculto de sua mãe, era que Grange desejava a Elizabeth também. Por isso Dash poderia entender, o homem tinha posto a prova a ela e a Cassie. As empurrando até seus limites para ver quão fortes eram cada uma. Ele desejava a mais meninos da casta, e Elizabeth era criadora provada. Esse pensamento fez a seu peito apertar-se quase dolorosamente.

Ele se voltou para ela, sua mão se transladou brandamente a seu ventre, fechando os olhos. Ela poderia agora levar a seu filho? Ele sabia da informação que Callan lhe havia dado que nenhum controle de natalidade os tinha parado a ele ou a sua companheira Taber na concepção. Ele levava de algum jeito o hormônio que contrariaria essas precauções também? Esse pensamento o tinha atormentado da noite que em que a tinha tomado pela primeira vez. Havia poucas oportunidades de que seu sêmen não alcançasse sua matriz. Cada vez que um orgasmo se inchou em seu membro, travava-o firmemente, forçando a abertura de seu pênis contra o útero que dobrava. Ele poderia sentir a pequena entrada ali que cavava a extremidade que saía a ferveras, empapando-se em sua semente, consumindo avidamente as duras ejaculações.

Não estava ele arriscando não só a sua companheira mas também seu filho nesta missão? Ele a tiraria da proteção da cabana, permitindo que os espiões de Grange a vissem na cidade e atraindo-o de novo a ela. Ele ia colocá-la na pior tipo de perigo, tudo no nome de uma oração de que ela pudesse sobreviver.

Ele não era um idiota. Ele se orgulhou em realidade de aproveitar cada oportunidade. Não havia maneira agora de guardar a informação do nascimento de Cassie em segredo, nenhum caminho agora para ele para ficar escondido do conhecimento do Conselho. O público não pode saber a verdade dele enquanto fizeram as castas, mas sim seus inimigos.

Elizabeth podia forçar-se a lutar, para defender-se e a Cassie, e possivelmente a outro filho se o pior ia a pior. Ele não poderia protegê-la. Ela não o permitiria se ele o tentava, e ele sabia. Mas era realista, nenhuma das medidas que ele tomou protegeriam.

-Posso ouvir se preocupar-. Ela mudou de lugar contra ele, sua mão que se posou sobre seu abdômen, seus lábios sussurrando contra seu peito. Ele jogou uma olhada abaixo no lugar onde sua cabeça estava contra ele, seguro de que o batimento feroz em seu peito em sua voz amortecida não poderia ser uma boa coisa. Ela era sua debilidade. Ele estava sozinho justamente compreendendo isso, mas era algo que ele não poderia ignorar.

-Temos que ir daqui logo-. Ele suspirou arrependido-. Desejaria que tivéssemos mais tempo. Há muito que tenho que te ensinar.

-Teremos tempo mais adiante-. Ele poderia ouvir agora a reflexão em sua voz. Mas teriam eles? Havia muitas possibilidades, muitas coisas que poderiam dar errado. Ele se encontrou agora vacilando, desejando-a ter forçado a ir com Cassie ao Complexo da casta, a estar segura enquanto ele se encarregava de Grange. Ele teria podido treiná-la mais adiante. Teria podido ver quão forte era ela em outro momento. Não importa como a protegesse, ele pensou que ele poderia perdê-la nesta missão, se tivesse sido em outra coisa, em algo mais seguro no que poder prová-la.

-Poderia estar gerando a meu filho, Elizabeth-. Ele olhou fixamente o teto quando falou, sentindo-se que ela se endurecia contra ele. Seu peito apertou mais ainda com esse pensamento. Deus, o que ele fazia com ela? Arriscando-a da mesma maneira em que ele arriscava sua própria vida? Tinha que haver alguma maneira de protegê-la.

-Estou protegida, Dash. Ele esperava que ela o estivesse. Pelo menos por agora. Mas não poderia ignorar a informação que o líder da casta felina lhe tinha dado.

Isso não ajudou aos Felinos. Nenhum controle da natalidade funcionou com eles. Os cientistas suspeitam que seria igual com os lobos. O hormônio que produz o inchaço também trabalha para assegurar a concepção. Poderíamos arriscar a outro menino.

Ele não poderia lhe ocultar a verdade. Não mentiria a ela ou ocultaria qualquer parte dos perigos aos que fizessem frente.

-Então é melhor livrar-se agora de Grange-, ela disse séria, embora ele poderia ouvir a agitação em sua voz. Suas mãos posadas sobre suas costas, desfrutavam da sensação da carne quente, sedosa e do músculo tonificado. Ela era como um fêmea de lobo jovem. Esbelta e em boa forma.

-Vou enviar te ao Complexo da casta antes que vá atrás de Grange-, ele finalmente decidiu. Tinha razão; a separação de ti de Cassie não era uma boa idéia. Deixaremos a seus homens conseguir um bom teu olhar em cidade, então lhe enviaremos detrás...

-E um inferno-. Ela se incorporou, seus olhos faiscavam de fúria quando lhe fez frente, sua nudez de todo esquecida quando seu olhar fixo se cruzou com o seu com intensidade mortal-. Não empurrará a um lado e não serei protegida, Dash. Mereço a oportunidade de fazer isto.

-E se está gerando a nosso filho? -Ele lhe perguntou brandamente-. Merece a oportunidade de arriscar essa vida?

-Se conceber, depois o mesmo feito colocaria a qualquer criança em perigo já que será uma casta naturalmente concebida-, ela lhe lembrou iradamente-. Não sou estúpida, Dash. Há muitas coisas que levei em consideração. Não tomei estas decisões à toa-. Ele levantou o olhar para ela, franzindo o cenho.

-Se não discutir algo que tenha considerado comigo, Elizabeth. Como posso saber o que antecipa? -Ela pôs seus olhos em branco. Ele nunca tinha visto essa expressão particular de exasperação feminina nela antes. Simpática.

-Você não é quem para falar-, lhe espetou-. Você não pensava me dizer que foi uma casta, Dash. Não teria sido um inferno de surpresa quando te travou dentro de mim se não o tivesse sabido?

-Sim, teria sido agradável ter tido a algum outro que se surpreendeu como eu fui-, ele grunhiu.

Ele a olhou, vendo a cólera, mas vendo algo mais. Uma calma fria, reservada que era tanto uma parte dela como o calor de sua sensualidade, a profundidade de sua aceitação. Como se os últimos dois anos tivessem temperado um coração de aço e de força dentro de sua alma. Ela era a mulher mais generosa que ele tinha conhecido, e a mais forte. Os anos tinham sido cruéis, mais duros para ela do que ele teria podido imaginar-se, mas sua mesma sobrevivência a tinha convertido em um guerreiro.

-Tenho uma mente, sabe? -Finalmente lhe disse com um ar de diversão-. Você me viu como esta pequena mulher suave que precisa ser protegida e cuidada. Não desejo ser protegida. Não desejo ser cuidada. Desejo compartilhar as responsabilidades, Dash.

Ela deveria ter nascido em uma casta. Era tão resistente como qualquer das duas fêmeas felinas que ele tinha conhecido.

-Sei que tem uma mente-, Ele lhe disse sério-. Não tenho nada contra ti a não ser é o respeito maior, Elizabeth, pelo mesmo feito de que ainda vive. A maioria das mulheres não teriam podido inclusive resgatar Cassie, fugindo sozinhas com ela durante dois anos.

Ela sacudiu sua cabeça, um suspiro agudo saiu entre de seus lábios quando ela se moveu da cama.

-Soas muito condescendente, Dash-, lhe disse brandamente enquanto ela puxou sua roupa-. Qualquer mãe teria dado sua vida para proteger a sua filha. Fui afortunada.

-Você foi esperta-. Ele se incorporou na cama, olhando-a curiosamente-. Não estou sendo condescendente, Elizabeth. Se não pensasse que podia suportá-lo, estaria na Virginia com Cassie em vez de que aqui, treinando para ir atrás desses arquivos e de Grange. Nunca duvide que sinto nada senão o respeito mais alto por ti. Como mulher, mãe, e companheira.

-Um companheiro-, ela murmurou, sacudindo sua cabeça-. Encontrou-me faz menos de duas semanas, e me reclamaste já por vida-. Ela empurrou seus dedos através de seu cabelo enquanto que bateu a janela e se curvou na cadeira grande que estava na parede longínqua.

Distância. Ele viu a necessidade de escapar da intimidade que a cama tinha produzido e não o negou. Por agora. Os dias que tinham passado juntos tinham sido tão agitados, tão cheios da necessidade de proteger a Cassie e depois de terminar com a quantidade mínima de treinamento requerido. Tinha havido pouco tempo para falar. O que ele sabia em sua alma nunca não o tinha expressado a Elizabeth. Ele não tinha as palavras agora para fazê-lo, mas viu nela uma necessidade de saber mais do que ela tinha averiguado até agora.

-Encontrei-te faz um ano, Elizabeth-, lhe lembrou-. Através das cartas de Cassie.

-As cartas-. Ela suspirou profundamente-. Deus, era tão perigoso levá-la a escola então. Não sei quando me deixei convencer disso. Estava totalmente contra deixar a ela ir permitir a coisa do amigo por correspondência, Dash. Preocupei-me até o esgotamento esse ano.

-Sei que o fez-. E ele sabia. De algum jeito, de uma certa forma, ele conectou com a Elizabeth e sua filha. Vendo sua dor. Seu medo.

-Quando as cartas começaram, acabava de sofrer um acidente, Elizabeth. Perdi a homens com os quais tinha estado lutando durante anos. Bons homens. Amigos. Ninguém esperava que sobrevivesse. Estava em coma induzido pelas drogas nos primeiros três meses dessas cartas. Se não tivesse sido pela crença de meu oficial chefe de que as cartas de Cassie o penetrariam, estaria morto agora.

Seus olhos se exageraram lentamente, brilhando de dor e de medo.

-Não sabia.

-Sei que não sabia-, ele disse brandamente-. Meu Comandante as escreveu a princípio, até que eu pude fazê-lo. Mas enquanto estava nessa bruma... Ele sacudiu sua cabeça. Desejava morrer então. Estava cansado de me ocultar, de não ter a ninguém. Tinha-me aproximado dos homens da unidade, e então eles se foram também. Estava cansado de lutar. Então ele leu essa carta. E te vi, Elizabeth. Vi-te igual como está agora. Com seu cabelo enredado a seu redor, com seus olhos escuros e atormentados, e soube que devia viver. Soube que você e Cassie me necessitavam. Cada carta consolidada somente essa impressão.

Ele a olhou respirar asperamente, viu a surpresa, a confusão em seus olhos enquanto ele se moveu da cama e caminhou para ela.

Seu olhar fixo piscou para a sua possante ereção, mas neste momento, não era sexo o que ele necessitava. Ele se ajoelhou diante dela, olhando-a fixamente, seus braços caíam ao longo dos lados da cadeira.

-Vi-te gritar, Elizabeth. Ouvi-te sussurrar meu nome e nesse momento despertei. Fiz-me despertar, porque sabia em minha alma que era minha companheira. Minha mulher. E sabia que tinha que te encontrar.

Seus olhos estavam cheios de lágrimas, gemas brilhantes cor safira que perfuraram seu coração com sua beleza e sua dor.

-Eu estava-, ela sussurrou antes de tragar com dificuldade, sua voz era rouca-. Estava ali em pé, e chovia. Cassie tinha sussurrado antes de ir à sua cama isso de que você nos salvaria. Como sabia ela, Dash? Como teria podido ela sabê-lo?

-Não importa como sabia-, lhe disse firmemente. Tudo o que importa é que ela o fez e que era correto. Você tem razão, Elizabeth. Não sei muitas coisas muito importantes sobre ti, mas sei de sua força, e sei de seu coração. E nada ou ninguém à exceção da morte me tirará isso. Por isso nunca, duvide jamais de que sei e respeito das capacidades que demonstraste para te proteger e à menina. As respeito, e agradeço a deus por elas diariamente. Por elas e por ti.

CAPÍTULO 25

Ela chorava quando ele se inclinou adiante, seus lábios tocavam os seus, esfregando contra eles brandamente. Enquanto pequenos jorros de umidade alcançaram sua boca, seus lábios se moveram a sua bochecha. Com doçura infinita ele os beijou, atraindo a umidade dentro de sua boca enquanto seus dedos se cavavam em sua cabeça.

O calor atacou através dela, perfurando a couraça com a qual ela tinha lutado tão desesperadamente para guardar seu coração e a aceitação total deste homem dela. A partir do primeiro momento, no restaurante, ele tinha assumido o controle, limpando seu caminho, protegendo a ela e Cassie enquanto ela descansava. Ele tinha pavimentado o caminho para a segurança de sua filha, tinha-lhes dado uma ocasião de recuperar de novo o controle de sua própria vida, e em problemas, lhe tinha dado a mesma base de quem e do que era ele.

Palavras suaves. Beijos suaves. Como agora, seus lábios movendo-se sobre sua cara quando lhe cantarolava brandamente.

-Não chores, coração. Suas lágrimas rasgam minha alma. Não sabe isso? Moveria céu e terra para apagar qualquer dor que conhecesse, se pudesse.

E ele o faria. Ela o viu nas linhas de sua cara, no resplendor de ouro escurecido de seus olhos. Este homem não poderia ser de verdade. Não era possível. Como o teria merecido jamais para que Deus respondesse a suas preces deste modo, com este homem? Ele era forte, muito arrogante, e muito seguro de si mesmo para que ela estivesse cômoda com ele, mas era um homem cuja voz soava com silenciosa honra, com a aceitação de tudo o que ele era.

Ele nunca dava desculpas. Não fingia ter todas as respostas. Mas era como uma forte rocha a seu lado, claramente disposto a protegê-la independentemente do que ela necessitasse. E ele tinha vindo a ela sem expectativas, sabendo o perigo ao que ela e Cassie faziam frente. Sabendo o risco para sua própria vida.

Quando ele se virou atrás, olhando-a de abaixo com uma labareda calorosa e um olhar fixo cheio da adoração, ela não soube o que dizer. Ninguém a tinha aceito jamais de forma tão total.

-Você não me conhece-, ela disse, repentinamente assustada de que as culpas que ela sabia que possuía se debilitassem com o que via em seus olhos-. Não sabe como que quero.

-E você não sabe como sou eu-, conveio brandamente-. Não sabe que tenho que lutar com minha possessividade e minha necessidade de te proteger de novo te mantendo segura. Quão dominante sou e quão peculiar posso ser sexualmente. Tenho os mesmos medos que você tem, Elizabeth. Trabalharemos com eles.

-Como pode estar tão seguro? -Agora estava assustada, aterrorizada de que um dia ele a visse como ela sabia que era. Resmungona pelas manhãs, irracional durante o PMS, e sobretudo, querendo matar a um homem a sangue-frio.

Seus dedos escorregaram sobre suas bochechas, seu polegar que acariciava contra seus lábios.

-Não sei, Elizabeth-, ele lhe disse-. Tudo o que sei é que o enlace contigo é mais forte que com qualquer outra mulher, antes que te encontrasse nesse restaurante. Que te conhecia em meus sonhos, nas profundidades mais escuras da inconsciência. Que se que mataria a qualquer pessoa, sem considerar primeiro seu direito de viver, que tentasse danificar um só cabelo de sua cabeça. Você completa algo em meu interior que me falta. Isso é tudo o que sei. Não peço mais. O resto virá com em tempo.

Ela inspirou irregularmente olhando-o fixamente, sentindo o calor envolvendo seu corpo, o calor que se envolvia ao redor dela como uma nuvem de conforto. Enviando tremores a sua coluna vertebral advertindo que ela nunca tinha conhecido nada como ele. Ao mesmo tempo, ela advertiu quão inchados estavam seus peitos, os mamilos que palpitavam com desejo. Entre suas coxas, seu sexo palpitou, derramando sua preciosa umidade e alagando mais ainda os inchados lábios situados ali.

-Posso cheirar seu desejo-, ele sussurrou quando seus lábios baixaram sobre os seus, só roçando contra eles enquanto ele a olhava fixamente com sensualidade sonolenta. Quente e doce-. Sabe o que me faz isso, Elizabeth? -Ele a impulsionou abrir suas pernas, as estirando para baixo até as pôr com o passar do exterior dele.

Seus dedos então se moveram no nó de sua roupa, afrouxando-a lentamente.

-O que? -Ela que respirava com dificuldade agora, fortemente, enquanto combatia por arrastar o ar para combater a extrema excitação que seu tato causava sempre dentro dela.

-Faz-me me sentir muito faminto-, ele revelou. Faz que deseje te comer de forma lenta e fácil, atraindo cada gota de nata dentro de minha boca e fazendo fluir mais enquanto lambo em seu apertado sexo. Faz que deseje te ouvir gritar, que deseje te sentir se estremecer e palpar e derramar seus doces sucos contra minha língua.

-Deus! Dash! -Ele a fez sentir-se débil, tremer de antecipação enquanto ele jogava as bordas de sua roupa para trás de seu corpo.

-Oh, olhe o bonita que é!-. Seu olhar fixo foi para seus inchados peitos-. Tão cheios e doces, com os mais bonitos pequenos bagos descansando em cima deles. Desejo provar seus bonitos peitos também, Elizabeth.

Sua cabeça caiu atrás contra a cadeira enquanto ela olhou sua cabeça baixar. Seus dedos cavando os montões cheios e levantando-os sua boca, o seu olhar fixo nunca deixando o seu enquanto sua língua lambia sobre um mamilo lentamente.

-Dash. És que vais torturar-me? -Ela agarrou os lados da cadeira com desespero.

-Não, coração. Vou amar-te-. Ele lambeu a dura extremidade com as passadas travessas de sua língua, olhando-a de perto enquanto ele o fazia-. Você gosta, Elizabeth? -Ele indagou brandamente segundos depois quando seus lábios esfregavam sobre o montão gêmeo e começou a acariciá-lo também.

-É muito-, ela ofegou.

Ela devia tocá-lo. Tinha que tocar essa lisa, carne dura. Suas mãos se mudaram a seus ombros, suas palmas escorregavam pelos músculos que se flexionavam ali, olhando enquanto seus lábios se abriam e ele levava um desesperado mamilo dentro do calor sugador de sua boca.

Seus dentes raspavam o pequeno broto, sua língua a lambeu, sua boca se amamentou. Sensação pós sensação fechando-se de repente em sua matriz, convulsionando seu estômago enquanto ela combatia pelo controle. Ela poderia sentir seu sexo ficar mais molhado, seus clitóris inchar-se mais forte e firmemente.

-Maldição, sabe tão bem-, ele grunhiu enquanto se transladou ao outro peito. Ele repetiu o procedimento ali, grunhindo seu prazer nela, o som que vibrava no pico sensível enquanto as unhas dela mordiam em sua pele.

Ela desejou fechar os olhos, desejou deleitar-se nas sensações, na escuridão da sensualidade ele chamava dentro dela, mas ela o encontrou lhe devolvendo o olhar. Seus olhos exigiam, brilhando intensamente com sua luxúria e fome, as pestanas baixadas na metade, seus lábios inchados pela comida que ele fazia de seus mamilos. Cada gole, cada roce de sua língua, cada drenagem de sua boca forte era uma chicotada de prazer muito devastadora para suportá-lo.

Ela choramingava de fome que se levantava em seu próprio corpo. Dash podia lhe fazer coisas que nenhum homem tinha obtido jamais. Nunca não a tinham contrapesado em um precipício tão agudo de excitação e necessidade, sabendo que quando viesse seu orgasmo, a rasgaria fora de si e a lançaria em um lugar de tal êxtase do qual ela temeu que um dia não pudesse voltar.

-Delicioso-, ele gemeu com seus lábios levantados de seu mamilo depois começaram a pulverizar a luz, os beijos delicados sobre os montões cheios. Inclusive a quantidade menor de carne não foi deixada desatendida.

-Vais matar-me-. Sua cabeça se sacudia contra a parte posterior da cadeira quando ele agarrou seus quadris e puxou-a para frente.

-Não, carinho. Vou amar-te-, ele cantarolou, sua voz aveludada e escura, enviava ondas de prazer sobre sua carne. E como gozo te amando.

Ele levantou suas pernas, separando-as de par em par, puxando suas nádegas a beira da cadeira e olhando fixamente entre suas coxas com intensidade faminta. Sua mão subiu por cima do interior de sua coxa segundos antes que ele permitisse que cavasse seu sexo, que seu dedo levantasse a estreita fatia e que cobrisse seu dedo com seus sucos. Então seus olhos se levantaram ela.

-Saboreia-o-, ele sussurrou-. Vê porquê posso afastar apenas meus lábios de seu suculento sexo, não importa quão perigosas fiquem as coisas.

Elizabeth ofegou de surpresa quando ele melou uma grossa capa de umidade sobre seu lábio inferior, o seu olhar fixo flamejava com tal ardente luxúria que quase lhe arrebatou sua respiração.

-Saboreia-o-, ele a impulsionou outra vez.

Sua língua bateu as asas. Ele fez uma careta pelo prazer quase violento, que não fez mais que animá-la. Ela amou esse olhar em sua cara dura, a intensidade da excitação, o desejo quase doloroso.

Sua língua se moveu lento e fácil sobre a curva então, desenhando na umidade espessa, satisfeita ao advertir que era um gosto puro, terroso.

-Maldição. Elizabeth-. Aquele grunhido duro, primitivo soou um segundo antes que ele pressionasse seu dedo entre seus lábios, permitindo-a absorver o resto de seus sucos de seus dedos. Era bastante agradável; isto de provar-se, ver seus olhos obscurecer-se, ver o brilho de fome a um desespero quase louco quando ele a olhou.

Ele lambeu seus próprios lábios, como se estivesse invejoso de que ela tivesse provado a doce umidade e ele não o tivesse feito. Seus ombros baixaram, seu corpo largo que se apoiou no chão agora quando ele colocou suas mãos em cada coxa e dobrou sua cabeça para tomar sua lisa carne.

A primeira lambida lenta entre os lábios cheios, inchados de seu sexo faziam a Elizabeth esticar-se pelo violento prazer. Arcos de labaredas da palpitante sensação se rasgaram e ricochetearam por seu corpo à velocidade de luz quando seus quadris se sacudiram involuntariamente.

-Dash-. Ela gemeu seu nome quando seus dedos se introduziram por seu cabelo, impaciente por um toque firme, por tê-lo comendo-a com toda a fome ela poderia sentir vibrar em seu corpo.

-Mmm-, ele resmungou contra seus clitoris quando sua língua fez uma viagem difícil e lenta, delicioso ao redor do inchado broto.

Sua língua lambia e sondava no broto palpitante, oscilando contra com carícias ligeiras, molhadas que o faziam esticar-se, seus dedos apertavam em seu cabelo, seu corpo ardeu em chamas com as necessidades que se disparavam por sua carne.

-Não posso suportá-lo-, gritou ela, afligida pela ternura que ele mostrou no banquete ambicioso de sua carne.

-Tem que fazê-lo-, gemeu ele asperamente, seu fôlego que fazia arder sua vagina empapada quando ele tratou de lamber cada gota do xarope que fluía da pouca profunda-. Deus, Elizabeth. Intoxica-me. Eu poderia ficar entre suas coxas durante dias e sobreviver simplesmente com a nata suave que flui de ti.

Ela teria protestado por sua declaração. Teria pedido que ele a tomasse se ele não tivesse decidido nesse segundo em afundar um amplo dedo nas profundidades apertadas de seu sexo.

Ela arqueou seus quadris, um grito estrangulado saiu de seus lábios pela penetração. Ele trabalhou o dedo devagar, alisando por diante da malha que convulsiona e cobrindo seu dedo outra vez de seus sucos.

Um grito de protesto se liberou dela quando ele se retirou e a surpresa se estendeu por seu corpo quando o dedo se deslizou contra seus lábios. Seus lábios se deslizaram mais abaixo. Quando Elizabeth aceitou seu próprio gosto em sua boca sua língua se inundou com força em sua vagina tremente e seu gemido se repetiu pelo quarto.

Ela sorveu seu dedo em sua boca. Sua língua lambeu-o desesperadamente enquanto sua língua batia as asas dentro das profundidades apertadas de seu sexo. Ele a comia como um homem privado de comida, arrastando a umidade que fluía em sua boca e voltando para por mais. Sua língua a fodia com golpes acalorados duros até que açoitou uma tormenta de fogo dentro do canal convulsionado.

Ela teria gritado, mas isto teria significado libertar o dedo duramente agasalhado em sua boca. Ela estava aterrorizada de que parassem os impulsos que se afundavam dentro de seu sexo se ela o fazia, então se aferrou, seus lábios se sujeitaram com força ao redor dele quando ela explodiu violentamente.

Os gritos estrangulados saíram de sua garganta quando seu dedo se deslizou de sua boca, sua língua se afundava repetidas vezes em sua malha tremente. Ele gemia atentamente, obviamente determinado a absorver cada gota de suco do túnel antes que ele terminasse.

CAPÍTULO 26

Elizabeth era tão consciente de cada terminação de nervos sensibilizados em seu sexo que foi quase uma tortura quando Dash retirou sua língua e rapidamente ficou de joelhos.

-Deus, eu deveria te mover à cama-, ele sussurrou quando ele afastou a vista dela-. Mas estavas tão infelizmente quente, estendida naquela cadeira, pronta para mim, que queria lhe ver justo assim quando te fodo além da prudência.

Elizabeth respirava com força, seu olhar fixo que vacilava sobre sua ereção torcida, a cabeça violentamente púrpura excitada e brilhante com seu líquido pré-seminal. Ele levantou seus joelhos, sustentando-a quando ele a separou mais ainda.

-Elizabeth-, ele gemeu-. Se toque seus peitos.

-O que? -Ela sacudiu sua cabeça.

-Brinque com seus mamilos-, lhe disse asperamente-. Quero te olhar, ver-te dar prazer a ti mesma quando te fodo. Me deixe ver-te brincar com seus bonitos peitos. Por favor.

Ela estava sobressaltada. Inclusive mais do que o tinha estado quando ele a fez provar-se. Ela poderia sentir o rubor subir por seu pescoço, sua cara, quando ela o olhou. Não ia negar-se a ele. Nem a emitir nenhum protesto por suas necessidades ou sua própria necessidade de agradá-lo.

Elizabeth cavou os montículos plenos, seus polegares e índices agarraram seus mamilos, puxando-os devagar.

-Deus Doçura! -Ele gemeu, sacudindo com força os quadris, roçando a extremidade de seu membro contra as dobras inchadas de seu sexo-. Sim. Justo assim. Me deixe ver-te quando lhe fodo, Elizabeth. Me deixe olhar.

Ela o olhou, também. Seu olhar fixo baixou, seus olhos que se exageraram ante a vista de seu volumoso membro aninhando dentro das dobras nuas, rosadas de sua carne. Ela sentiu então o jorro suave de seu líquido pré-seminal, a lubrificação que relaxaria sua tensa malha e faria a seu sexo arder muito mais brilhante. Ela gemeu pelo calor do fluindo nela, mesclando-se com sua própria umidade e fazendo-a sentir-se, mais quente. Dash se estremeceu, como se a sensação fora muito agradável para durar. Seus olhos piscaram na sua cara, então atrás a suas mãos em seus peitos.

-Sim, puxe eles-, gemeu ele quando seu membro pulsou outra vez e ela beliscou seus próprios mamilos eroticamente-. São tão bonitos e vermelhos. Estes pequenos bagos duros, Elizabeth. Tem alguma idéia do bom que me parecem?

Ela gemeu. Suas sóas palavras a tinham na beira de orgasmo. Ela poderia sentir seus músculos que se relaxaram ao redor da cunha dura como aço, coberta por seda que se movia dentro de seu sexo, estirando-a, palpitando com a quente demanda quando ele pressionou a ela. Os jorros

intermitentes de seu fluido tão sexualmente excitantes que ela ofegava, o fogo se acendia em sua boceta conduzindo-a a beira da loucura.

-Não está pronta para mim ainda, coração? -Ele saiu da carne tensa de sua boceta quando ela lançou um grito em protesto antes de mover-se novamente em sua vagina faminta, abrindo-a fortemente, esquentando-a deliciosamente-. Está pronta para tomar-me?

-Sim. Sim. Dash, por favor. Foda-me-. Elizabeth poderia sentir seus sucos fluir de sua vagina, cobrindo sua carne quando ele começou a afundar-se mais profundamente dentro dela.

Um gemido estrangulado saiu dela enquanto olhou os lábios inferiores gordinhos separados ao redor da dura carne que a empalava. Era erótico, lascivo, vê-lo entrar nela, movendo seu membro para frente e para trás, a carne gotejando pelo fluir do suco enquanto ele a separou deliciosamente. E outros, pulsos mais duros de líquido pré-seminal a fizeram arquear-se, gemendo de necessidade.

Polegada a polegada ele invadiu o ajustado canal, movendo seu inchado membro para frente e para trás, duros grunhidos de fome saíam de sua garganta à medida que seu membro continuou pulsando esporadicamente seu calor quente em seu sexo.

Nunca em sua vida tinha conhecido alguma coisa tão explícita, tão erótica. Ela nunca tinha sonhado sendo tomada assim. Sendo possuída, empalada, enquanto ela olhava a penetração em seu sexo quente. Ia acabar com ela. Voltando-a louca de prazer. Ela estava segura de que nunca sobreviveria a ele, mas sabia que certamente morreria feliz.

-Você gosta disso, não é assim, coração? -Ele sussurrou enquanto ela se convulsionava, a beira do orgasmo, estremecendo-se com o calor cada vez maior que serpenteava em seu ventre-. Olhar-me tomar-te. Olhar seu sexo aplanar-se ao redor de meu membro...

Não, ela o adorava. Ela tremia com o prazer, estremecendo-se por sua necessidade do orgasmo.

-Sim-, ela ofegou, nunca afastando seus olhos da vista.

Ele aplanava as curvas, apertando sua carne ao redor dele, lhe fazendo que seus clitóris se destacasse em demanda torcida.

-Toca seus clitóris-. Sua voz era rouca, áspera com a fome-. Brinca com seus mamilos com uma mão e toca seus clitóris com a outra. Depressa, coração. Brinca com eles enquanto empurro cada dura polegada difícil de meu membro em seu sexo apertado.

Elizabeth gemeu. Uma mão baixou a seus inchados clitóris, seus olhos que nunca deixavam a vista de aproximadamente uma terceira parte de seu brilhante membro fora de sua vagina.

-Lindo-. Ele se esforçava por conter-se. Ela poderia senti-lo em cada difícil batimento de seu membro dentro dela-. Agora segue acariciando seus bonitos clitóris. Assim, coração. Me mostre como você gosta disto. Me deixe olhar.

Seus dedos roçavam ao redor do pulsante broto, seu olhar fixo hipnotizava quando ele olhou seu membro retroceder ligeiramente. Então ele empurrou, lanceando nela, enchendo as profundidades apertadas de seu sexo com cada dura polegada, abrasadora de seu congestionado membro.

Ela estava cheia dele. Ela poderia sentir seus músculos que se estiraram ao redor da grossa carne, a princípio em protesto, depois varadamente absorvendo sua ereção. Dentro, ela sentiu outra rajada feroz de fluido e lutou pela força para gritar em prazer. Seus dedos fizeram uma pausa em seus clitóris até que ele gemeu em protesto, logo começou a acariciá-lo mais rápido, deslizando-se na umidade espessa que gotejava desde o começo de seu sexo.

-Elizabeth. Coração. Sim. Infernos, me fodes tão apertada que me matas.

A transpiração brilhou ao longo de seu corpo, pequenos riachos se deslizavam de seus ombros. A pressão agora se estendia a seus clitóris. O estímulo daquele pequeno molho de nervos,

seus dedos em seu mamilo, o olhar fixo quente de Dash e seu para membro golpeando no seu útero quase a enviou sobre a borda. Ela teria explodido então. Poderia sentir seu corpo acender-se, começando a ondular-se. Mas ele decidiu esse momento mover-se, deslizar-se para trás, tentá-la e atormentá-la quando ele aumentou as sensações dentro de seu corpo.

Lentos, os golpes atormentadores a faziam miar em protesto quando ele pareceu saborear cada golpe de seu sexo sobre seu membro.

-Dash. Por favor-, ela gemeu desesperadamente.

-Ainda não-. Ele fez uma careta-. Quero te olhar, coração. Te olhar estirar-se tão apertadamente ao redor de mim enquanto te das prazer você mesma. Quero te fazer gozar com tanta força que nunca esqueça a sensação de meu membro dentro de ti. Que nunca esqueça quão quente a fome se coloca.

Ela morreria. Ela sabia que o faria. Sua ereção estava quente, palpitante. Ela poderia sentir a ameaça do nó que palpitando no centro de sua carne, profundo, o dobramento da ondulação da necessidade que ressonou ao longo de seu corpo.

-Agora-, ela sussurrou, seus dedos se moveram firmemente, em golpes contra seus clitóris quando ela o olhou fodendo-a.

Ele tirou, a carne congestionada que gotejava com seus sucos combinados antes de empurrar para dentro em um impulso cheio de fome desesperada. Ele olhava seus dedos em sua carne úmida. Ela o olhava fodê-la. Era tão infelizmente explicitamente sexual que ela sabia que ela nunca esqueceria essa vista.

-Vou gozar, Dash-. Ela se arqueava mais perto, conduzindo-o mais profundamente dentro dela com cada duro golpe que lhe deu-. Tenho que gozar. Por favor. Por favor, necessito-te. Tenho que te sentir me estirando mais. Te travando dentro de mim... -Sua voz se elevou, fazendo-se áspera, quando ela lembrou a sensação de sua semente derramando-se com força e profundamente dentro de sua matriz.

Ela moveu seu sexo no poste grosso que o penetrava. Profundamente, em desesperadas estocadas quando ele gemeu, grunhiu e retomou o ritmo de seus impulsos ferozes. Ele era rápido e duro agora, o som de carne sugar e os gemidos desesperados enchiam o quarto quando Elizabeth sentiu seu orgasmo que se apertar em seu corpo. Seu clitóris puxava sob seus dedos, sua boceta se apertava na carne que se movia dentro dele.

Elizabeth se retorceu contra ele com o desespero. Ela empurrou em poderosos golpes, expressando sua rebelião com gritos, fazendo-se duros e famintos, saindo involuntariamente de sua garganta quando ela sentiu os fios frágeis de seu controle romper-se.

-Foda-me-, gritou ela, sentindo que seus clitóris se inchava para frente, endurecendo-se, em arcos ultra-rápidos de prazer e chameusando o calor que se estendia por ela quando ele investiu dentro dela-. Ah Deus, Dash. Agora. Agora...

Ela perdeu seu fôlego, perdeu sua prudência. Seu clitóris a fez explodir enquanto seu sexo começou a ondular-se, estremecendo-se ao redor do duro inchaço, imediata em seu membro. Ela sentiu a cabeça grossa golpear contra seu útero, o nó dentro de si alinhando-se na dura carne até que o olho aberto estivesse agasalhado contra a entrada a sua matriz e duros jorros de seu sêmen comessem a palpar dentro dela.

Os gritos expressos em gorjeios escaparam quando ela começou a enroscar-se, a convulsionar-se, seus quadris se sacudiam contra ele, conduzindo-o mais fortemente contra ela quando outra explosão se estendeu por seu corpo. Ela não podia suportá-lo. Não sobreviveria.

-Dash... -Ela gritou seu nome, chorando, suplicando quando o prazer a consumiu-. Oh, Deus. Dash. Não posso suportá-lo, não posso... -Ela se arqueou em seus braços quando seu corpo se apertou perto do ponto de ruptura, ouvindo seu gemido atormentado, a flexão de seus

músculos, suas mãos duras agarrando seus quadris para sustentá-la quando sua libertação se rasgou por ele.

-Elizabeth. Coração. Coração-. Sua voz se estendeu sobre ela quando seu corpo sofreu um colapso contra ela, sustentando-a ainda quando ele derramou cada rica gota de sêmen em sua convulsionada matriz.

Ela tinha ouvido disso. Tinha ouvido a Dan uma vez discutir o fenômeno do útero encapsulando sobre a cabeça saindo a jorros de seu membro, abrindo-o bastante para absorver a semente fértil dentro dele, mas ela não o tinha acreditado possível. Não tinha acreditado que isto realmente pudesse acontecer. Até que ela o sentiu. E não pela primeira vez. Distantemente, vagamente, ela sabia que tinha passado cada vez que Dash a tinha tomado. Cada vez ele se inchou dentro dela.

As duras explosões, repetiam-se cada vez que ela sentia o batimento do inchaço, cada vez que ela sentia que sua semente fazia erupção de seu membro. Como se sua mente se abrisse tão profundamente a ele como seu corpo o fazia, ela era consciente de cada orgasmo contraindo-a que se estremecia por seu corpo, e seus gemidos de prazer quando isto fez que seu sexo absorvesse o nó que o travava dentro dela.

Seu corpo estava tenso, apertado, quando ele a cobriu. Seus lábios estavam em seu ombro quando ela advertiu que ele mordida outra vez a ela, seus dentes se afundaram na mesma área de carne que ele tinha marcado antes, sua boca acariciou nela quando a dor embotada da mordida se mesclou com o prazer atormentador que ressonava por ela. Pareceu durar para sempre, drenando-a, debilitando qualquer força, qualquer energia que ela pudesse haver possuído, como o tinha feito antes. Muito logo, ela sentiu que sua carne começava a relaxar-se dentro dela, seus dentes liberarem seu ombro quando ele gemeu baixo, com saciedade desesperada.

-Amo-te, Elizabeth-, sussurrou ele em seu ouvido, fracamente, quase muito baixo para poder ouvi-lo.

-Amo-te.

CAPÍTULO 27

Ele estava apaixonado por ela. Elizabeth olhou a Dash à manhã seguinte quando ele se moveu pelo bosque diante dela, lhe mostrando com suas ações como passar pelo bosque sem um som. Isto a assombrou. Quando ele se movia por ele não se movia nada.

Nenhuma folha ou um sopro de ar. As aves piavam em uma sinfonia estável, os esquilos seguiram brincando e os sons da montanha permaneceram estáveis, ininterruptos.

Quando ela se movia para segui-lo, não importava como ou com que força o tentasse, o bosque ao redor deles se silenciava em vários graus e ela sentia como se a fauna se risse de sua tentativa de imitar a graça de Dash e sua facilidade de movimento dentro do bosque.

Ele a olhou com olhos estreitados durante compridos minutos.

-Pare. Olhe.

Ele era carecido de palavras durante as fases de formação que ele tinha estabelecido. Da noite anterior e sua declaração sussurrada, ele tinha estado até mais silencioso que o normal. Ela sabia que lhe tinha feito mal. Sabia que seu silêncio tinha aguilhoado nele.

Ela o olhou agora como lhe tinha pedido. Olhando cada mudança de seu corpo, cada ondulação de seus músculos. Ele tinha descartado sua camisa antes e estava agora estava só

vestido com as calças de camuflagem que ele levava postas no páramo. As cores embotadas, mastreados pareciam lhe gostar, mesclando com o corvo negro de seu cabelo, a tintura bronzeada escura de sua carne. Ele se moveu pelas árvores e matas com uma confiança nascida de seu DNA selvagem. Ele era natural, uma parte da terra e da batalha pela vida que fluía pela montanha.

-Seu objetivo é se mesclar com a área ao redor de ti tanto como seja possível. Sua voz era Lisa, fluía, acariciando sobre ela como a suave brisa que fazia ranger às árvores. Se souber que não pode conseguir o silêncio necessário, então espera à brisa. Esta se desliza pela terra, e qualquer leve ruído feito então lhe pode ser atribuído. Seu inimigo escuta o estranho, o deslocado. Ele não procura os sons que são corriqueiros em seu território.

Ele esperou outro sopro de vento antes de deslizar-se por um abundante grupo de samambaias e arbustos altos, fluorescentes. Ela viu as folhas roçarem juntas, viu suas pernas quando eles separaram os ramos, mas o som do vento que sussurra pelas folhas acima o cobriu.

-Haverá cães no imóvel-, lhe disse quando fez uma pausa ao outro lado da vegetação-. Animais muito treinados. Entraremos com o vento contra eles e o momento de nossa entrada coincidirá com o das rondas dos guardas para lhes impedir de apanhar nosso aroma. Mas isto significa que teremos que ser rápidos. Rápido e tranquilo não são sempre bons companheiros. Assim que você tem que acertar nisto.

Ela o amava realmente. Ela o olhou mover-se pelas partes mais grossas da mata, lhe ensinando o que ela tinha que saber para sobreviver, para fugir depois de um inimigo que os mataria os apanhasse. Ele confiava nela para cobrir sua retaguarda, para lutar junto a ele. E apesar de sua resposta negativa de lhe dar aquele compromisso final, ele não tinha vacilado em sua determinação de proteger a ela e a Cassie o melhor que poderia. E ele sabia que ela teria que lutar, ser tanto um companheiro como um amante quando o conhecimento do nascimento de Cassie fosse revelado.

-Lembra, Elizabeth, a missão vem em segundo lugar à segurança de que sobrevivemos. Não faremos nada que ponha as probabilidades contra nós, porque sempre podemos lutar outro dia. E há outros modos de proteger a Cassie se tivermos que fazê-lo. Isto é o mais eficiente e o mais lógico neste momento. Se isto enguiça, vamos. Entende-me? -Sua voz se endureceu quando ele se voltou para ela.

Ela acenou com a cabeça devagar, olhando-o com a intensidade cautelosa. Sua expressão era sombria, sempre quando ele estava treinando-a.

-Bom-. Ele cabeceou, um olhar triste, escuro esteve em seus olhos durante só um segundo-. Alguma pergunta?

-Por que me ama?A pergunta-a pareceu surpreendê-los a ambos.

Ele a contemplou com assombro durante cinco segundos antes de suas sobrancelhas se apertassem em um cenho franzido feroz.

Ele fez uma careta então, sacudindo sua cabeça.

-Infernos, Elizabeth, por que faz isto?

-O que?

-Esperar até que me encontre distraído para perguntar algo tão idiota. Para ser uma fêmea tão inteligente, essa é uma de suas perguntas mais idiotas.

Seus lábios se apertaram pelo insulto quando ela cruzou seus braços sobre seus peitos e o mirou furiosamente.

-Não considero uma pergunta estúpida-, lhe informou zangada-. Sericamente, Dash. Não é como se eu tivesse muita experiência com homens que dizem me amar. Talvez necessite uma pequena elucidação.

-Elucidação do que? -ele saltou, seus olhos brilhavam perigosamente-. Entende-o. Quando o fizer, me avise, porque agora mesmo estou mais inclinado a te pôr sobre meus joelhos e te dar uns socos no traseiro por me fazer essa pergunta. Agora traga seu traseiro aqui e não faça nem um som enquanto o faz.

Seu sangue se esquentou ante a ordem. Ela mais ou menos lhe pisou em forte, parando a uma polegada de seu corpo e lhe olhando acima belicosamente.

-Você está morta-, grunhiu ele. Se este fosse o imóvel de Grange só teria alertado a cada maldito guarda e cão do lugar.

-Bem isto não é o imóvel de Grange, e fiz uma pergunta absolutamente lógica-, lhe informou furiosamente. Às vezes lhe lembrava que ele era ainda um homem, embora fosse uma casta. E os homens eram outra coisa difíceis de tratar-. Mereço uma resposta.

-Se não souber, então não merece que lhe explique isso-, soltou ele.

-Bem-. Ela estava pronta para lhe dar um chute em seu saco por ser tão infelizmente obstinado-. Guarda isso para ti, garotão, e me guardarei tranqüila a razão sobre por que te amo. Ainda melhor. Estarei um momento tranqüila. Volto para a cabana.

Ela se deu volta para fazê-lo, mas antes que se movesse nada mais que um passo ele tinha agarrado seu braço e a tinha sacudido ao redor.

-O que é o que quer dizer? -ele grunhiu.

-Nenhuma maldita coisa-. Ela sacudiu seu braço de seu apertão-. Agora, se me perdoar, estou quente, tenho fome e estou furiosa. Assim pode beijar meu traseiro. Levo-me isso.

Ele puxou a parte traseira de suas calças, fazendo-a parar quando ele surgiu sobre ela perigosamente.

-Se segue me atormentando com este doce traseiro, carinho, vou tomá-lo.

Ela lhe jogou um olhar exasperado.

-Pode parar com as ameaças. Ambos sabemos que não há maneira. Agora, tenho fome. Saia e cace ou algo. Incomoda-me.

Ele a libertou, mas ela era mais que consciente de que ele não o tinha feito porque ela fora capaz de afastar-se longe dele, senão simplesmente porque ele decidiu fazê-lo assim.

-Saia diretamente da frente e te convencer disto, coração-. Ele sorriu com satisfação-. Continua até a cabana. Se não encontrar meu autocontrole, mostrarei-te só quão possível realmente é. E falaremos de sua carência do sentido comum e sua audácia até de mim mais tarde.

Um bufo pouco elegante foi sua única resposta quando ela se afastou rapidamente dele. Isto lhe ensinaria a dizer a esse pedaço grande e pesado, arrogante de carne masculina que ela o amava.

Mas ela advertiu que ela sorria quando caminhou de retorno à pequena cabana. Ela sorria e se encheu de um calor que não tinha acreditado possível. Ele realmente devia amá-la, ela pensou quando desceu da montanha. Por outra parte, ele teria estado furioso em vez de só irritado.

Então parou. Durante um momento, não esteve segura de por que, ela realizou uma parada completa abrupta e se deslizou atrás do tronco de um velho carvalho de séculos. Seu coração corria de repente fora de controle, sua pele formigava com uma sensação de perigo, com uma mudança abrupta do ar.

Não havia nem um som. As aves não cantavam, e sentiu como se o bosque fosse mantido em um estado de compasso de espera enquanto a terra estava à expectativa sobre como se jogava este novo jogo. Ela sentiu atrás dela, agarrando o extremo da arma que Dash insistia em que ela levasse. Ela a tirou, comprovou a trava silenciosamente e puxou da segurança.

Onde estava Dash? Ela deu volta, olhando fixamente atrás da direção que ela não tinha vindo, mas vista de nada. Ele podia sentir a mudança em cima dela?

Não faça nada estúpido. O estribilho começou a repetir-se por sua mente. Dá marcha ré se tiver que lutar. Luta outro dia. Mas onde estava Dash?

Ela se forçou a controlar os batimentos de seu coração, respirando profundamente quando acalmou o batimento pesado de seu pulso em seus ouvidos e lutou para escutar estreitamente aos sons ao redor dela. Uma brisa, um rangido a sua direita.

Ela mudou outra vez, movendo-se com o passar do tronco da árvore para assegurar-se de que ela estava escondida. Sua arma estava preparada, ela ficou de cócoras ao longo da base da árvore, olhando atentamente ao redor com cuidado. Ali. Uma sombra rapidamente móvel como se algo ou alguém tivessem escorregado com o passar do beira deste afloramento de cantos rodados a vários pés atrás da árvore na qual ela se escondia.

OH Deus. Tinha-os encontrado Grange? Tinha averiguado de algum jeito ele o que eles faziam? Ela se deu volta, ficando de novo contra a árvore, olhando a área ao redor dela com olhos entreabertos considerando suas opções. Quem quer que fora era mais um perigo para ela que para Dash. Mas e se a irritação que o enchia tivesse embotado seus sentidos? Ele estava aborrecido com ela. Ele poderia não ter tanto cuidado como ele deveria o ter.

Quantos estavam ali? Onde estavam? Ela inspirou profundamente, suas fossas nasais flamejavam quando ela tinha olhado a Dash fazê-lo, mas nada lhe veio. Ela não podia sentir onde se escondiam, não tinha nem idéia de como ficar em posição para uma melhor vista.

-Ouça senhora, onde está Dash? -Ela se estremeceu quando a voz masculina saiu das rochas que ela tinha divisado segundos antes.

Ela ficou silenciosa.

-Venha heim. Sei que ele está aqui. Só tenho que falar com ele. Só me diga onde está ele e tudo arrumado.

Ela tremia. Ela poderia sentir a brisa sussurrar sobre sua carne esfriada quando um sentimento de temor a encheu.

Permanece silenciosa quando estiver insegura, Dash lhe havia dito no dia anterior. Se está escondida, está escondida. Não importa quanto pensem que sabem onde está, há sempre uma possibilidade de que te consiga mover. Sua melhor defesa é o silêncio.

Ela ficou silenciosa. Ela não trocou ou se moveu, simplesmente olhou a terra diante dela.

Ela não poderia ver nada do seu lado, não podia sentir nenhum movimento atrás dela.

-Senhora, estou cansado de me apoiar aqui. Sei que está ali. Posso cheirar a Dash por toda parte de seu corpo-. Agora me diga onde infernos está ele.

O medo cintilou por ela. Oh, Deus. Como poderia ele cheirá-la? Ele devia ser uma Casta. Ou não o era. Estava mentindo, ela se decidiu. Callan e os Felinos eram as únicas Castas conscientes de sua posição e eles tinham o número do celular de Dash. Não se estaria movendo furtivamente ao redor da montanha.

-Lhe matar seria tão fácil-, a voz grunhiu com fúria controlada-. Pare de ser estúpida e me responda.

-Te matar seria ainda mais fácil-. Dash. Sua voz pareceu ressonar ao redor dela quando um enjoado alívio alagou seu corpo. Deixa cair sua arma e te mova onde ela possa ver-te. Não me fudas, tampouco. Este é meu território. Não pode ganhar-. O silêncio encheu a montanha durante compridos momentos-. Elizabeth, te mova ao redor a sua direita com cuidado, fique com a arma apontada entre suas coxas até que eu esteja ali. Não queremos matá-lo se ele se faz de estúpido, só lhe faremos verdadeiro dano.

Um prazer vertiginoso se estendeu sobre ela quando se moveu com cuidado para fazer o que lhe pedia. Quando ela dobrou sobre a árvore, ela quase deixou cair a arma com surpresa antes que ela conseguisse controlá-la quando Dash lhe tinha pedido.

Ela piscou ante forasteiro, olhando enquanto seus olhos pálidos a olhavam tranqüilamente, suas mãos estavam com cuidado longe de seu corpo.

-Você é sua mulher-. Seus olhos se estreitaram nela atentamente.

Ela tragou com dificuldade, rechaçando falar. Seus lábios se retorceram com diversão.

-Ele o tem feito bem-. Ele cabeceou-. Melhor do que esperava.

-Simon, você estúpido filho da puta-. Dash entrou no pequeno clarão, a cólera vibrava por cada poro de seu corpo-. Está tratando de conseguir que lhe matem?

Ele era obviamente um soldado de alguma raça. Ele se manteve cuidadosamente alerta, seu corpo magro, musculoso equilibrado para a ação. Ele tinha o cabelo escuro curto, os olhos azuis claro e a cara de um anjo cansado.

-Estou tratando de te ajudar-. O outro homem deu de ombros-. Esperei um montão naquela cabana assim decidi vir a te buscar. Embora sua mulher me detectou. Ela é boa.

Dash lhe jogou uma olhada e Elizabeth desfrutou da aprovação de seu olhar fixo.

-Elizabeth, este é um dos homens com os quais lutei no estrangeiro. Que demônios faz ele aqui não tenho nem a menor pista-. Ele dirigiu ao homem um olhar duro quando ele levantou seu braço e indicando a Elizabeth que ela deveria vir junto a ele.

-Disse-te o que fazia aqui-, disse ele com uma voz lenta e preguiçosa do sul, suave.

-Não estou sozinho. Tenho uma unidade esperando atrás naquela cabana. Não quisemos te surpreender muito.

Elizabeth sentiu que o corpo de Dash se apertava pela surpresa.

-Uma unidade? -Ele franziu o cenho-. Para que demônios?

Correu a voz do que fazia aqui. Ele se deu de ombros quando se inclinou abaixo com cuidado e recuperou a arma que tinha deixado cair. Ele a embainhou imediatamente.

-Pegar a esse bastardo não será fácil, Dash. Reuni a minha velha equipe e estamos aqui para ajudar.

Apesar da voz preguiçosa, suave e agradável, Elizabeth vislumbrou uma teima no homem que Dash tinha chamado Simon que a advertiu de que ele não se voltaria atrás facilmente.

Dash o olhava, não com receio, mas sim com confusão.

-Por que? -Dash sacudiu sua cabeça-. Esta não é sua luta, Simon. Ou suas unidades. E estou seguro como o inferno de que não posso me permitir seus honorários.

Os lábios cheios, sensuais de Simon se curvaram com tom zombador.

-Considera-o um presente-, disse ele brandamente-. Vamos a sua cabana. Tenho a Stephanie fazendo café. Espero que não te oponha. E outros esperam com impaciência.

Havia um silêncio tenso comprido então.

-Oh, infernos. Não colocou às garotas nisto-, Dash gemeu como se lhe doesse-. Simon, maldição, essas mulheres são perigosas.

-Da melhor classe-. Simon cabeceou-. E elas estiveram infelizmente preocupadas com seu lamentável traseiro desde que ouvimos sobre a tola missão em que está metido. Não sabe, Dash? Grange terá um exército esperando a essa coisa bonita que tem. E se ele a consegue, sabe infelizmente bem que ele terá à menina finalmente.

A voz lenta preguiçosa, a atitude de caipira e as olhadas pecaminosamente boas eram uma combinação que poderia ter sido devastadora se não fosse pelo fato de que seu corpo e seu coração pertenciam a Dash. Simon parecia ser o soldado menos provável que ela poderia ter imaginado. Ele pareceu um bom menino de povoado brincando de ser um guerreiro.

-Ele é de verdade? -Elizabeth indagou a Dash.

-Infelizmente, ele o é-. Dash suspirou-. Vem, vem conhecer as senhoras de Simon.

-Suas Senhoras? -Ela perguntou com receio.

Dash jogou uma olhada para ela com algo parecido à resignação.

-Sim. Suas Senhoras.

CAPÍTULO 28

Dash tinha a alguns amigos estranhos. Ex-agentes da C.I.A. como rancheiros, Forças Especiais que perseguiram a Castas Felinas, e um moço do sul que falava com um harém próprio. Um harém muito perigoso, letal, se Elizabeth não se equivocava.

A pequena cabana estava cheia de estrogênio e de hormônios femininos e era tudo dirigido a uma direção. Para o anjo cansado de doce voz que muito obviamente desfrutava de todas elas.

-Esta é Stephanie, minha pequena senhora da paixão-. Ele fez entrar a mulher mais próxima em seus braços quando eles entraram na cabine. Ela era alta, magra e esbelta. A mulher mostrou uma quantidade excessiva de pele café com leite pelo decote do Top cor cinza do tipo de sutiã cômodo e as calças negras que encaixavam em sua forma. Ela tinha atada uma arma com correia a seus quadris, uma adaga embainhada em sua coxa e um brilho de risada em seus olhos escuros, marrons cor chocolate.

-Ou isso ele gosta de pensar-. Ela elevou a vista ao homem com um sorriso zombador-. Prazer em te encontrar.

-Esta é minha pequena Danica. Ela se encarrega de todos nossos... uhh compromissos sociais-. Cabelo comprido e negro e vestida de negro e armada. Seus olhos azuis brilharam com adoração quando levantou o olhar para Simon.

-É agradável ver-te outra vez, Dash-. Danica o saudou antes de saudar com a cabeça a Elizabeth-. Estou encantada em conhecer-te.

-Glória, carinho-. Ele fez entrar a morena menor em seus braços-. Esta é minha pequena, Glória-. Ele deixou cair um beijo em seus lábios quando ela se afundou contra seu lado depois de que Stephanie se afastou.

-Olá, Dash-. Ela dirigiu a Dash um amplo sorriso-. Está treinando-a? -Ela saudou com a cabeça a Elizabeth-. Tem que comprar alguma roupa melhor que os jeans-. Ela posou sua mão sobre o quadril de suas cômodas calças de spandex-. Isto é mais solto.

Dash pigarreou, mas não disse nada.

-Janette, Oleta e Kimberly-. Janette levava um par de algemas penduradas do amplo cinturão que cruzava seus quadris. Ela era uma sereia loira. Esbelta. Oleta era uma morena vibrante com indiretas sutis de toques de luz ruivos escuros e Kimberly era uma ruiva com um brilho definido em seus olhos quando ela olhou a Dash.

Elizabeth franziu o cenho quando ela jogou uma olhada a seu amante. Dash baixou o olhar para ela com um brilho sardônico de diversão, que só a fez mais suspeita. As mulheres eram um pouquinho demasiado familiares com Dash para o seu gosto.

-Jantaremos logo-, chamou Stephanie da cozinha aberta-. O café estará agora. Boa coisa nós trouxermos provisões conosco. Vocês os homens realmente pensam que o que chamam de comida era sã?

Elizabeth franziu o cenho. Melhor dizer que gostava dos guisados e a pimenta que Dash tinha preparado.

-Minha Steph é um ás na cozinha-. Simon disse-. Teremos uma comida que não esquecerá tão cedo.

Elizabeth guardou silêncio. As mulheres se moviam ao redor da cozinha e a sala de estar agora; umas quantas limpavam armas, duas cozinhavam e as outras duas tinham tomado posições vigilantes em cada janela.

Dash suspirou.

-Elizabeth e eu vamos à ducha. Sinta-se como em casa, Simon. Falaremos mais tarde.

-O faremos-. Simon se inclinou prazerosamente contra a parede, seu braço que foi ao redor da ruiva que se moveu contra ele-. Você continua. Tenho algumas coisas que te mostrar esta tarde e logo podemos planejar.

Elizabeth seguiu a Dash ao dormitório, esperando até que ele o fechou então, bastante estranhamente, fechou com chave a porta atrás dele. Ele moveu a cadeira direta traseira do lado da parede e o apoiou sob o pomo. Ela levantou sua sobrancelha em tom zombador.

-Não confia nele? -Ela perguntou brandamente.

Dash levantou o olhar para ela com surpresa.

-Confio nele o bastante, só é que o conheço muito infelizmente bem-. Ele rastelou seus dedos por seu cabelo em um gesto de óbvia irritação-. Demônios, não esperava isto-. Ele parecia mais que perplexo pelo giro dos acontecimentos.

-Pensava que me havia dito que não tinha amigos-. Ela manteve sua voz baixa enquanto o olhou curiosamente. Dash franzia o cenho. Ele jogou uma olhada à porta, então a ela.

-Simon é uma anomalia. Ignore-o-. Ele jogou uma olhada atrás à porta, parecendo com cada segundo mais confundido.

-O que é? -Elizabeth lhe perguntou.

Ele sacudiu sua cabeça.

-Maldito homem. Não tenho nem idéia de que infernos ele pensa que está fazendo aqui.

-Soa-me algo como que ele está aqui para te ajudar-. Ela se sentou abaixo na cama e começou desenredar as botas-. Para ser um homem que diz não ter amigos, parece acumular um bom molho deles.

Ele não lhe respondeu, em pé enquanto a olhava com uma expressão escura, cuidadosa.

-Dash, está-me preocupando-. Ela tirou as botas antes de ficar em pé e de tirar de sua camiseta sobre sua cabeça.

Ela não se incomodou em colocar um sutiã essa manhã. As malditas coisas eram também uma restrição e incômodas ao tentar mover-se sobre o bosque. Depois ela se desabotoou suas calças jeans, puxou o zíper e os tirou de seu corpo. Quando ela levantou o olhar a Dash, ele não parecia preocupado. Ele parecia faminto.

-Nem o pense-, ela bufou-. Não há maneira em que vás fazer-me gritar com todas essas mulheres que estão aí para escutar. Atacariam-lhe ao minuto em que saísse do dormitório.

Infelizmente, ele não o negou. Em lugar, ele começou a despir-se enquanto ela se dirigiu por volta do quarto de banho.

Ele a apanhou enquanto ela ajustava a água, gloriosamente nua e mais que um pouco excitada.

-Elizabeth-. Ele a agarrou contra ele quando ela se moveu debaixo da ducha, baixando o olhar por volta dela fixamente com esses olhos dourados que sempre faziam que sua respiração se entupisse-. Amo-te porque você tem minha alma-, lhe disse simplesmente-. Eu sempre te amei. Somente não te amado quando não te conhecia.

Maldito. Justo quando ela pensava que tinha uma ou duas defesas contra ele, lhe dizia algo como isto. Ela pôs sua cabeça em seu peito, porque sabia que se continuasse olhando-o terminaria

em cima chorando outra vez. Ele rompia seu coração às vezes. Ela nunca tinha sido amada, aceita tão profundamente, como Dash a amava e a aceitava.

-Amo-te pelas mesmas razões, Dash-. Ela finalmente admitiu o que ela tinha sabido quando ele não era não mais que uma carta semanal, um raio de sol em sua escura vida e na de Cassie-. Pelas mesmas razões.

* * * * *

-Bem. Isto é o que temos-. Simon aceitou um grosso montão de papéis de uma de suas mulheres enquanto se sentaram na mesa da cozinha depois do jantar-. Há castas do lobo que escaparam desse laboratório. Estimamos que pelo menos meia dúzia. Possivelmente mais se os jovens tiverem sobrevivido-. Ele estendeu vários documentos oficiais enquanto falava-. Logo que averigüei o que foi e contra o que lutava, pus às senhoras aos computadores e lhes disse que cuidassem de seus corações-. Ele jogou sorrisos às mulheres dispostas ao redor dele-. São boas, também.

Dash suspirou. Ele tinha estado fazendo isso muito ultimamente.

-Quero saber como descobriu o que sou-, ele finalmente disse-. A informação se supõe que devia ser contida dentro de um pequeno círculo.

Simon encolheu seus amplos ombros.

-Sei alguma coisa dos Felinos. O rumor esteve circulando durante meses clandestinamente de que Grange tinha a um menino das castas. Quando a menina se mostrou na semana passada no complexo enquanto Dani estava ali, ela me deixou saber. Ela também ouviu por acaso que seu nome era mencionado. Ao dia seguinte, seus papéis como casta foram arquivados sim como sua declaração de paternidade com assuntos da casta em Washington. Era algo para sem inteligência dali, Dash-. Ele sacudiu sua cabeça como se Dash não lhe tivesse devotado bastante desafio.

-Também encontramos o que suspeitamos que poderiam ser castas do lobo-. Dani falou então enquanto Simon parecia resplandecer de orgulho-. Uma moça nomeou a Faith, sem sobrenomes, e a seu irmão, Aiden, no Colorado. Alguns meses mais tarde nos reunimos com um indivíduo grande chamado Jacob. De novo, sem nenhum sobrenome, este na reunião de Telhas com uma simpatizante bem conhecida da casta muito rica. Os três têm a mesma carência de histórias, e a nenhum deles lhe pode rastrear via informática ou por histórico. Os três têm agendas definidas no que se refere às castas.

-Aiden, Faith e Jacob eram os nomes de três companheiros da ninhada em que me criaram-, Dash lhes informou-. O líder do grupo, Wolfe, nomeou-se a si mesmo. Deram-nos números nos laboratórios em vez de nomes. Soa como se eles conseguissem escapar depois de tudo.

-Embora desapareceram outra vez-, Danica disse tristemente-. Não pudemos fazer contato adicional, embora quando os papéis chegaram a Washington e as notícias começaram a difundir-se de que existia uma criança naturalmente concebida da casta do lobo que o contato foi feito em escritórios de alto nível dentro de assuntos da casta. Está-se dizendo que a criança está atualmente em movimento e oculto. Não se enumerou nenhum domicílio definido. Pode apostar que Grange está seguindo isto.

-Grange tem também queixa da segurança em seu imóvel-, Stephanie disse enquanto ela rebuscava através dos papéis-. Empregaram a três novos protetores e o rumor diz que ele estará na próxima semana em casa. Reinstalaram a sua jovem amante e tudo está sendo preparado para sua volta.

Elizabeth escutava enquanto a informação foi retransmitida com uma atitude quase furiosa durante quase uma hora. Tinham-no tudo. As localizações, os destinos, os nomes, as direções e os

membros da família dos protetores, e elas estavam inclusive seguras de que tinham a vários aos quais poderiam subornar para lhes permitir entrar no imóvel. Entre eles estavam dois dos irmãos da jovem mulher que tinha sido forçada a tomar a posição de amante na cama de Grange. A ele gostava de mulheres jovens. Esta tinha só dezoito anos, e os informes de Simon indicavam que a tinham tratado por uma tentativa de suicídio aos poucos meses de ir à cama do monstro.

-Entrei em contato com o Mike ontem de noite-. Simon falava outra vez-. Sei que tem a alguns de seus homens aqui, e encontrei que Callan enviou vários Felinos, assim como um par dos irmãos de Tyler para te ajudar. Temos um pequeno exército aqui, Dash. Vamos conseguir que isto se faça rápido e bem e tirar o bastardo fora em um momento-. Havia repentinamente uma labareda perigosa de antecipação brilhando intensamente nos olhos do outro homem.

Elizabeth jogou uma olhada para Dash outra vez. Ele estava tocando vários dos papéis, seu olhar fixo era reflexivo enquanto ele pretendia ler um.

-Olhe, Dash-. Simon se inclinou para frente-. Sei o que sente, homem, depois de perder a sua unidade. Contra mais gente implicada maior é o risco de perder mais que só a ti mesmo. Mas você salvou meu traseiro e a minhas garotas também muitas vezes como para contá-lo. Não vou te deixar levar a sua mulher ali dentro sozinho. Sei que ela tem que ir. Entendo essa necessidade, embora só seja isso, seu ponto de vista. Mas só que essa não é a maneira de fazê-lo.

Dash se levantou da mesa e pela primeira vez Elizabeth notou a tensão, o jogo cauteloso de seus ombros.

-Salvei seu traseiro e os dessas garotas porque não te queria morto, Simon-, disse ele-. Este não é um trabalho para o qual tenha sido contratado e esta não é sua luta. Você não tem nenhum negócio aqui.

Simon então se deu a volta para Elizabeth. Ela olhou o brilho sombrio em seus olhos durante um segundo antes que ele o escondesse com a risada fria.

-Ele é um bastardo obstinado-, ele arrastou as palavras-. Há-te dito ele já que ele não tem a amigos?

Elizabeth pigarreou.

-Ele mencionou isso.

-Gosta de mentir pra si-. Simon se inclinou atrás em sua cadeira-. Tivemos mais de uma dúzia de chamadas por parte da metade de algumas unidades que lutaram com ele ficando a disposição eles mesmos para participar. Este cara tem a montões de seus amigos comendo as unhas de preocupação por sua atitude de John Wayne *"farei-o eu mesmo"*. Pensa que todos necessitam de ajuda menos ele.

-Te cale, Simon-, Dash grunhiu-. Ele não pareceu divertido. Ele parecia preocupado e furioso.

-Outra coisa sobre Dash que eu sempre notei-. Simon sorriu um pouco tristemente-. Ele sempre pensa que é culpa sua quando um daqueles não-amigos acaba com seu traseiro em tipóia ou termina por descansar eternamente. Não lhe importa se ele estava ali, comprometido ou sabia o que demônios acontecia ou não. Sempre pensa que é por sua culpa. Não te falou ele sobre o Afeganistão ainda? Ele perdeu a seus irmãos ali...

-Maldição, hei dito que te calasse porra-. Elizabeth se estremeceu com surpresa e medo quando a voz áspera, desesperada de Dash pareceu ressonar ao redor da habitação.

O silêncio encheu a pequena cabana quando todos os olhos se giraram para Dash. Ele se separou deles, passando seus dedos por seu cabelo, os músculos ondulando em suas costas com a tensão.

-Sim, Dash claro-. A voz de Simon era curiosamente suave quando ele esteve de pé a seus pés-. Temos a cabana na base da montanha. Nos dirigiremos atrás agora. Aqui está meu número de telefone-. Ele rabiscou os números em um dos papéis-. Estaremos de volta a primeira hora da

manhã para o café da manhã. Steph pensa que os dois poderiam estar desnutridos ou algo. Venham, vamos, senhoras.

Elas se reuniram ao redor do homem alto e moreno, todas elas jogando a Dash calmosas olhadas tão cheias de preocupação e dor, por seu próprio bem, que isto rompeu o coração de Elizabeth.

-Obrigada, Simon-. Ela se moveu para ele, lhe dando um forte abraço, breve quando lhe abriu seus braços facilmente. Ele tinha crescido para ela no espaço de umas poucas horas. Era igualmente um guerreiro fortemente afiado e um homem cheio de imaturidade brincalhona que se fazia querer.

-Tome cuidado de seu obstinado traseiro-, ele finalmente suspirou-. Fale até lhe colocar algum sentido. Ele escuta quando tem que fazê-lo.

Dash não fez caso de todos eles até que Simon e suas Senhoras partiram. Logo que tinha fechado a porta que ele se moveu. Elizabeth ofegou quando foi empurrada rudemente contra a parede, seus olhos flamejavam nela, suas mãos a aferravam com força, quase machucando-a, quando ele a sustentou fixada à áspera parede.

-Nunca-, ele grunhiu, seus olhos ardiam furiosamente-. Porra, nunca toque a outro homem em minha presença, Elizabeth. Nunca, ouve-me? -Seus lábios estavam jogados para trás, sua expressão então explosivamente enfureceu seu coração saltando com medo durante um minuto.

Então a cólera a encheu. Uma cólera cega furiosa que se estendeu por seu estômago, seu peito. Antes que ela soubesse o que ela fazia sua perna subiu, seu joelho ficou em contato com força e rápido entre suas coxas quando ele de repente empalideceu e se balançou.

Sacudindo-se longe dele, tremendo com sua fúria, ela se voltou atrás para ele.

-Nunca volte a me tratar assim, Dash. Nunca outra vez. E não te atrevas a tratar de pretender saber algo sobre mim quando você não pode confrontar suas próprias verdades. Agora vou. Tive tudo o que posso suportar de seu comportamento grosseiro e de sua resposta negativa a aceitar-se, sem mencionar a aqueles ao redor de ti.

Ela pisou em forte longe dele, confiando que ele se reporia do golpe que era, ao mais, suave. Ela poderia havê-lo derrubado. Ela também sabia que ele a seguiria. Consciente e à espera. Por Deus, ela poria suas bolas em sua garganta na próxima vez.

CAPÍTULO 29

As luzes estavam apagadas e Elizabeth estava rigidamente estendida na cama uma hora mais tarde quando Dash finalmente se deslizou na habitação. Ele tirou sua roupa na escuridão então escorregou sob as mantas.

-Sinto muito-. Sua voz se abrigou ao redor dela, cheia da pena-. Eu não tinha nenhum direito de interpretar a seguir esse caminho.

Elizabeth suspirou cansadamente.

-Então, por que o fez, Dash? Simon veio a te ajudar, e aprecio isto. Além disso, ele é... inofensivo.

Dash bufou.

-Elizabeth, Simon é o homem menos inofensivo que conheço. Mas sei que ele nunca te tocaria com outra coisa que não fora respeito. O abraço era inofensivo, uma parte de quem é, e sei. Não tenho uma desculpa para o que fiz.

Ela levantou o olhar ao teto, deixando à cena repetir-se em sua mente outra vez. Dash tinha estado a beira de seu controle. Algo tinha provocado uma fúria desigual dentro dele que ela pensava que o tinha aturdido até a ele.

-Por que não te confessa culpado de ter amigos, Dash? -Ela sabia que tinha sido a chave de sua cólera. Todos temos amigos em algum lugar. Todos aceitamos isto. Por que não você? Por que o pensamento de tê-los te irrita tanto?

A princípio, ela pensou que ele não ia responder-lhe. Quando ele o fez, o desigual som de sua voz lhe rompeu seu coração.

-Eu era o menor da ninhada com a qual fui criado-, lhe disse tristemente-. Com a metade do tamanho das outras castas, e fracote como o inferno. Um dos cientistas pareceu me haver tomado sob sua asa, entretanto. Devroe. Um bastardo de olhos frios, mas ele parecia me querer bastante bem e me manteve vivo durante dez anos. Suportei provas as quais me fazem estremecer ao pensar nelas agora, porque eram muito dolorosas, porque ele me pediu isso. O vi como a um pai. Até o dia em que o ouvi planejando me matar. Ele grunhiu em tom zombador. Justo como um animal. *“O bastardo que nunca vai converter-se em nada”*, disse a seu supervisor. *‘O mataremos na próxima semana.’*

Elizabeth fechou seus olhos com horror.

-Vi-o como a um amigo. Um mentor. Tudo o que os meninos procuram em um guia, mas esse dia, vi o monstro que ele realmente era. Encontrei minha ocasião, ocultei-me em um dos caminhões de fornecimentos e escapei dois dias mais tarde com ele. Sabia que teria que me esconder. Que teria que ser preparado e cuidado, e me manter protegido a menos que desejasse voltar para minha própria morte. Os amigos lhe fazem débil. Desejas confiar neles. Desejas depender deles, deixa-os depender de ti. Vi todos os perigos disso depois que entrei no *Foster Care* e começara a crescer.

Tinha sido um menino, ela pensou. Desde dez anos de idade somente. Sua voz se cravou sobre ela enquanto lhe explicava sobre a vida que ele encontrou. *Foster Care* não tinha sido só fácil para ele, mas sim ele tinha se sobressaído na escola, e seu crescimento finalmente começado. E ele se certificou de que nenhum outro tivesse a ocasião de traí-lo. Ele não fez a amigos. Permaneceu sozinho. Quando se uniu ao exército e depois às forças especiais, ele tinha mantido essa determinação.

Mas quando ele falou, Elizabeth advertiu que a honra e a determinação de salvar as vidas que enchiam a Dash tinham dirigido o curso de sua vida no Exército. Os homens que ele tinha tido perto lhe deviam suas vidas, assim como ele a devia a vários deles. Sua voz se fez mais suave, um pouco divertida quando lhe falou daqueles anos e daqueles homens. E ela viu como ele se protegeu, nunca admitindo os enlaces que se formaram. Finalmente, ele chegou ao ano em que enviaram ao Afeganistão para atacar a um novo contingente de terroristas que se escondiam ali nas montanhas. Sua voz se mudou então, fazendo-se fria, embora ela ouvisse a dor debaixo dela.

-Havia doze de nós-, ele finalmente disse brandamente-. Tínhamos estado lutando juntos durante mais de um ano. Minha atribuição mais larga a uma unidade. Eu era por geral movido ao redor com regularidade quando era necessário. Sou um bom rastreador-. Sua voz era rouca. Alguém que se faz próximo quando se luta muito tempo junto a outros-. Ele suspirou-. Averigua os sonhos de cada um. Sabe quem tem segredos e quem não os tem. Um... -o silêncio que os rodeia se fez mais profundo durante compridos minutos-. A gente faz irmãos-, ele finalmente terminou-. Éramos a Dúzia Mortal. E pela primeira vez em minha vida eu pensava, já sabe, que talvez não era tão duro ter amigos. Tinha-me escondido durante tanto, Elizabeth. Às vezes era assustadiço, tão foddidamente solitário como só tratei de me fazer.

Ela se aproximou dele. Ele não estava sozinho. Ele nunca o tinha estado, mas ela não podia lhe dizer isto ainda. Não podia lhe dizer nada até que ele estivesse preparado para ouvi-lo. Ele se tinha acreditado sozinho, e como havia dito a Cassie, de o que convencia a sua mente era tudo o que importava.

-Acabávamos de esclarecer uma missão de assassinato. O filho de puta, o solucionamos sem uma baixa. Aqueles homens eram profissionais, e cobrimos os traseiros de cada um como a roupa interior. Tínhamos sido transportados por avião e nos dirigíamos pra casa. Eu pensava poder tomar o mando da unidade. Eu tinha sido o comandante não oficial durante um ano. Pensei que talvez este era o momento, que talvez poderia encontrar um lugar para mim. Criar uma família-. Ele limpou sua garganta quando sua voz se fez grossa, áspera.

-Jack e Craig, eles eram atiradores de primeira infelizmente bons, brincavam sobre ir pra casa com suas garotas no fim de semana. Havia umas enfermeiras na base que eles tinham estado vendo. Mac e Tim, os peritos em explosivos, estavam divorciados e falavam de embebedar-se e chamar a suas ex. Outros estavam juntos uns com outros, voando alto em adrenalina e êxito. E eu me sentava ali olhando-os. Segui empurrando atrás a pequena advertência na mente. Mas algo seguiu me dizendo que as coisas não foram bem. O mundo se foi ao diabo dois minutos mais tarde.

Ela ficou contra ele, desesperada por abraçá-lo. Seu braço passou seu peito quando ela se apertou contra seu corpo, sentindo seus braços perto convulsivamente ao redor dela.

-Eu estava perto da porta e fui lançado fora quando o helicóptero caiu. Eu não sei até como passou isto. Outros estavam mortos antes que golpeassem a terra. O impacto do explosivo foi infelizmente preciso. Eles sabiam que demônios eles faziam nesse momento, Elizabeth. Eles sabiam que estaríamos ali e sabiam a quem golpeavam. E eles mataram a cada um daqueles homens porque eu não estava em guarda. Porque deixei que seu companheirismo e sua amizade me distraíssem. Consegui que todos morressem, Elizabeth, porque lhes deixei serem meus amigos.

Ela ouviu a beira desigual de culpa, a tortura que ele sentiu porque ele tinha sido incapaz de controlar os acontecimentos que tinham passado. Mas ela viu algo mais também.

Ela viu seus medos de perder àqueles pelos quais se preocupava, as cicatrizes que isto tinha deixado em sua alma porque ele não podia salvar a cada um.

Ela se elevou na cama, dando volta então ela poderia olhar fixamente em seus olhos. A luz débil da lua atravessava a janela dava só o suficiente brilho para permitir que ela visse a dor úmida em seu olhar fixo.

-Você não pode seguir desta maneira, Dash-, lhe disse brandamente-. Pode negar as amizades até que o inferno se gele e isto não mudará nada. Assim como toda a culpa no mundo não mudará o fato de que você não podia salvar àqueles homens, que não tivesse nenhum modo de controlar o que passou essa noite. Você não tem nenhum modo de controlar a Simon, a suas mulheres ou a mim. Mas ainda pode nos aceitar, e ainda pode nos amar. E pode saber, que se qualquer de nós morre em qualquer momento, morreremos te amando e sabendo que em algum lugar com o passar do caminho, você enriqueceu nossas vidas. Não há mais que possa fazer.

-A ti, posso te controlar-, ele quase grunhiu-. Não pense nem durante um minuto, Elizabeth, que eu não possa cobrir seu traseiro. Simon... -Ele suspirou-. Esse homem parece um tornado do Texas e rechaça escutar ao sentido comum. Aquelas Senhoras suas sempre não têm o cuidado que deveriam ter, tampouco. Elas vivem para a adrenalina e para o Simon. Como Simon vive para elas. Assusta infelizmente olhá-los juntos.

-Por que? -Ela inclinou sua cabeça para olhá-lo estreitamente-. Por que sabe que ele as ama? Como sabe que se ele perdesse só a uma delas, isto o romperia em partes? E se ele for seu amigo,

então se preocupa por isto. E se sente indefeso, porque sabe que se ele perdesse a uma delas, você não podia aliviar sua dor.

Ele estava em silêncio agora.

-Mas Dash, vi algo que poderia ter passado por cima-, disse ela brandamente-. Vi seis mulheres que encontraram em um homem algo para manter, para equilibrar o gelo dentro delas. Essas mulheres são perigosas. Eu poderia ver que e eu preferiria confrontar a Grange furioso que a uma daquelas mulheres de longe. Elas poderiam lhe matar sem uma piscada. Mas Simon as atenua. Ele, dá a elas alguém para amar, algo para sustentar sem o medo. E ele as ama. O um sem o outro, eles estariam mortos já. E penso, que em algum momento, sem ti, eles teriam estado mortos também. Eles sentem carinho por ti também, Dash.

Ele aspirou profundamente. Este era o som de um homem que luta por negar o que ele já sabia que era a verdade.

-Eu morreria sem ti-, ele finalmente disse-. Eu estaria louco de terror se ali houvesse seis de você para defender. Não quero nem pensá-lo louco, ponto-. Havia uma veia de diversão na oração final.

Ela tomou sua mão e a moveu a seu abdômen.

-Hei-te dito alguma vez, Dash, quanto sonho com bebês? Muitos bebês. Quero ao menos três, mais se eu pudesse. E se o que diz é certo sobre que seu sêmen rebate os controles de natalidade, pensa que não poderia ter muitas meninas para proteger e te voltar louco? O que fará então? Deixar de ter sexo comigo?

Ela viu o terror puro que brilhou em seus olhos durante só um segundo. Cru, medo quente abrasador quando seus dedos se dobraram contra seu abdômen.

-Que Deus me ajude-, gemeu ele-. Você me voltará louco, Elizabeth-. Ele se moveu, ele agarrou sua mão e atraindo-a abaixo a sua ereção-. O só pensamento de fazer bebês contigo me volta louco.

-Isto não é louco, Dash-, ela murmurou quando seus dedos agarraram o peso de duro aço de seu volumoso membro-. Isto é quente.

-Sim, isso me parece também-. Ele levantou seus quadris para ela, empurrando seu membro contra seus dedos-. Sinto muito, Elizabeth-. Ele puxou-a para ele, seus lábios roçando contra os seus-. Eu não deveria havê-la tomado contigo. Eu não deveria ter sido idiota. Não quero alguma vez te fazer mal.

-Você não me fez mal-. Ela sorriu com satisfação, seus dedos se dobraram em seu membro-. Posso ver que não te fiz mal a ti, tampouco.

Ele fez uma careta.

-Bem, levou-me um momento tirar minhas bolas de minha garganta, mas depois de que eu as voltei a colocar em seu lugar calculei que eu poderia me considerar afortunado.

Elizabeth empurrou as mantas atrás de seu corpo, revelando a carne erguida e estirada entre suas coxas. Ela estava molhada e impaciente por ele. Ela estava sempre impaciente por ele. Seu sexo permanecia úmido e preparado, seu corpo que sempre zumbia por seu toque.

-Está segura? -Ele gemeu quando ela começou a sentar-se escarranchada sobre seu corpo, sua cabeça baixou a seus lábios outra vez.

-Hmm. Segura sobre o que? -Ela se colocou contra a ardente cabeça, sentindo que esta roçava nas dobras de carne e se afundava contra a abertura de sua vagina.

-Maldito. Nada-, ofegou ele-. Deus, está tão quente e pronta para mim. Ninguém me quis alguma vez como você o faz, Elizabeth. Sempre tão doce e quente e escorregadia.

Ele saiu a jorros dentro dela. Ela adorava quando ele fazia isto.

-Por sua culpa-. Ela logo que podia falar agora.

Elizabeth começou a mover-se para baixo no eixo endurecido, empurrando-o nas profundidades cômodas de seu sexo inchado, saboreando o doloroso prazer que passou como um raio a sua matriz. Uma parte dela advertindo que poderia haver algo só ligeiramente relaxado sobre ela. Ela amava aquela labareda da dor quando ele entrava nela, ou quando ele se travava dentro dela. A mescla ardente do prazer atormentador que enviava e que disparava o orgasmo.

-Tranqüila, coração-. Suas mãos agarraram seus quadris quando ela baixou sua cabeça a seu ombro-. Tenho medo de te fazer mal.

-Então me faça mal-, gemeu ela violentamente quando ela passou seus dedos sobre seu ombro, lembrando o bem que se sentia quando o fazia isto-. Tome, Dash, como necessita. Agora. Não te contenha por mim.

Seu juramento murmurado era áspero com a necessidade.

-Farei-te mal, coração.

-Amarei-o-. Ela respirava asperamente.

Mas de todos os modos ele vacilou. Ele se moveu dentro dela lento e tranqüilo em troca, seu corpo se apertava e amarrava com a necessidade de conter-se. Ela não necessitava que se contivera. Ela deixou que seus dentes agarrassem a carne de seu ombro ligeiramente, logo se juntou, forçando os músculos de seu sexo a relaxar um segundo antes de que ela se empalasse com força e rapidamente em seu eixo.

Ela o mordia. Deus, ela sabia por que ele fazia isto agora. Agonizante. Selvagem. Ele uivou abaixo dela, um som primário de tal prazer que seu corpo se estremeceu por ele quando seu sexo se convulsionou feito ondas espasmódicas de sensação. Seu orgasmo foi instantâneo. Muitas sensações. Muito prazer dentro das profundidades inchadas de seu sexo já sensibilizado.

Seu membro se derramava a fervuras dentro dela agora, como se o apertão ultra apertado tivesse assinalado algo dentro daquele músculo difícil que regulava o fluxo do líquido pré-seminal. Ele gemia com força debaixo dela, suas mãos agarram suas coxas, seus quadris se arqueavam contra ela, esfregando ligeiramente pela violência de seu orgasmo e preparando outro quando eles lançaram um grito pela intensidade de suas sensações. Ela o mordia com força. Ela sabia que o fazia e que não podia lhe ajudar. Seus quadris se retorciam, enroscando-se contra o duro batimento de seu membro agasalhado dentro dela enquanto suas coxas se juntavam e ele começou a empurrar em estocadas poderosas enquanto ele a lubrificava mais, intensificando-a e lançando-a precipitadamente à libertação. Dash estava só a segundos atrás dela. Ela o sentiu ondular, travando-se dentro dela, então derramando seu sêmen profundamente dentro de seu corpo.

-Lizbeth-. Minutos, horas mais tarde ele mudou debaixo dela quando seu membro começou devagar a perder seu inchaço desesperado dentro dela-. Coração, solte meu ombro-. Sua voz era grossa, repleta, mas debruada com a diversão.

Elizabeth provou o sangue. Ofegar, ela retrocedeu, seu olhar fixo que voa ao seu em horror.

-Shh -Ele pôs seus dedos contra seus lábios quando a pena começou a derramar-se sobre ela.

-Eu gostei, coração. Pequena coisa sanguinária-. Ele a levantou dele então, o gemido quando seu membro se deslizou dela, seu sexo o beijava em voz alta quando este saiu-. Sonha, mulher. Vais matar-me.

-Amo-te, Dash-. Ela se afundou contra seu peito quando lhe deu a volta, abrigando-a com seu corpo.

-Amo-te, Elizabeth-. Ele suspirou asperamente-. Mais do que amei algo em toda minha vida.

Mas o medo havia tornado. Ela poderia ouvi-lo em sua voz, senti-lo na tensão de seu corpo. Eles iriam atrás de Grange logo, e ela sabia que seria não só sua maior prova, mas também a de Dash.

CAPÍTULO 30

Havia em efeito um pequeno exército. À manhã seguinte, antes que o sol se levantou sobre a cabana, Simon estava de volta com suas Senhoras. Antes que o café da manhã estivesse preparado, chegaram várias castas Felinas, três homens que reclamavam ser os cunhados de Callan Lyons, quatro dos homens de Mike Toler e um punhado de soldados que embolsavam suas esteiras de lona recém chegados de um avião do Oriente Médio. Havia mais de duas dúzias de homens junto com as seis Senhoras e Simon. Dash estava furioso.

-Devolvam seus traseiros diretamente àquele avião-, gritava ele à dúzia de soldados que o olhavam desapaixonadamente-. Não lhes pedi para vir aqui e me condenarão se forem arriscar seus traseiros assim.

-Sinto muito, comandante. Não pode ser-. O líder não oficial da unidade sacudiu sua cabeça-. Demoramos semanas para arrumar a permissão sem dar uma razão apropriada. Não vamos voltar.

Dash blasfemava. Elizabeth o olhou da entrada da cabana enquanto ele rugia. Ela não tinha visto Dash estar tão agitado por nada. Ele era por geral tranquilo, mantendo seu controle firmemente contido. Era mais que óbvio que ele estava preparado para perdê-lo, se ele não o tinha feito já. Algumas palavras que saíam de seus lábios ela não tinha imaginado nem que existissem.

-Jonsey, está tão impaciente de fazer àquela tua nova esposa uma viúva? -Ele gritou acaloradamente a um dos homens mais jovens-. Filho de puta, pensava que amava àquela garota.

Jonsey era um homem jovem alto, desengonçado. Talvez de vinte e cinco anos, com grandes olhos cor avelã e cabelo vermelho grosso.

-Realmente a amo, Dash-. O Jonsey cabeceou solenemente-. Tive um ano com ela. Um ano que eu não teria se não a tivesse tirado daquele hospital que bombardearam. Cindy está de acordo comigo em que esteja aqui. Não volto.

Elizabeth poderia ouvir Dash grunhir de irritação.

Ele se deu a volta ao homem ao lado de Jonsey. Ele era quase tão alto como Dash, com cabelo castanho curto, raspado e olhos profundamente marrons. Sua cara estava cheia de esgotamento e ele tinha tido obviamente bastante do caráter de Dash.

-Nem comece comigo, Comandante-, soltou o soldado-. Não dormi em uma semana para trazer meu traseiro aqui fora e não estou de humor para seu complexo de Deus, tampouco. Tão somente me diga onde posso dormir um momento e logo falaremos de seu plano de ação quando despertar.

Ele grunhiu. Elizabeth se reanimou, como fizeram várias das Senhoras de Simon. Perambulando pela casa, imediatamente chamando atenção. Seus olhos os estavam olhando quando os homens as viram.

-Infernos, Simon está aqui-, um deles pareceu suspirar com reverência-. Ah homem. Esta vai ser uma boa luta.

-me perdoe, Comandante. Eu poderia ter encontrado alguém me guardando quente-. O soldado pareceu estar infelizmente perto de estar extasiado quando uma das Senhoras se aproximou furtivamente a ele, arrulhando brandamente sobre seu cansaço.

-Maldição, Chase-. Dash grunhia agora.

-Deixe-o, Dash-. Merc, a alta casta Felina, grunhiu de um lado-. Isto não é somente sobre ti, ou sobre sua mulher. Se esfrie e aceite a ajuda ou te jogue atrás e o faremos nós mesmos. Está

casado agora. Casado com uma mulher que prova ser capaz de conceber facilmente com as castas. Não podemos nos permitir lhes perder a ti ou a ela.

A fúria se acendeu em Dash. Elizabeth olhou quando sua cabeça baixou, dando a volta enquanto ele contemplava ao Felino com a fúria aumentando nele.

-Minha mulher não é uma criadora para as Castas de merda-, grunhiu ele, sua voz era baixa, perigosa.

-Ela o será se você morrer. Qualquer casta que o Conselho consiga fazer que a monte. A ela e àquela menina. Você quer arriscá-la? -Merc era só um pouco maior que Dash. Se isto desse lugar a uma luta, um ou o outro homem poderia ter saído ganhador-. Te domine, cara. Nunca estiveste sozinho neste mundo-. Ele cabeceou para os soldados. E pode estar seguro como o inferno de que não o está agora. Vamos todos conseguir algum descanso e veremos que tipo de plano tem em mente. E pare de grunhir pra mim. Isto me enche o saco.

Quando ela olhou, Elizabeth era consciente de Simon que subia atrás dela, olhando com curiosidade.

-Isto poderia fazer-se interessante agora-, disse ele brandamente-. Dash pensa que ele tem que fazer tudo sozinho. Pensa que ele tem que salvar a cada um dos que ele toma sob sua asa. Por geral pode, também. Mas ele não aceita bem a ajuda. Será interessante de ver o elegantemente que ele nos aceita colocando nossos narizes em seus assuntos-. Simon soou como ele pensara com muita ilusão em qualquer luta que se produzisse.

-Porra-, Dash finalmente grunhiu tão violentamente, tão furiosamente, que Elizabeth se estremeceu.

Ele se deu a volta longe deles e andou com passo majestoso longe da cabana, movendo-se deliberadamente aos bosques que o rodeavam quando ela se moveu para segui-lo.

-Espera-. Simon agarrou seu braço-. Dê-lhe uns minutos para acalmar-se primeiro. Vai a alimentar a estes rapazes e te deitar um momento. Eles são um grupo cansado. Então depois pode ir atrás dele.

* * * * *

Que demônios tinha acontecido? Dash não poderia entendê-lo em sua vida. Ele tinha lutado para ficar distante dos homens com os quais ele lutou, fazendo seu trabalho, mantendo seus traseiros vivos e seguir seu caminho alegremente. Se o conhecimento do que ele era se filtrasse enquanto ele lutava com eles ele teria posto a cada homem em qualquer unidade em que ele estava em perigo. O Conselho não se preocupava de quem matava. Mas claramente ele não ficou o bastante distante. Ele tinha a mais de duas dúzias de lutadores que estavam de pé no clarão da cabana à espera de ordens. Ordens que ele não desejava dar. Ele não queria conduzi-los em sua batalha pessoal e fazer que um deles morrera devido a isso.

Maldito. Ele suspirou cansadamente. Ele estava furioso como o inferno, mas ele sabia que aqueles homens não partiriam. Não a menos que ele o fizesse. E eles lhe seguiriam. Eles eram infelizmente bons homens, também. Os melhores. Tão bons ou melhores que a unidade que ele tinha perdido no Afeganistão.

Ele deteve sua viagem dificultosa furiosa ao topo da montanha, fazendo uma pausa em um banco abrigado da terra que olhava à cabana. As tendas de campanha estavam sendo levantadas e as vozes eram altas quando a coordenação entre os homens começou a estabelecer-se. Ele sabia no minuto que ele viu os primeiros chegados que esta missão se converteu em algo mais que só a luta para salvar a Elizabeth e sua filha. Isto era agora uma luta para estabelecer o domínio, para mostrar ao Conselho e aqueles que empreenderiam o caminho contra as Castas em geral que havia

uma batalha maior em que podiam ver-se envolvidos. Não havia nenhum modo que Grange pudesse esperar-se a mais de duas dúzias de homens que se moviam para ele. Homens tão peritos, tão bem treinados em cada área da batalha, que ele não teria ocasião de lutar contra eles.

Finalmente seus lábios se retorceram com diversão. Grange lutaria e havia sempre a possibilidade de perder a um ou a vários homens no grupo. Dash poderia somente fazer seguro o que eles planejassem para tudo e rezar para que todos eles saíssem vivos. Era tudo que ele poderia fazer.

Quando ele se sentou ali, olhando com olhos estreitados como o clarão era convertido em um campo armado, ele olhou a Elizabeth deixar a cabana devagar. Maldição. Ela parecia a um raio de luz do sol. Movendo-se para frente dos soldados que trabalhavam ao redor dela, ela se dirigiu ao topo da montanha. Ela era elegante, uma criatura de tal movimento fluido e desenho erótico que fez seus flancos apertar-se com a fome repentina. Como tinha merecido ele alguma vez algo tão bonito para chamá-lo próprio? Ele não podia lhe encontrar sentido, mas ele nunca tinha querido lutar contra isso, tampouco. Como se ele tivesse esperado toda sua vida por aquele momento no restaurante, seu corpo tinha reconhecido imediatamente seu aroma, seus olhos escuros, sua força tranqüila.

Ela era uma companheira que lutaria a seu lado e a protegeria a seus filhos e a ele, de ser necessário, contra todas as predições. Ela tinha demonstrado isto com sua determinação e pensamento rápido salvando a Cassie. Ela não se plantaria, acontecesse o que acontecesse e fosse necessário.

-Ainda põe má cara?- Ela se moveu a ele, olhando-o com preocupação quando ele agarrou sua munheca e a derrubou entre suas coxas.

Ele recostou suas costas contra seu peito, rodeando seus braços ao redor dela, e apoiando sua cabeça em seu ombro quando ele olhou a ação debaixo deles.

-São homens malditamente bons-, ele disse brandamente-. Bons combatentes, também.

-Sim-, ela conveio brandamente-. Parecem sê-lo.

-Jonsey, tem a uma pequena enfermeira como esposa. Fizeram mal a ela em um bombardeio. Sangrando e em choque. Não pensei que ela sairia adiante-. Ele suspirou-. Segui lhe dizendo que Jonsey estava a caminho. Ela ama a esse rapaz, Elizabeth. Eu tive a culpa de seu inferno. Ela viveu porque ela sabia que ela tinha que fazê-lo. Sabia que se Jonsey a via assim, toda ensangüentada e quebrada morreria também, que ele não sobreviveria. Eles se casaram um ano mais tarde. Tomou muito tempo em recuperar-se.

-Ela parece muito forte-. Dash cabeceou.

-Simon e aquelas mulheres-. Ele sacudiu sua cabeça-. Eles parecem um problema que espera acontecer. Mas eles são infelizmente bons na limpeza disso e na celebração mais tarde. O homem tem seu próprio harém pessoal dedicado a seu prazer e sua felicidade sobre todas as coisas. Eles são perigosos como o inferno, e em qualquer momento dado estão prontas para recompensar a qualquer homem o bastante afortunado para fazer-se merecedor de sua atenção. Mas tudo o que Simon tem que fazer é levantar seu dedo e elas estão de volta em seus braços. Elas amam àquele vaqueiro louco mais do que ele merece às vezes.

E nisso foi. Cada homem. Outra aventura, outro conto. Ele sabia cada faceta de suas personalidades, o que os fazia fortes, o que os fazia débeis. O que os fazia amar ou odiar.

Elizabeth se sentou contra ele e não pela primeira vez, maravilhada pelo homem quem tinha entrado tão tranqüilamente em sua vida e o assumiu. O homem que lhe tinha dado seu amor antes de encontrá-la. Que tinha sonhado com ela enquanto estava em um estupor medicinal e que despertou porque a viu gritar.

Pela primeira vez em sua vida, Elizabeth sabia o que era o amor. Não só seu amor por ela, mas também seu amor por aqueles homens que trabalham para estabelecer um campo utilizável e estavam determinados a lutar a seu lado outra vez. Seus amigos. Finalmente, ele estava tranqüilo, olhando como era ela, celebrando-a próxima quando ele grunhiu ou riu entre dentes por certa ação debaixo deles. As Senhoras de Simon ajudavam, é obvio. De modos que fizeram ruborizar-se a Elizabeth em um tom carmesim brilhante. Elas eram mulheres terrosas, fortes. E Simon as olhava como um pai orgulhoso quando elas tentaram e atormentaram os apetites de muitos dos homens abaixo. Elas deixaram bem livre a Jonsey, entretanto, e se assegurou que estava livre delas.

-Tempo para preparar-se-, ele finalmente suspirou silenciosamente. Partimo-nos daqui amanhã de noite, Elizabeth. Grange volta em uma semana. Está segura de que quer fazer isto?

Oh, ela estava infelizmente segura.

-Estou segura, Dash-, lhe prometeu baixo-. Eu sinto falta da Cassie. Quero fazer e proteger a minha filha. Quero-o.

-Venha então-. Ele ficou em pé e a levantou ao seu lado-. Vamos pôr a estes rapazes em forma. Deixaremos às Senhoras de Simon encarregarem-se de sua luxúria e logo começaremos a planejar. O conseguiremos, coração, e logo iremos pra casa.

CAPÍTULO 31

Uma semana mais tarde arrastavam a Elizabeth rudemente à casa que tinha sido alugada na pequena cidade a que ela se dirigiu dois anos antes. Dash tinha um apertão em sua munheca, seu corpo vibrava com fúria e ela não estava menos furiosa.

Atrás deles, Simon e suas Senhoras se arrastavam mais devagar, como faziam vários outros do grupo que foram juntos. O resto estava em pontos logísticos ao redor do imóvel de Grange ou trabalhando com os dois guardas que tinham sido subornados do serviço de Grange. Ela e Dash tinham estado deslizando-se pela cidade, provando a determinação que os homens de Grange tinham para capturá-la.

Suas ordens a ela tinham sido precisas. Ela sabia quando se deslizou no beco sombreado para estar segura de que Grange não estava no carro que tinham estado olhando que ele seria zangado. Que ele a avisaria, claramente, do aborrecido que estava. Mas ela não tinha esperado isto.

Ela tinha estado tão perto. Ela tinha estado quase na posição correta para comprovar a identidade dos dois homens quando Dash a tinha agarrado, arrastando-a de novo para o beco e logo ao carro que os esperava no outro extremo. Ele tinha sido glacialmente silencioso, mais furioso do que ela o tinha visto jamais.

-Maldição, Dash, deixa de me arrastar-. Ela puxou de sua presa quando ele a arrastou para a escada.

Ela lutava com unhas e dentes, mas seguia sendo arrastada. Ela não estava de humor para merecer mais contusões com ao longo do caminho.

Dash estava mais furioso do que ela o tinha visto jamais. Uma fúria gelada em vez de grunhir zangado. Sua expressão era selvagem, seus lábios retraídos em um grunhido silencioso quando ele jogou uma olhada para trás a ela, seus olhos dourados brilhavam com um fogo líquido. Ela quase tremia pelo medo.

Quando ele alcançou a porta de seu dormitório, ele a abriu, empurrou-a a seu interior e se deu a volta para fechá-lo com um silêncio mortal. O pequeno ruído da tranca da fechadura fez com que ela se estremecesse.

-Não serei intimidada desta forma por ti-, lhe disse ferozmente, tentando a não fazer caso da debilidade em seus joelhos quando lhe fez frente.

-Te tire a roupa.

-Por que? -Ela se soltou-. Então poderá me mostrar meu lugar? Sob seu corpo? Eu estava segura, Dash.

-Você rompeu a formação. Você desobedeceu a ordens. Sabe o que eu teria feito a Jonsey, ou a Chase, ou a qualquer um dos outros que tão descaradamente ameaçassem não só a missão mas também suas próprias vidas?

Sua voz era mortal. Elizabeth sacudiu sua cabeça.

-Eu estava segura.

-Foi uma parva. Estava sendo enganada, Elizabeth. Havia outro veículo que estava a nada mais de dez pés de ti. Você foi quase vista-, lhe contou baixo, o tom escuro, áspero de sua voz que a faz tremer.

-Eles não me teriam visto-, discutiu ela furiosamente-. Eu tomava cuidado.

-E se eles o tinham? -Ele lhe perguntou com a calma mortal-. Se eles tivessem conseguido te capturar ou, Deus não o queira, te matar em que pese a tudo. O que passaria então?

Ela piscou para ele, o horror a enchia.

-Eles não poderiam-, sussurrou ela-. Eu estava escondida.

-Se tivesse avançado tanto como outra polegada, teria sido vista-, disse ele, sua voz ainda palpitava com a fúria quando ele tirou sua camisa sobre sua cabeça.

-Você arriscou a meus homens, mas o que é mais, arriscou a minha companheira. Possivelmente a meu filho, e tudo o que planejamos, Elizabeth. Agora tire suas roupas.

-Por que? -Ela retrocedeu ante ele, o horror do que ela tinha feito quase ainda vibrava por ela-. Sinto muito, Dash. Eu tomava cuidado. Só pensei...

-Não te disse que pensasse nesta missão a menos que isto fora para fodê-lo verdadeiramente rápido-, ele a informou com frieza, sua mão foi a suas calças-. Agora te tire sua fodida roupa antes que eu lhe arranque isso.

-Não assim-. Ela sacudiu sua cabeça desesperadamente-. Não enquanto esteja tão furioso comigo, Dash.

Ele se acalmou.

-Furioso contigo? -A agonia ressonou em sua voz agora-. Você pensa que isto é furioso, Elizabeth? Isto não é fúria, bebê. Se eu estivesse furioso eu te arrancaria a pele de seus ossos com cada insulto que eu pronunciasse. Não estou furioso. Você me assustou até me tirar dez anos de vida. Agora te tire essa roupa de merda.

Ele não deixou de despir-se depois de lhe jogar um olhar, incrédula. Ante seus olhos, ele deixou cair suas armas, suas botas, sua roupa, ficando em pé ante ela maravilhosamente nu e excitado. A adrenalina ainda percorria seu corpo, o medo e remanescentes da cólera e de uma excitação repentina que a impressionou. Ele ia tomá-la tanto se ela o queria como se não. Como um traidor seu corpo se esquentou, seu sexo se apertou com fome. Ela retrocedeu ante ele.

-Não pense nisso-, disse ela, seu olhar fixo vacilou à longitude tensa de seu membro antes de voltar para sua cara.

Ele sorriu com satisfação quando ele inalou profundamente.

-Vou te montar e vou mostrar-lhe quem é o chefe neste pequeno esforço, coração. Uma lição que não esquecerá logo. Agora tire suas roupas.

-Chefe? -Ela levantou sua sobrancelha com o que ela sabia que era o desdém arrogante enquanto ela o olhava com cuidado-. Não penso isso, Dash.

Sua mão se deslizou a seu membro, seus dedos agarravam a carne abundante e a acariciavam prazerosamente. A cabeça de congestionada reluzia com a umidade e palpitava violentamente com a excitação.

-Já sabe, fosse conduzida pra casa relativamente à força esta noite, que pensas que pode te levar algo nesta relação-, grunhiu ele-. Continuamente tentas minha possessividade abraçando a meus soldados e geralmente mimando-os. Sorrindo com afetação e isso doçura é infelizmente suficiente para me dar uma dor de dente. Mas o controlo-, declarou ele com uma quantidade enorme de orgulho masculino-. Controlo-o bem, acredito. Mas me condenarão se te permito desatender minhas ordens em uma missão. Nem agora, nem nunca.

-Não acontecerá outra vez-. Mas ela sabia que isto provavelmente queria. Ela não era estúpida. Ela estava acostumada a ter o controle, não a estar atrás de alguém mais-. Você pode foder-me depois de que tenhas te acalmado.

Ele sorriu devagar, dizendo com frieza.

-Não.

Ele começou a espreitá-la então. O dormitório era grande, mas nem tanto. Ela não tinha nenhuma esperança de evitá-lo. O pensamento fez que seu sexo se convulsionasse, derramando a espessa nata ao longo das curvas inchadas e preparando-a para sua penetração.

Ela se moveu para a beira do quarto, seus olhos se moviam ansiosamente de um lado ao outro quando ela tratou de encontrar uma rota de fuga. Não havia nenhuma, e Dash se aproximava mais a cada segundo.

Quando ele se aproximou dela, ela saltou para mover-se. Suas mãos se engancharam em sua camisa, arrancando-a de seu corpo. Ela o olhou furiosamente.

-Estou cansada de que rasgue as minhas roupas.

-Então te dispa-. Ele estava tranqüilo, determinado-. Faça-o agora. Aceita seu castigo como uma boa garota, coração.

Seus olhos se estreitaram nele.

-Não penso em fazê-lo.

Ele deu de ombros decididamente.

-Então rasgarei cada fragmento de tecido de seu corpo e lhe comprarei mais quando os necessitar.

Elizabeth apertou seus dentes com fúria. Ela estava mais perto da porta agora, ela sua única possibilidade. Ela se deu a volta e correu para ela. Infelizmente, Dash era mais rápido. Antes que ela pudesse escapar ele estava sobre ela. Enganchando seu braço ao redor de sua cintura, ele a arrastou à cama, lançou-a seguindo-a depois.

Rodando sobre seu estômago, ela tinha a intenção de escapar. Antes que ela pudesse fazer mais que ficar de joelhos, ele a tinha outra vez. Lutando, retorcendo-se, ela lutou contra ele com cada fôlego quando ele pôs seus dedos no cinturão de suas calças e os puxou sobre seus quadris.

Gritando pela frustração lhe deu patadas. Ele a recompensou rindo-se entre dentes quando ele empurrou o material em seus joelhos e o abandonou ali. Ela se enroscava contra ele quando sua mão de repente aterrisou na curva dobrada de seu traseiro. Sobressaltada, ela se imobilizou durante um segundo. Ao momento seguinte ela reagiu, agarrando-o, blasfemando até que ele agarrou suas mãos com uma das suas e as sustentou em meio de suas costas.

A luta não a levava a nenhuma parte. Mas o que era pior, punha-a mais quente, fazendo sua nata cobrisse seu sexo furiosamente quando sua mão caiu em seu traseiro outra vez. Ela se sacudiu com surpresa.

-Surra-me? -Ela gritou furiosamente-. Filho de puta, matarei-te quando me levantar.

-Então talvez não te deixarei fazê-lo-. Sua mão aterrissou outra vez. Este não era um golpe duro, mas sim o bastante para esquentar seu traseiro e fazê-la menear-se em protesto. Fazia umedecer-se seu sexo. Seus peitos estavam inchados com a excitação agora, seus mamilos apertados com força em pequenos pontos que roçaram contra o lençol, sensibilizando-se para frente com cada movimento contra o material.

-Dash, juro, que pagará por isso-. Ela pensava parecer resistente, ameaçando-o; em troca estas palavras lhe saíram mas bem um gemido, um som de fome.

Os golpes pequenos, quentes a seu traseiro a faziam louca. Estar fixada debaixo dele, indefesa, pelo fogo, destruía-a. ocupou-se de ambas as curvas com formas de meia lua, sua mão a golpeava, queimando-a até que ela se retorcia debaixo dele, mas se era de dor ou prazer incluso ela mesma não podia dizê-lo com segurança.

Ela ofegou quando sua mão foi empurrada entre suas coxas, seus dedos acariciavam o escorregadio açúcarado de sua boceta depilada. Cada nervo na carne torcida voltava para a vida. Seu clitóris palpitou pela demanda impaciente quando ela gemeu contra as pequenas carícias ele acariciou ao redor dele. Retirando sua mão, ele juntou a essência escorregadia, alisando atrás ao longo de seu sexo para a fenda de suas nádegas.

Elizabeth se estremeceu quando seus dedos se pressionaram contra sua abertura anal, empurrando a sedosa lubrificação natural no buraco diminuto.

-Dash-. Uma labareda incrível de prazer excitado se estendeu por ela quando a ponta de seu dedo perfurou um pouco na abertura e amorteceu seu pequeno protesto.

Sentia-se muito bem. A ponta de seu dedo se moveu brandamente dentro dela, acariciando mais profundo e mais profundo até que a longitude plena dele esteve sepultada em seu traseiro. Elizabeth estava impressionada. Ela nunca tinha sido tocada ali, nunca acariciada ou penetrada de tal forma. Ela moveu para trás provisoriamente, tratando de conter o gemido de prazer quando seu dedo se deslizou, então atrás, perfurando dentro dela com a intenção carnal.

-Elizabeth-. Ela se esticou; sua voz cantarolava, era deliberadamente suave. Isso não era nunca um bom sinal.

-O que? -Ela ofegava quando outro dedo se uniu ao primeiro. Ela estava levantada perfeitamente para ele agora, com seus ombros contra a cama, seu traseiro elevado para sua exploração decadente quando ele sustentou suas mãos asseguradas nas pequenas costas.

-Vou a foder seu traseiro, coração-, lhe disse, eletrizando-a, esquentando seu sangue com a promessa sensual-. Com força e profundamente, Elizabeth. Vou te mostrar o que acontece quando acordas ao animal dentro de mim. Ensinarei-te, coração, a não ficar alguma vez no perigo assim outra vez.

Seus olhos se alargaram quando ela tremeu.

-Não me machuque, Dash-. Ia ele castigá-la com dor agora?

Seus dedos se deslizaram fora do canal apertado. Um segundo mais tarde um ressonante golpe sobre seu traseiro a fazia sacudir-se furiosamente.

-Tenho-te feito mal alguma vez? -Ele lhe espetou quando ele se moveu atrás dela-. Tenho-o feito, Elizabeth?

-Não-. Ela gemeu, sentindo seu membro deslizando-se ao longo da fenda de seu traseiro.

Ele era grosso e cheio e ela sabia que não havia uma possibilidade no inferno de que ele conseguisse colocá-lo dentro dela. Não era possível. Seus dedos voltaram para seu trabalho anterior, deslizando-se pelos sucos escorregadios de sua vagina e estendendo-os para trás a sua entrada anal quando ele colocou seus dedos devagar dentro dela.

-Maldição. Está muito apertada aqui-, ele sussurrou quando ela se apertou nele. Aposto, Elizabeth, a que quando meu membro derrame essa lubrificação em seu doce traseiro, vou deslizar-me diretamente nele. Você estará toda agradável e quente e tão apertada ao redor de meu pênis que enlouquecerei com isso.

Ela tremeu pelas explícitas palavras. Ela lutava só para respirar. Era muito sensual, muito depravado, o de ser dominada como ela o era enquanto Dash aliviava seus músculos anais ultra apertados.

Largos minutos mais tarde, ela gemeu. A torcida cabeça de seu membro pressionava contra a entrada sensível quando Dash a colocou apertadamente na pequena abertura que ele tinha criado. Imediatamente um pulso quente de líquido pré-seminal se derramou dentro dela.

-Calma-. Dash libertou suas mãos quando as suas acariciaram suas costas, submetendo-a. Tudo está bem, coração. Só te relaxe para mim.

Seu ânus se esquentou, sensibilizado. De repente, pareceu como se um milhão de pequenos nervos voltassem para a vida suplicavam para que seu membro entrasse dentro dela. Os músculos começaram a afrouxar-se ligeiramente, e ela sentiu a cabeça de seu eixo afundar-se nela um pouco mais. Para cada pequena penetração, o fluido quente se derramava dentro dela, aliviando-a, abrindo um caminho para ele para trabalhar a grossa cabeça além da pequena entrada apertada.

Ela ardeu. Ela poderia sentir sua carne esticar-se a seu redor, cavando a cabeça palpitante de seu membro enquanto o fluido da casta pulsava dentro dela, forçando a seu corpo a esticar-se, para acomodar a grossa ereção que se deslizava em seu intacto ânus.

-Dash-. Seus dedos agarraram as mantas; seu traseiro se levantou para ele quando ela tremeu sob seu corpo. Ela estava assustada. A dominação pura do ato era esmagante para ela como nada que ele tivesse feito alguma vez antes. Ela se sentiu tomada de modos que nunca tivesse podido imaginar.

-Nunca outra vez, Elizabeth-, disse ele quando a cabeça de seu membro finalmente entrou totalmente, passando pelo apertado anel anal quando ela resistiu, lançando um grito debaixo dele-. Nunca me desobedeça dessa maneira outra vez.

-Não-. Ela lhe teria prometido algo então. O que era mais, ela sabia que ele faria que ela se ateria a isso.

A cabeça de seu membro estava encaixada nela agora, palpitando, saindo a ferver dentro dela, enchendo seu reto com um calor tal que ela não sabia se poderia sobreviver. Suas mãos sustentavam seus quadris estáveis, seu corpo grande surgia sobre ela quando ele começou a trabalhar a ponta grossa nela. Ele se afundava mais profundamente com cada pequeno impulso, estirando-a mais, criando um fogo fluorescente nas profundidades de seu traseiro que ela nunca podia ter acreditado possível.

Com cada movimento ondulante dentro dela, o pequeno canal aceitava cada vez mais de sua ereção até que finalmente, ela gritou com o prazer/dor quando a longitude plena se deslizou dentro das profundidades apertadas.

Elizabeth poderia sentir a pressão de sua pélvis contra as bochechas de seu traseiro, suas mãos agarrando seus quadris, sustentando-a apertada contra ele quando vários mais pulsos sedosos do fluido encheram seu reto. Seu corpo maior a cobria agora, suas coxas a sustentaram em seu lugar.

-Este é meu-, grunhiu ele em seu ouvido-. Meu para proteger. Transar. Amar. Você nunca o porá em perigo outra vez dessa maneira. Entende-o?

-Sim-. Elizabeth quase chiou.

Ela foi empalada de um modo que ela nunca podia ter acreditado possível, seus músculos se aliviaram ao redor dele só o suficiente para enviar duros arcos, acesos de prazer atormentador diretamente a sua matriz.

-Vou a foder-te agora-, lhe disse brandamente, embora sua voz vibrasse com uma fome conduzida pela luxúria que ela nunca tinha conhecido nele antes-. Vou a foder seu doce traseiro, Elizabeth. Porque é meu. Meu para transar. Meu para me refugiar nele. Você nunca se esquecerá outra vez de tomar cuidado do que é meu.

Ele grunhia quando começou a mover-se dentro dela, com um som profundo, um grunhido de avareza carnal que enviou tremores correndo sobre sua carne.

Então ela sabia de nada mais que de seu membro fazendo subir seu traseiro. Ele se retirou até que só a cabeça permanecesse antes de levantar-se e avançar outra vez, estirando-a, queimando-a enquanto ela se arqueava baixo ele, varrida por sensações contra as que não podia imaginar-se lutar.

Ela poderia sentir o estiramento de canal, que puxando ao redor dele com cada impulso enviando outro pulso ardente de fluido a jorros dentro dela, fazendo cada golpe mais fácil de tomar, cada estocada conduzindo-a mais perto da beira de uma libertação que ela sabia que a aterrorizaria. Ele gemia em seu ouvido, fodendo-a com um ritmo duro, lançando-a mais perto ao orgasmo quando a espiral de prazer/dor começou a apertar-se em sua matriz.

Elizabeth não podia mover-se, unicamente podia tremer sob seu peso pesado, gritar em cada penetração, sentindo-se absorvida em sua própria destruição. Estendendo-se arcos de sensações movendo-se por seu corpo com cada um dos impulsos, conduzindo-a mais alto, mais quente, até que isto alcançasse seu zênite. Ela se apertou ao redor dele, ouvindo seu gemido desesperado quando seus impulsos aumentaram. O tamborilar da carne, o succionante eco de golpes duros no túnel bem lubrificado de seu ânus e seus próprios gritos desesperados, e seus próprios gritos desesperados, estrangulados anunciaram seu orgasmo.

Como uma supernova, ela explodiu. O calor branco a encheu quando ela sentiu que os dentes de Dash aferravam seu ombro, sentiu-o de repente inchando-se, aterrador nela com a pressão em aumento quando ela culminou debaixo dele. De repente, ela subia outra vez. Ela poderia sentir a pressão do inchaço feroz na parede magra da carne entre seu ânus e sua vagina, enchendo a seu sexo, fazendo aos músculos contrair um com o outro, com uma pressão exigente apertada ao redor de seu clitóris e ela se catapultou ao esquecimento.

Era devastador. O prazer duro, atormentador a consumia, estendendo-se por ela, passando como um raio de duros estremecimentos, poderosos por seu corpo quando ela resistiu e se retorceu debaixo dele, seu corpo estava consumido por uma libertação que a impressionou tão a fundo, estendendo-se por sua mente tão rapidamente, que antes que Dash tivesse terminado de encher seu reto de sua semente quente, a escuridão a alcançou.

Vários minutos mais tarde, Dash sentiu seu membro diminuir, sentiu o calor atormentador e apertado ao redor de sua carne relaxando-se e ele o tirou livre cansadamente. Ele era mais que consciente de que o orgasmo final, violento que se estendeu por Elizabeth a tinha deixado inconsciente. Maldição. Ele nunca havia fodido a uma mulher até o desmaio em sua vida. Não gostava que sua companheira fosse a primeira.

Ele arrastou seu corpo cansadamente da cama e foi ao quarto de banho. Ali ele se limpou, e então molhando um pano de cozinha limpo voltou para a cama. Ele limpou a Elizabeth com cuidado, apagando o sêmen e o fluido lubrificante que molhava suas nádegas e coxas antes de estender as bochechas delicadas e lavar a fenda.

Os rastros de seu sêmen ainda se derramavam da pequena entrada avermelhada. Com seus olhos fechados, rememorando a breve olhada que ele se permitiu de sua carne estirada ao redor

dele, abraçando seu membro como uma luva de couro apertada e fazendo-o voltar-se louco por enchê-la de sua semente. Mas ele tinha tido a intenção de afastar-se em troca. Ele nunca tinha pensado permitir que o nó o ancorasse no buraco sensível.

Este tinha sido seu ponto culminante. Quando ela se apertou nele, sustentando-o dentro dela quando culminou, seu cérebro tinha explodido. Antes que ele pudesse afastar-se, seu membro se travou dentro dela, derramando sua libertação na profundidade abrasadora de seu ânus.

Ele estava completamente esgotado agora. As demandas emocionais e físicas tinham tomado um pedágio em seu corpo, e ele não podia esperar para deitar-se ao lado dela e dormir.

Voltando para quarto de banho ele atirou o tecido na cesta ali e voltou para sua cama. Atraindo-a a seus braços, ele fez uma careta rabugenta, um pequeno som de contente por seu gemido sonolento, mas ela se afundou em seu peito, exaltou brandamente e seguiu dormindo.

-Te amo, coração-, suspirou ele, beijando sua cabeça.

Ele a amava, mas ele jurou que se ela alguma vez fazia algo tão estúpido outra vez, o feria seu traseiro com a palma de sua mão. Por outra parte, outro susto assim acabaria com ele. Grange não tinha estado no carro que Elizabeth tinha estado comprovando. Ele tinha estado no que estava atrás dela. E ele olhava a Elizabeth. Ele tinha estado a um segundo de tê-la. O terror que o tinha enchido quando ele o advertiu tinha sido diferente a algo que ele tivesse conhecido jamais.

Seus braços se apertaram ao redor dela. Que demônios faria ele se ele a perdia?

CAPÍTULO 32

-Lembra o plano-. Dash jogou a Elizabeth um olhar duro duas noites mais tarde quando a equipe se dispunha a invadir o imóvel de Grange-. Entramos silenciosamente. Grange estará no escritório. Elizabeth, Merc e eu entraremos, conseguiremos os arquivos, incapacitaremos a Grange e seguiremos nosso caminho alegremente. Deveria ser simples e fácil. Nenhum problema. Não vás criar algum.

Três das Senhoras de Simon tinham conseguido atrair a atenção de Grange antes essa tarde e estavam agora dentro da casa grande, ocupando ao bastardo até que eles pudessem entrar. A Grange gostava de jogar em seu escritório, pelo que seu jovem amante havia dito. Seu contato com eles minutos antes tinha confirmado que ele estava agora no quarto com as mulheres.

Havia muitos guardas exteriores para guardar a Simon e as outras três mulheres. A unidade de soldados que tinham entrado para ajudar foi colocada fora dos perímetros, preparados para apoiá-los junto com os irmãos Tyler e a outra Casta Felina, Tanner.

As ordens de Dash eram acompanhadas de sacudidas de cabeça, sobretudo Elizabeth. Ela não tinha nenhuma intenção de enfurecê-lo e que saíssem correndo outra vez de uma missão. Não, não é que ela não tivesse desfrutado da aventura anal que lhe tinha dado, mas a intensidade de seu orgasmo não era nada que ela estivesse pronta para experimentar outra vez logo.

-Merc, você está comigo e Elizabeth. Vamos manter isto tão limpo como seja possível.

Estava muito mais limpo do que Elizabeth tinha esperado. Pelos dois guardas que os homens que Dash tinham subornado sabiam que o caminho que eles usavam para a casa principal do imóvel era espaçoso. A porta traseira estava aberta. Eles se moveram pelo vestibulo traseiro escurecido silenciosamente e se moveram para o vestibulo dianteiro da casa.

Comprovando a área bem iluminada, Elizabeth olhou como Dash se girava para Merc e fazia gestos à escada que torcia. Quando o outro homem o fez chegando sem perigo à cúpula, Elizabeth o seguiu. Unindo-se a Merc na aterrissagem, ambos estavam preparados quando Dash se moveu silenciosamente também. Calculado perfeitamente. Eles se detiveram, espectadores, quando o guarda fez sua ronda então, andando arrastando os pés soniferamente pelo vestíbulo e na cozinha.

Quando ele desapareceu, Dash deu o sinal de avançar. Acima havia uma série de vestíbulos e portas fechadas, com o escritório de Grange que ocupava meia suíte. Eles fizeram uma pausa na porta, escutando com cuidado a risada que tilintava e a voz lisa, cultivada de Grange adentro.

Armas prontas, Dash chamou baixinho. Um modelo cuidadoso de pequenos golpes que primeiro causaram o silêncio, logo uma maldição furiosa de Grange enquanto as três mulheres obviamente faziam seu movimento. O painel foi aberto rapidamente por Stephanie. Seus olhos eram frios, sua expressão sanguinária quando eles entraram no quarto.

-Elizabeth-. Grange estava sentado atrás de sua grande mesa de carvalho, suas mãos que estavam com cuidado em cima da superfície lisa, polida enquanto Danica estava de pé atrás dele, com uma faca em sua garganta-. Que interessante. Vejo que tem amigos contigo.

Elizabeth reprimiu seu estremecimento de asco quando ela contemplou ao monstro que tinha caçado a ela e a sua filha durante mais de dois anos. Ele estava cuidadosamente penteado, seu cabelo castanho grosso estava jogado para trás em uma cara que poderia ter sido toleravelmente bonita se não fosse pela cicatriz dentada que lhe percorria uma bochecha e pelo brilho de fria brincadeira em seus olhos cor de avelã.

-Sim, ela o tem-, Dash respondeu com um beira de diversão quando Merc fechou a porta atrás dele.

-Mercury Warrant-. Grange olhou à alta Casta com uma luz tênue de fascinação-. Que interessante-. Ele se voltou para Elizabeth-. Adivinho que finalmente averiguou a pequena mina de ouro que concebeu, querida. Dane não esteve tão contente com o cachorrinho depois de tudo, verdade?

Sua filha não era um cachorrinho. Elizabeth reprimiu sua fúria quando ela apontou sua arma a sua cabeça.

-Quero aqueles arquivos-. Ela estava assombrada pelo véu de gelo que se estendeu por seu corpo. Sua alma-. Agora.

Os olhos de Grange se estreitaram enquanto seu olhar fixo piscava para Dash.

-Ela poderia te trazer milhões. Mas não sem ajuda. Tenho o sêmen de casta...

Dash riu.

-O que tem é uma brincadeira comparada com o que eu tenho-. Ele sorriu com satisfação.

Ele se deu volta, afastando a camiseta que ele tinha posto sobre seu ombro para revelar a escurecido sinal. Quando ele voltou atrás, Grange pareceu apropriadamente impressionado.

-Assombroso-, ele respirou-. Martaine jurou que os Lobos tinham sido assassinados. Suponho que ele se equivocou.

-Suponho-. Dash pareceu indiferente, mas Elizabeth tinha descoberto a sombra de dor que debruou suas palavras-. Nos dê os arquivos que tem, Grange.

Os lábios magros do outro homem se curvaram quando Danica se moveu com cuidado longe dele, contente por deixar a Dash agora assumir o controle de seu inimigo.

Grange suspirou.

-Acredito que não-. Ele sorriu com satisfação quando ele olhou a Dash e Elizabeth-. Reproduz-se ela ainda?

Elizabeth sorriu.

-Me deixe matá-lo, Dash-, sussurrou ela-. Podemos encontrar os papéis mais tarde.

O olhar fixo de Grange vacilou com a preocupação.

-Ainda não, coração-. Dash suspirou-. Te disse isso, se ele coopera pode viver. Precisamos os papéis mais do que precisamos sua morte.

Elizabeth deu de ombros. O olhar que jogou ao outro homem o advertiu, entretanto, que ela saborearia a possibilidade de matá-lo Grange pigarreou.

-Oh, bem. Este era um bom plano se eu tivesse podido levá-lo a cabo-. Ele se encolheu de ombros descuidadamente quando ele acenou com a cabeça para Danica seguro que tinha encontrado comprovando atrás dos retratos e gravuras que penduravam na parede-. O arquivo está no cofre.

-A combinação-. Dash se moveu para a porta metálica-. E não me lasque, Grange. Elizabeth arrancará sua cabeça de seus ombros com essa arma. É tudo o que eu posso fazer para convencê-la a me obedecer.

Ela manuseou o gatilho da arma quando ela pediu com seus olhos que Grange lhe desse uma desculpa, qualquer desculpa, puxaria o gatilho. Ele lhes deu a combinação em troca.

Elizabeth manteve seu olhar fixo em Grange, olhando-o com cuidado quando ela escutou ao Merc comunicar-se com os homens lá fora e a Dash digitar nos números da combinação digital. Ela esperava que um alarme soasse. Rezava para que Grange lhe desse uma desculpa para matá-lo.

-Conseguimos-. A voz de Dash a fez sorrir.

-Ele te tem submetida. Interessante-. A fazenda sorriu com satisfação. Me diga, Elizabeth, quando é transar a um animal?

Elizabeth soprou.

-Não tenho nem idéia. á chamar a seu amante aqui e o perguntaremos a ela.

Sua expressão se apertou quando a cólera cintilou em seus olhos.

-Elizabeth, esse gatilho não é algo para brincar. É infelizmente delicado-, Dash lhe advertiu quando ele se moveu com cuidado atrás dela-. Merc, olhe a nosso companheiro enquanto revisamos este arquivo. Tenho que me assegurar de que tudo o que precisamos está aqui.

Elizabeth se deu volta para Dash, a Fazenda quase ausente se mofava com satisfação. Ela olhou quando ele abriu o arquivo. A primeira página o reforçou. Várias páginas mais tarde e lhe olhou olhos atormentados, sobressaltados.

-Martaine desfrutava realmente de seus pequenos experimentos-, Grange suspirou com diversão satisfeita-. Achei muito engenhoso realmente. As criaturas não têm nenhuma alma me dizem. São assassinos viciosos que desfrutam jogando com sua presa. Eu tinha grandes esperanças de que Cassie cumpriria com seu DNA. Ele tinha razão quando lhe deu uma possibilidade, é obvio.

Elizabeth sentiu que seu coração explorava em seu peito quando ela se moveu para o Dash.

Elizabeth. Ela se parou quando ela viu a pena em seus olhos.

-Quero vê-lo, sussurrou ela. Quero saber o que eles fizeram a minha menina.

Ela se moveu até poder ler as notas que Martaine fazia.

A junção genética do DNA de Lobo e de Coiote foi acertado e não tão difícil como primeiro conjecturei. Criei bastante do esperma único para assegurar a possibilidade de concepção com a fêmea correta. Dane Colder parece mais que interessado em meu pequeno experimento. Sua esterilidade o faz um companheiro viável nisto, como o faz sua crença de que um homem deveria matar se for necessário e treinar a seus filhos para tomar o que eles desejem. Será interessante, olhar o crescimento da criança. Só posso esperar que seja macho.

Três meses mais tarde.

O processo in-vitro era mais acertado do que eu tinha esperado. Pergunto-me se Sra. Colder é consciente da pequena abominação que cresce em sua matriz. Todas as provas iniciais os resultados da amniocentesis mostram que o DNA se manteve. Terei que estar seguro de estar ali no nascimento para realizar todas as provas sobre a criança eu mesmo.

Elizabeth tinha lido a primeira página antes que ela olhasse acima a Dash com horror. Eles não podiam dizer a Cassie. Não podia permitir que esta informação se fizesse alguma vez de conhecimento público. Já as notícias estavam cheias com rumores dos experimentos dos Coiotes. Os animais humanos, experimentos que tinham dado finalmente aos cientistas os assassinos que eles tinham estado trabalhando para criar. Até agora, nenhum tinha sido achado, mas os informes de laboratório, as notas de treinamentos e arquivos científicos certificavam o fato de que eles existiram. De sangue-frio, tão desalmados como seus primos animais e orgulhosos do sangue que eles poderiam derramar. Isto destruiria a Cassie se ela alguma vez averiguasse que ela era parte das criaturas que o Conselho tinha criado.

-Stephanie, você e Glória assegurem a saída-, Dash pediu à outra mulher-. Merc, ponha em contato com os homens lá fora e te assegure que os guardas estão incapacitados. Danica, amarre a esse bastardo antes que nos partamos.

Grange se mofou humoristicamente.

-Assegurarei-me sua maturidade, Elizabeth-, lhe disse com frieza-. Uma vez que essa informação saia, não haverá nenhum modo de que possa escondê-lo dela. De nenhuma forma pode parar a seu DNA de lhe dar forma. Ela não tem nenhuma alma. Ela não é mais que uma pequena casca corruptível, nada mais. Uma fêmea para criar ao filho perfeito.

Elizabeth apontou a arma em sua mão. Ela viu Cassie, tão doce e carinhosa, sua alma brilhava alegremente em seus olhos, em sua risada, em seu amor por todos ao redor dela. Ela viu esta força tinha tomado à menina para elevar-se por cima do que este monstro lhe tinha feito já e ela quis gritar pela crueldade, pela carência monstruosa de decência que isto tinha necessitado para fazer o que ele tinha tentado.

-Elizabeth? -Dash estava de pé atrás dela, sem pará-la, sem nenhuma censura de sua voz, só amor e entendimento-. Ele não o vale, coração. O sabemos.

-Ele a destruirá-, sussurrou ela com voz rouca.

-Não se não lhe deixamos. Cassie é mais forte que ele.

Danica estava de pé ao lado, olhando a cena com cuidado quando ela sustentou a longitude de corda que Merc havia trazido para reter Grange.

Elizabeth se deu à volta para Dash. Quando ela o fez, pela extremidade de seu olho, viu o movimento de Grange. Sua mão voou sob o gabinete, uma arma emergiu, apontando para ela, com a fúria acendendo em sua cara.

Elizabeth sorriu quando levantou seu braço rapidamente, em uma fração de segundo, apontando sua arma quando seu dedo apertou no gatilho. Grange nunca faria mal a ninguém mais. Ela viu o brilho de surpresa em seus olhos em um segundo a bala se sepultou no centro de seus olhos justo quando sua própria arma se descarregava. O fogo abrasou seu peito, arrebatou-lhe o fôlego, fazendo que suas pernas falhassem quando Dash gritou seu nome.

Ela sofreu um colapso em seus braços, seu olhar fixo foi à mancha que se estendia rapidamente através de sua camisa. Ela levantou seu olhar para Dash, a agonia abrasava sua alma pelo horror em seus olhos.

-Proteja a minha menina-, sussurrou ela.

-Deus não. Elizabeth, porra não morra sobre mim! -Dash gritou quando ele a baixou ao chão.

Ela poderia ouvir que Merc gritava por seu intercomunicador, sentiu que Danica pressionava um tecido com força sobre a ferida, mas ela poderia sentir o gelo estender-se por seu corpo. Seu fôlego fazer-se mais dificultoso quando a dor abrasou seu coração.

-Amo-te-. Ela lutou para conter suas lágrimas-. Para sempre, Dash.

-Merc, consegue essa ambulância aqui e agora. Faça que Chase fique em contato com o Mike e nos encontre no hospital. Faça que os homens se retirem. Todos eles. Maldição, consiga um pouco de ajuda.

Ele a sustentava, balançando-a. Ela sentiu seus braços ao redor dela, sentiu as escuras margens da fria paz trocando na esquina de sua mente. Dash teria que aliviar os medos de Cassie agora. Ele poderia protegê-la. Ela tinha matado ao monstro. Ela se tinha assegurado de que Cassie nunca saberia.

-Elizabeth. Permaneça comigo-. A voz de Dash era feroz quando ele a recolheu em seus braços, precipitando-se fora do quarto. As sirenes ressonavam na distância, ordens gritadas que enchiam sua cabeça-. Se me amar, se amas a Cassie, então ficará comigo, maldição. Se amas a esse bebê que leva em sua matriz agora, então por Deus que viverá.

Ela piscou para ele. Seu olhar fixo a ferroava.

-Meu filho, Elizabeth. Você leva a meu filho. Realmente quer que o morra também?

-Não-, ela gritou fracamente. Ela poderia sentir o frio estender-se por ela, o sangue sair repetidamente de seu peito-. Não. Dash. Dash...

-Fica comigo, Elizabeth-. Ele baixava os últimos degraus da escada, Danica a seu lado, de algum jeito conseguia manter o improvisado torniquete contra seu peito.

O vestíbulo era o caos, os vertiginosos ataques de cor e dor e a voz de Dash lhe gritando, lhe pedindo. E ela lutou. Ela lutou, mas as ondas completas de gelo escuro a cobriam, escorregando por sua mente, levando-a. Seu último pensamento foi para Dash. Seu toque, sua suavidade, e o preço ele tinha pago para deixá-lo ao final. Ele tinha perdido a proteção que ele tinha mantido ao redor dele durante tanto tempo. Sua proteção e agora o filho com o qual ele tinha sonhado. Como Elizabeth, ele o tinha perdido tudo...

CAPÍTULO 33

Uma semana mais tarde.

-Lembra, tem que estar tranqüila-. A porta de hospital se abriu e Dash entrou, levando a menina sombria, assustada que agarrava seu novo ursinho de pelúcia com mãos desesperadas.

Elizabeth abriu seus olhos atordoados, seu coração se inchou em seu peito quando ela viu sua filha pela primeira vez em quase um mês. Dash sustentou a Cassie contra seu amplo peito, seu olhar fixo de ouro marrom se encontrou com o seu com calor e amor quando lhe levou a sua filha.

-Mamãe-. Sua voz era quase um sussurro quando as lágrimas cintilaram em seus olhos. Dash lhe trouxe uma cadeira que aproximou da cama, colocou-a nela e deixou que Cassie pusesse sua cabeça ao lado de sua mãe no travesseiro da cama de hospital.

Elizabeth não podia conter suas lágrimas. Estas caíram de seus olhos quando ela olhou à menina, alcançando dolorosamente então ela pôde afundar seus dedos nos cachos de Cassie enquanto um pequeno braço magro se posou ao redor da parte superior de sua cabeça.

Tinha feito tanto que ela havia sentido o calor de Cassie, que a viu a inocente pequena cara e tinha sabido com seu coração de mãe que sua filha estava segura. Os acontecimentos infernais da semana passada eram um pesadelo que se repetiam, sua luta por respirar, lembranças fragmentárias de dor atormentadora e de luzes de mesas de operações brilhantes enquanto os cirurgiões se precipitavam ao redor dela.

Por sorte, a bala não tinha causado nenhum dano permanente, embora tivesse estado perto. Ela tinha tido sorte, disseram-lhe. Tinha sido muito afortunada. Como o tinha sido o filho que descansava fora de perigo em sua matriz. Apesar do terror daqueles momentos conscientes, ela tinha vivido e se curaria.

-Como está minha menina? -Ela sussurrou fracamente-. Mamãe sentiu falta de ti, Cassie.

Cassie reprimiu seus soluços baixos quando ela cabeceou ligeiramente.

-Te tua falta, mamãe. Eu estava tão assustada de que não voltasse. De ficar absolutamente só e assustada para sempre. Estou tão contente que esteja bem.

Elizabeth levantou seu olhar fixo quando Dash alisou sua mão sobre o cabelo de Cassie. Elizabeth sabia que ele tinha sido o que tinha tido que falar com Cassie do acidente de sua mãe e que ela estaria no hospital um tempo. O esgotamento tinha debilitado seu corpo antes da ferida, fazendo a sua cura durar cada vez mais e mais tempo. Mas ela se iria do hospital logo. Em uns dias. Embora os doutores lhe advertissem que ela teria que levar as coisas com calma.

-Hei, bonita-. Dash tocou sua bochecha quando ela o contemplou a ele-. Não podia mantê-la longe. Ela é tão obstinada como sua mãe.

Sua voz era rica e suave, nada como o tom rouco, cheio de dor que ele tinha usado para lhe gritar quando a escuridão fluíu sobre ela a noite em que lhe tinham pego um tiro. Ela ainda poderia lembrar o horror que tinha ressonado em seus uivos desiguais quando a escuridão se fechava sobre ela. Ela não queria ouvir alguma vez tanta dor vir dele outra vez.

-Hum-. Ela sorriu com voz sonolenta. Ela dormia muito. Os doutores lhe tinham assegurado que isto lhe ajudaria a curar-se-. Quero partir logo-. Ela não podia esperar para dormir em seus braços outra vez, senti-lo sustentando-a, amando-a durante a noite.

Ele ficou com ela tanto como podia no hospital. Quando ele não estava ali, Dawn ou Sherra, quem tinha vindo do Complexo da Casta com Cassie, ficavam com ela em troca enquanto os guardas esperavam fora do quarto. Nenhuma possibilidade estava sendo descuidada com a proteção dela ou com a de Cassie.

-Logo-, ele prometeu.

-Mamãe? -Cassie levantou sua cabeça-. Dash disse que vou ter a um irmão ou uma irmã. É verdade?

Elizabeth sorriu, lutando para manter seus olhos abertos. Ela tinha sentido falta de Cassie tão desesperadamente, ela lamentou dormir diante dela.

-Sim-, ela suspirou com voz sonolenta-. Você gosta da idéia?

-Sim-. Sua cabeça se agitou rapidamente-. Embora deveríamos celebrá-lo com chocolate. Disse a Dash que precisamos um bolo de chocolate com leite grande, justo como o que Simon me trouxe no outro dia. Este tinha todas os tipos de chocolate.

Elizabeth se estremeceu, franzindo o cenho pela expressão desgostada de Dash.

-Simon, hein!?

Ela se compadecia das baby-sitters de Cassie. Não havia nada como o chocolate para mantê-la movendo-se a plena velocidade durante horas até o final do dia.

-Oh, sim. Ele é realmente legal. E ele não faz caso de lanches, tampouco. Ele e suas Senhoras tomam o chá comigo duas vezes-. Cassie afastou a vista nela com toda a seriedade, como se o

homem com o qual ela tinha estado tomando o chá não fora o mesmo homem que se abriu caminho por seis guardas quando ele ouviu que os uivos de Dash rompendo na noite.

Elizabeth lutou contra a risada débil que saía de seu peito. Senhor, ela teria amado vê-lo. Seus olhos foram à deriva se fecharam um segundo antes que ela lutasse para abri-los outra vez. E estava Dash, olhando-a, amando-a. Seu coração se inchou com a emoção ante o pensamento.

-Venha, pestinha. Beija a mamãe dormida e vamos lá fora com Merc e Simon. Eles esperam fora-, Dash finalmente disse a Cassie brandamente quando os olhos de Elizabeth se fecharam sonolentos.

Cassie deu um tímido beijo na bochecha de Elizabeth antes que ela saltasse do regaço de Dash e se dirigisse à porta. Dash se voltou atrás para ela, seus olhos escuros mostravam preocupação quando ele se inclinou perto, tocando sua bochecha brandamente.

-Estás bem?

-Genial-. Ela teve que lutar para manter seus olhos abertos. Teve que olhar fixamente em seu maravilhoso olhar fixo enquanto ela podia-. E você?

-Malditamente frio de noite-, suspirou ele. Ela poderia ver os efeitos de sua insônia-. Mas tudo se arrumará. Quando sair daqui, ficaremos no Complexo da casta até que esteja o bastante forte, então dirigiremos para casa. Tenho... -Ele a olhou com cuidado-. Uma pequena casa agradável, Elizabeth. Grande o bastante para uma família, não muito longe da cidade, mas estaremos seguros ali.

-Enquanto estejamos juntos, Dash-, sussurrou ela. Nada mais lhe importava.

-Sim -Ele baixou sua cabeça então, seus lábios que sussurram sobre os seus-. Amo-te, coração.

Ela sorriu quando seus olhos foram à deriva e ficaram fechados.

-Amo-te... companheiro. Para sempre.

Dash se foi do hospital, levantando Cassie em seus braços quando ela se lançou a ele. Ela apenas se afastou de sua vista da manhã depois da operação de Elizabeth. Ela chorava se ele partia sem ela, e Dawn lhe disse que a menina se sentava na janela, olhando o caminho com um desespero que rompeu todos seus corações até que ele voltava para hotel.

Ele a abraçou, sentindo-a tremer em seus braços quando ele a tirou do hospital. Ela estava calada da morte de Grange. Quase como se ela esperasse que algo mais passasse agora. A espera de um golpe que cairia outra vez sobre ela como o pesadelo dos dois últimos anos.

-Ainda me quer, Dash? -A surpreendente pergunta foi sussurrada em seu ouvido quando ele andou para o elevador.

Ele olhou abaixo sua cabeça quando as portas se deslizaram fechadas.

-É obvio, Cassie, por que não ia querer? Disse-te, que é minha filha agora também. Isto não mudará.

Ela suspirou com alívio.

-Posso te chamar papai agora, Dash? -Ela lhe perguntou quando sua cabeça se elevou de seu ombro, seus olhos que o olhavam fixamente com tanto calor e amor, que ele sabia que Cassie em efeito tinha realmente uma alma.

-Sim -Ele sorriu abertamente, sentindo-se tão orgulhoso dele como quando ele advertiu que Elizabeth tinha concebido a seu filho-. Sim, Cassie, em efeito pode me chamar papai agora.

Ele a abraçou, e sabia que independentemente do que futuro trouxesse, que ela não seria a assassina com a qual Grange e Martaine tinham sonhado. Ele se asseguraria disso.

* * * * *

Tudo está bem, Cassie, justo como te disse.

Cassie estava sentada só no dormitório semanas mais tarde, olhando a forma nebulosa suave da fada quando ela se sentou no lado de sua cama. A fada tinha estado ali quando o outro homem tinha matado a seu pai. Não a seu papai. Seu papai era Dash. Dane tinha sido seu pai, mas ele não tinha sido legal com ela como Dash o era. Mas precisamente então a fada tinha vindo. Incitando a Cassie a esperar, a estar tranqüila, já que sua mamãe viria e tudo estaria bem. Ela tinha ficado com ela após, sempre prometendo a ela que tudo iria bem. Mas Cassie ainda estava assustada.

-Minha Mamãe está bem. Isto é o melhor-, disse Cassie, embora ela sentia que seu peito lhe doía de forma graciosa quando ela quis chorar, mas não poderia.

-Cassie. *Se preocupa outra vez?* -A fada sabia sempre quando ela o fazia.

-Eu serei má? -Cassie sussurrou as palavras enquanto o medo onipresente cresceu em seu interior.

-Isso é tua coisa, Cassie. -A fada sussurrou quando ela a alcançou, tocando sua bochecha com uma carícia suave como uma pluma-. *Benzeram-lhe com a luz e a vida por uma razão. É só você a que decide como vive essa vida*-. O que dizia a fada não sempre tinha sentido, mas ela entendia o bastante como para saber que parecia ser sua opção.

Sua Mamãe disse que ela era uma menina boa, e Cassie estava determinada sempre a sê-lo. Ela abraçou seu urso novo Teddy mais perto. Era maior que o outro. Fofo e quente e ela não se sentia tão só quando as fadas se iam de seu lado mais freqüentemente atualmente. Além disso, Dash lhe havia dito que se ela estava assustada tudo o que tinha que fazer era chamar a ele e a Mamãe. Eles vinham sempre a ela, sentando-se a seu lado quando estava assustada ou quando os pesadelos eram muito maus.

Mas ela não poderia dizer a Mamãe porquê os pesadelos eram maus. Ela não podia inclusive dizer-lhe a Dash. Ela não tinha nascido para ser uma menina boa, o homem com a cicatriz se riu quando lhe disse isso. Ela tinha nascido para ser um animal. Para ser um assassino. Mas a única coisa que ela desejava era ser uma menina boa.

-Cassie, não te prometi que tudo estaria bem? -A fada lhe perguntou então-. *Menti-te alguma vez?*

-Não -ela sussurrou, desejando, precisando acreditá-la.

-*Sonha, Cassie*-, a fada então sussurrou, um sorriso suave que curvava seus lábios fantasmas enquanto uma sensação do calor acompanhou o tato suave que ela deu na frente de Cassie.

-*Descansa, pequena, e quero que saiba que lhe deram uma alma tão resplandecente e brilhante como seu sorriso. Durma.*

Cassie fechou os olhos. Enquanto sentia o calor lentamente desaparecer ela olhou às escondidas entre suas pestanas e olhou como a fada parada a seus pés começou a dissolver-se.

-*Boa noite, Cassie*-. O resplendor suave desapareceu longe, deixando-a só enquanto suas pestanas se agitavam sonolentas.

-Sou uma boa menina Bo Bo-, ela sussurrou ao urso Teddy enquanto o abraçava ainda mais apertado-. Mamãe diz que sou. E Mamãe não mente para mim. Nem todos os coiotes são maus. Serei sempre boa...

Fim

